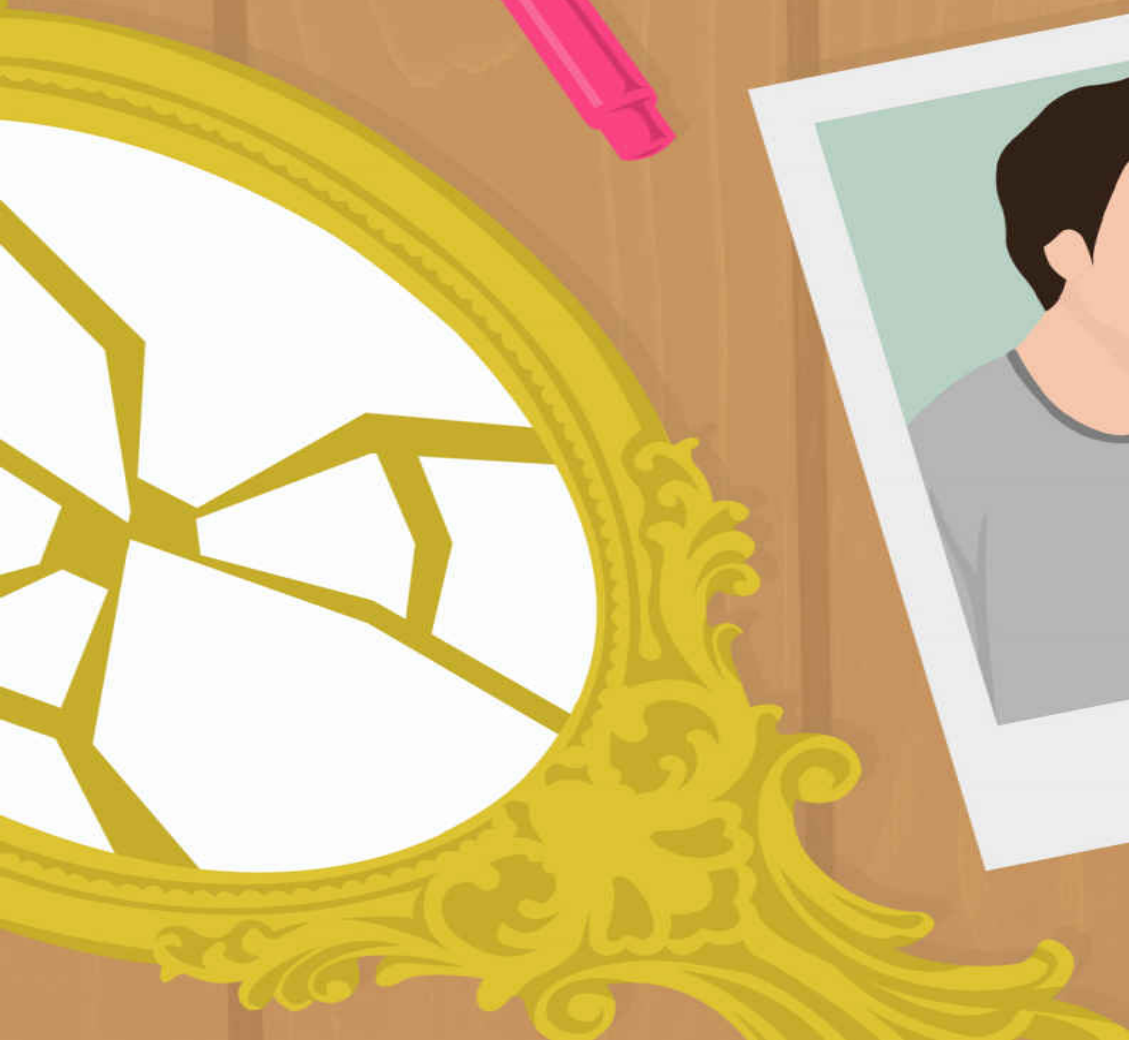




7 anos  
de azari

Camilla Carneiro



7 anos,  
de azar

Camilla Carneiro



**COPYRIGHT © 2022 CAMILLA CARNEIRO**

# 7 ANOS DE AZAR

## 1ª Edição

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meios eletrônicos ou mecânico sem consentimento e autorização por escrito do autor/editor.

**Capa:** Gabriela Texeira

**Revisão:** Alina (GB Design Editorial)

**Diagramação:** Aprl Kroes

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência. Nenhuma parte desse livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes – tangíveis ou intangíveis – sem prévia autorização da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do código penal.

# Sumário

[Sumário](#)

[Nota da autora](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

[Otras obras](#)

# Nota da autora

Bem vindos de volta a Millsh High, desta vez para conhecer mais a fundo a história de Alexia Jenkins.

Esse livro faz parte da duologia Sorte, sendo o primeiro livro Trevo de 4 Folhas, protagonizado por Jason Jenkins — sim, irmão da nossa Alex — e Eleanor Collins. Um clássico haters to lovers, com muito esporte, hots de qualidade e a formação de um lindo grupo de amigos. Mas calma, você não precisa ler o primeiro livro para entender esse. Ambos são livros únicos, apesar de fazerem parte do mesmo universo. É claro, tudo fará mais sentido se você ler o primogênito, mas esse não perderá a magia por isso.

Ainda dentro do *Camiverso*, temos “Papel, Abóboras e Amor”, um conto de Halloween pequenininho, que conta a linda história de Nora Hart e Alison Marsh, grandes amigas de Alexia. “Amor à Primeira Rosa” é um conto de dia dos namorados, onde conhecemos os patriarcas da família da nossa menina — Marcus e Paul — um pouco mais jovens e se apaixonando. Mais uma vez, são livros únicos e não precisam ser lidos para o entendimento desse.

Espero que vocês gostem de ler um pouco sobre a filha caçula da família Jenkins e sua história de amor. Esse enredo já estava na minha cabeça há anos, e fico muito feliz de finalmente colocá-lo no papel.

Ah! Já ia me esquecendo de esclarecer isso. Esse livro conta a história de amor de Charles e Alexia. Quaisquer outras respostas que vocês esperam sobre outros personagens, não vão ter. Não vou falar quais, mas vocês irão perceber durante a leitura. Provavelmente, se algo ficou em aberto, é porque esse personagem será protagonista em outro livro, em breve.

Queria lembrá-los que esse livro tem **classificação indicativa de +16 anos**, e possui alguns gatilhos. Eles serão listados abaixo, mas lembre-se que sua saúde mental sempre vem em primeiro lugar!

**Gatilhos:**

Menção ao uso de drogas e vício;

Uso de álcool;

Atividades perigosas;

Violência;

*Daddy e mommy issues;*

Sexo explícito;

E distúrbios alimentantes implícitos.

*A todos que já quebraram meu coração e me fizeram chegar até aqui:  
vocês sabem que os babacas dos meus livros foram inspirados em vocês.*

*E para Vanessa, que é a Alexia da minha Eleanor desde que tínhamos  
9 anos.*

# Prólogo



charles

## ALGUNS ANOS ATRÁS

Papai tinha conseguido um novo emprego em uma outra cidade e nós estávamos terminando a mudança para a casa nova.

Ele e mamãe estavam muito felizes, já que ele iria ganhar um ótimo salário e, assim, ela poderia ficar mais tempo em casa comigo e Cassandra, minha irmãzinha, que tinha apenas três meses de vida.

Millsh era uma cidade pequena, no sul dos Estados Unidos, e bem longe da nossa antiga cidade. Os meus avós, pais de mamãe, haviam morrido há alguns meses e, por isso, a casa que eles moravam na cidade foi deixada para nossa família. O emprego do papai caiu como uma luva, já que era apenas vinte minutos do nosso novo lar de ônibus, em uma empresa de construção. Minha mãe explicou que a mudança era necessária, porque não

precisariam mais pagar o aluguel do nosso apartamento e, desta forma, sobraria mais dinheiro para diversão e para ela comprar *coisas que deixavam-na feliz*, palavras dela.

Certa vez, eu perguntei o que eram esses remédios que ela tanto tomava e porque ela precisava tomar injeções no braço frequentemente. Ela me disse que era uma forma de deixá-la feliz e animada para brincar comigo e Cassie. Realmente, mamãe ficava bem diferente depois dos seus remédios diários. Às vezes, ela ficava um pouco malvada. Gritava comigo e até me dava umas palmadas. Quando isso acontecia e ela percebia o que tinha feito, vinha logo pedir desculpas e assistíamos a um filme juntos. Eu gostava de terminar o dia assim com ela.

Papai, por outro lado, não estava presente nos nossos programas de família. Mamãe dizia que era porque ele trabalhava muito para ter dinheiro e fazermos alguns passeios. Eu achava estranho, já que o único passeio que fazíamos era para o parquinho perto de casa. Porém, como eram divertidos, não reclamava.

Minha mãe disse que iríamos em um lugar diferente hoje, e eu estava muito animado! Eu coloquei minha melhor roupa e fiquei esperando-a se arrumar, junto de Cassie, que já estava no bebe conforto no sofá da sala de estar.

— Charlie, querido! Pode trazer o espelho da mamãe que tá na mesa da sala de jantar? — Mamãe gritou, e eu me apressei para buscar o utensílio que ela precisava.

Ele estava onde ela tinha dito. Peguei-o e saí correndo até o quarto dos meus pais. No entanto, antes que eu chegasse lá, tropecei em um dos meus brinquedos, um boneco do Hulk, e caí de bunda no chão. O espelho se espatifou todo, fazendo um grande barulho, e minha mãe apareceu no batente da porta.

— Meu amor, você se machucou? — Ela perguntou, me estendendo uma de suas mãos para me ajudar a levantar.

— Não, mamãe, mas quebrei o seu espelho — respondi, apontando para os pequenos pedaços de vidro no chão. — Você está brava comigo?

— Claro que não, Charlie. Essas coisas acontecem!

— De verdade?

— Sim, querido. Tá tudo bem, a mamãe não está brava — ela reforçou, me puxando para um abraço. — Dizem que quebrar um espelho dá à pessoa sete anos de azar.

— Azar? — questionei, um pouco confuso com a palavra.

— Azar é quando coisas ruins acontecem, mas fique tranquilo, meu amor, porque você é a pessoa mais sortuda do mundo por ter uma família

incrível!

— Promete que nada de ruim vai acontecer então, mamãe?

— Prometo, Charlie! — Para finalizar, mamãe depositou um beijo na minha bochecha e avisou que pegaria uma vassoura para varrer os cacos de vidro.

Depois de organizar tudo, nós saímos para o passeio. Estávamos no carro de mamãe, ela dirigindo, eu e Cassie atrás, minha irmã na cadeirinha. Enquanto seguíamos o caminho para algum lugar, eu brincava com o pequeno ser humano de cabelos castanhos e pele clara, que se parecia muito comigo. Eu estava com um ursinho de pelúcia lilás e ela tinha agarrado, com todas as forças, o meu boneco do Homem-Aranha.

— Mamãe, vamos para outro parquinho? — perguntei quando percebi que minha irmã fechou os olhinhos e dormiu.

— Primeiro, querido, vamos pegar alguns remédios para deixar a mamãe feliz, e depois vamos. Tudo bem? — ela respondeu, me olhando pelo retrovisor. Eu acenei com a cabeça em resposta e ela voltou sua atenção para a estrada.

Eu acabei adormecendo também, e quando acordei, estávamos em um local muito, muito estranho. Como estava anoitecendo, ficava ainda mais

medonho. A rua estava deserta, a iluminação não era muito boa e os cachorros não paravam de latir na vizinhança.

Quando eu ia perguntar para minha mãe onde estávamos, percebi que ela não estava mais no banco da frente. Estranho. Olhei pelas janelas e também não a encontrei. Cassie tinha acabado de acordar e estava ameaçando chorar. O que eu ia fazer se mamãe não estava por perto? Droga, eu não sabia cuidar de um bebe!

Não demorou muito e minha irmãzinha começou a chorar. Nervoso, peguei a mochilinha lilás dela, jogada no banco do passageiro, e procurei algo para acalmá-la. Achei uma mamadeira de leite e ponderei se a alimentava ou não.

O choro ficou ainda mais forte e eu decidi arriscar. Devagar, tentando me lembrar como mamãe fazia, eu levei a mamadeira até a boquinha de Cassie. Ela me olhou um pouco desconfiada, mas aceitou. Demorou alguns minutos, mas a minha irmã tomou todo o leite, e ainda riu para mim no final.

Uma gracinha! Eu amava muito Cassie.

Ela ficou entretida novamente com o Homem-Aranha e eu, mais uma vez, comecei a procurar a mamãe pelo lado de fora, mas nem sinal dela. Eu estava ficando preocupado. Será que tinha acontecido alguma coisa com ela? Alguém tinha a levado embora?

Foi quando percebi o celular dela no banco do motorista. Ela não tinha levado o celular? Mamãe estava sempre com ele. Alguma coisa ruim tinha acontecido com ela, eu estava sentindo isso.

Imitando alguns filmes que vi na televisão, alcancei o aparelho e disquei o número da polícia, para reportar o desaparecimento da minha mãe.

— 911. Qual é a sua emergência? — a voz feminina do outro lado da linha perguntou assim que pus o celular na orelha.

— Oi! A minha mãe sumiu.

— Quantos anos você tem, querido?

— Eu tenho 8 anos! E estou com minha irmã, Cassie. Ela só tem 3 meses. Você precisa me ajudar!

— Calma, querido. Você sabe onde está?

— Em uma rua estranha, dentro do carro.

— E como isso aconteceu?

— Eu dormi e... mamãe disse que iria buscar os remédios que deixam ela feliz, e depois... iríamos no parquinho, mas eu não sei onde ela está. E tô com medo!

— Qual é o seu nome, querido?

— Charles. Charles Brown.

— Você está perto de uma farmácia? Sua mãe não está lá dentro?

— Não tem farmácia aqui, moça!

Minha conversa com a mulher da polícia demorou um pouco, já que ela custou a entender o que eu estava querendo dizer. Eu expliquei como os remédios funcionavam com a mamãe e como ela precisava injetá-los no corpo, descrevi a rua que estava e afirmei várias vezes que estava com muito, muito medo.

Finalmente, ela pareceu acreditar em mim e disse que iria rastrear a localização do meu celular e mandar uma viatura para o local. Ela disse também que iria continuar na linha comigo até a polícia chegar, e me incentivou a continuar conversando.

Poucos minutos depois, a polícia chegou e entrou na casa em frente aonde o nosso carro estava estacionado. Mamãe saiu de lá algemada junto com outros homens que nunca vi, e que não pareciam serem amigos dela.

Foi rápido, mas quando um dos caras que saiu da casa me viu sendo acolhido por uma das policiais, ele saiu correndo na minha direção. Sua mão veio direto na minha nuca, apertando-a com uma força que me machucou, e me jogou ao chão. Eu não consegui raciocinar direito. Eu recebi um, dois, três socos e não consegui contar mais. De repente, seu peso foi tirado de cima de mim, mas não antes que pudesse chutar o meio das minhas pernas ao dizer: — Você acabou com a nossa vida, seu pivetinho!  
— E cuspiu no meu rosto.

Naquele dia, Crystal Brown foi condenada a 20 anos de prisão por tráfico e posse de drogas, organização ilegal, direção alcoolizada, negligência parental e abandono de incapaz que resultou em lesão corporal grave.

Foi o dia do primeiro "eu te odeio" que meu pai proferiu para mim, enquanto eu ainda estava no hospital sendo cuidado depois de ter sido quase espancado.

Cassie chorou a noite inteira, sem conseguir dormir com minha mãe longe.

E eu soube que tudo que aconteceu foi minha culpa. Se eu não tivesse quebrado o espelho e sido condenado a 7 anos de azar, a minha família ainda estaria intacta e eu evitaria os terríveis anos que vieram a seguir.



*charles*

Eu era apaixonado por Alexia Jenkins desde a primeira vez que a vi.

Era meu primeiro dia no colégio em Millsh. Como tínhamos nos mudado nas férias de verão, eu iniciaria o ano letivo com todas as outras crianças. Na época, foi um pouco depois da minha mãe ter sido presa. Cassie tinha apenas 5 meses de vida e a irmã do meu pai, tia Analu, ajudava-nos com ela. Ela acreditava que minha mãe tinha ido embora; nos largado. Não fazia ideia do real motivo de Crystal não estar morando conosco.

Enfim.

Tia Analu me levou para o primeiro dia de aula na escola nova. Eu estava muito, muito nervoso. E ansioso. Com toda a situação em casa com

meu pai, minha mãe longe da gente e o fato que eu ficaria longe da minha irmãzinha durante horas — desde que ela tinha nascido, eu estava a todo momento com ela —, não estava nem um pouco afim de começar a frequentar um novo colégio.

Até que eu a vi.

Eu tinha acabado de passar pelo grande portão de entrada e estava tentando achar o número da sala escrita no papelzinho que minha tia me deu. A escola era bem maior que a minha antiga, o que me fez ficar um pouco perdido. Tentando encontrar a diretoria, eu vi uma cortina de cabelos loiros tapando a minha passagem. Eles iam até a cintura da menina e havia algumas presilhas de borboleta espalhados por toda extensão. Ela estava com um vestido colorido, também de borboletas, uma meia calça e sapatos brilhantes rosas. Ela não me viu, porque estava muito entretida conversando com sua amiga. Linda. Eu achei Alexia Jenkins a menina mais bonita do mundo no instante que pus meus olhos nela.

Eu só me toquei que estava paralisado quando alguém esbarrou em mim, e aí eu voltei para a realidade. Consegui contornar as duas amigas e achei a sala que eu teria minhas aulas naquele ano.

Tímido, eu sentei em uma das últimas carteiras e peguei minha revistinha do Homem-Aranha para ler até que a professora chegasse.

— Oi! Você é novo aqui? — Fui surpreendido por uma voz masculina vinda do meu lado. Eu tirei meus olhos do quadrinho e vi que tinha um garoto ali. Da minha idade, loiro, e com uma blusa do Homem de Ferro.

— Sou — respondi, um pouco sem jeito.

O garoto acenou com a cabeça e se sentou na carteira à minha frente. Eu achei que a conversa se encerraria ali, mas, é claro, eu ainda não conhecia Jason Jenkins bem o suficiente.

— Eu também gosto de ler quadrinhos — ele disse, balançando uma revistinha dos Vingadores na minha cara.

Precisou de apenas 10 minutos de conversa antes da aula se iniciar e eu soube que ele seria meu melhor amigo. Nós nos completávamos.

Enquanto eu falava pouco e era mais reservado, Jay era uma borboleta social que falava pelos cotovelos. Ele era o tipo de pessoa que entrava em cena e todos observavam, sendo contaminados por sua energia. E tinha certeza que a característica era de família, porque Alexia tinha o mesmo efeito. Já eu... bem, eu parecia sugar a das pessoas ao meu redor.

De qualquer forma, desde esse dia, nós três não nos desgradamos mais. Eu descobri, no almoço, que Alexia era irmã gêmea de Jason e senti que aquilo era um sinal do universo. Talvez minha maré de azar tivesse terminado. Eu passei o resto do dia colado em Jason e foi muito, muito divertido. O melhor primeiro dia de aula!

No entanto, a felicidade durou até eu chegar em casa e lembrar o pesadelo que era minha vida.

Tia Analu não ficava com a gente o tempo inteiro, apenas em alguns dias, principalmente por Cassie. E quando ela não estava... eram os piores dias. Meu pai arrumava qualquer desculpa para me punir — desde a cerveja dele ter acabado, porque ele bebeu todas, até por ele ter passado horas no trânsito voltando do trabalho.

Ir para a escola era minha motivação todos os dias. Eu ansiava por dias úteis para poder ver Jason e Alexia, e ficava mais tranquilo por saber que minha irmãzinha estava segura com minha tia. Às vezes, os pais dos meus amigos me levavam para sair com eles e a tia Analu cuidava de Cassie para eu poder me divertir com crianças da minha idade.

Só que tudo foi por água abaixo quando eu tinha 12 anos, a minha tia ficou doente — câncer de mama — e faleceu alguns meses depois, deixando Cassandra e eu sozinhos no mundo. Se Aiden Brown já era ruim sem precisar se preocupar com os filhos, já que outra pessoa fazia isso, ele piorou quando sua irmã se foi.

Ele não tinha superado que eu mandei mamãe para prisão. Ele me culpava todos os dias. Ele quebrava garrafas de bebida na parede para não jogar na minha cabeça. Ele apagava o cigarro no meu braço se eu estivesse por perto. Ele me batia quando algo acontecia e isso o estressava. E se eu

reclamasse, ele dizia que iria descontar em Cassie. E eu não podia deixá-lo fazer isso. Ela só tinha 4 anos. Não tinha mãe, o pai era um merda, a tia havia acabado de morrer. Cassie só tinha a mim, e eu nunca faria nada para machucá-la.

Com 12 anos, eu me tornei o guardião da minha irmã. Não legalmente, claro, mas eu fazia o papel de um. Eu a alimentava, a levava para a escola, estudava com ela e passeávamos juntos. Quando a escola pedia muito de mim, Cassie ficava com nossa vizinha, dona Beth. Uma senhora muito simpática, sem filhos, e que estava sempre disposta a passar umas horinhas com minha irmã sem cobrar nada. Me virando nos 30, eu tentei ao máximo esconder o lado ruim do papai para ela. Até nos dias de hoje eu tentava, mas estava ficando mais difícil, pela idade dela.

— Podemos ir patinar no gelo? — Cassie apareceu no meu quarto, sentando-se ao meu lado na cama.

— Fez o dever de casa, mocinha?

— Estamos no recesso de inverno, Charles! — minha irmã retrucou, revirando os pequenos olhinhos castanhos e cruzando os bracinhos em frente ao corpo.

— Ainda bem que você é mais inteligente que eu — respondi, me levantando para vestir uma roupa e levar minha irmã para a pista de gelo.  
— Vá colocar uma roupa para irmos, pirralha.

— EBA! — ela exclamou, animada, e saiu do meu quarto, entrando no cômodo na frente dele.

Como era sábado à tarde, meu pai não estava em casa. Felizmente. Meu humor dependia totalmente da presença dele. Quando ele estava caindo bêbado em algum bar por aí, eu ficava instantaneamente mais feliz e disposto. Quando ele estava enchendo a cara na poltrona da sala de estar, tudo que eu mais queria era sumir do mundo e levar Cassie comigo.

O dia estava bom

Tinha nevando lá fora e a sensação térmica de  $-5^{\circ}$  graus. Por isto, vesti o meu único conjunto térmico primeiro. Depois, coloquei uma calça de moletom quentinha por cima e um suéter. Meu casaco de inverno estava pendurado no hall de entrada, junto com minha bota. Peguei o meu celular e minha carteira na mesinha de cabeceira e saí do quarto, à procura da minha irmã.

Cassandra Brown estava sentada no sofá, amarrando sua bota cor de rosa. Foi um presente de natal de Jason e nem precisava dizer quão extasiada a pequena ficou quando ele deu o embrulho em suas mãos. Eu sempre dizia ao meu amigo que ele não precisava comprar nada para a gente em datas comemorativas, mas o babaca nunca me escutava.

Minha irmã estava com sua calça de moletom bege e um casaco rosa bem grande, perfeito para o frio que estava fazendo em Millsh. Vi que, ao

seu lado, estava sua bolsa com os patins — o que dei de natal para ela, com o que consegui guarda do meu salário —, luvas e uma touca.

Peguei as minhas botas e me sentei ao seu lado para calça-las. Ela não disse nada; estava muito concentrada na amarração do próprio sapato. Quando eu terminei, Cassie se levantou junto comigo e nós saímos de casa, seguindo em direção a uma pista de gelo que havia perto de casa em todos os invernos.

Por conta da temperatura extremamente baixa, uma parte do parque de onde morávamos congelava, formando uma grande extensão de gelo, onde as crianças se aventuravam na patinação. Era o primeiro ano que consegui comprar patins para a minha irmã, então a pequena estava muito animada para estreá-los.

— Será que James vai estar lá? — minha irmã me perguntou assim que atravessamos a rua, voltando seus olhos castanhos para mim.

— James?

— Sim, Charlie! O meu melhor amigo, *duh* — ela respondeu, soltando a minha mão quando chegamos ao outro lado.

— E desde quando ele é seu melhor amigo? Você nunca me falou dele, pirralha. Eu achei que fosse a Bea.

— Ela não fala mais comigo porque anda com as meninas chatas — minha irmã explica, revirando seus olhos castanhos. — E James entrou

esse ano no colégio. Ele é legal e traz balinhas de maçã verde para mim porque sabe que são minhas preferidas — Cassie disse, com um sorriso estampado no rosto.

Ela não deveria estar na fase de odiar garotos? James ainda devia comer meleca, cara! Não estava pronto para ver a minha pequena crescer. Não queria nem imaginar a fase dos namoradinhos, não, não tinha coração para isso.

— Você não está ansiosa para encontrar alguma menina da sua sala na pista de gelo? — questionei, tentando contornar a situação.

— *Nah* — ela falou, fazendo uma careta. — Elas são chatas, só o James é legal.

Não tive tempo de dizer mais nada, já que chegamos no parque. Cassie saiu correndo para o banco mais próximo e começou a trocar os sapatos para os patins de gelo.

*Só o James era legal.*

Será que Cassandra tinha conhecido o Jason dela?

Eu e Jay nos conhecemos com essa idade também. Ele e Alexia eram as únicas pessoas que eu achava legais na época, exatamente como minha irmã disse. Eu não gostava muito da ideia dela ter apenas um amigo e ser um menino, mas se realmente fosse o Jason dela, eu não iria interferir.

Fiz uma nota mental para perguntar mais sobre ele quando chegássemos em casa.

— Charlie, fica com a minha bolsa — minha irmã praticamente mandou, jogando a mochila em forma de saco na minha direção.

— Vou estar sentado aqui! — quase gritei, mas Cassie apenas acenou com a mão, demonstrando o que ouviu.

*Cassie Brown dará trabalho no futuro*, pensei, balançando a cabeça. Ela era uma figura.

Decidi ficar no mesmo banco que ela estava antes, onde tinha uma visão perfeita de toda a pista de gelo. Havia algumas crianças patinando, um grupo de garotos jogando hockey e alguns pais ensinando seus filhos.

Minha mãe me ensinou a patinar quando eu tinha uns 6 anos. Naquela época, ela ainda usava poucas drogas, apenas para dormir ou quando estava muito estressada. Ela era uma mãe incrível. Um pouco diferente das mães dos meus colegas de classe, Crystal não era tão preocupada assim comigo, porque ela dizia que estava me criando para o mundo. Por isso, quando me levou em uma pista de gelo pela primeira vez, eu caí de cara no chão e levei 2 pontos na testa.

Enquanto eu observava a minha irmã mais nova patinando sozinha, eu penso em como seria se nossa mãe ainda estivesse com a gente. Se ela teria

parado com as drogas. Se ela seria uma boa mãe para Cassie. Se ela e nosso pai ainda estariam casados.

Cassandra nunca falou de mamãe. Afinal, a minha irmã tinha poucos meses quando ela foi para prisão, e nunca fomos visitá-la. Eu ainda a achava muito pequena para saber toda a verdade, então, ela sabia algumas pequenas coisas. Papai nunca se importou o suficiente para explicar nada, o que era um alívio para mim. E, achava que como ela nunca teve uma figura materna, ela não sentia falta. Afinal, ela tinha algumas poucas lembranças da tia Analu, mas sempre a viu como uma tia, nunca como uma mãe.

Dispersei meus pensamentos para longe e voltei minha atenção para a minha irmã na pista de gelo.

Impressionantemente, eu me distraí por alguns minutos e Cassie já estava jogando hockey com o grupo de garotos. Eu olhei bem na hora que ela fez um gol e não consegui me conter, fiz uma concha com as mãos e gritei: — Acaba com eles, Cassei!

Como não estava muito longe, a pequena ouviu e se virou para onde estava sentado, com as bochechas totalmente coradas. Poderia ser pelo frio, mas sabia que era porque a envergonhei. O que podia fazer se era um irmão babão?

Um garotinho se aproximou e eles fizeram high-five. Minha irmã estava sorrindo para ele e, na hora, soube que era o tal do James do colégio.

Apenas pelo jeito que eles conversavam, eu tive a minha confirmação: James era o Jason de Cassie.

Minha irmã ficou quase uma hora e meia na pista de gelo. O jogo de hockey durou uns 30 minutos, e os meninos se despediram quando a mãe de um deles apareceu para levá-los para casa. Eu percebi que James queria abraçar a melhor amiga, mas do jeito que Cassie era, ela apenas acenou e virou de costas, voltando a patinar sozinha. Algumas meninas tentaram abordá-la, mas ela dispensou todas e continuou se divertindo sozinha. Era algo que tínhamos em comum: nós sabíamos aproveitar o prazer da própria companhia. Ainda assim, ficava feliz por saber que ela tinha alguém para quando se sentisse sufocada de si mesma, assim como eu tinha Jay.

Cassie pareceu, finalmente, se cansar e foi até o banco onde estava, sentando-se ao meu lado e pedindo ajuda para tirar os patins, afirmando estar muito cansada e com as pernas doendo de tanto patinar. Eu os tirei, ajudando-a a colocar bota também. Se ela estava pedindo a minha ajuda, era porque realmente o exercício a cansou.

Nós então voltamos pelo mesmo caminho que viemos, em direção a nossa casa.

— Aquele que era o James? Que estava jogando hockey com você?  
— perguntei, entrelaçando minha mão na dela.

— Sim! E os amigos dele... — Ela confirmou a minha suspeita e eu sorri. *Sabia!* — Eu não gosto muito deles. Eles não queriam deixar eu jogar só porque sou uma menina, acredita? Mas James brigou com eles. Nós ganhamos, você viu?

— Você acabou com eles, maninha — disse, bagunçando um pouco o cabelo dela.

— Mas você não pode gritar de novo quando eu fizer algum ponto, Charles! — Cassie avisou, me olhando feio. — Eles ficaram me zoando por causa disso!

— E o que você fez?

— Eu disse que se eles não calassem a boca, eu iria bater neles. E eles não poderiam me bater de volta, porque sou uma garota. — Ela respondeu com um sorrisinho superior nos lábios.

*Essa era minha irmã!*

Nós continuamos conversando sobre patinação no gelo e hockey, já que minha irmã parecia gostar muito. Ela disse que a escola tinha um time para o esporte, mas que era apenas para os meninos, o que a deixava chateada, porque ela queria muito participar. Cassie disse que, no futuro, ela mudaria aquela palhaçada e faria um time só de meninas.

Toda a felicidade que estávamos exalando evaporou quando chegamos em casa e vimos a luz da sala de estar acesa. Isso queria dizer

uma coisa: papai tinha chegado.

Respirei fundo e me preparei para o que estava por vir.

— Quando entrarmos, vá direto para seu quarto, tá? — disse para Cassie, abaixando-me para ficar na altura dela. — Não precisa tirar os sapatos e nem o casaco, pode deixá-los no seu quarto mesmo. Tranque a porta também.

— Charlie... — ela sibilou, meio manhosa. Ela sabia porque eu falava para ela fazer isso... para sempre trancar a porta do quarto durante a noite. Ela não entendia muito bem a situação, mas compreendia que nosso pai não era uma pessoa boa.

— Vai ficar tudo bem, Cassie. Sempre fica, não é? — falei, sorrindo para a minha irmãzinha.

— Amo você! — Cassie respondeu, deixando um beijo na minha bochecha.

— Eu também amo você!

Soltei a mão da minha irmã para procurar a chave de casa no meu bolso. Assim que abri a porta, deixei Cassandra entrar primeiro e ela correu para o próprio quarto. Eu só adentrei a casa quando escutei a porta dela bater. Sabia que não conseguia poupá-la de tudo, mas o que pudesse evitar, eu o faria.

Retirei os meus sapatos e meu casaco, deixando-os no hall de entrada. Dei apenas alguns passos para a sala de estar e a voz que mais odiava no mundo encheu os meus ouvidos.

— Onde vocês estavam? — Aiden Brown perguntou, sem tirar os olhos da televisão. Como esperado, ele estava com uma lata de cerveja em uma das mãos e o controle da TV na outra.

— Saímos.

— Isso eu sei, porra. Eu perguntei para onde — ele falou, finalmente me olhando.

Aiden nunca foi um pai muito presente, mesmo antes da mamãe ser presa. Ele não me amava, nunca amou. Ele amava a Crystal, isso sim. E como ela queria ter filhos... ele fez a vontade da mulher da sua vida. Antes de tudo acontecer, ele me tratava normalmente. Sem abraços, sem beijos no topo da cabeça... só ia no dia dos pais do colégio porque a minha mãe quase o obrigava. Não existia uma relação de carinho entre a gente. No entanto, ele nunca me tratou realmente mal, até mamãe ir presa.

— No parque — respondi, entredentes. Naquela altura no campeonato, sabia que era melhor responder do que remediar.

— Que lindo. Os irmãos Brown sem mãe brincando no parque juntinhos — ele debochou, jogando a lata com um resquício de líquido na parede atrás de mim. — Você não vai trabalhar hoje?

— É recesso de inverno. Eles não abrem — falei, mesmo já tendo tido essa conversa há alguns dias. Faltava poucos passos para meu quarto. Poucos passos.

— Você deveria ter arrumado outra merda para fazer, filho da puta — Aiden disse, abrindo mais uma lata de cerveja. — Com certeza algumas velhas iriam pagar para ter esse seu pau pequeno dentro delas. Mas é claro, você não pensa. É um imbecil!

— Vou para o meu quarto.

— Quando reabrirem, você vai pedir mais turnos, entendeu, moleque? Crystal precisa de mais dinheiro. E eu também. Minhas bebidas estão acabando — ele resmungou, tentando contar quantas latas ainda tinha perto de si. Eu abri a boca para retrucar, mas ele foi mais rápido. — Nem pense em dizer que não, Charles. Você quer que aquela fedelha vá para um orfanato? É o que vai acontecer. E você nunca mais vai vê-la.

Respirei fundo.

Era essa ameaça que me fazia continuar na merda daquela casa.

Sempre que eu não acatava algumas de suas ordens, ele ameaçava tirar Cassie de mim. Às vezes, ele dizia que ligaria para o serviço social para mandá-la embora, e que colocaria a culpa em mim e que me proibiria de vê-la. Em outras, ele falava que a largaria em algum lugar qualquer. Ele

sabia que o jeito de me fazer obedecer era tentar encostar um dedo na minha irmã. O filho da puta sabia que eu faria de tudo por ela.

— Vou pegar mais turnos — disse, por fim. O bêbado não respondeu mais nada, sua atenção estava voltada para a televisão novamente.

*Falta pouco tempo*, foi o que disse para mim mesmo enquanto entrava no meu quarto.

Apenas poucos meses. Conseguiria uma bolsa em alguma faculdade bem longe dali, por causa do futebol americano, arrumaria um emprego melhor e levaria Cassie comigo. Um lugar bem longe, tão longe que Aiden não nos acharia. Não que eu achasse que ele fosse tentar, mas sempre era melhor se cuidar. Tudo que eu mais sonhava era ir embora daquela casa com minha irmã e nunca mais olhar na cara daquele desgraçado.

Tirei todas as peças de roupas a mais que coloquei para sair e fiquei apenas de calça de moletom e um casaco. Peguei a chave do quarto de Cassie, que deixava escondida na mesinha de cabeceira — fiz uma cópia da chave do quarto dela para ela nunca precisar abrir, já que ela sabia que, se eu quisesse entrar, eu mesmo a destrancaria —, e fui a passos silenciosos até o casulo da minha irmã.

Quando entrei, ela estava deitada na cama, brincando com seus ursinhos de pelúcia.

Eu não disse nada. Na verdade, nem precisava. Apenas sentei na outra extremidade da cama, com cuidado para não atrapalhá-la, e peguei um dos meus livros que deixava por lá.

*Percy Jackson e o Mar de Monstros.*

4 meses.

4 meses e aquele inferno terminaria.



Não entendia o motivo, mas as aulas de Cassie começariam hoje, na segunda-feira após o recesso, enquanto as minhas iniciam-se apenas amanhã. Talvez por ser nosso último ano, eles estavam pegando mais leve. Não fazia ideia.

Como ela estava segura no colégio, aceitei de bom grado o convite de Jason para ir até sua casa.

Desde o início do namoro dele e de Eleanor, estávamos passando uma quantidade menor de tempo juntos. Eu entendia, era o primeiro namoro do cara e eles estavam totalmente apaixonados um pelo outro. Depois de

Camille, ele merecia alguém que o amasse do jeito que ele merecia. E com minha preocupação em deixar Cassie sozinha com o papai, adicionando meu melhor amigo apaixonado, nossos horários livres nunca batiam.

Hoje, finalmente conseguimos um tempo para nós dois.

Eu adorava frequentar a casa dos Jenkins. Eu me sentia em um lar. O amor que Paul e Marcus tinham pelos filhos era visível, e isso aquecia o meu coração. Era esse tipo de relação que eu queria que minha irmã tivesse com os pais, mas por causa daquele maldito pequeno espelho que quebrei há alguns anos...

Essa era a primeira vez que eu veria Alexia Jenkins depois da festa de boas-vindas de Eleanor no novo apartamento, quando ela chegou chorando porque descobriu que o babaca do Kyle estava a traindo.

*Imbecil.*

Por mais que eu fosse apaixonado pela menina há anos, nunca fiz nada em relação àquele sentimento. Estava esperando o momento certo. Minha vida era uma bagunça total, e eu não queria trazê-la para dentro dela. Um dia, eu iria para a faculdade e tudo se ajustaria aos poucos. Seria o mesmo dia que eu falaria para Lexie que a amava ela desde a primeira vez que a vi.

*Lexie.*

Eu chamava-a assim quando éramos mais novos. Eu era o único que a chamava assim. Tudo mudou quando... bem, quando eu fui um pouco babaca com a garota dos meus sonhos. Desde esse fatídico dia, eu parei de chamá-la assim. Só pioraria a situação em que estávamos. Depois, ela se afastou gradativamente de mim. Se aproximou de Allie e Lily. Jason comentava que elas conversam bastante sobre garotos e isso me deixava para morrer. Alexia estava seguindo sua vida e eu, como o idiota que era, ainda a esperava.

Com o tempo, comecei a me desprender um pouco disso. Conheci algumas garotas. Beije algumas garotas. Transei com algumas garotas.

Mas nenhuma delas era Alexia Jenkins.

Nenhuma era o sol que iluminava o dia de todos ao redor. Nenhuma tinha uma risada deliciosa como a dela. Nenhuma tinha a cor amarela como preferida e adorava girassóis. Nenhuma fazia o meu coração bater freneticamente como ela.

Ninguém se comparava a *minha* Lexie.

— Charles! Presta atenção, mano! Você perdeu para mim pela segunda vez! Você não está nem se esforçando — Jason reclamou, me tirando dos meus pensamentos.

— *Pô*, desculpa, cara. Me distraí.

— Pensando na Mary? — meu amigo alfinetou, falando o nome de uma das últimas garotas que me envolvi.

*Ah, se Jason soubesse que eu estava pensando na irmãzinha dele...*

— Não tenho mais nada com ela — respondi, dando de ombros quando ele deu o *play* em mais uma partida do jogo que estávamos jogando.

— Ellie disse que ouviu ela falando que gosta de você.

— Mas eu não gosto dela. — *Gosto da sua irmã.*

— Ela é uma garota legal. Bonita também — Jay insistiu e, desta vez, eu mesmo apertei o *pause* do controle.

— Você está tentando ser meu cupido?

— Um pouco? — ele disse, um pouco sem jeito, o que era raro para meu melhor amigo. — Podíamos fazer um encontro duplo, saca? Seria maneiro.

— Eleanor sabe o que você está sugerindo isso?

Pelo pouco que conhecia da namorada do meu amigo, sabia que ela não toparia algo brega assim. Nós não conversávamos muito, mas éramos muito parecidos. Ela foi a única pessoa do nosso grupo de amigos que descobriu meus sentimentos por Alexia. A garota era observadora. Ela sabia que algo acontecia na minha vida, mesmo que não tivesse perguntado diretamente o que era.

Jason também desconfiava de alguma coisa. Ele jogava uns verdes de vez em quando, mas eu o conhecia, e nunca dava trela. Não traria uma das pessoas que mais amava no mundo inteiro para aquele lado feio da minha realidade. Conhecendo Jay como conhecia, ele iria querer me ajudar a resolver a situação, mas não conseguiria. Eu já tinha pensado em todas as possibilidades, e nenhuma delas era boa.

— Ainda não, meu amigo. Mas ela vai topa! Ela sempre concorda com tudo o que falo. — Não resisti e ri. Não era de dar muitas risadas, mas em momentos como aquele, não tinha como segurar. — O que foi, mané?

— *Você* concorda com tudo que ela te pede, Jay, não ao contrário.

— Hm... sim, verdade — ele se deu por vencido e deu *play* no jogo.

Continuamos jogando a tarde inteira. A neve não parou de cair durante toda a tarde que passei na casa da família Jenkins. Marcus e Paul apareceram em algum momento para me cumprimentar, dizendo que sentiam minha falta por ali e que eu deveria aparecer mais. Prometi iria mais vezes, mesmo aquela sendo uma promessa que teria que quebrar.

Um pouco mais para o meio do dia, eu e Jason decidimos sair do nosso casulo e ir comer alguma coisa na cozinha. Teria que sair em mais ou menos meia hora para buscar Cassie na escola, então não podia demorar.

Quando adentramos à grande cozinha da mansão Jenkins, me surpreendi com a presença de Alexia. Não sabia porque ainda ficava

surpreso, já que a garota morava ali.

Era a primeira vez que a via em duas semanas. Ela estava... diferente.

Os cabelos loiros estavam presos em um coque no alto da cabeça, um pouco desleixado para ela. Estava com uma blusa branca de alcinha e uma calça de moletom cinza. O esmalte vermelho das unhas estava descascando e ela nem levantou a cabeça quando paramos na ilha, em sua frente.

— Ei, mana. Tudo bem? — Jay é que perguntou e, finalmente, ela levantou a cabeça para nos encarar. Seus lindos olhos azuis se demoraram um pouco mais em contato com os meus castanhos e meu coração errou uma batida. Era esse o efeito que a garota tinha em mim.

— Tudo — ela respondeu, dando de ombros, e continuou a passar a geleia de morango na torrada. — Oi, Charlie! — Ela sorriu para mim quando me cumprimentou.

— Oi, Lexie — falei sem pensar. *Merda*. Eu não usava o apelido há anos!

Ela me olhou, confusa por eu ter chamando-a daquela forma, mas não disse nada.

— Hm... eu vou indo — ela disse, por fim. Levando seu prato, saiu pelo corredor que levava às escadas para o segundo andar.

— Ela está chateada com a situação de Kyle — Jason explicou, pegando dois pratos de sobremesa no armário.

— Ele é um filho da puta — ralhei, com raiva do imbecil.

— Eu queria acabar com ele, mas Alex me fez prometer que eu não encostaria um dedo nele — meu amigo falou, revirando os olhos. Uma mania que ele pegou com a namorada. — Ela disse que só quer esquecer tudo isso e seguir em frente — completou, passando um pouco de geleia de morango nos nossos pães de forma.

— Bem, eu não prometi nada — disse mais para mim mesmo do que para Jay.

— Charles...

— Ele merece, Jason. Você sabe disso.

— Eu sei, mas... — ele pausou sua fala, bufando. — Você está disposto a bater em um garoto que magoou a minha irmã?

A violência não era a resposta, mas, em alguns casos, era necessária.

— Ela é minha amiga também.

— Achei que vocês tinham se afastado — Jason disse, passando um dos pratos para mim.

— Ainda tenho um carinho por ela — respondi, simplesmente. Não era uma completa mentira, apenas não toda a verdade.

— Charles... só, cuidado, se você realmente for fazer isso — meu amigo pediu, dando uma mordida no sanduíche de geleia.

— Ele merece sofrer pelo que fez com a nossa Alexia.



*alexia*

*"Não sei o que tem de errado com você. Como alguém da sua idade ainda não quer transar? Pelo amor de Deus!"*

*"Eu sou homem, Alexia. Você acha mesmo que eu estava sobrevivendo todo esse tempo apenas batendo uma?"*

*"Ela é só uma amiga e a gente transa de vez em quando. Fala sério, Alexia, você realmente não desconfiava de nada? O que achava que eu fazia quando não estava por perto? Você é tão burra, baby."*

*"Desculpe, querida, mas você é uma tola por deixar um homem desse escapar. Como você aguentava ficar perto dele e não passar de simples beijos? Alguém precisava fazer esse trabalho."*

As palavras de Kyle e Willa se repetiam em *looping* na minha mente.

*Burra.*

*Estúpida.*

Todos os amigos dele sabiam, e ninguém teve a decência de me contar.

Claro, o que eu esperava daqueles babacas? Para serem amigos de Kyle, pessoas boas que não eram.

Como eu fui tão idiota de acreditar que ele realmente me amava? Nós estudávamos juntos há anos e ele nunca demonstrou um pingão de interesse em mim. Então, de repente, ele começou a ficar obcecado e não desistiu até conseguir namorar comigo? Eu enxergava, agora, que nada da história fazia sentido.

Ele só estava comigo para conseguir tirar minha virgindade, em uma aposta escrota que fez com os amigos: *ser o primeiro a comer a santinha da Alexia Jenkins*. Aposta que só descobri porque ouvi os amigos dele comentando hoje mais cedo, no corredor, no primeiro dia de aula depois do recesso das festas de fim de ano.

Eu estava devastada, mas melhorei do estado que estava há alguns dias.

Eu não amava Kyle, longe disso, mas a situação inteira me deixava chateada. Eu fui enganada e feita de trouxa por meses, com tudo

acontecendo bem debaixo do meu nariz! Eu realmente acreditei que um cara como ele poderia se interessar por alguém como eu. Não só isso, mas que ele estava respeitando o meu tempo, que ele entendia que eu não estava pronta para fazer sexo.

Trouxa. Trouxa. Trouxa.

*Há males que vem para o bem*, era o que repetia para mim mesma sempre que lembrava daquilo. Se eu não tivesse pegado ele e Willa no flagra, quem sabe quanto tempo mais isso continuaria acontecendo? Quem sabe o que Kyle seria capaz de fazer para transar comigo e ganhar a maldita aposta?

Estremeci só de pensar.

Afastei os pensamentos ruins da minha cabeça. Não gostava de lembrar. Aconteceu e passou. Chorei muito, fiquei dois dias trancada no quarto — apenas com a companhia de Tinker Bell —, mas agora eu estava de volta a ser Alexia Jenkins.

Com minha calça de couro bege, minhas botas com um pequeno salto brancas e um suéter off-white, eu caminhei na direção do refeitório para almoçar com meus amigos. Durante meus dias reclusos, eu estava acabada. Só usava o moletom mais velho do meu armário, não penteava o cabelo e acho que comi um chocolate fora da validade.

Eu não queria ver ninguém. Jason só aparecia para levar as refeições, sempre tentando conversar — mesmo que eu o ignorasse —, e meus pais sabiam que era o momento para eu ficar sozinha.

Durou dois dias, porque no terceiro, fui acordada por Lily, Eleanor, Nora e Allie. Elas disseram que só sairiam dali quando eu estivesse melhor. Naquele dia, nós fizemos máscaras faciais, assistimos aos meus filmes de romance preferidos e fizemos macarrão carbonara para o jantar. Foi o melhor dia do recesso de inverno.

Eu não podia ter amigas melhores!

Sorri pela lembrança.

O sorriso não durou muito quando avistei Kyle e Willa em uma das primeiras mesas do refeitório, com o grupo de amigos babaca deles. Ele estava com um braço em volta da cintura dela, enquanto a garota estava sentada em seu colo, falando algo em seu ouvido.

Revirei os olhos com a cena.

*Nojentos.*

Estava quase passando pela mesa deles quando olhei com mais atenção para o rosto dele.

Seu olho direito estava com uma bolsa roxa embaixo, como se tivesse levado um soco. O nariz também estava bem machucado, até um pouco...

torto. Não sabia o que tinha acontecido, mas o sorriso estampou meu rosto novamente. Ele merecia.

Meus amigos estavam na nossa mesa de sempre, um pouco mais à frente. Meu irmão estava ao lado da namorada, Eleanor, e o outro casal do grupo, Nora e Allie estavam no próprio mundinho, conversando. Lily estava retocando a maquiagem no espelhinho, e Charlie estava ao seu lado, apenas comendo.

Ele levantou a cabeça bem no momento que estava observando-o, e nossos olhares se encontraram.

Charles Brown. O meu primeiro amor.

Nos conhecemos quando tínhamos 8 anos, Jason nos apresentou e eu soube que casaria com aquele menino. Escondi minha quedinha por ele durante anos, até que, com nossos 12 ou 13 anos, eu decidi que iria me declarar. Perguntei se a gente podia se beijar. Eu tinha quase certeza de que ele gostava de mim, porque ele olhava para mim da mesma forma que eu olhava para ele. No entanto... ele me recusou. Não só o beijo, mas ele disse que nunca sentiria aqueles tipos de sentimento por mim.

Foi um soco no estômago.

Fiquei tão magoada que me afastei um pouco de Charlie. Meu primeiro coração partido.

Os orbes castanhos deles continuaram conectados com os meus e senti que o pequeno *crush* que eu tinha nele ainda não passou. Durante os anos, eu me interessei por outras pessoas. Beije outras..., mas ninguém fazia meu coração bater tão forte quanto ele.

Talvez fosse o charme da cicatriz no supercílio. Minha alma leitora gostava de um moreno com passado triste e cicatrizes que contam sua história. Só que aquela paixão precisava passar. Ele não estava interessado em mim há cinco anos e, com certeza, não seria agora que isso aconteceria. Ele tinha uma lista imensa de meninas que iam para sua cama e eu nunca seria uma delas.

— Oi, gente! — cumprimentei os meus amigos quando me sentei na mesa, ao lado de Charlie.

— Alex! Finalmente! — Lily falou, fechando seu espelho e guardando-o dentro da bolsinha de maquiagem. — Estava esperando todos chegarem para contar uma novidade!

Pelo jeito que Lily estava falando, não era uma notícia boa.

Minha amiga, que dividia a mesma cor de cabelo comigo, era muito parecida comigo em alguns sentidos. Ela também sempre via o bem em todas as pessoas — porém, era menos ingênua do que eu —, o sorriso era uma característica sua e levava a vida com leveza. Entretanto, diferentemente de mim, Lily também tinha uns traços de Jason: ela era uma

borboleta social. Em qualquer lugar que ela entrava, fazia amigos. E as pessoas que não queriam ser seus amigos, queriam beijá-la. E não estavam errados, minha amiga era extremamente bonita. E ela sabia disso, o que tornava tudo muito pior.

— Fofoca? — Jay perguntou, até parando de comer, interessado.

— Deixa de ser fofoqueiro, Jenkins — Eleanor falou para o namorado, dando um soquinho no braço dele e, claro, revirando os olhos.

— Minha mãe vai se casar — Lily soltou, atraindo a atenção de toda mesa para ela.

Eu e Jason trocamos um olhar cúmplice. Nós já sabíamos da novidade por causa do nosso pai fofoqueiro, que será o responsável pelas flores do grande dia.

Tal pai, tal filho.

— O quê? Como assim, amiga? — Nora foi a primeira a quebrar o silêncio.

— Ela estava saindo há um tempo com ele e, há algumas semanas, ele pediu a mão dela — Lily explicou para a ruiva e depois alternou seus olhos em cada um de nós. — Vai ser em dois meses, eu acho, quando o inverno terminar.

— E como você está com isso? — Allie perguntou, limpando o canto da boca com um guardanapo.

— Eu... eu não sei. — A loira deu de ombros. — Ele é... normal comigo. O grande problema é o filho arrogante dele. Argh! Ele é insuportável! — resmungou, parecendo bem irritada. — Nos conhecemos no Natal e foi tipo... ódio à primeira vista! O filho da puta foi mega grosso comigo e ainda me chamou de tagarela, porque eu estava tentando puxar assunto com meu novo padrasto, dá para acreditar? Só porque ele é um antissocial de merda, rude e se acha o centro do mundo, acha que todos tem que ser iguais. Um grande babaca!

— Você já está tendo problemas com seu novo meio-irmão, Lily? — Eleanor questionou, achando graça da situação. Eu sorri um pouco, achando um pouco engraçado.

— Se ele não fosse um grande de um merda, não teríamos problemas.

— Lily, amiga, dá uma chance para o garoto — Nora falou, tentando acalmar os nervos da nossa amiga.

— Não dá, N. Ele é uma das pessoas mais soberbas que já conheci!

— E desde quando você sabe o que significa soberbo? — Jason provocou a fera e, claro, recebeu algo em troca. Ela pegou uma batatinha frita do prato de Charlie e jogou na cara do meu irmão. Merecido, eu diria.

— Você é meu amigo, Jason Jenkins! Não fica do lado do Aaron Yoon, aquele imbecil.

— Espera... — disse, tentando lembrar de onde já ouvi esse sobrenome. Ah, é claro! O restaurante..., papai tinha comentado. — Aaron Yoon tipo... do restaurante coreano “Ah-ri Yonn”? O restaurante coreano?

— O próprio — Lily respondeu, a contragosto.

— Ah, loirinha, você tem que levar a gente lá para comer de graça! Eu e Alexia sempre vamos com a nossa família, porque é perto da casa dos nossos avós, é uma delícia.

— Jason Jenkins, eu juro por Deus que vou dar na sua cara se você fizer mais um comentário positivo sobre o imbecil — ela avisou, apontando um dedo para o meu irmão-gêmeo.

Não sabia como aguentei o recesso inteiro das festas de fim de ano sem os meus amigos. Meus momentos preferidos eram sempre ao lado deles. Eu ri da pequena troca de farpas de Lily e Jason, e Eleanor entrou para defender a amiga. Não tinha como ficar sem rir ao lado deles.

Despretensiosamente, eu olhei para meu lado, para Charlie, e o garoto já estava me encarando. Eu desviei o olhar no mesmo momento, mas não antes de ver um sorrisinho nos lábios dele.



Ninguém me disse que ser a única solteira do grupo de amigos era horrível assim.

Bem, tecnicamente, não a única.

Charlie e Lily também estavam sem ninguém, mas... era diferente. Ela, sempre que estava afim, achava alguém para transar e mandar embora no dia seguinte, às vezes, até levava ele no lugar que estávamos. Charlie também já fez isso algumas vezes e... eu não gostei. Mesmo que a última vez tenha sido quando Kyle me pediu em namoro, meu coração se apertou com a cena. Pois é, eu estava com ciúmes dele, mesmo com um outro garoto me pedindo em namoro no mesmo momento. Acho que, no fundo, eu sempre soube que nunca gostaria de Kyle da forma que gostava de Charles Brown.

Argh. Precisava tirar o meu ex-namorado babaca da mente.

De todos os jeitos, eu estava me sentindo um pouco de fora nas últimas semanas. Nós, como grupo, ainda passávamos grande parte do tempo juntos, na escola ou em algumas saídas ocasionais. Mas, por exemplo, fazia um tempo que eu não ficava só com Eleanor. Ela estava sempre com meu irmão. Eu adorava ver ambos felizes e juntos, depois das besteiras que aconteceram no meio do caminho, mas... não sabia o que, mas queria ter tempo com uma das minhas melhores amigas também.

Allie e Nora sempre me convidavam para sair, mas eu raramente ia. Não queria ficar de vela e atrapalhar o casal, mesmo que elas reforçassem que eu não era um fardo.

Lily estava... estranha, para se dizer o mínimo. Eu a convidei para irmos à loja da mãe de Nora esses dias — estava com uma vontade absurda de comer pão de queijo — e ela disse que precisava ajudar sua mãe com as coisas do casamento. Sugeri o dia seguinte, então ela inventou outra desculpa. Na escola, ela estava aparentemente normal. Mas tinha algo. Sentia que estava acontecendo alguma coisa com a minha amiga, mas não achava que ela contaria. Ela era mais próxima de Nora, logo... se algo realmente estava rolando, a ruiva deveria saber. E se ela estava tranquila... não deveria ser nada demais.

E Charlie... bem, era Charlie.

Eu não sabia exatamente o que acontecia na casa dele, mas sabia que não era nada bom. Já ouvi Jason comentar que ele não gostava de deixar a irmã mais nova, Cassie, sozinha com o pai. Também sabia que a mãe dele não estava mais por perto. Ele era muito fechado em relação a família, nem Jay sabia de algo, e olha que eles eram melhores amigos há anos!

Depois que nos afastamos, quando éramos mais novos, nunca mais nos reaproximamos. fiquei mais amiga das meninas e ele e Jay se tornaram uma dupla. Eu ainda tinha um grande carinho por ele, claro, mas tudo

estava diferente. Queria, queria muito, voltar a ser próxima do moreno, mas não sabia se ele gostaria disso também.

Em conclusão, com dois casais, uma das minhas amigas estando mega estranha e meu ex-crush de infância — *nem tão ex assim* — afastado de mim, eu estava um pouco sozinha. Então, quando Ellie me chamou para passar uma noite com ela em seu novo apartamento-estúdio, eu topei logo de cara. Comprei algumas guloseimas para comermos e levei máscaras faciais na bolsa também. Já era tempo, precisava passar um dia com minha melhor amiga!

Combinamos de chegar lá perto das seis da tarde. Era claro que às cinco e meia, eu já estava saindo de casa, ansiosa. Me despedi dos meus pais — por algum motivo, meu irmão não estava em casa em um sábado — e chamei o único táxi da cidade para me buscar. Poucos minutos depois, eu já estava a caminho da casa da minha amiga.

Como Millsh era uma cidade muito, muito pequena, não demorou muito para que eu estivesse tocando a campainha da casa de Ellie. Ela estava demorando um pouco mais que o normal para abrir, levando em consideração o tamanho do apartamento, mas tudo bem. Ela devia estar no banheiro ou algo assim.

— Cheguei! E trouxe comida e máscaras de *skin-care*! — quase gritei quando a minha amiga abriu a porta, mostrando as sacolas nas minhas

mãos.

— Alex? — ela perguntou, parecendo um pouco confusa. Será que eu tinha confundido os dias? Não, não. Impossível, tinha marcado no meu *planner* e estava mega ansiosa.

— Combinamos de nos ver hoje, amiga... — respondi, um pouco receosa. Ela tinha esquecido?

— Gatinha, quem está na por... — a voz do meu irmão morreu quando me viu parada do lado de fora. — Alexia?

— Amiga... — Eleanor falou, olhando de mim para meu irmão. — Eu... esqueci que era hoje. Me desculpa mesmo! Jenkins apareceu por aqui e eu simplesmente esqueci que tínhamos combinado algo. Vem, entra. Só íamos ver um filme!

Assistir um filme e ficar de vela para meu irmão e minha amiga? Não, muito obrigada.

— Tudo bem, amiga. Vou voltar para casa — respondi, forçando um sorriso.

— Não preciso disso, Alex. Pode ficar, sério — dessa vez, foi Jason que falou, abrindo mais a porta para eu poder passar.

— Não, gente, tudo bem. Eu tenho mesmo que assistir a última temporada de uma série que eu gosto, que saiu essa semana.

— Alex... — Eleanor disse meu nome, parecendo que estava com pena de mim, e eu não gostei.

— SÉrio, tudo bem. Vou ligar para o táxi vir me buscar — disse, já me distanciando da porta.

— Semana que vem? — Ellie tentou, com um sorriso mínimo no rosto.

— Claro! Até mais, pessoal — me despedi, já descendo as escadas.

Estava tão avoada com toda a situação que só parei para pensar no que aconteceu quando já estava dentro do táxi de novo, voltando para casa.

Minha melhor amiga realmente tinha esquecido do nosso compromisso, e me trocado pelo meu irmão. Bem, se ela esqueceu, ela não me trocou, mas... mesmo assim. A sensação no meu peito era horrível. E isso só comprovava o que eu já acreditava: estava ficando cada dia mais sozinha no meu grupo de amigos.

Quando o carro estacionou em frente a minha casa, entrei no maior silêncio possível. Não queria responder às perguntas dos meus pais sobre o motivo de eu ter voltado tão cedo assim. Nas escadas, acelerei o passo e tranquei a porta do meu quarto, me jogando na cama.

Tinker Bell veio imediatamente para onde eu estava, subindo a sua escadinha, que coloquei ali exatamente para isso. Minha cachorrinha se

aconchegou ao meu lado e eu me senti um pouco mais acolhida.

Nora tinha a Allie.

Eleanor tinha o Jason.

Lily tinha qualquer garoto, bastava estalar os dedos. Charlie tinha o mesmo, mesmo que já fizesse um tempo que eu não o visse com alguém.

E eu... não tinha ninguém. Claro, eu sabia que todos eles estariam ao meu lado se eu precisasse, mas não mudava a sensação de estar sozinha. Uma vozinha na minha cabeça martelava uma suposição, a mesma que Kyle me dizia sempre.

E se o problema fosse eu? E se eu estivesse ficando muito chata para eles?

*"Amor, você é meio... parada demais, sabe? Mas eu gosto, é isso que importa."*

*"Alexia, meu amor, do que adianta eu te levar para sair com meus amigos se eles não gostarão de você? Você é meio... hm... certinha demais para eles."*

*"Você devia se arriscar mais, Alexia. Só fazemos as mesmas coisas sempre. E quando fazemos algo diferente, como hoje, vindo nessa festa de hoje, você quer ir embora cedo."*

*"Meu amor, você podia tentar ser mais... assim... maneira. Como eu. Assim, meus amigos vão gostar de você."*

As frases corriqueiras do meu ex-namorado apareceram em flash na minha mente.

Enquanto namorávamos, eu não dava tanta bola assim. Bem, elas ficaram na minha cabeça, tanto que ainda me lembrava delas, mas nunca fiz nada para mudar as coisas que ele criticava. Eu gostava de mim do jeito que eu era, meus amigos e meus pais também.

Mas agora... e se ele estivesse certo? E se eu realmente estivesse tão monótona e chata que meus amigos não queriam mais passar um tempo comigo?

Não.

Eu precisava mudar o mais rápido possível, não podia perder os meus amigos.

Eu podia ser legal. Podia sair da minha zona de conforto.

Eu iria dar uma repaginada na minha imagem e recuperaria os meus amigos.

Levantei da cama e puxei a cadeira da escrivaninha, me sentando. Peguei um dos meus milhares cadernos na primeira gaveta do móvel e uma caneta dourada dentro do porta-lápis. No topo da folha, escrevi: *Lista da Alexia (para ser alguém mais radical, impulsiva e divertida).*



*charles*

Trabalhar no turno da noite de uma lanchonete fora dos limites de Millsh era, no mínimo, cansativo.

Foi o único lugar que aceitou me contratar no horário noturno, mesmo eu sendo menor de idade, e eu aceitei. Se não aceitasse, Cassie sofreria as consequências.

Até uns 15 anos, eu fazia alguns bicos pela vizinhança. Levava alguns cachorros para passear. Ficava de babá nas férias. Cortava grama. Todo esse dinheiro ia diretamente para Aiden, para que ele pudesse levar para Crystal, na prisão.

Quando fiquei mais velho, o meu pai me obrigou a arrumar um emprego de verdade, um que eu ganhasse um salário decente. Eu me virei

nos 30, mas consegui essa vaga em que eu basicamente ficava na cozinha lavando as louças, para não arriscar que alguém me visse e resultassem em problemas para o dono do estabelecimento. Como eu ficava lá apenas algumas horas, não ganhava muito, mas era o suficiente para papai não encher o meu saco. Claro, eu enrolei um pouco o homem e diminuí o valor real, a fim de guardar um pouco para me ajudar no futuro.

Eu esperava conseguir uma bolsa total em alguma faculdade, arrumar um emprego e, assim, conseguir levar minha irmã comigo. Mas qualquer coisa podia acontecer, então o dinheiro que ficava dentro de uma caixa no fundo do meu armário poderia ser necessário em algum momento.

No geral, o trabalho não era tão ruim. Durante a semana, a minha rotina era mais tranquila na lanchonete, já que a maioria dos pedidos eram para viagem. Poucos clientes que comiam no local, logo, menos louças.

Eu também tinha uma espécie de... amizade com alguns funcionários.

Dom era um garoto negro, com cabelos verdes e que estava ali porque seu pai era o dono de toda franquias das lanchonetes. E de acordo com ele, o patriarca de sua família não queria que ele crescesse sem saber o valor das coisas, por isso ele trabalhava na empresa da família para poder comprar tudo com seu próprio dinheiro.

Ricos...

Lisa era uma das garçonetes, e a namorada de Dom, ela tinha cabelos roxos, cursava Teatro na universidade Schönilla, perto daqui, e sua banda preferida era *Imagine Dragons*. Tudo isso eu sabia porque ela adorava conversar, ainda mais sobre si mesma. E como eu era bem na minha e não gostava de compartilhar muito sobre a minha vida, a garota se divertia falando.

— Ele quer passar o dia dos namorados aqui, acredita? — a garota disse, parecendo indignada com o amado. — Nós, literalmente, estamos aqui todos os dias. Preciso fazer algo diferente, poxa!

— Você deveria dizer isso para ele — sugeri enquanto guardava o meu avental no meu armário para poder ir para casa.

— Você acha que ele vai me ouvir?

— Acredito que sim, Lisa — respondi, pegando as minhas coisas e me preparando para sair. — Tenho que ir. Até amanhã!

— Obrigada pelo conselho, Charlie! Até amanhã, fofinho — ela se despediu de mim, apertando uma das minhas bochechas. Por eu ser o mais novo, todos me tratavam como uma criança.

Antes de sair, acenei para Dom e ele meneou a cabeça, era o seu jeito de me dar tchau. Felizmente, havia um ponto de ônibus em frente à lanchonete e era ali que eu ficava, esperando o meu aparecer.

Peguei o turno das seis horas até meia-noite, que era quando o estabelecimento fechava. Não era muito, mas era o que consegui encaixar juntamente com a escola, treinos de futebol e Cassie, é claro.

Já dentro do veículo, eu tentei descansar um pouco até chegar em casa. Se eu tivesse sorte, meu pai já estaria na cama, ou melhor ainda, em algum bar por aí. Poucas coisas me estressavam mais do que dar de cara com Aiden quando eu chegava em casa, exausto do trabalho depois de um longo dia.

Ter visto a cara arreventada de Kyle hoje me deu, pelo menos, mais cinco anos de vida.

Eu pensei muito antes de ir atrás dele no dia anterior depois da aula, de verdade. E por um momento, pensei em desistir, mas era claro que eu ouvi aquele filho da puta falando merda de Alexia, e eu não consegui aguentar. Parti para cima dele.

*"Ela não deve saber foder como você, amor. Só queria ganhar o dinheiro daqueles imbecis dos meus amigos. Mas ganhei você, o que é muito melhor",* ele disse para a nova namoradinha.

*"Ela era uma idiota, estranha, nem sabia beijar direito. Surtou quando eu tentei tocar naquela boceta sem graça dela, como se eu tivesse cometendo um pecado."*

*"Ninguém em sã consciência se envolveria com ela porque quer. É bonitinha, gostosa, mas sem sal. E ainda é virgem, o que piora tudo. Quem é virgem ainda? Pelo amor de Deus. Puta, idiota."*

Soquei seu olho e seu nariz, apenas. Ele não entendeu nada do que estava acontecendo. Para muitos, eu era só o melhor amigo do capitão do time de futebol americano, a sombra de Jason Jenkins. Eu não me metia em polêmicas e não tinha uma vida sexual ativa tanto quanto a dele — quando ele era solteiro, claro. Não era tão inteligente quanto ele e, obviamente, não conversava com todos abertamente.

Então, quando eu desferi o primeiro soco naquela carinha de playboy do imbecil, ele ficou muito mais surpreso do que deveria.

Não dei margens para imaginação. Dei apenas dois socos e falei, alto e claro, para que o babaca entendesse: — Se você chegar perto da Alexia, falar mais alguma merda dela ou... ou pensar nela de novo, eu vou terminar o que comecei — disse, com fúria nos olhos, empurrando-o contra a parede. — E se você falar sobre isso com alguém, pode ter certeza que vai ser pior para o seu lado. Você se lembra quem é o irmão dela, não é? Jason faria muito pior do que eu, não esqueça disso. E caso pense em fazer mais alguma coisa... o pai deles é o melhor advogado da cidade.

— Você é completamente... — eu não o deixei terminar de falar, batendo com sua cabeça na parede.

— Cala a merda da sua boca, porra! Se eu ver você chegando a dois metros de Alexia, eu volto e termino o que comecei. Sabe o que tenho a perder, filho da puta? Nada! Eu acabaria com você por diversão. É esse o meu recado. Chegue perto dela, fale merda dela de novo, e eu volto. — Dei dois tapinhas leve no rosto do garoto e saí.

Eu faria tudo de novo por ela.

Haviam poucas coisas que eu não faria por Alexia, e isso tirou um sorriso do meu rosto.

O sorriso não durou muito, no entanto.

Foi só eu abrir a porta de casa e ver meu pai em sua habitual poltrona que toda energia se esvaiu de mim.

Tentando fazer o menor barulho possível, tirei os meus sapatos e casaco. Não queria despertar meu pai e nem Cassie, que estava dormindo. Quando eu ia para o trabalho, pedia para ela trancar a porta do quarto quando fosse dormir. Não confiava em Aiden perto da filha.

— Já recebeu? — foi a primeira coisa que ele disse quando tentei passar pela sala de estar.

— Você sabe que é a primeira segunda-feira do mês — respondi, entredentes, o mais baixo que consigo para não atrapalhar minha irmã.

— Olha como você fala comigo, fedelho — ele aumentou o tom de voz e apontou um dos seus dedos para mim. — Continue se achando

espertinho para você para onde sua protegida vai quando sair da escola. Te garanto que não é a casa da vizinha.

— Não ouse tocar em Cassandra — eu disse, começando a me irritar com a situação. A mesma coisa que acontecia quase todos os dias.

— Não ouse me desrespeitar, seu ingrato de merda! — Aiden se exaltou, jogando a garrafa de vidro na parede, despedaçando-a.

— Caralho! Cassandra está dormindo, porra! Para de fazer esse show — eu falei e me arrependi na mesma hora que as palavras saíram da minha boca.

— Quem você pensa que é, porra? — ele gritou, levantando-se e invadindo o meu espaço pessoal. — Você está na minha casa, comendo da minha boca, seu merda! Se não fosse por mim, você já estaria na rua! E a sua amada irmãzinha em um orfanato, ficando sem comida e sendo arrebitada pelos garotos mais velhos. Você tem que me agradecer por tudo que tem, imbecil. Eu não deveria estar fazendo tudo isso por alguém que colocou minha mulher atrás das grades.

Ele cuspiu as palavras no meu rosto, eu não respondi.

Acenei com a cabeça e me retirei para meu quarto.

Todos os dias eu me arrependia de ter ligado para a polícia naquela noite.

Eu só tinha 8 anos, porra, eu não sabia o que estava fazendo. De repente, eu acordei sozinho no carro com minha irmã, em um lugar que nunca fui antes e sem a minha mãe. O que eu deveria fazer?

*Você deveria ter esperado a mamãe chegar, Charlie.*

Foi uma das poucas coisas que Crystal Brown disse para mim depois que foi algemada.

Eu nunca fui visitá-la. Tinha vergonha. Não queria ver a expressão de decepção em sua cara ao me ver de novo.

E o que mais me doía era que a culpa era toda minha.

Não acreditava em nenhuma superstição, só na dos 7 anos de azar ao se quebrar um espelho. E eu não tive só esses anos condenados, mas a vida inteira. Na minha cabeça, se eu não tivesse estilhaçado o pequeno espelho de mamãe naquela manhã, nada disso teria acontecido. Eu fui o responsável pela situação.

Nunca iria me perdoar por tudo que estava fazendo minha irmã passar.

Com a culpa corroendo o meu coração mais do que outros dias, eu deitei minha cabeça no travesseiro para tentar dormir. Pensei em dias melhores. Bem longe, dando a vida que Cassie merecia. Assistindo-a sorrir verdadeiramente e tudo se ajeitando ao nosso redor. Pensei em contar para os meus amigos tudo que aconteceu nos últimos anos e dizer que eu

consegui superar tudo, e minha realidade estava sendo fantástica. Mas, principalmente, pensei *nela*, e em como queria ser alguém melhor para merecer o coração de ouro da minha Lexie.



Quando acordei na manhã seguinte, o meu pai já não estava mais em casa.

Ainda bem.

Fui até o quarto da minha irmã, destrancando a porta, e comecei a acordá-la. Ela era um pouco rabugenta pela manhã, fazendo charme até, finalmente, se levantar da cama. Sem proferir uma única palavra, Cassie foi até o banheiro se preparar para o colégio enquanto eu preparava seu café da manhã.

Ao contrário das outras crianças, minha irmã não gostava dos cereais coloridos. Ela preferia o cereal de *Oreo*, que era preto e branco. Depositei um pouco do conteúdo da caixa em uma vasilha oval pequena e coloquei um pouco de leite, deixando-o na mesinha da sala de estar.

Em poucos minutos, ela apareceu, com os cabelos um pouco rebeldes, mas já arrumada e com a mochila em mãos. Ela jogou-a no sofá e se sentou, pegando seu cereal e começando a comer. Eu já tinha pegado a escova de cabelo do banheiro, porque era nossa rotina toda manhã. Com cuidado, comecei a pentear o cabelo castanho e longo dela.

Minha irmã era uma pessoa de poucas palavras pela manhã e nessa altura do campeonato, eu já tinha me acostumado. Então, quando ela abria a boca para dizer algo, eu ficava surpreso.

— Eu ouvi você e o papai ontem — ela disse, baixinho, ainda com uma voz sonolenta. — Eu vou para um orfanato?

— O que? Claro que não, Cassie — respondi de imediato, querendo matar o imbecil por ter gritado na noite anterior e acordado minha irmã. — Eu nunca deixaria ninguém te tirar perto de mim.

— Eu quero ficar com você, Charlie. Promete que nunca vamos nos separar? — ela perguntou, virando o rosto para me encarar com seus orbes castanhos, da mesma cor que os meus.

— Prometo, pirralha. Eu e você vamos ficar para sempre juntos — disse, dando um beijo em seus cabelos recém-penteados.

Eu odiava Aiden Brown e tudo que ele fazia minha irmã passar, não via a hora de ir embora daquele lugar.

Eu levei minha irmã até sua escola e me despedi com um beijo em sua bochecha, que quase a fez explodir de tão vermelha que ficou. Cassie não gostava muito de demonstrações de afeto em público, mas como era o irmão mais velho, tinha esse direito.

A garota me deu um tchau bem seco e saiu correndo para a entrada de seu colégio, encontrando com James. Eles iniciam uma conversa e depois os perdi de vista, estava feliz de saber que ela tinha encontrado um melhor amigo.

Minha irmã era difícil para fazer amizades. Antes desse garoto, ela mal falava com alguém da sua turma. Nunca foi chamada para nenhum aniversário, e quando alguém da escola passava pela a gente na rua, Cassie virava o rosto para o lado contrário. Só quando a outra criança estava bem longe que ela me contava quem era.

Agora que ela tinha uma pessoa, eu ficava mais tranquilo. E feliz. Ela parecia extremamente animada para ir à escola nos últimos tempos, e agora eu entendia o motivo.

Ver minha irmã feliz me fazia feliz.

Depois de deixá-la, foi a vez de eu ir para minha aula.

O dia no colégio foi... normal.

Tive aulas de geometria espacial, história geral e laboratório de química antes do horário do almoço. No intervalo, fui almoçar com meus

amigos, sentando-me propositalmente ao lado de Alexia. Ela me cumprimentou com um sorriso e, claro, meu coração quase pulou para fora. Não prestei atenção em nenhum dos tópicos de conversa deles, pois estava muito ocupado aproveitando-me do fato de que Lexie estava sentada perto de mim.

Após o almoço, tive mais algumas aulas, sendo o último período, educação física. Como o campo onde aconteciam os treinos de futebol americano estava coberto de neve, nem a gente, as líderes de torcida podiam treinar, o que nos fazia participar das aulas, o que eu odiava.

A aula de hoje estava rolando na quadra de basquete, dentro da escola, com meninos e meninas. Todo meu grupo de amigos, surpreendentemente, estava junto. Nós nunca tivemos nenhum período com todos reunidos, então, claro, estávamos aproveitando para colocar o papo em dia.

Lily falava por todos nós. Ela estava contando um pouco mais sobre o casamento da mãe, e dizendo que todos nós estávamos mais que convidados. Alexia e Allie piraram, já começando a falar de vestidos. Nora estava animada pela animação da namorada, e Eleanor... parecia não ligar tanto para isso, mas estava com um sorriso no rosto ao ouvir as meninas falando.

Eu e Jason, por outro lado, estávamos discutindo sobre nossas técnicas de jogo para quando os treinos voltassem. Meu amigo disse que precisava dar alguns puxões de orelha em alguns integrantes, que estavam perdendo a linha nessas festas das últimas semanas. E, como sempre, uma das primeiras coisas que o treinador faria, quando voltássemos a treinar, seria um teste de drogas. Ninguém poderia ser pego, e Jay tinha que dar um jeito por causa do seu título de capitão.

Meu melhor amigo estava falando alguma coisa, mas eu me perdi, porque vi Alexia saindo da quadra com sua garrafinha de água em mãos. Não sabia o que tinha dado em mim, mas avisei a Jason e ao professor que precisava ir ao banheiro.

Entretanto, antes de realmente sair pelas portas do ginásio, vi o olhar que Eleanor lançou para mim. Ela sabia que eu não precisava ir ao banheiro. Ellie piscou para mim! Deus, ela precisava se afastar um pouco do meu amigo. Já estava até pegando as manias!

Do lado de fora, dei de cara com Alexia no bebedouro.

— Ei, Lexie — cumprimentei, me aproximando.

— Ei! Oi, Charlie! — ela disse, mostrando aquele lindo sorriso para mim. — Veio tomar água também?

— Hm... claro, isso — respondi, meio sem jeito, tentando lembrar o motivo de estar ali. Ah, óbvio: vê-la. — Como você está?

— Eu tô ótima! — Diferentemente da última vez, na casa deles, acreditei nela. Ela parecia bem melhor do estava antes. — Eu... nem gostava dele de verdade, eu acho. Mas a situação inteira foi ruim. Descobrir não só que ele estava me traindo, mas que eu estava sendo feito de palhaça, porque todos sabiam menos eu.

— Você merece alguém muito melhor do que ele, Lexie — disse, tentando sorrir para a menina mais bonita do mundo.

— Eu sei disso — ela respondeu, mas não pareceu muito convicta. — Agora eu não tenho mais um namorado, parece que todos ao nosso redor tem alguém. Engraçado, né?

— Eu não tenho ninguém — falei rápido demais, parecendo um pouco desesperado. Merda. — Lily também não — complementei, tentando amenizar a situação.

— Você também se sente um pouco sozinho? — ela me perguntou, sentando-se em um dos bancos dispostos ali. Sentei-me ao seu lado. — Ellie está passando muito mais tempo com Jay, sabe? Eu não a culpo! Depois do que aconteceu com eles, eles merecem ser felizes, mas... às vezes, sinto falta dela. De Allie também. E Lily... ela está estranha esses dias.

— Jay também anda um pouco afastado de mim, acho que entendo como você está se sentindo.

— Você lembra de quando nós três éramos um trio? — Alexia questiona, parecendo que todas as lembranças daquela época estavam voltando à sua mente. Da minha, elas nunca saíram. — Sinto falta disso. Só a gente, sem namorados, por mais que ame a Eleanor.

— Sinto falta dessa época também.

— Sabe, depois que eu... tentei te beijar, nunca mais fomos como antes — ela comentou, me olhando de soslaio. É, eu meio que a afastei depois daquilo. Foi quando tudo começou a desmoronar na minha vida e eu não queria magoar Lexia. Tê-la longe e feliz era melhor do que perto e triste comigo. Eu não confiava em mim para ser alguém bom para ela anos atrás, e hoje em dia também não. *Ainda* não. — Eu senti sua falta nesses anos, Charlie.

— Também senti a sua falta, Lexie. Todos os dias — confessei, ela pareceu surpresa pela minha revelação.

A garota bebeu um pouco de sua água e um silêncio recaiu sobre nós. Não era algo ruim, nunca era com Alexia Jenkins. Ficar perto dela era sempre uma situação confortável, fosse falando, ou em silêncio, como agora — E como Cassie está? Faz tempos que não a vejo... — ela perguntou, mudando o assunto e quebrando o momento de silêncio.

— Está bem. Ela tem um melhor amigo agora. Acho que ela encontrou o Jason dela — eu falei, e a loira sorriu, parecendo genuinamente

feliz pela minha irmã.

— Sério? Isso é incrível! Todos merecem um Jason ou uma Ellie — ela disse, citando sua melhor amiga. — E as coisas em casa, tudo bem?

— Indo.

— Sabe, se você, um dia, quiser falar sobre isso, eu estou aqui, tudo bem? — Lexie falou, levando sua mão até a minha, que estava descansando no banco entre a gente, e apertou. — Eu sei que você não gosta de falar sobre o assunto, mas... eu tô aqui para o que você precisar.

— Obrigado, Lexie — respondi, apertando a mão dela de volta.

Ninguém sabia, de fato, o que acontecia dentro de casa. Naquela altura, meus amigos já sabiam que eu tinha algum problema com meu pai, que eu não gostava de Cassie perto dele e que minha mãe não morava conosco. Eles nunca perguntaram nada mais a fundo, e nunca contei. Eles sabiam me dar o espaço que eu precisava, e era muito grato por isso.

— Hm... Charlie? — ela me chamou, parecendo que uma ideia surgiu em sua cabecinha.

— Sim?

— Eu... eu fiz uma lista — ela começou a falar, um pouco insegura. Eu acenei, incentivando-a a continuar. — De hm... coisas que quero fazer antes de me formar no colégio. E eu queria pedir sua ajuda para realizar algumas coisas.

— Uma lista? — indaguei, um pouco confuso.

— Sim! Eu tenho uma foto no celular, pera aí — ela disse, pegando o celular que estava dentro da blusa, preso no sutiã. Não. *Não*. Minha mente *não* podia ir para os peitos médios, mas fartos, de Alexia. — Eu... sei lá. Nunca fiz nada, como posso dizer... fora da minha zona de conforto nesses anos de colégio, e eu queria mudar isso.

— Você tem certeza disso, Lexie? Não é bem do seu feitio.

— Exatamente por isso que quero fazer, Charlie! — ela respondeu, e se a garota ficasse irritada, acho que seria como ela estava agora. — Eu... desculpe, ok? Não costumo me irritar, mas... só quero fazer algo diferente. E com Ellie e Allie namorando, Lily estranha... eu pensei que você poderia me ajudar. Mas tudo bem se não qui...

— Eu topo — falei antes que ela pudesse concluir sua frase. — Eu topo, Lexie.

— Mas você nem viu a lista ainda!

— Se é algo que você quer, eu faço — disse, dando de ombros. Um sorriso travesso surgiu nos lábios rosados e ela me entregou o celular, com a foto de sua lista.

# Lista da Alexia

(para ser alguém mais radical,  
impulsiva e divertida).

1. Fazer um piercing
2. Fazer uma tatuagem
3. Acampar
4. Nadar pelada
5. Beijar um desconhecido
6. Fazer uma aula de tiro
7. Uma viagem sem os pais
8. Pular de paraquedas
9. Pegar detenção pelo menos uma vez
10. Transar

Caralho.

*Caralho.*

Acho que li a lista três vezes antes de voltar a encarar os olhos azuis piscina de Alexia.

Algumas coisas eu poderia ajudar e seriam possíveis, mas outras...

*Paraquedas? Aula de tiro? Beijar um desconhecido? Transar?*

Ela percebeu que estava meio surpreso, e falou: — Você não precisa me ajudar a fazer tudo! Relaxa... só algumas coisas. Outras eu posso me virar.

— Tem certeza de que você quer fazer tudo isso, Lexie? — perguntei, só para ter certeza.

— É meu último ano na escola, Charlie, e eu queria aproveitar. Você topa me ajudar? — Alexia questionou, fazendo um bico e me olhando com aqueles orbes com a cor mais linda no fundo das minhas.

Eu não iria gostar de vê-la beijando algum desconhecido. Pior, *transando* com algum desconhecido. Por outro lado, se eu aceitasse, poderia enrolá-la a realizar esses dois pontos. Poderia até fazê-la esquecer, quem sabe.

E se eu dissesse sim, passaria mais tempo com Alexia, algo que eu sentia muita falta. Não tínhamos momentos a sós desde quando éramos mais jovens, e agora, finalmente, existia uma oportunidade.

Pelo que entendi, ela nem chegou a falar da lista para nossos amigos, com medo de incomodá-los. Eu era a primeira pessoa que ela perguntou.

Como eu iria deixar a Alexia Jenkins na mão? Não, eu não iria.

Se tratando de Lexie, eu faria de tudo para colocar um sorriso naquele lindo rostinho.

— Eu topo, Lexie.



*alexia*

No momento que entrei na aula do meu primeiro período do dia, soube que era uma má ideia o que faria.

Ontem à noite, eu enviei uma mensagem para Charlie, avisando que já sabia qual a primeira coisa da lista eu riscaria, e pareceu que ele também não apoiou muito minha ideia.

***Alexia:** já sei qual item vamos riscar primeiro (: A resposta veio imediatamente.*

***Charles:** o que, Lexie?*

Eu adorava como ele me chamava. Quando éramos mais novos, e nos conhecemos, eu pedi para que ele me chamasse de Alex, já que todos me chamavam assim. Mas ele disse que já conhecia uma pessoa com esse

apelido em sua antiga escola, e eu merecia algo mais especial. Foi assim que surgiu “Lexie” e, desde aquele dia, só Charles me chamava assim.

Depois do incidente do beijo, ele tinha parado. Na verdade, ele mal se dirigia a mim, para ser sincera, e eu sentia falta de sua amizade. Esperava que, com essa lista idiota que eu criei, nos pudessemos nos aproximar de novo. Até então, eu já tinha superado que ele nunca iria me ver como eu o via. Amigos estava bom, então.

*Alexia: vou pegar detenção. Acho que é o mais fácil!*

*Charles: fácil, só chegar atrasada.*

*Alexia: ah, Charlie, claro que não! Tem que ser emocionante...*

*Charles: e no que você está pensando?*

*Alexia: não sei ainda... te aviso amanhã de manhã :) Charles:*

*Lexie...*

*Alexia: boa noite, até amanhã!*

*Charles: boa noite, Lexie.*

Eu realmente falei sério com Charlie na noite anterior.

Chegar atrasado não era algo... maneiro. Não era a mesma coisa que brigar com alguém ou colar em uma prova, por exemplo. Não que eu fosse fazer isso. Colar em alguma prova não seria tão ruim, mas ainda faltava um pouco para os testes começarem, e eu queria iniciar logo o processo de realizar os itens da minha lista.

Eu ainda não sabia o que faria, mas pensaria em alguma coisa durante o dia.

Felizmente, a minha primeira aula era com Charles, uma das únicas que tínhamos juntas. História geral. Normalmente, nós não nos sentávamos perto um do outro, mas eu achava que, pelos últimos dias, já podíamos voltar ao hábito do ensino fundamental.

Por isso, quando encontrei o cabelo castanho dele em uma das últimas carteiras, foi para lá que eu fui.

— Oi, Charlie! — cumprimentei-o, colocando minhas coisas na mesa à sua frente.

— Ei, Lexie — ele disse, com sorriso mínimo no rosto, mas que já era suficiente para mim. Convivendo com ele desde pequena, sabia que sorrir não era algo que ele fazia sempre, então qualquer mínima demonstração já me deixava alegre. — Já descobriu o que vai fazer para conseguir pegar detenção?

— Ainda não, mas acho que vou conseguir pensar em alguma coisa até o fim do dia — respondi, um pouco xoxa.

Por que eu não poderia simplesmente puxar os cabelos daquela Willa e começar uma briga? Seria mais fácil... podia rolar umas unhas, uns tapas e...

— Não — a voz potente de Charlie chamou a minha atenção. — Não sei o que você está pensando, mas a resposta é não. — Como ele me conhecia tão bem mesmo depois de anos? — Nós nos conhecemos há 10 anos, Lexie, eu já conheço suas facetas. E essa, bem aí, sei que não é uma boa ideia.

— Aff, tudo bem! — disse, levantando as mãos em sinal de rendição, arrancando um riso rápido dele. — Eu não ia mesmo bater nela, só para você saber.

— Alexia Jenkins, você estava pensando em se meter em uma briga? — ele perguntou, só para ter certeza, elevando uma das sobrancelhas.

— Ia ser emocionante, você não pode negar.

— Eu não deixaria ninguém encostar em um fio de cabelo seu, Lexie.

*O que? Ele realmente tinha dito isso?*

Não tive chance de dizer mais alguma coisa, porque ouvi a porta da sala sendo fechada e a voz do professor em seguida: — Senhorita Jenkins, sente-se, por favor. Já vamos iniciar a aula — o professor de história disse, organizando seu material.

Uma ideia surgiu na minha cabeça.

E se...

— Não — respondi em alto e bom som, atraindo a atenção de todos os estudantes para mim.

— Alexia... — Charlie falou, em tom de aviso, mas o ignorei.

— Senhorita Jenkins? — o professor indagou, não acreditando no que eu acabei de falar.

— Não quero me sentar.

— Senhorita Jenkins, por favor. Pare de brincadeiras e sente-se — ele pediu, indicando a carteira ao meu lado.

— Já avisei que não vou, professor.

— Senhorita Jenkins, por favor, não me faça ter que mandá-la para sala da diretoria.

— Faça o que o senhor quiser — respondi, dando de ombros.

Nossa. Eu não estava gostando nada daquilo. Odiava todos que desrespeitam o professor, e eu estava me tornando uma daquelas pessoas. Mesmo que, tecnicamente, não fosse verdade, ele não sabia disso. E ao ver todos na sala, eu estava desrespeitando a autoridade. Meu estômago estava embrulhado desde o começo desse teatrinho.

— Alexia Jenkins, é meu último aviso — ele informou, consertando os óculos.

Eu não tive a chance de responder, porque senti uma movimentação atrás de mim. Dei uma espiada de canto de olho e vi Charlie em pé.

Ah, não.

Ele não iria fazer aquilo. Iria?

— Senhor Brown, o que é isso?

— O que? — Charlie perguntou, se fazendo de desentendido.

— Deixe-me adivinhar, o senhor também não vai se sentar?

— Exatamente.

— Não estou mais aguentando essas gracinhas de vocês — o professor disse, parecendo realmente cansado do que estava acontecendo.

Ele pegou dois *post its* amarelos que tinha acabado de tirar de sua bolsa e rabiscou alguma coisa neles, rapidamente. Seus olhos se voltaram para nós, e eu já sabia o que ele iria dizer.

— Alexia Jenkins e Charles Brown, estou encaminhando os dois para a sala do diretor. Conseguiram o que queriam, crianças.

Eu assenti, pegando as minhas coisas e saindo da sala. Não precisei olhar para trás para saber que Charlie estava vindo junto comigo, eu senti a sua presença.

Já do lado de fora, eu finalmente olhei para o meu amigo enquanto andávamos juntos para a diretoria.

— Você não precisava ter feito isso — eu disse, quebrando o silêncio do corredor.

— Eu disse que te ajudaria na lista — ele simplesmente falou, como se não fosse ser detido por minha causa.

— Charlie... eu podia ter lidado com aquilo sozinha.

— Não iria deixar você se ferrar sozinha, Lexie — ele disse, parecendo acabar o assunto por ali e saiu caminhando.

Como estávamos no começo do horário escolar, só havia a gente esperando para entrar na sala do diretor. Não demorou muito e logo ele nos pediu para entrar.

Nos sentamos nas duas cadeiras disponíveis à sua frente e eu me preparei para ouvir o sermão quando entregamos os papezinhos escritos pelo professor de História Geral.

Assim como já era esperado, o Sr. Gomes disse que não esperava esse desrespeito ao professor vindo de nós, alunos que nunca causaram nenhum tipo de problema. Charles tinha um histórico de atrasos, mas nada preocupante, como o diretor mesmo disse. Já eu... era a primeira vez ali. Ele falou que estava muito desapontado conosco, e aquilo me doeu o coração.

Eu também estava desapontada comigo. Não sabia o que tinha dado em mim para ter dado aquele show em sala de aula, se eu podia muito bem, como Charlie disse, ter chegado atrasada e pegado uma detenção. Não, eu queria provar que podia fazer algo que não faria.

Eu precisava pedir desculpas ao professor quando o encontrasse nos corredores, ou na próxima aula, qualquer coisa. Meu coração já estava apertado de culpa e eu queria vomitar. Isso não era do meu feitio. Eu não sabia fazer aquele tipo de coisa errada e agir como se estivesse tudo bem.

Aquela não era a Alexia Jenkins que eu estava tentando me tornar. Era a Alexia Jenkins de antes, com uma pitada de rebeldia, e não combinava nada com ela.

*Como eu conseguiria riscar tudo da lista se, na primeira vez que tentava, estava quase colocando todo meu café da manhã para fora?*

— Por isso, senhorita Jenkins e senhor Brown, os dois terão que comparecer à sala de detenção hoje, após o fim das aulas — Sr. Gomes nos informou, entregando-nos outro papel.

### **TAREFA RISCADA – DETENÇÃO**

— Hoje tem treino das líderes de torcida — lembrei-o, de repente, e agora que quero mesmo me bater por ter feito algo tão estúdio.

— De futebol americano também — Charlie emendou, parecendo se lembrar do fato também.

— Deveriam ter pensado nisso antes de terem feito o que fizeram. Informem aos seus treinadores o motivo da falta de hoje. Estão dispensados — o diretor disse, voltando sua atenção para o computador e apontando para a porta.

Muito bem, Alexia, você não só tinha conseguido pegar sua primeira detenção, como perderá, pela primeira vez, o treino das líderes de torcida, o time, do qual você é a capitã.

*Excelente.*



No horário do almoço, eu não comentei nada com ninguém, e Charlie também não. Foi um intervalo passivo, como todos os outros. Eleanor e Jason continuavam se implicando, mesmo estando apaixonados e Lily estava reclamando, mais uma vez, sobre seu novo meio-irmão. Nora e Allie estavam cochichando entre si, e eu ouvi algumas palavras desconexas, como Wattpad — a plataforma onde era possível publicar suas próprias histórias de graça —, princesas e visualizações. Não sabia que ambas liam livros lá, mas iria falar sobre isso com elas depois. Charlie, como sempre, era o mais calado entre nós. Às vezes, ele respondia uma coisa ou outra, mas a maior parte do tempo, permanecia na dele. Agora que estávamos nos reaproximando, trocamos alguns olhares cúmplices. Ellie, claro, não deixou isso passar despercebido, e eu sabia que ela iria comentar algo comigo depois.

Tudo começou a desmoronar quando eu tive que comunicar o motivo da minha ausência no primeiro treino do grupo de torcida.

A treinadora das líderes de torcida, a senhorita Nelly Fox, não ficou nada feliz em saber que eu perderia um dos nossos primeiros treinos, ainda mais quando soube que foi porque eu teria detenção no mesmo horário. Ela me deu um pequeno sermão, dizendo que, como eu era a capitã do time, deveria ser um exemplo para as meninas. E, aparentemente, pegar detenção no início das aulas não era a maneira correta de fazer isso.

Como eu tive que ir até lá antes de ir para meu *compromisso* após o horário da aula, as minhas colegas de time — Lily e Allie incluídas — estavam presentes, então elas ouviram tudo o que eu falei. Eu não dei margens para conversinhas, porque expliquei que estava atrasada, mas foi só eu sair para que minhas amigas enchessem nosso chat em grupo com várias mensagens, querendo saber a besteira que eu aproveitei. E foi assim que meu irmão descobriu também. Jay, como esperado, me enviou várias mensagens, no chat privado, querendo saber o que aconteceu, mas eu ignorei todas. Lidaria com isso depois.

Mas assim que cheguei na sala indicada para a detenção e me sentei ao lado de Charlie, ele jogou a notícia: *Jason estaria me esperando quando eu saísse, e não estava nada feliz*. Ele disse que não teve escapatória a não ser contar alguns detalhes, já que também teve que avisar ao técnico que não iria participar do treino hoje. E como Jay era o capitão, ele também

precisava ser avisado. Charlie disse que não falou nada demais, mas que deveria me preocupar com a hora da saída.

*Que ótimo!*

Não querendo causar mais nenhum problema, fiz exatamente o que o professor responsável pela gente pediu: uma redação de, no máximo, três páginas sobre os direitos humanos nos Estados Unidos. Escrever não era minha praia — eu preferia ler —, mas me esforcei no texto.

Quando fomos liberados, encontrei Charlie me esperando na porta, já que eu demorei um pouco mais para arrumar minhas coisas.

— Ele está muito chateado? — perguntei enquanto caminhávamos juntos para a saída.

— Um pouco. Ainda mais que você não respondeu as mensagens dele — Charlie disse, e eu respirei fundo. Já sabia o papo que viria no caminho até em casa. — Eu não falei muito, mas acho que ele ficou um pouco desconfiado de termos pego detenção juntos.

— Você não pode falar para ele da lista, Charles! — falei, um pouco mais alto, nervosa. Não queria que meu irmão soubesse do que estava acontecendo. Jay me conhecia como ninguém e se soubesse da existência dos itens a serem riscados, ele saberia que algo estava errado comigo.

— Eu não vou, Lexie, confie em mim! — E eu confiava minha alma a Charlie, mesmo que tenhamos ficado anos afastados. Ele fazia eu me sentir

segura, mesmo eu não sabendo exatamente o porquê.

— Obrigada, Charlie! — disse, um pouco mais tranquila.

Quando chegamos ao portão, vi o *Range Rover* do meu irmão parado, com ele encostado na lataria do lado de fora. É, ele realmente me esperou.

— Até amanhã, galera — Charlie se despediu e foi pelo seu caminho habitual.

Eu não disse nada para o meu irmão gêmeo, apenas entrei no carro e ele seguiu para o lado do motorista.

— O que você fez, Alex? — Jason finalmente abriu a boca depois de alguns minutos.

— Não foi nada, Jay — tentei desconversar, encarando a paisagem do lado de fora pela janela.

— Eu te conheço, Alexia, e sei que aconteceu alguma coisa.

*Gêmeos tem uma ligação pelo resto da vida, né? É o que dizem!*

— Eu... hm... meio que respondi ao professor, só isso — falei de uma vez, um pouco baixo demais, mas ele ouviu.

— Por que, Alex? — perguntou, um pouco mais delicado.

— Eu só não queria me sentar naquele momento. — Dei de ombros, mas sabia que ele não acreditava em mim. Eu nunca faria esse tipo de coisa, e meu irmão sabia muito bem disso.

Ele bufou, parecendo um pouco irritado.

— Você sabe que pode contar comigo para qualquer coisa, não sabe?

— Eu sei, Jay! — disse, um pouco triste de ter que mentir para ele.

— Você pode não querer me contar, mas nossos pais já sabem — ele revelou quando já estávamos chegando em casa. *Droga, eu estava ferrada!*

— Sabem?

— A escola ligou avisando, porque também acharam estranho seu comportamento — Jason explicou, o que fazia sentido. — Vai ter que se esforçar na mentira, porque eles conhecem a filha e sabem que você não faria algo assim.

Foi a última coisa que ele me disse antes de estacionar o carro e sair na minha frente. Era o primeiro dia que eu fazia algo da lista e já estava metida em toda aquela confusão? Pelo amor de Deus! Um pouco frustrada, saí do carro e entrei em casa, indo direto para meu quarto. Evitaria os meus pais o máximo possível. Se conseguisse, iria vê-los apenas no horário do jantar.

Tinker Bell, com a folgada que era, estava deitada na sua caminha. Eu, como uma boa mãe, fui até ela e fiz um carinho. Ela gostava.

Paul bateu na minha porta poucos minutos depois, mas eu avisei que estava ocupada, fazendo algumas atividades para essa semana, e ele não insistiu. Não era uma completa mentira, porque realmente estava

terminando alguns deveres de casa, mas eu poderia dar uma pausa e conversar com ele.

Mas ainda não queria ouvir o sermão.

Por isso, passei o restante do final da tarde trancada no quarto. Terminando algumas atividades, ouvi um pouco de Taylor Swift e brinquei com Tinker Bell.

Quando Jason bateu na porta, um pouco mais tarde, avisando que íamos jantar, soube que não tem mais escapatória. Respirei 3 vezes antes de, finalmente, sair do quarto.

Minha família já estava sentada na mesa da sala de jantar, parecendo esperar por mim, quando eu cheguei.

— Boa noite, gente! — desejei, forçando um sorriso.

— Boa noite, princesa — papai Marcus me cumprimentou e nós começamos a nos servir.

Em um geral, eu sempre achei que eu e Jason tínhamos puxado mais a Marcus, mas em momentos como esse, de preocupação, percebia que meu irmão era bem mais como o papai Paul. Focado, realista e sem tempo de brincadeira, o que era bem raro para o meu irmão.

— Filha! — Paul falou, depois de terminar de por sua comida. — A escola ligou hoje.

— Não vamos brigar com você, querida — Marcus me assegurou, tentando me manter tranquila, mas só pelo tom do meu outro pai, soube que não era verdade.

— Marcus! — Paul diz o nome dele como um aviso, e ele se encolheu um pouco, permitindo que o marido falasse. — Alexia, o que aconteceu hoje?

— Eu levei detenção — respondi, cortando um pouco do bife no meu prato.

— Alexia, por que você levou uma detenção, minha filha? Você nunca fez nada disso antes e falta pouco para o colégio terminar — Marcus tentou outra abordagem, sendo mais carinhoso comigo. — Só queremos entender o que está acontecendo, princesa.

— O diretor nos disse o motivo da detenção — Paul pontuou, ou seja, eles já sabiam, mas queriam ouvir de mim.

— Não vai se repetir — prometi, porque era a verdade. Nunca mais queria passar por uma situação de desrespeito com algum professor, ainda mais um que eu gostava. Ele não merecia aquilo e eu não gostei da sensação de consequência.

— Nós queremos saber porque aconteceu pela primeira vez, Alexia. Você não é assim, filha. Nunca fez isso antes, e nós te educamos melhor que isso. O que aconteceu? — Paul repetiu, um pouco mais manso.

— Eu... eu não sei, pai. Só aconteceu — disse, bem triste com minha própria ação. — E eu nunca, nunca mais, vou fazer de novo.

— Ei, Alex — Jason me chamou, era a primeira vez que ele falava na mesa de jantar. — Você sabe que pode contar com a gente para qualquer coisa, certo?

— Eu sei, Jay! — Respondi com um sorriso para meu gêmeo.

— Se for por causa do Kyle ou...

— Não tem nada a ver com ele. Não estamos mais juntos, não quero mais nada com ele... e sinceramente? Acho que nunca gostei dele de verdade — revelei, mas nenhum deles pareceu surpreso. — Ah, gente! Para! Vocês sabiam que eu não sentia nada por ele?

— Princesa, ele era um babaca — Marcus disse, e os outros dois concordaram.

*Sério?*

— Eu achei que vocês tivessem gostado dele, gente.

— Eu sempre fui contra! — Jay exclamou, levantando um dos braços.

— Nós gostamos dele porque achávamos que ele te fazia feliz, filha — Paul explicou, tomando um pouco do suco de laranja.

— E como vocês sabiam que eu não o amava? — perguntei, genuinamente curiosa.

— Você não tinha o brilho no olhar, Alex — papai Marcus respondeu, e eu sabia exatamente do que ele estava falando, então apenas acenei com a cabeça, e o assunto na mesa mudou para algo sobre universidades e afins.

O brilho no olhar que Marcus e Paul tinham quando olhavam um para o outro quando papai Marcus chegava em casa com flores para o marido, mesmo sem ter data especial. Ou quando Jason fez a declaração na frente do colégio inteiro para Eleanor, e mesmo com várias pessoas, eles só tinham olhos um para o outro. E quando Nora e Allie olhavam uma à outra quando não estavam percebendo. Aquele brilho. Eu queria muito, muito que alguém me olhasse do jeito apaixonado que meus casais preferidos se olhavam.

— Alex, querida — meu pai Paul chamou, atraindo a minha atenção. Eu estava tão perdida pensando no amor que não reparei que estavam falando comigo!

— Ah, desculpa, pai. Não prestei atenção! O que foi?

— Já escolheu as universidades que vai se inscrever, certo? — dessa vez, foi Marcus que perguntou.

— Ah, sim! A universidade de Nova Iorque, a de Schönilla, Northwestern... e acho que vou pensar em outras — respondi, e eles assentiram.

— Eu ainda acho que vocês deveriam ir para a mesma — Marcus disse, alternando o olhar entre os filhos.

— Já passei quase 18 anos com essa peste, o que eu mais quero é distância — Jay brincou, levando um beliscão na coxa. — EI! MACHUCOU!

— Deixa de ser um fracote, Jason — falei, revirando os olhos para o drama do meu irmão.

— Crianças... — Paul falou em tom de aviso, e nós todos rimos.

Eu adorava nossos jantares com a família toda! Às vezes, Paul ficava um pouco mais de tempo no escritório — ainda mais agora que estava trabalhando no caso da Nora —, então não conseguíamos ter esse momento de reunião. E quando tínhamos, era sempre muito divertido. Eu não podia ter uma família melhor que a minha.

Como de costume, quando terminamos de comer, eu e Jason lavamos as louças. A sós, nós conversamos bastante. Desde o casamento da mãe de Lily — e como tivemos que nos fingir de sonsos quando ela contou — até o boato de que a professora de inglês do fundamental estava grávida do vice-diretor, mesmo sendo casada com o professor de espanhol. Pois é, meu irmão gêmeo era um fofoqueiro nato!

Tudo em ordem na cozinha, dei boa noite a toda família e fui para o meu quarto.

Um novo dia se iniciaria amanhã.

Já de manhã, conseguimos tomar café da manhã todos juntos, porque Naomi iria abrir a floricultura hoje. Outro feito que não era muito comum na família Jenkins, já que Marcus saía bem cedo para o trabalho. O dia começou da melhor forma possível!

Peguei carona com Jason para a escola, que, claro, foi buscar Eleanor em casa, e essa era nossa rotina de quase todos os dias.

Era um dia que eu não tinha nenhuma aula com Charlie, logo, só nos víamos no almoço, junto de todos. O que não nos impediu de trocarmos algumas rápidas mensagens.

*Alexia: bom dia, Charlie! Já estou pensando no próximo item a ser riscado :) Charles: algum que seu irmão não venha tirar satisfação comigo, por favor.*

Não pude evitar e ri do comentário. Ele não era de fazer gracinhas assim, mas eu gostava daquele lado dele.

*Alexia: pode deixar que vou te tirar do radar dele!*

*Alexia: tenha um ótimo dia, Charlie!*

*Charles: você também, Lexie.*

Já disse o quanto eu adorava quando ele me chamava assim? Porque eu adorava demais! Infelizmente, no almoço, não consegui ver todos os

meus amigos, porque tivemos uma reunião do grupo de torcida, já que eu não compareci no treino do dia anterior.

E como só teríamos outro treino no dia seguinte, assim que terminou a aula, decidi que, finalmente, iria na loja da mãe de Nora para comer aquela porção de pão de queijo que estava com vontade há semanas!

— Olá, senhora Hart! — cumprimentei a mãe da minha amiga já da porta, assim que o sininho tocou.

— Alexia, querida! Quanto tempo! Venha para eu te dar um abraço, meu bem — ela pediu e eu segui até onde ela estava, perto do balcão.

Adriana Hart era uma brasileira que se casou com Peter Hart logo depois que veio fazer faculdade nos Estados Unidos, em Schönilla, uma das melhores universidades perto de casa. Elas tiveram duas lindas filhas, Nia e Nora, a última delas era uma das minhas melhores amigas. Ambas puxaram o ruivo da família paterna, enquanto a tia Adriana tinha a pele branca, porém bronzeada, e os cabelos castanhos e bem encaracolados.

Meus pais já me contaram que eles a conheceram ainda jovens, quando ela vendia brigadeiros em uma feirinha de rua que acontecia em Millsh, visto que o namorado tinha família aqui. Quando os moradores da nossa pequena cidade descobriram a delícia que eram os doces dela, sua barraquinha passou a ser a mais lotada do espaço.

E não era para menos! Tudo que a tia Adriana vendia era extremamente saboroso. Desde os pães de queijo — meu salgado preferido! — até os pudins de leite, que eu não era tão fã assim. Em questão de doce, sempre preferia um bom chocolate, então, o brigadeiro ocupava o primeiro lugar no meu coração.

— Já falei que você pode me chamar de tia Adriana, Alex — ela murmurou no meu ouvido antes de nos afastarmos, após o abraço de urso que ela sempre nos dava.

— Desculpe, tia Adriana! É força do hábito — expliquei, sentando-me em uma das banquetas do balcão, e ela voltou para atrás dele.

— O que vai querer, meu bem?

— Uma porção de pães de queijo, por favor! E um suco de laranja — emendei, e ela acenou.

A senhora Hart explicou que uma nova remessa dos pães de queijo já ia sair do forno, e pediu para eu esperar ali. Enquanto isso, ela já me entregou o suco em um copo de vidro da loja. Tia Adriana me perguntou sobre a escola, meus pais e como foram minhas férias de fim de ano. Conversamos um pouco sobre esses assuntos, mas não durou muito, porque logo os meus pãezinhos preferidos ficaram prontos e uma chuva de gente apareceu no balcão, querendo um pouco também. Me despedi dela e saí, procurando uma mesa para sentar.

Não soube o que aconteceu — na verdade sabia, era muito distraída — e acabei esbarrando em uma pessoa, deixando todos meus pães de queijo caírem no chão. Droga!

— Ai, meu Deus, me desculpe! Me desculpe mesmo, eu vou pagar... — a garota não terminou de falar quando nossos olhos se encontraram. — Alex! Que susto!

— Oi, Nora — disse, rindo um pouco da situação. — Tudo bem, vou pedir outros para sua mãe.

— Não seja por isso! Eu mesmo peço — ela falou, já pegando a cestinha da minha mão, e recolhendo os que caíram no chão do local. — Vai se sentar que eu já vou.

Acenei com a cabeça, me levantando para arrumar a mesa quando vi alguns papéis no chão. Provavelmente eram da Nora, que ela deixou cair quando nos trombamos. Recolhi-os e os levei até uma das mesas, perto das grandes janelas de vidro.

Coloquei os papéis em cima da superfície e... eu não queria olhar. Não, eu queria, mas não era ou fofqueira igual ao meu irmão. Se minha amiga quisesse me mostrar, ela me mostraria. Mas já estava ali... tão perto. Uma olhadinha não faria mal, né? Fosse o que fosse, parecia interessante.

Eu não os toquei, apenas movi meus orbes até as linhas escritas. Não entendo muito bem o que estava vendo. Tinha um título na página, algo

como *"E Se o Príncipe da Bela Adormecida Fosse uma Princesa?"*. Uau. Interessante.

Mas assim que tentei dar uma olhada melhor, fui surpreendida por uma cestinha de pães de queijo aterrissando bem em cima dos papéis.

— Aqui estão, amiga — Nora disse, sentando-se na minha frente.

— Obrigada, Nora — agradei, já pegando um para comer.

Crocante por fora e macio por dentro? O melhor dos dois mundos!

— Hm... amiga — chamei, atraindo a atenção da ruiva, que já estava guardando os papéis. — O que é isso aí?

— I-isso? Ah, n-nada — ela respondeu, gaguejando um pouco, parecendo nervosa.

— Eu dei uma olhada e parece o planejamento de um... livro? — indaguei, mas ela não esboçou nenhuma reação. — Você escreve, amiga? Porque, senão, deveria. Eu só li o título e algumas ideias, mas achei muito interessante. Você tem potencial.

— V-você acha mesmo? — Nora perguntou, parecendo um pouco mais tranquila e segura em me confidenciar isso.

— Com certeza, amiga — disse, sorrindo para ela. — Sabe, meu sonho é trabalhar com livros. Em alguma editora, ou algo assim. Depois, claro, quero me dedicar à carreira de docente em universidades e algo

assim. Mas... se eu fosse editora de livros, eu certamente me interessaria pelo seu.

— Alexia...

— É sério, Nora! Eu não mentiria para você, amiga — garanti, mas ela não pareceu acreditar em mim. — Se eu tivesse achando ruim, poderia não ter dito nada e você nunca saberia que eu li algumas coisas.

Ela ficou em silêncio durante alguns instantes, olhando dos papéis que ia guardar, para mim. Eu a entendia. Se ela escondia isso de todos — o que imaginava que era porque nunca ninguém falou sobre o assunto —, também ficaria insegura de contar meu segredo.

— Eu tenho uma página no *Wattpad* — ela começou a falar, baixinho, mas seu tom de voz foi aumentando pra que eu conseguisse escutá-la melhor. — Só Lily e Allie sabem sobre. E lá eu escrevo alguns... recontos, de clássicos contos de fadas. Já fiz um da Cinderela, que fez muito sucesso, tipo, mais de 2 milhões de visualizações e ganhei o prêmio *The Wattys*, há uns dois anos, por causa dessa história. E agora estou trabalhando no da Bela Adormecida.

— Eu posso ler seus livros? — perguntei, cautelosamente. Se ela não se sentisse à vontade, não insistiria, claro. Respeitaria a decisão da minha amiga.

— Se você quiser..., mas você não pode contar para ninguém! — ela exclamou, e eu levantei os dois braços, dizendo, em um gesto, que nunca faria isso. Ainda gesticulei que estava fechando minha boca com um zíper e Nora riu da minha atuação. — Não me sinto à vontade de revelar isso para o mundo, não por enquanto, pelo menos.

— Você quer fazer isso para a vida? Bem, quero dizer, ser escritora?

— É o que eu mais quero, Alex — ela confessou, e vi o tal brilhaço dos seus olhos por estar falando de algo que ama.

— Só pelo jeito que você fala dessa arte, amiga, sei que você é excelente no que faz — disse, fazendo um breve carinho na sua mão que estava apoiada na mesa. — E, por favor, se eu conseguir mesmo meu emprego dos sonhos em alguma editora, você precisa mandar seu manuscrito! Imagina só, ser amiga de uma das melhores escritoras do mundo?

— Alex! Você é sonhadora demais! — ela me acusou, mas percebo que, por um momento, sua mente viajou para o cenário do futuro também.

Desde pequena, eu sempre fui sonhadora. Sonhava em ter um príncipe encantado, em conhecer o espaço sideral e em ter um jardim com todas as flores existentes no mundo. E, ao contrário de algumas outras crianças, realmente acreditava que tudo aquilo se realizaria em algum momento. Minha imaginação tinha asas, como meus pais diziam.

Atualmente, meus sonhos haviam mudado, claro, mas eu ainda acreditava fielmente que eles se realizariam, como ter uma família, trabalhar em uma editora de livros e visitar Paris. Se eu não acreditasse em mim, quem faria isso?

— É sério, amiga! Você vai ver só — falei, piscando um dos olhos. Cruzes, parecia meu irmão!

— Você... hm... quer saber um pouco mais dessa nova ideia? — Nora sugeriu, parecendo ainda um pouco nervosa.

— Claro que sim, amiga! Conta tudo — pedi, comendo o último pão de queijo da cestinha.

Dessa forma, eu e Nora passamos muito tempo na loja de sua mãe, discutindo seu novo livro. Eu dei algumas ideias do que ela poderia desenvolver, como ela pediu, ela me mostrou sua pasta no *Pinterest* do *aesthetic* da história e claro, comemos muito.



*charles*

Não era um segredo que eu estava triste a maior parte do meu tempo... não necessariamente triste, mas frustrado. Talvez essa realmente fosse a palavra certa. Como eu ficaria minimamente feliz sabendo tudo que estava acontecendo debaixo dos panos dentro de casa? Não tinha como. E eu acredito que mesmo meus amigos não sabendo o que rolava na minha casa, eles percebiam meus poucos sorrisos e meu constante mau-humor — e eu tentava ao máximo não fazer isso me levar a ser mal educado com eles.

No entanto, em alguns momentos, eu sabia que, se fosse apenas mais um garoto normal da minha idade, eu estaria sorrindo naquela situação. E um desses era quando eu e Jason buscamos Cassie no colégio, depois do treino de futebol americano, e a levamos até a lanchonete preferida dela.

Por acaso, era a mesma que eu trabalhava, e eu precisava pedir para ninguém me reconhecer quando eu frequentava o local com eles. Não por vergonha, mas porque sabia que geraria perguntas do meu melhor amigo, e eu não poderia dar as respostas.

Jay ainda não sabia — e esperava que continuaríamos assim — que eu estava ajudando a irmã dele na lista secreta. Na verdade, eu achava que ele nem sabia da existência desse tal papel com itens a serem feitos. Alexia tinha comentado para eu não falar para ninguém e, alguns dias atrás, quando ele me contou como foi o pequeno sermão que a gêmea levou dos pais, em nenhum momento eu fui citado. Se ela não havia falado, eu também não falaria. Meu amigo não era burro. Se avaliasse bem a situação que eu estava metido, poderia chegar à conclusão que eu não queria: *que eu era apaixonado por Lexie*. Não sabia qual seria a reação dele, mas depois de tantos anos de amizade, já sabia quão protetor ele era com a irmã. E eu não arriscaria perder o meu melhor amigo pela mulher que eu amava. *Ainda* não tinha essa coragem para arriscar, pelo menos.

Olhando agora mesmo para Cassie no banco de trás do carro de Jason, soube que serei muito protetor com ela também. Eu já era, se levássemos em conta meus ciúmes quando descobri de James. Agora, depois de algumas semanas, eu estava mais tranquilo. Minha irmã também falava um pouco sobre seus dias na escola, e ouvir o que acontecia entre os dois

melhores amigos me acalmou um pouco. Pelo que parecia, para crianças de 8 anos, eles tinham apenas uma linda amizade. Ele ter defendido Cassie — mesmo que ela não precise disso, como ela mesma já falou diversas vezes — quando ela quis jogar hockey também ajudou na minha opinião final.

Charles Brown tinha Jason Jenkins.

Cassandra Brown tinha James — sem sobrenome.

De carro, o percurso até o estabelecimento era rápido. Em poucos minutos já estávamos estacionando e saindo do carro, com Cassie correndo na frente de nós dois. Nós tentávamos, pelo menos, fazer isso uma vez por mês. Eu juntava alguns trocados do salário e gostava de agradar um pouco minha irmã mais nova, já que nosso pai nunca fazia isso. Eu não podia gastar muito, porque o dinheiro guardado principal era reservado para emergências futuras, quando eu nos levasse embora daquela casa, mas, às vezes, era bom deixar minha irmã feliz com coisas diferentes.

— O que vai querer hoje, pequenininha? — Jason perguntou à minha irmã assim que nos sentamos na mesa preferida dela, e ela revirou os olhos. Ela não gostava mais do apelido.

— O lanche infantil, *duh*. Com milkshake de morango! — Cassie respondeu, folheando o cardápio que já viu milhões de vezes.

— Pode deixar!

Quando uma das garçonetes do turno da manhã apareceu para anotar nossos pedidos, Jay pediu o lanche da minha irmã, e para nós a promoção de hambúrguer completo, batata frita e refrigerante. Podíamos vir todos mês, mas sempre pedíamos os mesmos pratos.

— E como está minha integrante da família Brown preferida? — Jay puxou assunto, enquanto nossa comida não vinha.

— Eu tô ótimo! — respondi, e recebi um olhar feio da minha irmã.

— Ele estava falando comigo, Charlie! — Cassie disse, dirigindo seus olhos para o meu amigo. — Tô bem. Eu tenho um novo melhor amigo, sabia? Tipo... você e o Charlie!

— Ah, é? E qual o nome dele? — Jason perguntou, me olhando de soslaio. Eu apenas acenei com a cabeça, e deixei a minha irmã contar.

— James! Nós passamos todos os recreios juntos e... — ela fez uma pausa dramática, alternando o olhar entre nós dois — Eu não me atraso mais para a aula de propósito.

— A Bea te fazia fazer isso então, Cassie? — perguntei, porque era estranho ela ter parado com isso logo depois que se afastou da antiga amiguinha.

— Hm... mais ou menos.

— Por que você e a Bea não se falam mais? — Jay perguntou, cautelosamente.

— Ela agora anda com outras meninas que... não gostam de mim.

— E por que elas não gostam de você, mana?

— Elas diziam coisas... coisas maldosas sobre mim — Cassie respondeu, bem baixinho, mas atraiu a minha atenção e a de Jason.

— Tipo o que? — questionei, já sentindo meu sangue ferver.

— Elas diziam que não andavam comigo porque eu era muito chata e... e porque eu não tenho mãe — minha irmã disse, não parecendo se importar muito com o fato.

Eu acreditava que, por ela não ter convivido muito com Crystal, ela nunca, realmente, sentiu falta da mulher. Desde pequena, eu tentava suprir o fato de que a mamãe está presa e que papai não liga para nós, sendo o melhor irmão mais velho que podia ser. Agora que ela estava crescendo, vi que talvez ela precisasse de uma figura parental, mas era tarde demais para isso.

— Mas eu não ligo para isso! — ela se apressou em dizer, me olhando com aqueles olhinhos lindos e sorrindo fraco. — Eu falei que tinha o melhor irmão do mundo e mandei elas catarem coquinho!

— Cassandra! — adverti, mas não consegui segurar a risada durante muito tempo, sendo seguido pelo meu amigo.

— Fez certo, pequenininha — Jason disse, estendendo seu punho fechado para ela tocar com o dela.

Nossos lanches chegaram em seguida e cessamos um pouco a conversa para comermos. Quando a minha irmã se animava no assunto — o que não acontecia tanto assim —, ela se distraía e desistia de comer para falar. Então, quando percebi isso em uma das vezes que viemos aqui, avisei ao meu amigo para darmos um tempo enquanto comíamos, para esse tipo de coisa não acontecer mais.

Comendo em quase absoluto silêncio, terminamos até que rápidos. Pedi um sorvete de baunilha com calda de chocolate e confeitos coloridos para minha irmã, e eu e Jason pedimos um cookie de chocolate para cada um.

— Acho que Alexia vai aprontar alguma — Jason soltou, de repente. Cassie estava concentrada demais colorindo a revistinha oferecida pelo restaurante, que não prestou atenção na nossa conversa.

— Ela falou alguma coisa?

— Não, mas... eu conheço minha irmã, Charlie — ele disse, comendo um pedaço do seu doce. — Eu pedi para a Ellie tentar descobrir algo, mas claro, recebi uma patada.

Eleanor Collins, a namorada do meu melhor amigo, era o próprio inferno astral dele, como Lily diria. Uma das únicas pessoas que conseguia deixar o meu amigo de cabelos em pé e eles viviam em pé de guerra, mesmo se amando incondicionalmente. A relação deles era de se admirar,

aquela que você sonharia em ter um dia. Eu pensava que se eles conseguiram superar o que aconteceu entre eles — mesmo não podendo comparar com a minha situação —, talvez, só talvez, eu conseguiria ter um final feliz também.

— Não esperava outra resposta dela — respondi, e meu amigo me empurrou com um dos ombros.

— Você é meu melhor amigo, Charles! Tem que ficar do meu lado!

— Ciúmes? — provoquei, arqueando uma das sobrancelhas. — Não te trocaria por ninguém, Jenkins.

— Acho bom, Brown, porque eu também não te trocaria por ninguém — ele disse, piscando um dos olhos para mim com um sorriso galanteador.

— Pare de sorrir assim para mim, hein. A próxima pessoa a ter ciúmes vai ser Eleanor e eu não quero saber como isso vai acabar para mim — brinquei, e nós dois rimos.

Um pouco depois, nós acabamos definitivamente de comer, e recolhemos nossas coisas para ir embora. Cassie se despediu de todos os funcionários — que nessa altura já eram quase melhores amigos dela de tanto que íamos ali — e logo estávamos entrando no carro de Jason para ele nos deixar em casa. Como ainda era cedo, provavelmente não encontraríamos Aiden em casa.

Durante o caminho, minha irmã e meu melhor amigo cantaram a plenos pulmões algumas músicas que tocavam no rádio. Naquele momento, eu imaginei... imaginei que seria muito melhor para Cassie se ela tivesse nascido em outra família, com os Jenkins, por exemplo. Ela teria dois irmãos mais velhos maravilhosos e pais que a amariam até o fim dos tempos. Não que Marcus e Paul não gostassem dela, mas era um amor diferente. Eu preferia ter ela com uma família e um lar decentes, mesmo que longe de mim. Eu não gostava de ter esse tipo de pensamento, mas minha irmã merecia isso. Merecia mais do que eu tinha a oferecer no momento.

Fui tirado do meu momento de introspecção pelo som de notificação do meu celular, avisando que novas mensagens tinham chegado. Desbloqueei o aparelho e senti borboletas no estômago. Tanto pelas mensagens, tanto pela pessoa que as enviou.

*Alexia: oi, Charlie! Já pensei no próximo item da lista a ser riscado.*

Bem que Jason tinha comentado que sua irmã estava aprontando alguma.

*Charlie: Sim?*

Esprei os três pontinhos, indicando que ela estava digitando, e eles apareceram, sendo substituídos por sua mensagem em seguida.

*Alexia: conhece algum lugar que faça piercing e tatuagem em Millsh?*



Eu estava fodido.

Nossa vizinha, que normalmente cuidava de Cassie quando eu tinha algum compromisso, não poderia ficar com ela no sábado de manhã, quando eu havia combinado com Alexia de irmos riscar mais dois itens da sua lista. E ela só me avisou no momento que minha irmã estava se arrumando para passar uma manhã na casa ao lado.

Merda.

Não era como se eu não quisesse levar Cassie comigo, mas eu sabia que ela não gostaria do itinerário do dia. Poderíamos levar umas boas horas, dependendo do tipo de tatuagem que Lexie escolheria para fazer. Hoje não era um bom dia para estar acompanhado da minha irmã mais nova.

E agora que ela não falava mais com sua amiga Bea, também não poderiam ficar juntas. Tinha James, claro, mas eu preferiria ouvir as

reclamações da minha irmã durante horas do que deixá-la na casa do novo amiguinho, que eu mal conhecia.

Caralho. Não era possível que não havia nada que eu pudesse fazer!

Até que uma pessoa surgiu na minha mente. Alguém que eu conhecia há pouco tempo, mas me identificava por termos um passado fodido, que descobri recentemente, quando ela contou para todos do nosso grupo a verdade. Eu confiava nessa pessoa. Ela foi a primeira a sacar meus sentimentos por Alexia. Em anos que eu sentia tudo aquilo por ela, ninguém nunca foi capaz de desconfiar de nada. Eu sabia que se eu pedisse um pequeno favor, ela não negaria, se não estivesse ocupada, óbvio. E o melhor? Ela não fazia perguntas, já que era tão fechada quanto eu.

Não pensei muito, apenas digitei uma mensagem rápida para ela:  
*Charles: ei! Desculpe incomodar, mas... você tem compromisso pra hoje? Preciso de uma mãozinha com uma coisa.*

A resposta veio alguns minutos depois, enquanto eu e Cassie estávamos calçando nossos sapatos para sairmos. Ela disse que não tinha nada planejado, e eu perguntei se podia passar na casa dela em alguns minutos. Ela achou estranho, e com razão, mas concordou.

— Cassie, hoje você vai conhecer uma nova amiga minha — informei a minha irmã quando entramos no ônibus.

— Por que? Aonde vamos? — ela pergunta, curiosa.

— Eu tenho hm... um compromisso, e você vai achar chato. Melhor ficar na casa dessa minha amiga, não acha?

— Pode ser — ela respondeu, dando de ombros e voltou sua atenção para a janela.

Isso queria dizer que ela não achou uma ideia ruim. Se ela não concordasse, estaria reclamando e pensando em outras alternativas, como já fez antes quando não queria ficar com nossa vizinha. Desde eu trancá-la no quarto de Jason até pedir um emprego para a mãe de Nora como degustadora de comidas — já que ela amava o brigadeiro de lá. Fiquei mais aliviado por ela não ter detestado.

Pelo menos consegui evitar essas duas opções de solução para a situação de hoje, para a infelicidade de Cassie.

A pequena passou os poucos minutos que ficamos dentro do ônibus lendo sua revistinha em quadrinhos dos Vingadores, que, claro, ela pegou de mim. Desde que aprendeu a ler, ela estava sempre com alguma coisa em mãos, imersa na leitura. Alexia iria amar quando soubesse disso, já que ela mesma era uma grande fã de livros.

Uma parte de mim ansiava por um futuro em que minhas duas meninas favoritas poderiam passar mais tempo juntas. Elas se viam de vez em quando, mas não era a mesma coisa. Queria que elas realmente

passassem um dia juntas, se conhecendo melhor e essas coisas. Tinha certeza de que elas amariam a companhia.

Por causa do pensamento, que me fez criar vários cenários hipotéticos na minha cabeça, quase perdemos o ponto. O ônibus só não passou direto porque tinha pessoas do lado de fora, prontas para entrar e eu consegui observar isso. Puxei minha irmã pela mão, em velocidade máxima, e conseguimos sair no ponto certo. Ufa!

Fizemos o caminho até o prédio em questão, interfonando assim que estávamos parados em frente a ele, e nossa entrada foi liberada. Enquanto subíamos as poucas escadas, Cassie permaneceu em silêncio, focada na sua revistinha que ela se contorcia para ler.

A garotinha só tirou os olhos do Capitão América e do Homem de Ferro quando tocou a campainha e a porta foi aberta.

— Hm... oi? — Eleanor cumprimentou, olhando de mim para Cassie, e de Cassie para mim.

— Oi, Ellie! Você já conhece a minha irmã? — perguntei, indicando com a cabeça a menina ao meu lado. — Essa é a Cassie.

— Oi! — Cassie disse, bem tímida.

— Oi, Cassie. Por que vocês não entram? — Eleanor sugeriu, abrindo caminho para que pudéssemos passar. — Cassie, você pode ficar lendo seus quadrinhos no sofá, o que acha?

— Tá bom — minha irmã deu de ombros e foi se sentar, enquanto eu e Eleanor seguimos para a cozinha.

Como o apartamento da minha amiga era um *studio*, tudo estava interligado, sem paredes. Quarto, sala, cozinha... menos o banheiro, claro. Essa era a primeira vez que ia até ali sozinho, então consegui observar melhor o ambiente. O saco de areia em um canto era o charme do local, precisava admitir. Havia algumas fotos coladas no mural, como dela e de Jason, ou com as meninas, e até algumas poucas em que eu aparecia. Era um lar pequeno, mas aconchegante.

— E como está a situação com sua mãe? — perguntei, me sentando em uma das banquetas da bancada que dividia os ambientes da cozinha e sala de estar.

— Nem sinal de fumaça dela — Eleanor comentou, sentando-se ao meu lado. — Às vezes esbarro nela na rua, mas sempre troco de calçada. Os pais dos Jenkins estão cuidando de tudo.

Eu assenti, tentando entender quão merda devia ser a situação.

Eleanor Collins apareceu em nossas vidas no ano passado. Ela começou se aproximando de Alexia, depois de um incidente com Jason, e quando vimos, ela já era parte da nossa grande família. Desde o início, eu sabia que a morena de olhos desafiadores escondia alguma coisa e eu estava certo. Depois de alguns desentendimentos por falta de comunicação e

medo, ela e Jason assumiram o namoro e estavam juntos desde então. Eu estava muito, muito feliz pelos dois. Eles mereciam um final feliz. Eu não sabia se podia dizer que era *próximo* de Ellie, mas tínhamos um tipo de conexão, por termos saído de duas famílias fodidas. Ela não sabia sobre mim, mas como todos, ela deveria desconfiar de alguma coisa. Apesar de ser tão fechada quanto eu, ela sempre reforçou que poderia contar com ela caso eu precisasse, e esperava que ela soubesse que era uma via de mão dupla.

— Vai me dizer porque trouxe a sua irmã para casa? — questionou bem baixinho, para que Cassie não fosse capaz de ouvir.

— Você poderia olhá-la durante algumas horas?

— O que? — ela indagou, arqueando as sobrancelhas e muito confusa. — Você quer que eu olhe a sua irmã, Charles?

— Se não for um incômodo para você... — deixei a frase no ar.

— Claro que não, eu não tenho planos, mas... — ela ia fazer alguma pergunta, mas acho que entendeu, pela minha expressão, que não queria dar muitos detalhes sobre o assunto. — Vai me dizer para onde vai, pelo menos, e por que ela não poderia ir junto?

— Não é um lugar para crianças — respondi simplesmente, o que não deixava de ser verdade.

— Você está indo para um encontro ou vender drogas, Brown? — Eleanor sussurrou e eu não aguentei, dei uma risada singela.

— Nenhum dos dois, Collins. Relaxe, não trocaria minha irmã por um encontro qualquer ou faria algo perigoso que poderia prejudicá-la. — *Principalmente porque esse algo perigoso fez minha mãe ser presa e nos deixar.*

*Maldito espelho quebrado!*

— Jason não sabe disso, né?

— Ele faria perguntas demais, e eu não poderia dar as respostas — respondo, e a garota concorda. Ela me entende. — Ele também está em algum momento pai e filhos hoje, e sabia que, se eu pedisse, ele desmarcaria ou tentaria encaixar minha irmã nos planos deles.

— Jay com certeza faria isso — a namorada dele diz, com um sorriso estampado no rosto. É nítido o amor que eles nutrem um pelo outro.

— Essa carinha de apaixonada está acabando com sua reputação de lutadora, Collins — provoco e, claro, recebo um soco de leve no ombro. Bem, eu assumo que deveria ser leve, mas ela tem mais músculos do que eu poderia imaginar.

— Vamos testar isso, Charles? Eu e você. Agora — ela convida, mostrando o tapete de exercícios perto do saco de areia.

— Eu tenho amor à vida, Eleanor, mas quem sabe um dia? — brinco, e nós sorrimos.

Eu explico para minha amiga que não devo demorar muito, um pouco depois do almoço só, talvez, mas vou avisando-a por mensagem se algo mudar. Ela garante que não tem problema algum, e Cassie pode ficar o dia inteiro.

— Ei, maninha, tô indo, tudo bem? Mas mais tarde eu volto — informo a minha irmã, me ajoelhando na sua frente no sofá.

— Ela é legal? — Cassie cochicha no meu ouvido, apontando com o dedo para Eleanor, que está nos observando um pouco de longe.

— Demais. Peça para ela te ensinar a lutar.

— Lutar? Tipo... os Vingadores? — minha irmã abre a boca, muito interessada na ideia.

— Exatamente como eles — digo, deixando um beijo no topo de sua cabeça. — Se comporte, Cassie.

— Tchau, Charlie — ela se despede, depositando um beijinho na minha bochecha.

A última coisa que escuto quando fecho a porta é Cassie perguntando a Eleanor se ela poderia ser como a Viúva Negra.

As duas se darão muito bem.

Um pouco atrasado, já envio uma mensagem a Alexia dizendo que chegarei uns minutos depois, e peço para ela me esperar na entrada do estúdio que vamos. Ela garante que tudo bem, que se atrasou um pouco também, já que teve um longo café da manhã com a família para compensar o *dia dos meninos* que acontecerá hoje.

Pego mais um ônibus, indo parar em uma perto da lanchonete que eu trabalho, onde tem o famoso local que Lexia fará sua primeira tatuagem e seu primeiro piercing. Espero que Jason e os pais saibam disso e que também não sabiam que eu que a levei. Eles me matarão, mas não há nada que ela me peça sorrindo, que eu não faça chorando.

Mais alguns minutos e eu já estou caminhando para meu destino final, sendo recebido por uma cabeleira loira, de costas para mim.

Alexia Jenkins.

Observando-a de costas, ela está com uma calça jeans que molda sua bunda um pouco demais para minha sanidade mental. Ela está com botas marrons de salto não tão alto, e um casaco marrom da mesma cor por cima, com os fios claros caindo pelas costas. Linda, mesmo que eu não consiga ver seu rosto.

Devagar, apreciando a vista, eu continuo andando até ela.

— Ei, Lexie — sussurro no seu ouvido, fazendo-a a pular de susto.

— Charles! — ela exclama, e acho que fica ainda mais irritada por eu estar indo da situação. — Você quase me matou do coração, seu mané!

— O drama é de família, né? Você e Jason adoram — comento, fazendo uma brincadeira, o que não é nada típico meu. Mas com ela, todos os meus lados aparecem e vêm à tona.

— Está felizinho hoje, hein — Alexia provoca, me empurrando de leve com os ombros enquanto passamos pela porta de vidro, para dentro do estúdio.

— Normal — respondo, dando de ombros, o que é mentira. Quando estou com Lexie, ou qualquer outro amigo, quero ser mais que alguém fechado e um pouco mal humorado.

— Sei — ela fala, desconfiada, mas para por aí mesmo.

É sábado de manhã e o local está vazio, é a primeira coisa que noto. O ambiente é composto por paredes pretas que imitam giz, e há vários desenhos espalhados. Os estofados são todos vermelhos, e alguns parecem couro. Na recepção há uma menina negra, de cabelos rosas e vários piercings espalhados pelo rosto.

— Oi! Sejam bem-vindos! Vocês têm horário marcado? — ela pergunta quando nos aproximamos do balcão. Como é de vidro há várias joias para piercing ali, e vejo Alexia, de canto de olho, observando-os com atenção.

— Eu falei com a Lisa, ela e uma amiga que... — Não tenho chances de terminar a fala, porque a própria aparece dos fundos da loja e se joga em meus braços.

— BABY CHARLIE! — ela praticamente grita no meu ouvido.

— Oi, Lisa — cumprimento-a quando ela se afasta de mim. — Essa é Alexia, a amiga que eu comentei com você.

— Oi, Alexia! — minha companheira da lanchonete diz, com um sorriso no rosto.

— Oi, Lisa! — Lexie fala, também com um sorriso em sua face.

Quando Alexia me mandou a mensagem dizendo quais os próximos itens a serem riscados da lista, eu tive a ideia de falar com a Lisa. Quando ela não está trabalhando na lanchonete do namorado, faz uns bicos como *body piercer* nesse estúdio, de um dos seus amigos. Como Lexie é menor de idade, seria difícil achar um local que topariam fazer algo nela sem a autorização dos pais, e ela deixou claro que não falaria com os Marcus e Paul, apenas quando estivesse pronto. Depois de feito, não tem como voltar atrás. Palavras dela.

— Vou levá-los para a última cabine, ok? — Lisa avisa a garota da recepção, que apenas assente e volta sua atenção para o celular.

Nós seguimos minha amiga para o local indicado, que fica bem no fim do estúdio. Lá, Alexia é instruída a se sentar em uma maca, que foi

devidamente limpa, de acordo com a nossa *body piercer*. Lisa avisa que vai buscar os equipamentos esterilizados, e que já, já está de volta. Eu deixo as nossas coisas em uma das cadeiras no canto e caminho até ela, ficando na sua frente. É o momento perfeito para Lexie perguntar o que eu não queria: — De onde você a conhece?

Não posso contar a verdade, e odeio mentir. Eu escondo algumas coisas, claro, mas é diferente de mentiras, pelo menos pra mim. Se eu me recuso a falar sobre um determinado assunto, não estou mentindo, e é isso que faço com meus amigos quando eles tentam saber de algo que não me sinto confortável em contar. Mas com Lexie é diferente, não quero ter que mudar o tópico da conversa ou algo assim.

Eu combinei com Lisa que, caso Alexia perguntasse sobre nossa amizade, ela não poderia dizer que eu trabalhava na lanchonete. Ela achou estranho, tentou tirar de mim o motivo, mas eu só falei que meus amigos eram muito preocupados, e não gostariam de saber que eu estava trabalhando até de madrugada. Não sei se ela comprou a ideia, mas prometeu que não falaria nada.

— Em uma lanchonete — respondo, tentando ser o mais brando possível. Ela ergue uma das sobrancelhas para mim, me incentivando continuar. — É o local preferido de Cassie e frequentamos bastante, então... uma coisa levou a outra.

— Ah, entendo — ela responde, desviando os olhos azuis dos meus por um momento, mas logo volta a olhar para mim. — Ela pareceu bem animada em te ver... vocês têm alguma coisa?

— Eu e a Lisa? — pergunto, só para ter certeza, porque é um absurdo a ideia para mim. Não só isso, mas... Alexia está com ciúmes, ou é minha impressão? Ela acena com a cabeça, concordando. — Ciúmes, Lexie? — questiono, com um sorriso sacana nos lábios. Ela realmente desperta todos os meus lados, inclusive, o de flertador. Apoio minhas mãos uma de cada lado do seu quadril, na maca onde ela está sentada, e meu olhar recai para sua boca rosada durante um breve momento, mas retorno a olhá-la em seus orbes.

— C-ciúmes? Claro que não — ela responde, mas não parece certa da resposta. — Apenas curiosidade. Ela parece bem à vontade com você, e vice-versa.

— Eu não sou de ficar à vontade com qualquer pessoa, e acho que você sabe disso, Lexie — digo, com o rosto bem próximo ao dela, e vejo a respiração falhar um pouco. Ela está tão afetada com isso quanto eu, certo? Seu corpo diz que sim. — Você é uma das poucas pessoas que sinto que posso ser eu mesmo.

Não sei o que está acontecendo comigo, mas me aproximo ainda mais dela. Nunca fiz nada parecido antes, sempre deixei meus sentimentos bem

guardados, a sete chaves. No entanto... não sei. Com nossa reaproximação, parece que o que sinto por ela está ainda mais forte e, em momentos como esse, não consigo não pensar em outra coisa que não seja beijá-la. Não só beijar Alexia, mas foder com ela neste estúdio de tatuagem. Chupá-la até vê-la se desmanchando na minha língua para, finalmente, provar seu gosto, que deve ser tão doce quanto o perfume de baunilha que ela usa todo santo dia.

Pelo amor de Deus, o que está acontecendo comigo?

— Charlie... — ela sibila, apoiando suas mãos em meu peitoral, me olhando com os lindos olhos que são a minha perdição. Qualquer coisa que ela quiser, se depender de mim, é dela. Nossos lábios estão a centímetros de distância.

A porta se abrindo com violência nos afasta. Quer dizer, Alexia me empurra quando ouvimos alguém entrando. Fico confuso... ela queria isso, não queria? Se Lisa não tivesse voltado, teria realmente rolado algo?

— Muito bem, Alexia — Lisa diz, sentando em um banquinho com rodas e indo até a minha amiga, enquanto coloca as luvas. — O que você vai querer hoje?

— Um piercing... hm... na orelha, só. Não quero matar meus pais do coração — ela responde, fazendo-nos rir.

— Você sabe que depois do primeiro, vai querer outros, né? — para ilustrar sua fala, Lisa mostra as duas orelhas cheias de jóias, e alguns no rosto também.

— São todos lindos — Alexia responde, observando bem os piercings prateados. — Será que eu posso colocar uma joia dourada?

— Até pode, mas não agora. Você pode vir trocar quando tiver cicatrizado, mas como é sua primeira vez, eu sugiro o aço cirúrgico, que tem menos chances de complicações. Tudo bem? — Vendo-a falando assim, nem parece a garota que não fala coisa com coisa quando trabalhamos juntos. Lisa é uma ótima profissional, não posso negar, e digo isso apenas pelo jeito que ela trata os clientes.

— Tudo bem.

— Vamos começar?

— Claro — Lexie fala, e Lisa move-se com o banquinho de novo, para pegar os materiais. — Posso... hm... segurar sua mão?

— Óbvio que pode, Lexie — falo, pegando uma das cadeiras e ficando ao seu lado, entrelaçando nossos dedos.

A mão dela é macia e tem uma textura aveludada. Suas unhas estão apenas com a pontinha branca e há apenas um anel em sua mão, dourado. Um solitário, como Jason me explicou. Os pais deram para ela em seu aniversário de 16 anos e ela nunca o tira.

Lisa volta e começa a preparar a orelha de Alexia, passando um pouco de antisséptico com algodão e pedindo para ela prender o cabelo. É o único momento que desprendemos nossas mãos, e não dura muito. Logo elas já estão entrelaçadas de novo. A *body piercer* explica como que vai funcionar, passo-a-passo, e Lexie parece mais segura.

Depois de perguntar três vezes se ela mudou de ideia, Lisa, finalmente, começa o procedimento. Com uma agulha bem fininha, ela fura a cartilagem de Alexia. Por um momento, fico um pouco zozzo. A agulha traz lembranças não tão boas... como o que mamãe usava para "deixá-la feliz", como ela me dizia. Quando eu precisei fazer exames de sangue ao longo dos anos, sempre desviava o olhar, mas hoje, simplesmente esqueci desse pequeno detalhe.

*Não vai acontecer nada, Charlie, meu amor. Não machuca a mamãe, só a deixa mais feliz, para ser uma mãe melhor.*

Ouçõ a voz de Crystal na minha mente e tenho vontade de vomitar.

Mas não.

Não vou fazer isso.

Eu sou mais forte que isso. Ela não vai me abalar mais.

Talvez Alexia tenha percebido que eu não estou bem, porque sinto-a apertar a minha mão, mesmo depois do pior já ter passado e o piercing já

estando no lugar. Lisa apenas limpa um pouquinho em volta, e dá algumas instruções para a cliente.

— E você quer fazer uma tatuagem também, pelo que Charlie disse?

— Lisa pergunta, já tirando as luvas e eu tiro minha mãe da minha cabeça, prestando atenção nas duas.

— Exatamente. Você que vai fazer?

— Ah, não, loirinha. A Jade, que está lá na recepção, que vai fazer.

Tudo bem por você? — Lisa questiona, já se levantando para ir embora. — Pode ficar aí mesmo, que vou chamá-la.

— Por mim tudo ótimo! — Alexia responde, sorrindo, como sempre. Eu adoro o sorriso dela e como ele é verdadeiro.

— Foi ótimo conhecer você, Alexia — ela diz para minha amiga e sai da cabine, fechando a porta atrás de si.

— E aí, gostou? — pergunto, me levantando para olhar mais de perto a joia em sua orelha.

— Gostei! E tô doida para trocar pela joia de ouro — Lexia fala, parecendo bem animada. — O que você achou?

— Ainda mais linda — respondo na lata, sem vergonha, ao contrário da menina a minha frente, que fica com as bochechas vermelhas.

— Você vai vir comigo quando eu for trocar?

— Se você quiser, claro.

— Obrigada, Charlie — ela diz, alcançando minha mão e entrelaçando nossos dedos de novo. — Mas... será que você poderia me deixar sozinha com a Jade?

— Já está corajosa assim? — brinco e ela revira um pouco os olhos.

— Não, bobo! Queria você aqui, mas... a tatuagem que quero fazer, bem, o local... é um pouco... íntimo demais — ela explica, bem tímida.

— Tudo bem, Lexie. Vou te esperar lá fora. Tudo bem?

— Tudo bem. Obrigada por estar fazendo tudo isso por mim — ela diz, e eu não consigo não sorrir desta vez.

— Tudo que você precisar, Lexie.

Do lado de fora, sentado em um dos estofados vermelhos, minha imaginação fértil vai diretamente para a parte do corpo que ela quer fazer a tatuagem. Alguma escondida o bastante para que ela tenha que ficar de peças íntimas para fazer, eu imagino. Seria na virilha? Perto dos peitos? Na bunda?

Merda.

Agora eu estou de pau duro em um estúdio de tatuagem e piercing pensando no corpo da irmã do meu melhor amigo.



*alexia*

Durante os 45 minutos em que minha tatuagem é feita, eu só consigo pensar em uma coisa. Coisa não, uma pessoa.

Charles Brown.

O jeito que suas mãos se colocaram perto da minha cintura, mas não o bastante para tocá-la. Como nossos rostos estavam bem próximos, nossos narizes quase se encostando e eu sentia o bafo quente de chiclete de menta vindo da boca dele. Eu fiquei desconcertada com a situação, porque não esperava essa atitude dele, mas não desgostei. Quando Kyle tentava fazer algo muito íntimo em um lugar tecnicamente público, eu não gostava. No entanto, com Charlie era diferente. Naquele momento, eu *queria* que ele me beijasse ali. Queria que ele fizesse mais do que só me beijar.

*Pelo amor de Deus. O que está acontecendo comigo?*

Eu não gostava nem um pouco de pensar em meu namorado me tocar de maneira mais sexual enquanto estávamos juntos, e agora com meu ex-melhor-amigo de infância eu já anseio por um momento desse?

O que diabos está rolando?

Não é como se ele realmente fosse me beijar, né? Ele nunca demonstrou interesse em mim, droga! *Ele* me deu um fora! Tudo bem, nós éramos crianças, mas mesmo assim... ele disse que nunca me veria dessa forma, e até hoje ele nunca tinha me olhado da forma que me olhou.

Eu vi a faísca nos seus orbes castanhos. Eu parecia com... tesão? Não sei, mas ele parecia que estava prestes a me beijar. Não sei o que mudou nas últimas semanas entre nós, mas nossa reaproximação está indo para um outro caminho. E eu não estou odiando.

— Prontinho, Alexia — Jade, a tatuadora, diz e me tira dos devaneios sobre o melhor amigo do meu irmão. *Pelo amor de Deus!* — Vou só colocar um plástico filme para proteger, tudo bem? Você precisa deixá-lo durante os primeiros dias.

— Mais alguma recomendação? — pergunto, enquanto ela coloca um pedacinho de plástico na minha nova tatuagem.

— Você pode usar uma pomada cicatrizante, vai ajudar na cicatrização. A gente vende uma super boa na recepção se quiser. E, claro,

nada de sol ou de coçar, viu? — ela aconselha, e eu assinto com a cabeça.  
— Tudo certo, Alexia. Espero que tenha gostado.

— Eu amei! Ficou extremamente linda — respondo sinceramente, dando uma última olhada na tinta preta na minha pele antes de ajustar minhas roupas.

Ficou exatamente do jeito que eu pedi. Pequena, minimalista e com um grande significado.

## **TAREFA RISCADA - PIERCING TAREFA RISCADA – TATUAGEM**

Eu e Jade voltamos juntas para a frente do *studio*, já que preciso acertar o pagamento com ela. Nos sofás, vejo Charlie mexendo no celular e nenhum sinal de Lisa por perto.

Droga, eu tinha mesmo ficado com ciúmes da relação deles!

Por eu ter ficado alguns anos afastada dele, ainda não conseguia crer que ele tinha outras amigas, algumas até mais especiais que eu. Sim, era puro egoísmo e infantilidade, mas eu me sentia um pouco... possessiva em relação a ele. Ele era meu melhor amigo, poxa!

*Era*, e isso ainda dói um pouco, mas eu estou disposta a reconquistar essa amizade que esfriou nos últimos tempos.

— E aí — Charlie me cumprimenta, se levantando e vindo em minha direção. — Cadê a tatuagem?

— Acho que ainda não somos íntimos o bastante para você ver — brinco, e ele sorri para mim.

— Alexia Jenkins, onde você fez essa tatuagem? Eu deveria me preocupar com seus pais descobrirem que fui eu que a trouxe para fazer uma?

— Eles não vão saber tão cedo — garanto a ele, dando duas palminhas em seu peitoral, onde minhas mãos estavam agarradas em sua blusa há alguns minutos.

*Não, Alexia, pare de pensar nisso!*

— Alexia... — ele diz meu nome em tom de aviso, mas não consigo não sorrir para ele.

— Está em um local escondido, Charlie, relaxe!

— Mas eles vão ver o piercing— ele comenta, apontando para minha orelha furada enquanto esperamos Jade preparar a maquininha do cartão.

— Acho que é o de menos. Eu já tinha dois furos em cada orelha... o que é mais um? — pergunto retoricamente, dando de ombros.

— E Jason?

— Ele não tem que se meter na minha vida — respondo, um pouco ácida demais para mim, porém, é a verdade. Ele é meu irmão e a pessoa que mais amo no mundo, no entanto, às vezes, sua preocupação extrema era chata. Ele não é meu pai, não tem direito de fazer e dizer algumas coisas. —

Você sabe que eu o amo mais do que amo qualquer pessoa no universo, mas ele tem que parar de agir como se fosse meu responsável. Ele não é!

— Ele se preocupa com você, Lexie.

E aí está: o apelido motivo do meu ataque cardíaco diário.

Ouvir Charlie me chamando assim, depois de anos, é fantástico. Ele foi, e é, a única pessoa que usa esse nome para me chamar, então tem um significado muito especial para mim.

— Eu sei.

Ele não insiste mais no assunto, e eu agradeço mentalmente.

Eu amo Jason, muito mais do que consigo expressar, mas ele tem que entender que eu já tenho dois pais, e ele não é um deles. Eu entendo que ele se preocupa comigo, mas ele não tem o direito de se meter em certos aspectos da minha vida e dizer certas coisas.

Quando termino de fazer o pagamento das minhas aventuras do dia, nós saímos do estúdio, voltando para o vento gelado de inverno nas ruas.

— Você tem algo para fazer agora? — pergunto para Charlie quando ainda estamos parados em frente à loja.

— Agora não, só preciso buscar Cassie mais tarde.

— Você quer... hm... almoçar comigo? — convido, meio hesitante e muito ansiosa pela resposta.

— Claro que quero, Lexie.

— Eba! — comemoro, arrancando um riso dele. — O que acha de irmos naquele restaurante coreano aqui perto? Eu peguei o carro de Jay emprestado, então posso levar a gente.

— O restaurante que o noivo da mãe de Lily é dono? — ele pergunta, e eu aceno com a cabeça, concordando. — Nunca fui lá.

— Você vai amar! — respondo, agarrando de leve seu braço, animada com a ideia. — Em minha defesa, nós íamos lá antes desse relacionamento acontecer, viu? Realmente é delicioso!

— Acho que nunca comi comida coreana.

— Nunca? Você vai adorar, tenho certeza! — digo, puxando-o em direção ao carro do meu irmão.

O restaurante não é perto, então levamos alguns bons minutos até chegarmos lá. Não há silêncio no carro, para minha alegria. As músicas da Taylor Swift preenchem o veículo e eu e Charlie também conversamos bastante. Eu tento explicar alguns pratos coreanos para ele — os meus preferidos — e conto um pouco como as comidas são maravilhosas. Só perdem para as da loja brasileira da mãe de Nora.

Em meio a muita música e muito papo — juro, estou adorando esse Charlie mais falante — nós chegamos bem rápido no local. Estaciono o carro em uma das vagas do estacionamento exclusivo do estabelecimento, e nós caminhamos poucos passos até entrarmos.

Ainda é cedo, um pouco depois do meio-dia, então, o restaurante não está tão cheio assim. Conseguimos uma mesa mais ao fundo, para duas pessoas. O lustre ilumina o local, com uma luz alaranjada e fraca, deixando um ar romântico.

*Não. Não, Alexia, não há nada de romântico em um almoço entre amigos.*

— O que você vai pedir? — Charlie me pergunta assim que o garçom nos entrega os cardápios.

— *Tteokbokki*, claro! É o meu prato preferido — respondo, folheando o menu que está na mão dele para mostrar de qual comida estou falando. — É picante, então não é para todo mundo. Meu pai, Marcus, por exemplo, detesta.

— E o que é isso?

— É um bolinho de arroz com carne, ovos e alguns temperos. Por cima vem o molho picante, que é uma delícia.

— Parece interessante — ele diz, continuando a olhar seu cardápio. — Mas acho que vou no *Chikin*.

— É só a entrada, Charlie. Qual vai ser seu prato principal?

— Eu não estou com muita fome, Lexie, vou ficar nesse só — ele fala, dando de ombros, mas percebo um pouco de desconforto na sua postura. Estranho.

Eu chamo o garçom de volta à nossa mesa e nós fazemos os pedidos. Para acompanhar, eu peço um suco de laranja, e ele um refrigerante. A comida vem rápido, já que está relativamente vazio.

— Ok, prova o seu primeiro — incentivo, apontando para seu prato. É apenas frango temperado com alho, soja e acompanhado de pastas de pimenta, mas quero saber o que ele vai achar.

— Tudo bem — ele diz, já pegando um dos franguinhos e colocando na boca. Ele mastiga devagar, como se realmente tivesse aproveitando o gosto. Eu fico na expectativa, querendo saber o que achou. Quando Charlie finalmente engole, eu arqueio as sobrancelhas, esperando sua opinião. — Bom. Eu gostei, mas compramos um balde cheio desse perto do colégio por um preço muito menor.

— Ah, Charles! É diferente, sim, poxa. As pastinhas de pimenta fazem toda a diferença — eu forço, apontando para os três potinhos que vieram juntos. — E é bem menos gorduroso do que os frangos do *fast-food* que compramos, porque é feito de uma forma diferente. Você não achou?

— Ok, tudo bem, realmente parece ser menos gorduroso, mas não achei nada especial — ele responde, tomando um gole da sua bebida. — Mas vou provar com as outras pastas também.

— Perfeito! Quer um pouco do meu? — pergunto, já pegando um dos bolinhos com os palitinhos coreanos.

— Manda ver — Charlie responde, aproximando um pouco mais sua cadeira da mesa.

A mesa quadrada é bem pequena, feita exatamente para duas pessoas. Então, quando ele se aproxima, nós ficamos bem perto um do outro. Ele abre um pouco a boca, esperando que eu o alimente, como se eu tivesse dando comida para um bebê. Sorrio diante da sua ação e levo o bolinho até sua boca.

É para ser algo simples e infantil, mas não é. Estar perto dele faz o meu estômago revirar como se estivesse cheio de borboletas. Charlie abre um pouco mais a boca e eu aproximo ainda mais os palitinhos com a comida. Quando ele finalmente o pega, sua língua encosta levemente em um dos meus dedos. Não sei se ele nota, porque ele já começa a mastigar, provando. Mas eu noto. O mínimo contato dele na minha pele faz as borboletas se multiplicarem.

*Meu deus, o que está acontecendo comigo?*

— Gostou? — Limpo a garganta e pergunto, ansiosa pela resposta dele.

— Um pouco picante demais, mas é delicioso mesmo — ele responde, me olhando bem no fundo dos meus olhos.

E se ele *me* chamasse de deliciosa?

*Ah, pelo amor de Deus, Alexia! Controle esse fogo!*

— Temos que voltar mais vezes e provar os outros pratos — comento, enquanto comemos nossas comidas.

— Ah... com certeza, Lexie — ele fala, um pouco incerto. Ele falou que gostou e... não quer voltar? Ou não quer voltar *comigo*? — Você está pensando demais. O que tá rolando nessa cabecinha, aí?

— Você não quer voltar? Ou não quer voltar comigo? — eu solto, de repente, sem conseguir segurar. Droga!

— O que? Eu adoraria voltar com você, Lexie, é só que... é um pouco caro demais para mim — ele explica, meio sem jeito. — Não posso me dar ao luxo de comer em restaurantes assim sempre, entende? Mas eu adoraria voltar daqui a uns meses e trazer a Cassie, por exemplo. Acho que ela gostaria daqui.

— Ah, por favor, vamos trazer a Cassie! Sinto saudades dela. Como ela está, inclusive?

Com a minha pergunta, nós entramos em uma conversa sobre a irmã mais nova de Charlie, uma das garotinhas mais incríveis que conheço. Como ele continuou sendo o melhor amigo de Jason mesmo depois do nosso afastamento, eu ainda acompanhei um pouco do crescimento dela, de longe. Ela estava se tornando uma pessoa maravilhosa, assim como o irmão.

O papo é muito bom durante o almoço, mas a fala de Charlie não sai da minha cabeça. Eu não sei exatamente o que acontece na casa dele, acho

que nem Jason sabe, para dizer a verdade. O cara na minha frente é muito fechado e não compartilha muito do que rola com sua família, apenas sobre Cassie. Eu só sei que ele mora com o pai e a irmã, e não faço ideia do que aconteceu com a mãe dele. Também sei que sua família tem menos condições que a minha e que eles moram em um bairro de classe média, um pouco afastado do centro de Millsh. Ele nunca falou detalhes sobre sua vida, então, não imaginava que o restaurante escolhido por mim poderia estar fora do orçamento.

Droga, eu só faço besteira!

No fim, quando pedimos a conta, eu me ofereço para pagar, já que fui eu que o convidei. Charlie nega, como esperado. Ele é um cavalheiro, e nunca me deixaria pagar toda a comida. Ele diz para cada um pagar sua parte depois que eu afirmo que ele também não vai pagar todo o almoço. É a melhor opção, é o que fazemos.

Nós saímos do estabelecimento um pouco depois das uma da tarde, e eu ofereço uma carona para ele, para o centro, que é onde ele diz que precisa ir. Eu o deixo em frente a um dos supermercados da cidade e digo que posso esperá-lo, para buscarmos Cassie juntos, mas ele nega, falando para ir pra casa e aproveitar o resto do meu sábado. Eu insisto, afirmando que não tem problema, mas Charlie é ainda mais insistente, e eu acabo indo para casa.

Chegando na minha rua, estaciono o carro de Jason na garagem e saio, entrando dentro de casa. A primeira coisa que faço, claro, é retirar todas as roupas de frio do corpo. Coloco o casaco maior e os sapatos no hall de entrada, e subo rapidinho para meu quarto, para trocar de roupa. Com o aquecedor ligado, tudo fica ainda melhor. Por isso, coloco apenas uma legging preta e um casaco amarelo com florezinhas, voltando para o primeiro andar.

Encontro meus pais e Jason na sala de tv, assisto algo juntos.

— Posso ver com vocês ou ainda estamos no *dia só dos meninos*? — pergunto, do batente da porta.

— Acabou de começar, Alex. Vem! — Jason chama, apontando com a cabeça para o lugar vago na poltrona ao seu lado.

Eles estão assistindo alguns dos milhares de filmes da franquia de Velozes e Furiosos, mas não consigo identificar qual é. Os três são os maiores fãs e já tentaram me fazer ver e entender muitas vezes, porém, eu sempre acabo desistindo na metade. Meu gênero preferido é romance, não dá! Às vezes, um drama. Uma comédia, talvez. Ação, no entanto... não dá!

Meus pais e Jason já estão cientes disso, mas nada os impede de me convidar para ver com eles. Eu normalmente fico na sala de TV e mexo no celular, apenas para estarmos juntos em família. É o que estou fazendo no momento, inclusive.

Me sento ao lado do meu irmão e já pego meu celular para checar minhas redes sociais. Entro em vários aplicativos, no grupo com as meninas e... nada me interessa. Na verdade, eu quero mesmo é falar com Charlie. Não sei exatamente o que, mas... sei lá. Parece que tem uma força dentro de mim gritando para que eu faça isso.

É normal já sentir saudades da pessoa que você acabou de passar horas junto?

— ALEXIA! O QUE É ISSO? — Sou tirada do meu momento de introspecção pelo grito de Jason, que quase me faz ficar surda.

Não faço ideia do que ele está falando, por isto viro meu rosto em sua direção, totalmente confusa. Ele percebe que estou perdida, e vejo o momento que ele levanta o braço e vai em direção a minha orelha, mas eu o impeço.

— Não toca aí! — aviso, desviando minha cabeça. Meu piercing ainda está dolorido, e tenho quase certeza que, se ele tocar, vai piorar.

— Isso é um piercing na sua orelha, Alexia? — papai Paul pergunta, passando o filme. — Quando você fez isso? Marcus, você está sabendo disso?

— Estou vendo agora também, amor — meu pai Marcus diz, observando a minha orelha de onde está sentado. — Desde quando você tem um piercing, Alexia? E por que não contou para a gente?

— Eu fiz hoje — respondo, tentando soar menos culpada possível.

— E você não pensou em nenhum momento em contar para a gente?

— Jay questiona, parecendo mais indignado que meus próprios pais que fiz algo sem contar para ele.

— Você não é meu pai, Jason — falo para meu irmão e me viro para os meus pais de verdade. — Eu... hm... já tenho quase 18 anos. E já tinha feito o segundo furo há alguns anos. Não achei que fosse ser um problema.

— Filha, claro que não é um... — Marcus começa, mas é interrompido pelo marido.

— Marcus, não — ele fala, sério, e meu pai se cala. — Alexia, o que está acontecendo com você? Primeiro, a detenção. Agora esse piercing, sem nem nos contar que estava pensando em fazer! Você ainda não é maior de idade, e mora com a gente. Você nos deve satisfações, filha.

— Eu já me desculpei pela detenção, não me desculpei? Até falei com meu professor, e quase me ajoelhei pedindo o perdão dele. Não foi legal o que eu fiz. — Eu realmente quase implorei para ele na semana passada, depois que cumpri a punição. A culpa estava remoendo no meu coração. — E... e eu não achei que um furo na orelha fosse causar tantos problemas.

— Não é o furo, minha flor, mas, sim, você não ter nos contado. Nós podíamos ter te levado, te ajudado... você sabe que não iríamos dizer não

— Marcus diz, cauteloso, me lançando um sorriso amigável. — Você costumava nos contar as coisas. O que está acontecendo?

Eu só quero fazer as coisas sozinhas, pelo menos uma vez!

Eu amo minha família, mais do que consigo por em palavras, mas não quero estar sempre colada com eles. Em breve, vou para a universidade e não terei mais o colo amigo deles quando precisar. Eu só quero ter um momento meu!

Como sou gêmea de Jason, nós sempre fizemos tudo juntos, desde pequenos. Sempre tivemos o mesmo grupo de amigos, éramos da mesma sala... tudo. Nos afastamos um pouco quando eu comecei a namorar, já que ele não gostava de Kyle, e só. Fora os momentos que eu estava acompanhada, ele estava por perto frequentemente.

Acho que não foi só ele estar ocupado com Eleanor que me fez não pedir ajuda para ele na minha lista. Não só isso, pelo menos. Eu quero fazer algo por mim. Eu sei que, caso eu comente com meu irmão, ele embarcará nessa aventura junto comigo — se não souber que meu ex-namorado teve uma mínima influência nisso, claro — e eu não quero isso. Quero riscar os itens da lista sem ajuda dele.

E meus pais... eu não sei. Não sei porque não contei que iria fazer o piercing e a tatuagem para eles. Acho que queria que fosse uma surpresa.

Ou só queria fazer algo sem ninguém saber. Nada tão pessoal, como o motivo de eu não ter contado para Jason.

— Você está tentando voltar com o Kyle? — Jason me pergunta, de repente, e eu volto minha atenção para ele. *O que? De onde ele tirou isso?*  
— Esse é o tipo de coisa que aquele merdinha faria você fazer. Colocar um piercing, pegar detenção... você merece mais que isso, Alex.

— Eu não estou fazendo nada disso por ninguém, Jason, apenas por mim — respondo, um pouco na defensiva. — Me desculpa não ter contado, tudo bem? Eu só... não sei. Queria fazer algo sem dar satisfação para alguém pelo menos uma vez — digo a quase verdade para meus pais.

— Alexia, filha. Você ainda mora na nossa casa e ainda nem fez 18 anos. Enquanto você continuar sob nossos cuidados, você precisa nos dar satisfações sobre algumas coisas, tudo bem? — Desta vez, Paul é mais carinhoso em proferir as palavras. — Você ainda não é adulta e nem mora sozinha. Nós ainda somos seus pais, e precisamos saber quando você fará algo desse tipo.

— Você sabe que nós não diríamos não, minha flor — Marcus diz, completando a fala do papai. — Seu corpo, suas regras, mas da próxima vez, você precisa nos contar. Não gostamos de brigar com você, porém, também não gostamos quando você ou seu irmão escondem algo de nós.

Eu sou muito, muito sortuda por ter os pais que eu tenho. Às vezes me pergunto se eu mereço uma família tão incrível como a minha. Se eles fossem outros tipos de pais, iriam estar gritando pelos ares e fazendo um grande auê, mas Paul e Marcus não são assim.

Desde pequenos, eles nos ensinam na base do respeito, disciplina e amor. Sem gritaria, sem palmadas, apenas conversas e explicações.

— Não vai acontecer de novo, eu prometo — garanto a eles, que acenam com a cabeça e se levantam para me dar um abraço.

— Você está de castigo essa semana, lindinha — Paul sussurra no meu ouvido antes deles me cercarem. É, eu já esperava por isso. Meus pais são tranquilos, mas nem tanto assim. Algumas ações têm consequências.

Dentro dos braços dos meus pais é o lugar mais seguro que existe.

Olho de soslaio para Jason, que ainda está com a cara emburrada. Eu também não estou tão feliz com ele no momento, mas não quero deixá-lo de fora do momento. Por isto, belisco de leve sua coxa e indico com a cabeça que é para ele se juntar a nós. Ele reluta um pouco, mas logo sinto seus braços ao meu redor também.

Eles são o significado de amor para mim. Nenhuma flor conseguiria definir o que sentimos um pelo outro, e tenho certeza que papai Marcus concordaria com isso. Ele pode ser o especialista em flores por ser dono da

melhor floricultura da cidade, mas ele sabe que esse tipo de amor, nenhuma flor conseguiria representar.



Eu estou de castigo até o próximo fim de semana, mas consegui com que minhas amigas pudessem me visitar no domingo depois do almoço.

Nós já tínhamos combinado uma noite das garotas na casa de Eleanor, mas como eu havia ficado de castigo no dia anterior, resolvemos fazer na minha casa. Eu tive quase que implorar aos meus pais para eles deixarem, já que ainda estão bem chateados comigo, mas como prometi que ficaria o próximo inteiro trancada no quarto, eles liberaram.

Expulsei Jason de casa também.

Eu não confio nele e em Eleanor no mesmo ambiente juntos. Nada os impede de dar uma escapadinha para fazer algo não muito legal de imaginar seu irmão fazendo. Por isso, ele passará o dia fora com Paul, enquanto Marcus ficará comigo e as meninas em casa, de olho em nós.

Como é domingo, todas voltarão para suas respectivas casas ao fim da noite, para nos prepararmos para as aulas do dia seguinte (e também porque

meus pais não as deixaram dormirem, disseram que era abusar demais da boa vontade deles).

Enquanto eu espero as minhas amigas chegarem, estou arrumando um pouco meu quarto. Ele não está uma bagunça, porque eu sou muito organizada com meu cantinho, mas gosto de deixá-lo ainda mais apresentável quando recebo as pessoas aqui.

Tinker Bell, como a rainha que é, está em sua caminha, apenas esperando que eu coloque sua ração de realeza no potinho ao seu lado. Pego um dos pacotes de comida de cachorro na cestinha das coisas da minha cadelinha e deposito um pouco no comedouro dela. Dando jus ao seu nome, ela anda os três passos até a ração como uma fada. Sem alvoroço, sem bagunça!

Sério, como Jason não gosta dela? Ela é um amor!

Quando guardo os utensílios dela, ouço a campainha da porta da frente tocando e acredito que seja as meninas. Como papai está lá embaixo, ele deve abrir e deixá-las subir, por isso, não me preocupo. Termino de arrumar as coisinhas de Tinker Bell e quando vou até a porta, pensando em descer para chamar minhas amigas, a porta é aberta.

— Alexia Jenkins, por que a senhorita perfeita está de castigo? — Lily diz assim que adentra meu quarto, cruzando os braços e esperando minha resposta.

É, eu não disse às minhas amigas o motivo de não poder sair de casa. Queria mostrar pessoalmente e ver a reação delas.

— Amiga, como você está? — Nora pergunta, sentando-se em um dos pufes do meu quarto. Allie a segue e senta-se no tapete, com as costas encostadas no assento onde a namorada está.

— Tô bem, gente, sério! Só queria conversar com vocês pessoalmente — explico, depois de dar um breve abraço em Eleanor, que vai até a cadeira da escrivaninha e se senta ali.

— Por que tanto mistério, Alex? Conta logo! Você está matando a fofoqueira dentro de mim! — Lily dramatiza, se jogando na minha cama para complementar a performance.

Eu não respondo a minha amiga, apenas vou até um local do quarto que todas conseguem me ver, levantando o cabelo e mostrando meu novo piercing na orelha.

— NÃO ACREDITO! — Lily é a primeira a gritar, até colocando as mãos na boca em sinal de choque.

— ALEX! Eu amei! — Allie fala, com um sorriso orgulhoso no rosto.

— Combinou muito com você, amiga — Nora diz, com os olhinhos brilhando de alegria.

— Não acredito que você não nos contou, Alexia! Ficou muito lindo! — Eleanor é a última, se levantando da cadeira para olhar mais de perto. —

Você fez isso ontem?

— Fiz! Ainda está um pouco dolorido, mas deve melhorar durante a semana — explico, e as meninas assentem.

— Você precisa me dizer onde fez, garota! — Lily fala, vindo até mim também para observar melhor. — Eles não pediram autorização dos seus pais, né?

— Não, amiga! E foi por eu não ter contado para eles da minha nova joia que acabei ficando de castigo — conto, e elas finalmente entendem porque estou sendo punida, já que não é nada típico meu.

— Foi aqui em Millsh mesmo? — Allie pergunta. — Eu fiz os meus aqui, mas minha mãe precisou ir comigo e assinar um termo me autorizando. Foi bem chato e desnecessário.

— Ah, não, não foi aqui. Charlie foi... me indicou um local — me corrijo antes de falar que ele estava comigo. Não sei porque não falo que estávamos juntos, mas quero guardar alguns momentos para mim. E sei também que se elas souberem que eu fui sem avisar a elas, e com outra pessoa, vão ficar um pouco chateadas. — Depois posso passar o endereço para vocês!

— Charlie te indicou um lugar, *uh?* — Eleanor diz, parecendo querer confirmar o que acabei de dizer e eu assinto, um pouco confusa. — Interessante.

Não entendo o que ela quer dizer com isso, mas não tenho chance de perguntar, já que Lily é mais rápida em entrar na conversa.

— E você fez só um piercing na orelha? Nenhum em outro lugar mais... embaixo? Você estava sem os seus pais, deveria ter aproveitado — ela diz, um pouco maliciosa e levantando as sobrancelhas, olhando para o meio das minhas pernas.

— Lily! — Nora adverte, arrancando uma risada de nós.

— O que foi, poxa? Tô falando sério! Sempre quis saber como é transar com um cara com piercing no pau, por exemplo. Agora imagina se for eu que tiver um piercing na perereca?

— Pelo amor de Deus, Lily, não se refira a sua vagina como perereca de novo — Allie pede, um pouco enojada. — Isso me lembra a sapos e... *eca!*

— Perereca, perereca, perereca... — Lily cantarola no ouvido da amiga, provocando-a, e nós rimos da dinâmica das duas.

Eu amo essas meninas e como sempre estou rindo com elas!

— Eu fiz mais uma coisa — solto, atraindo a atenção delas de volta para mim, curiosas. — Uma tatuagem.

— Uma tatuagem? — Ellie indaga, muito surpresa. — Aonde?

— Não acredito que você fez uma tatuagem primeiro que eu! — Lily fala, parecendo ultrajada, de brincadeira, é claro. — Você é toda certinha,

achei que nunca fosse ter uma!

Ah, aí está.

Mais uma pessoa alegando quão dentro das regras eu sou. Como sou *certinha demais* para fazer algo. Será que Lily também acha que sou meio... chata as vezes? Que eu tinha que tentar coisas novas, fazer coisas mais divertidas e sair da minha zona de conforto? Bem, se a resposta for sim, ela deve estar gostando dessa Alexia 2.0 que está se aventurando antes do ensino médio terminar.

— Eu posso sair da minha zona de conforto quando eu quiser, Lily — respondo, um pouco séria demais.

— *O que?* Eu não estava falando sério, Alex! — ela se defende, achando estranha minha resposta. — Só que... não sei. Primeiro, você pega detenção, algo que nunca aconteceu desde quando nos conhecemos. Agora, você faz um piercing e uma tatuagem pelas costas dos seus pais e fica de castigo. Isso só não é você, sabe amiga?

— Alex, está acontecendo alguma coisa? — Eleanor pergunta, parecendo realmente preocupada comigo.

— Você pode contar com a gente, amiga — Nora completamente.

— Nós estamos ao seu lado para o que você precisar — Allie finaliza, com um sorriso sincero na face.

Agora me dou conta do real motivo por essa reunião das meninas.

É uma intervenção para falar dos últimos acontecimentos, como acontece em *How I Met Your Mother*, uma de minhas séries preferidas. Elas estão preocupadas com o meu comportamento nas últimas semanas e querem entender o que está acontecendo comigo.

Céus, eu amo meus amigos!

Tudo bem que uma parte de mim está um pouco chateada por eles não acreditarem que eu posso simplesmente... querer me divertir e ser um pouco diferente da pessoa que fui todos esses anos. Me aventurar mais e essas coisas, mas a outra parte de mim — a maior parte — fica de coraçãoquentinho em saber que elas se preocupam comigo nessa intensidade.

— Gente... — começo a falar, com meus olhos cheios d'água. — Eu amo muito vocês, do fundo do meu coração.

— Ah, Alex — Eleanor diz e vem até mim, me envolvendo em um abraço.

Não demora três segundos e todas as meninas estão com os braços ao meu redor, como se eu estivesse em um casulo. Me sinto como um passarinho sendo protegido pelas asas da mãe. Aqui é um lugar tão seguro quanto estar com a minha família.

— Mas, amiga..., tudo bem mesmo? — Allie pergunta quando nos afastamos, ainda preocupada.

— Tá tudo ótimo, gente, juro! Eu só queria tentar coisas novas, sabe? Estamos nos últimos meses do ensino médio e não sei... eu sentia que não estava aproveitando o máximo — explico, e as meninas se entreolham, um pouco desconfiadas. — É sério, gente!

— Alex... — Ellie chama, e eu olho para minha amiga. — Isso não tem nada a ver com o Kyle, tem? Você não está querendo... reconquistá-lo ou algo assim, esta?

— O que? — Pelo amor de Deus, ela e Jason agora dividem o mesmo neurônio? — Claro que não, Ellie! Eu não quero mais nada com aquele babaca, eu juro. Estou fazendo isso por mim.

— Não vamos te julgar se você ainda gostar dele, Alex — Nora me garante, me lançando um meio sorriso.

— Exato, amiga! Quem nunca gostou de um cara filho da puta que jogue a primeira pedra! — Lily diz, piscando um dos olhos para mim.

— A única pessoa que já gostei é incrível — Allie responde, dando de ombros e olhando apaixonada para a namorada.

*Lindas demais.*

Eu amo o amor. E espero ser amada assim um dia.

— Cai fora daqui com seu relacionamento perfeito, Alison — Lily fala para amiga, fazendo uma cara de nojo. — Pessoas apaixonadas demais me dão alergia.

— Espero estar aqui para te ver de quatro por alguém, Lily Diggory  
— Ellie provoca e a loira manda a língua para ela.

— Isso nunca vai acontecer, amiga. No meu reinado, só tem espaço para uma rainha — ela diz, com um olhar arrogante de brincadeira.

— Eu dizia a mesma coisa — Ellie comenta e nós todas olhamos para ela, com sorrisos sacanas nos lábios.

— E você o domou direitinho, amiga! — Lily fala, batendo palmas para nossa boxeadora preferida.

— Ele realmente lambe o chão que você passa, amiga — eu complemento, porque é a verdade.

Jason é tão apaixonado por Eleanor que faria qualquer coisa por ela. Desde comprar o tênis mais caro da loja para repor o que ele tinha vomitado para ela até se declarar em frente a escola inteira. Pois é, ele tinha feito os dois e sei que faria muito mais para conquistar o coração da minha amiga.

— Alexia! — Nora eleva o tom de voz, de repente, atraindo nossa atenção. — Você nos enrolou e não mostrou a tatuagem!

— Meu Deus, verdade! Cadê? — Lily indaga, animada.

— Preparadas? — pergunto e todas assentem.

Tiro a roupa que está cobrindo o desenho marcado na minha pele e me viro de frente, em uma posição que todas consigam ver.

Todas gritam, animadas e surpresas, dizendo quão linda ficou a tatuagem, e como elas não esperavam que esse fosse o local escolhido por mim.

Por um momento, penso em qual será a reação de Charlie ao ver.

*Pelo amor de Deus, será que eu não consigo ficar cinco minutos sem pensar nele?*



*charles*

***Alexia:** estou de castigo até o fim de semana :( vamos ter que deixar os próximos itens da lista para depois.*

***Charles:** eles descobriram a tatuagem?*

***Alexia:** não, Deus me livre! Se meus pais descobrirem, eu estarei de castigo até completar 28 anos.*

***Alexia:** mas eles sabem do piercing e não gostaram de eu ter escondido deles.*

***Charles:** que merda, Lexie.*

***Charles:** você vai me contar onde fica a tatuagem ou vou morrer de curiosidade?*

*Alexia: vai morrer curioso :p* Bloqueio o celular depois de reler a minha última conversa com Alexia, no dia anterior.

Eu imaginei que Paul e Marcus ficariam chateados com a atitude dela. A família Jenkins é muito unida e não gostam de fazer as coisas pelas costas um do outro. Nem quero imaginar o que eles falarão se virem a nova tatuagem da filha.

A tatuagem que eu também não vi e não faço ideia do que é. Eu imagino que seja em algum lugar bem escondido e íntimo, como ela mesma disse, já que nem Jason nem os pais deles viram.

Na bunda? Peito? Perto da boceta?

Puta que pariu!

Eu passei o fim de semana inteiro imaginando onde estava o desenho no corpo de Alexia. Acho que foram os dias que mais precisei bater uma, um recorde pessoal.

Caralho, o que está acontecendo comigo?

Eu consigo lidar com os sentimentos por ela há anos, e muito bem, mas foi só nós nos aproximarmos, quando ela pediu ajuda para completar os itens de sua lista, que parece que sou um adolescente de 13 anos de novo. É, essa ideia foi a pior em relação ao que eu sentia pela irmã do meu melhor amigo. Foi quando eu e Jason começamos a ter interesses mais carnis em garotas, e quando eu comecei a ver Alexia de outra forma. Até mais ou

menos os meus 15 anos, foi bem complicado lidar com as mudanças no meu corpo e o fato de eu frequentar a casa da garota mais bonita que eu já conheci. Nessa época, comecei a me masturbar pensando nela. E não parei até os dias atuais.

— Você tá com cara de quem tá pensando em putaria — a voz de Eleanor me tira dos meus pensamentos.

Viro minha cabeça para onde escutei minha amiga, e ela está lá, enchendo sua garrafinha de água, ao lado do banco que eu estou sentado. Precisei sair de sala e tentar acalmar meus hormônios quando comecei a pensar demais em Alexia Jenkins.

— Jenkins fica com a mesma cara — ela complementa quando eu não respondo.

— Por favor, me poupe dos detalhes da feição que meu amigo fica quando está com tesão. É demais para mim — digo, e ela se senta ao meu lado, me olhando estranho. — O que foi?

— Onde você foi no sábado quando deixou Cassie lá em casa?

— Eu saí — falo, me levantando para voltar para a sala de aula.

— Jason sabe que você levou a irmãzinha dele para furar a orelha e fazer uma tatuagem? — Ellie diz, bem baixo, e eu me volto para ela.

— Como você sabe disso?

— Eu juntei as pecinhas, Brown. — Ela dá de ombros, se levantando também e ficando na minha frente, com os braços cruzados. — Cuidado para não a magoar, Charles.

— Eu nunca faria isso, Collins. Prefiro morrer. — E é verdade. O que eu puder fazer para evitar que Alexia sofra, eu farei.

— Nós somos mais parecidos do que você imagina — ela diz, dando alguns passos para longe. — E eu sei que quando a situação piorar, você vai querer afastá-la para que ela não se magoe. E a Alex vai se machucar nesse processo.

— Não vou fazer nada para magoá-la.

— Quero acreditar na sua palavra, quero mesmo, Charles. — Ela sorri para mim, um sorriso mínimo. — Cuide bem dos seus sentimentos. Ela não merece sofrer de novo, mesmo se for por um amigo.

— Agora que eu tenho a amizade dela de novo, não vou deixá-la ir — respondo e a garota assente, voltando para sua classe.

Essa é uma das conversas mais estranhas que já tive com Eleanor.

Pelo menos consegui ver o quanto ela se importa com Alexia.

E quão observadora ela é.

Na verdade, fofoqueira, assim como o namorado. Quanto mais tempo eles passam juntos, parece que ficam mais parecidos ainda.

Depois do meu momento com Ellie, retorno para a minha sala de aula e meu dia continua bem... normal.

Faço algumas anotações nas aulas e almoço com a galera. Eu e Alexia não nos falamos muito enquanto comemos com todo mundo. Eu não fico chateado, pelo contrário. Eu gosto de ter os meus momentos a sós com ela.

E também não é como se tivéssemos tido a chance de falar algo. Lily está tagarelando sobre o seu novo meio-irmão, e quão insuportável ele é. Eles têm se visto poucas vezes, mas ela afirma, com convicção, que ele é a pior pessoa que já conheceu na vida.

Eu e Jason trocamos algumas palavras sobre os próximos jogos, que estão prestes a começar, já que o inverno está quase chegando ao fim. Os treinos já estão voltando, assim como os das líderes de torcida e, em breve, as partidas de futebol americano se iniciarão. Meu amigo continuava nervoso por ser o capitão e não quero decepcionar os outros integrantes e o treinador, mas a terapia está ajudando com a pressão, ele está bem melhor depois que começou a frequentar a psicóloga.

O restante do dia letivo corre bem, nada de interessante acontece. E como hoje eu não tenho treino, buscarei Cassie no colégio e faremos algo antes de voltar para casa, já que eu também recebi o salário do trabalho. Começos de mês são sempre bons para os irmãos Brown, na medida do possível.

Estou saindo da escola quando trombo com Alexia, procurando algo em sua bolsa e bem distraída.

— Ah, me desculpe, eu não estava prestando aten... — ela para a fala no meio quando percebeu que sou eu. — Charlie! Me desculpe, eu realmente não te vi.

— Tudo bem, Lexie — digo, segurando em sua cintura ainda, para ela não cair.

— Você está indo para casa? Quer uma carona? — ela pergunta, chacoalhando as chaves do carro.

— Jason não vai voltar?

— Ele e Ellie vão estudar juntos para a prova de francês na biblioteca e ele me deixou levar o carro — ela explica, e eu concordo com a cabeça, entendendo. — Quer que eu te deixe em casa?

— Vou buscar a Cassie na escola — falo, mas isso não parece desencorajá-la.

— Bem, eu posso te levar até o colégio dela e depois deixar vocês onde quiserem. O que acha?

— Você... hm... — Limpo a garganta, tomando coragem para perguntar algo que a ideia surgiu agora em minha mente. — Quer ir com a gente?

— Sério? — ela indaga, parecendo realmente surpresa com o convite.

— Bem, se não for atrapalhar o momento de irmãos de vocês, eu topo!

— Você nunca atrapalha, Lexie.

Ela sorri diante da minha fala e nós seguimos o pequeno caminho até seu carro.

Millsh é uma cidade pequena, então não demora muito para chegarmos na escola de Cassie. Alexia diz que vai esperar dentro do carro, para eu poder perguntar a minha irmã se está tudo bem se tivermos uma companhia hoje. Eu assinto, mesmo já sabendo a resposta da pequena, e saio para buscá-la na porta.

Estou quase chegando no portão do colégio quando vejo Cassie e James saindo juntos, parecendo estar um papo super emocionante. Eles gesticulam e os olhos estão esbugalhados, seja qual assunto eles estão falando. Quando me vê, ela se despede do melhor amigo e vem correndo na minha direção, com a mochila balançando nas costas. Parece uma tartaruginha.

— E aí, pequena — cumprimento a minha irmã, bagunçando seu cabelo. Ela me olha de rabo de olho e afasta a cabeça da minha mão. Típica Cassie.

— Você chegou rápido hoje — ela comenta, enquanto caminhamos para fora da área escolar.

— É porque eu vim com uma amiga — explico e isso atrai a atenção dela. — Lembra da Alexia, irmã do Jason? Ela me deu uma carona.

— Claro que lembro! Ela é *suuuuper* legal. E tem um cabelo muito bonito.

— Tem mesmo — concordo, sorrindo de leve. — O que você acha dela sair com a gente hoje?

— Acho que vai ser legal!

— Tem certeza, mana? Se você não quiser, podemos ir só nós dois.

— Ah, não, Charlie. Não aguento mais olhar para sua cara feia! Alex é mais legal e bonita que você, pelo menos — ela retruca e eu fico surpreso com a língua da minha irmã.

— Você não disse isso!

Não perco tempo, pego minha irmã no colo de surpresa e a ataco com cosquinhas. Instantaneamente, a risada de Cassie ecoa por todo o ambiente onde estamos.

— Charlie! Para! Eu... eu vou morrer de... de rir! — ela tenta falar, entre gargalhadas e eu rio junto com a minha irmã.

Aos poucos, enquanto chegamos perto do carro de Alexia, eu vou parando com as cosquinhas e deixo Cassie se recompor. Ele me fuzila com o olhar, mas sei que, no fundo, ela adora quando eu a faço rir assim.

Abro a porta traseira e a pequena pula para dentro.

— Oi, Cassie! Quanto tempo! Como você está, linda? — Alexia cumprimenta a minha irmã durante o tempo que eu gasto colocando o cinto nela.

— Oi, Alex! Tô bem e você? — Cassie pergunta assim que eu consigo prendê-la.

Não tenho a chance de ouvir a resposta da loira, já que preciso fechar a porta de trás do carro e entrar pela do carona. Vê-las se dando bem me dá um tipo de alegria diferente de tudo que já senti.

— Onde você e Charlie costumam ir? — É o que ouço Alexia perguntar quando fecho a porta e ela dá partida no carro, olhando para minha irmã pelo retrovisor.

— Depende. Às vezes vamos na minha lanchonete preferida, ou em alguma sorveteria.

— E onde você quer ir hoje, Cass? — Alex questiona, usando um novo apelido para Cassandra. Observo ela pelo retrovisor, e percebo que ela gostou.

— Pode ser na lanchonete? Você já foi lá, Alex? É muito boa! Jason normalmente vai com a gente, mas você é mais legal que ele — minha irmã fala, na lata.

— Cassandra! Você não pode dizer essas coisas — repreendo-a, mas quero mesmo é rir da sua afirmação.

— É a verdade — ela diz, dando de ombros e voltando sua atenção para a janela.

Eu e Alexia trocamos olhares, com sorrisos estampados nos nossos rostos.

Durante o percurso até o local preferido de Cassie, eu vou guiando Alexia pelas ruas. Ela coloca sua playlist para tocar no rádio, e nem preciso dizer que minha irmã adora as músicas e elas cantam juntas, né? Porque é o que acontece. Elas cantam em plenos pulmões. Em alguns momentos, eu só consigo ouvir a voz das meninas, não mais das pessoas que realmente cantam as músicas.

Em poucos minutos nós chegamos no estabelecimento e Alexia estaciona o carro em uma vaga em frente a entrada. Depois de ajudar minha irmã a sair, nós três entramos na lanchonete e Cassie vai direto para sua mesa preferida, puxando sua nova melhor amiga pela mão.

Vendo-as assim, fico imaginando como seria se tudo fosse diferente.

*Se eu não tivesse quebrado a merda do espelho, anos atrás, e trazido essa maré de azar para minha vida.*

*Se minha mãe não tivesse sido presa.*

*Se meu pai não fosse um alcoólatra fodido.*

*Se eu e Cassie tivéssemos uma família amorosa, como os Jenkins.*

Se eu pudesse falar para Alexia os meus verdadeiros sentimentos por ela e pudéssemos ficar juntos. O que não poderá acontecer até que eu resolva tudo na minha vida. Ela não merece alguém tão ferrado como eu, ela merece muito, muito mais. E, no momento, eu não tenho muito a oferecer. No entanto, se somente amizade for o que eu puder dar a ela, será suficiente por enquanto. Eu aceitarei qualquer pedaço que ela queira me dar.

— Charlie? O que vai querer? — Alexia me pergunta, e eu percebo que uma das garçonetes está na nossa mesa, esperando eu fazer o pedido.

— Hambúrguer, batatas fritas e refrigerante, por favor — peço, e a garota assente, anotando em seu bloquinho.

— Tudo bem? — minha amiga pergunta assim que a funcionária sai para o outro lado da lanchonete.

— Só me distraí um pouco — respondo, dando de ombros.

Ela assente e volta a conversar com minha irmã. As duas estão sentadas uma do lado da outra no sofá estofado, e eu acabo ficando no outro, de frente para elas.

Enquanto a comida não vem, Cassie conversa com Alexia sobre a escola, James e tudo mais. Ela conta alguns episódios com o melhor amigo e como eles se tornaram próximos, da briga que ela teve com a ex-melhor-amiga, Bea, e até sobre seus quadrinhos preferidos. Neste momento, eu me intrometo na conversa, dizendo que fui eu que apresentei as revistinhas de

super-heróis para minha irmã, e ela me dá língua, revirando os pequenos olhinhos.

Não quero nem ver como Cassandra vai ser quando crescer.

Poucos minutos depois, a garçonete volta com nossos pratos. Minha irmã pediu nuggets desta vez, com batatas fritas e milkshake de morango. Já Alexia optou por uma batata com cheddar e bacon, bem caprichada, e uma limonada.

— Não acredito que você só tem 8 anos — Lexie diz, pegando uma de suas batatinhas. — Eu sinto que você é minha nova melhor amiga!

— Eu já tenho quase 9! — minha irmã fala, balançando os ombrinhos em uma pose arrogante.

— Ah, é? Seu aniversário está chegando?

— É mês que vem — Cassie responde, orgulhosa, comendo um dos seus nuggets.

— Sério? Que incrível, Cass! Espero ser chamada para sua festinha — Alexia fala, piscando um dos olhos azuis para sua nova melhor amiga.

— Ah... eu não devo fazer festa. Nunca faço — minha irmã responde, como se não fosse nada, e foca sua atenção no lanche.

Percebo que Alexia fica sem reação diante da fala da minha irmã. Para nós, os irmãos Brown, já é comum não comemorarmos nossos aniversários com festas, mas sei que para a loira não é. Eu sempre

compareci às grandes festas dela e de Jason, que, a cada ano, são as melhores.

— Nós saímos para comer alguma coisa e compramos chapeuzinhos de aniversário para usarmos. É bem legal — Cassie complementa. — Bea foi uma vez, mas ela achou chato. Ela disse que as festas dela eram muito melhores.

— Essa Bea não é uma pessoa muito legal — Alexia comenta, parecendo medir as palavras para não acabar dizendo algo feio para minha irmã.

*Ah, se ela soubesse o que nós ouvimos em casa, não teria tanto cuidado assim.*

— Ainda bem que não somos mais amigas! O James é muito mais legal que ela — Cassie diz, tomando um pouco do seu milkshake. — Nós somos tipo o Charlie e o Jason. Vamos ser melhores amigos para sempre!

— O James parece realmente ser uma pessoa bem legal, Cass — a loira fala, sorrindo para minha irmã.

— Você também é a melhor amiga do meu irmão? — Cassie pergunta, de repente, e isso atrai a minha atenção. Quero ouvir a resposta de Lexie.

— Nós... somos muito amigos — Alexia responde, olhando para mim com um sorriso de lado, e eu retribuo.

Ah, Lexie, se dependesse de mim, nós seríamos muito mais que amigos.

Minha irmã assente e muda o assunto, perguntando se Alexia é líder de torcida porque ela é muito bonita, e não fosse, deveria ser.

Observando minhas duas garotas preferidas se dando tão bem, eu sinto que nada pode dar errado.



Tudo dá sempre errado.

É claro que depois de um começo de semana tranquilo, principalmente quando fui à lanchonete com Cassie e Alexia, eventualmente, os dias piorariam.

Hoje, por exemplo, perdi o ônibus após meu turno no trabalho, e consegui pegar outros vinte minutos depois. Ou seja, eu me atrasaria para buscar minha irmã na casa da nossa vizinha. Como eu tive treino de futebol americano e não pude buscar ela no colégio, ela pegou o ônibus escolar que parava na nossa rua e passou o restante do dia na casa ao lado. Eu preferia

dessa forma, porque não gostava de deixá-la sozinha tanto tempo com meu pai.

No ônibus, eu fico ansioso até ele parar no ponto mais próximo de casa. Não gosto de abusar da boa vontade da senhorinha ao lado e quanto mais tarde chegamos em casa, mais álcool meu pai ingere, deixando-o ainda mais insuportável e babaca.

Assim que solto do transporte público, vou andando rápido, quase correndo, até a casa da nossa vizinha. Eu só relaxo quando toco a campainha e a porta é aberta pela senhora Beth, já com suas roupas de dormir.

— Charlie, querido! Tudo bem? Aconteceu alguma coisa? — ela pergunta, preocupada provavelmente pelo meu atraso. De onde estou, consigo ver minha irmã arrumando sua mochila.

— Oi, dona Beth. Tudo bem, sim, só perdi o ônibus e tive que pegar o próximo, que passou 20 minutos depois — explico, e ela assente, abrindo passagem para minha irmã passar. — Muito obrigado por olhar a Cassie mais uma vez.

— Ah, sem problemas, querido! Ela me faz companhia! — Dona Beth responde, com um sorriso simpático. — Até a próxima, Cassandra.

— Tchau, tia Beth! — minha irmã se despede, com um aceno.

— Boa noite, dona Beth — desejo, e ela fecha a porta.

Como nossas casas são uma do lado da outra, em cinco minutos nós estamos entrando pela porta da frente. Para minha surpresa, meu pai não está em nenhum lugar que eu consiga ver. Ele deve ter ido beber em algum bar hoje, para variar. Ainda bem.

— Vá para seu quarto que eu vou tomar um banho, tudo bem? — digo para Cassie, que concorda e corre para seu cômodo preferido, depois de deixar os sapatos na entrada.

No banheiro, tiro toda a roupa e ligo o chuveiro, esperando a água esquentar. Quase esqueço meu celular no bolso da calça jeans, mas um som de notificação me lembra, e eu o pego. É uma mensagem de Lexie e, claro, meu sorriso surge no mesmo momento que leio o nome dela na tela.

*Alexia: qual o super herói favorito de Cassie? Tô pensando em algum presente bacana para ela de aniversário.*

*Charles: não precisa comprar nada, Lexie.*

*Alexia: mas eu quero!*

*Alexia: e aí, qual é?*

Ela passou uma tarde com a minha irmã, depois de anos afastadas por minha causa, e simplesmente se tornaram melhores amigas!

*Alexia: não vou desistir, Charlie. Pode ir me falando carinha de raiva*

*Charles: Viúva Negra e Capitão América.*

*Alexia: obrigada (: Alexia: boa noite, Charlie!*

*Charles: bons sonhos, Lexie.*

Bloqueio meu celular, ainda bobo com as mensagens que acabei de trocar com ela.

Nunca pensei em ter um relacionamento sério com ninguém. Quer dizer, nenhuma pessoa me interessou o bastante para eu pensar sobre o assunto, a não ser Alexia, claro. Mas, com certeza, um dos requisitos seria a garota se dar bem com minha irmã. Cassandra é a parte mais importante da minha vida, ou seja, gostar dela não está em discussão, assim como minha irmã gostar da garota era crucial.

Meu coração bate mais forte só de pensar em Alexia ser essa pessoa.

Tento dispersar esses pensamentos quando entro embaixo da água morna, mas não consigo.

Alexia Jenkins está impregnada na minha mente.

Seu cabelo loiro com um cheiro doce, que combina perfeitamente com ela. Suas roupas coloridas em tons claros. Seus olhos azuis como um mar do Caribe. Sua boca rosada e convidativa. Seus seios que ficam marcados no uniforme de líder de torcida, parecendo ter o tamanho perfeito para caber em minhas mãos e boca. Sua bunda redonda que fica ainda mais evidente durante as coreografias nos jogos.

Eu sou muito mais fascinado pelas características pessoais dela, mas neste momento, só consigo pensar em seu corpo e como seria a sensação de estar dentro dela. Empurrando centímetro por centímetro naquela boceta deliciosa.

Meu pau parece ouvir meus pensamentos, porque ele fica duro apenas com o mero pensamento de foder Alexia.

Levo minha mão direita até ele, fazendo movimentos para cima e para baixo, imaginando que seja a mão de Lexie no lugar. Em sua boca pintada pelo gloss cor de rosa em volta do meu pau, engolindo-o por inteiro.

Meus movimentos se intensificam.

Na minha mente, ela está aqui, no banheiro junto comigo, gemendo meu nome enquanto eu a fodo contra a parede. Contra a bancada. De frente para o pequeno espelho, com nossos olhos conectados no reflexo. Ela me pedindo para ir mais fundo.

*Caralho.*

Eu gemo desta vez, e torço para que o som da água caindo abafe.

Imagino Alexia gozando no meu pau, na minha boca e nas minhas mãos. Um de cada vez, gritando meu nome. Com esse pensamento, *eu* que gozo, com força. Minha porra se mistura na água no chão do banheiro, escorrendo para o ralo.

Mais uma vez, me masturbo pensando na irmã do meu melhor amigo.

E não me arrependo nem um pouco.

Relaxado, eu termino meu banho e saio do banheiro com a toalha enrolada na cintura, indo direto para meu quarto, fechando a porta atrás de mim.

Coloco apenas uma calça de moletom e me jogo na cama, pronto para dormir.

No entanto, sou surpreendido por uma batida na porta. Acho estranho, já que meu pai nunca faria isso e minha irmã deve estar dormindo.

Para minha surpresa, quando abro, é Cassie que passa por ela, se jogando na minha cama.

— Cassie? Tudo bem? — pergunto, preocupado, já que sempre combinamos dela trancar a porta do quarto quando vai dormir.

— Papai está em casa — ela fala, com os olhinhos enchendo d'água. — Quando você estava no banho, eu fui até a cozinha pegar um biscoito de chocolate, e ele saiu do quarto dele para pegar mais bebida. Ele me viu, e disse que eu era a cara da mamãe. Depois, ele disse que eu era um... um verme na vida dele. Se eu não existisse, mamãe ainda estaria com ele e eles seriam muito mais felizes.

— Cassie... — chamo, deitando-me ao seu lado e puxando-a para perto de mim. Ela passa um dos bracinhos pela minha barriga e deita a cabeça no meu peito.

— Por que o papai me odeia tanto, Charlie? — ela questiona, com a voz embargada.

Qualquer dia eu serei capaz de matar Aiden por fazer minha irmã passar por tudo isso. Ela só merece as coisas mais lindas do universo, mas ele só traz coisas feias para nossas vidas.

— Ele é um idiota, Cassie — falo, fazendo um carinho em seu cabelo.  
— Mas eu te amo, mana, mais do que você pode imaginar.

— Também te amo, Charlie — ela responde, deixando um beijinho na minha bochecha.

— Um dia, Cassie, em breve, vou tirar a gente daqui e você vai ter a vida que merece — prometo a ela, e mesmo estando com os olhinhos fechados, sei que ela me escuta.

Falta pouco, muito pouco, para eu ir embora desse inferno e oferecer uma vida melhor a minha irmã. Eu não desistirei até conquistar isso.



alexia

Eu acredito que sou mais uma pessoa introvertida do que extrovertida.

Por exemplo, eu sempre preferirei ficar em casa, assistindo meu filme preferido — *O Diário da Princesa* — do que ir a alguma balada. Não que eu não goste de festas, mas a minha cama é mais convidativa. Por isto, já recusei vários convites, principalmente de Lily, para ficar no meu quarto fazendo absolutamente nada.

No entanto, nesse último fim de semana, me arrependi todas as vezes que decidi não comparecer a alguma festa que fui convidada no último ano.

Pelo amor de Deus! Eu quase morri por ter que ficar em casa! E também, parece que só porque eu estava de castigo, todos meus amigos resolveram fazer algo de interessante: Eleanor e Jason foram no último dia

do parque de diversões de inverno na cidade vizinha. Lily, Allie e Nora passaram sábado e domingo em um hotel SPA, presente do novo padrasto da nossa amiga. Não sei o que Charlie fez no fim de semana, mas com certeza algo mais divertido do que ficar vendo em *looping* filmes adolescentes do começo dos anos 2000, com Tinker Bell me confortando.

Eu tentei de todas as maneiras convencer os meus pais a me deixarem sair, mas eles foram incisivos na decisão e não permitiram.

*É, Alexia, é o que você ganha escondendo coisas da sua família.*

Bem, pelo menos consegui adiantar alguns estudos para a semana de provas que está chegando.

Provas.

Eu nunca fui fissurada em tirar 10, como meu irmão, mas gosto de tirar boas notas. Por isso, quando os testes da escola se aproximavam, eu gostava de focar somente neles e esquecer o mundo ao meu redor. Pelo menos por alguns dias.

Ou seja, sem tempo de me preocupar com a lista e no próximo item a ser riscado.

Charlie tinha me mandado uma mensagem ontem, perguntando sobre o que faríamos em seguida, e eu tive que responder que não fazia ideia. Teríamos que dar um tempo, até as provas passarem, para só depois focar

na minha lista de novo. Ele concordou e disse que estaria ao meu lado para me ajudar no que eu precisasse.

Cara, sério! Como era possível não me apaixonar por ele?

Como nos afastamos durante uns anos, eu acreditei que meus sentimentos tivessem desaparecido. Mas foi só voltar a passar um tempo com Charles Brown que eles voltaram com tudo. Pelo amor de Deus, eu sentia borboletas no estômago apenas com um toque dele! E isso não acontecia nem com meu ex-namorado.

Ele está na minha mente todos os dias, o dia inteiro.

E quando digo o dia inteiro, estou falando sério.

Eu posso ser virgem, mas não tola. Acho que isso é uma das coisas que mais me incomoda em alguns livros de romance que leio: quando a protagonista nunca transou e é totalmente burra em relação a isso. Gente, fala sério! Estamos no século 21! Eu sei que não posso generalizar, mas grande parte das pessoas, incluindo esses personagens, têm acesso à informação. A retratação de nós, mulheres que escolheram esperar, não deveria ser assim.

*Enfim...*

Charlie também está presente nos momentos que eu precisava... relaxar. Bem, quando eu me toco nos países baixos. Isso está acontecendo com bastante frequência recentemente.

Eu imagino as mãos dele na minha cintura, me puxando para perto e colando nossos corpos. Nele me colocando contra a parede, e descendo beijos pelo meu pescoço, até chegar nos meus seios. Na minha imaginação, ele sabe exatamente o que eu gosto. Ele belisca o bico do meu peito, me fazendo arfar, para, depois, colocar meu seio inteiro dentro da boca, mamando-o com vontade.

Penso em Charlie em cima de mim, descendo sua mão até minha vagina e colocando dois dedos ali, com o polegar massageando meu clitóris, nele falando safadezas no pé do meu ouvido.

Mas a imagem que mais aparece na minha mente é dele enfiando o pau bem fundo em mim. Me fodendo com força. Seu gozo escorrendo pelas minhas pernas. Eu tendo o melhor orgasmo da minha vida. E, no fim, Charlie sempre deixa um beijo casto na minha testa e dormimos abraçados.

Meu Deus... eu não sei mais como vou falar normalmente com ele depois sabendo que tudo isso acontece na minha cabeça.

— Credo, Alexia! Você tá com cara de quem tá pensando em coisas não recomendadas para sua idade — a voz de Jason me tira do meu momento de introspecção, e eu fico envergonhada pelo que estou pensando.

É fim de domingo, e eu estou do lado de fora, sentada em um dos sofás da área comum aqui de casa. Com meu chá de mel e camomila em

mãos e bem agasalhada, estou aproveitando o fim do inverno da melhor maneira possível.

— Você pensava nessas coisas antes mesmo de ter beijado alguém —  
pontuo e o meu irmão ri, sentando-se ao meu lado.

Nossa relação não está nas melhores, mas acho que, com o tempo, irá se ajustar. Jay é muito superprotetor comigo e como somos melhores amigos, além de irmãos, ele ficou muito chateado pelos últimos acontecimentos e pelo fato de eu não ter contado para ele.

Eu não pedirei desculpas por isso, não sou obrigada a contar cada detalhe da minha vida para ele, assim como o contrário acontece. Tem coisas que não me sinto confortável em compartilhar, e Jason terá que aprender a viver com isso.

— Mas eu não preciso saber que a minha irmãzinha também pensa nessas coisas — ele diz, com uma expressão de nojo.

— Já vamos fazer 18 anos, Jay!

— Você sempre vai ser minha irmãzinha, Alex — ele responde, deixando um beijo nos meus cabelos.

*Irmãzinha* me lembra a Cassie, irmã de Charlie, e no que ela me disse quando saímos juntos.

Como assim eles não comemoram aniversário? É a melhor data do ano!

Em todos os meus aniversários, eu sempre fazia uma festa gigantesca e chamava todos os meus amigos. Eu adorava estar cercada de pessoas que gostavam de mim, e que estavam ali para comemorar mais um ano de vida meu, E, claro, de Jason também.

Não entra na minha cabeça alguém que não gosta de fazer algo especial em sua data especial. Por isso, eu acho que a situação na casa dos Brown é bem pior do que eu imaginava. Charlie não compartilha muito da sua questão familiar com a gente, nem mesmo com Jason, seu melhor amigo, então não sabemos o que rolava no *off*.

Mas como eu deixarei a Cassie passar seu aniversário de 9 anos sem comemoração?

Eu não o farei.

— Ei, Jay — chamo, e ele vira o rosto na minha direção. — Sabia que a Cassie, a irmã do Charlie, fará 9 anos no próximo mês?

— Nossa, verdade! Mês que vem já é março — ele fala, como se uma luz tivesse acendido em sua cabeça. — Mas... como você sabe disso?

— Ah... eu... hm... dei carona para ele buscar a irmã no colégio esses dias — respondo, deixando de fora nosso momento na lanchonete. Quero deixar essa memória apenas para mim. — E ela comentou comigo sobre isso, e que também não farão nada para comemorar.

— Eles nunca comemoram os aniversários, Alex. Não sei o que acontece na casa deles, mas... é, eles nunca fazem nada. Normalmente, Charlie leva Cassie na lanchonete preferida dela e eles cantam parabéns por lá.

— E se... e se a gente fizesse uma festinha surpresa para Cassie? — sugiro, torcendo para que ele tope a ideia.

— Não sei não, Alex... e se ela não gostar da ideia? — Jason questiona, meio inseguro.

— Acho que ela nunca teve uma festa antes, Jay. Seria legal fazermos algo.

— E Charlie? Não sei se ele gostaria da ideia. Os Brown são bem fechados, você sabe.

— É só ser surpresa para ele também!

— Alex... — ele diz em tom de aviso, e eu suspiro.

— Olha, porque você não sonda o terreno com ele? Fala da ideia por alto, e qual vai ser a reação dele... se for positiva, a gente faz. Se não... eu penso em outra coisa.

Jason acena, concordando. Ele sabe que eu não desisto até conseguir o que eu quero.

— Por que essa insistência em comemorar o aniversário de Cassie? — ele pergunta, parecendo realmente curioso.

Como eu explico que me apaixonei pela garotinha em um só dia e que quero tê-la como cunhada um dia?

— Eu só quero vê-la feliz, Jay — respondo, indo pelo caminho mais fácil.

— Vamos fazer isso acontecer, Alex.



A primavera está se aproximando e com ela a temperatura de Millsh vem aumentando gradativamente. Finalmente!

Hoje, por exemplo, está fazendo 24° graus. Calor o suficiente para o treino das líderes de torcida acontecer com os uniformes sem manga, o primeiro do ano assim. Eu não aguentava mais treinar com as meias calças grossas e os croppeds de mangas compridas.

O inverno é uma das minhas estações preferidas, mas em certo momento, eu enjojo. Não aguento mais neve, frio de matar e o vento congelante batendo na minha face quando ando na rua ou quando treino.

Para melhorar o dia, minha última aula foi cancelada, pois o filho da professora ficou doente e ela precisou sair às pressas para buscá-lo na

escola. Sendo assim, não há nenhum professor substituto à disposição, fazendo com que sejamos liberados mais cedo.

Por sorte, eu faço essa aula junto com Nora e como ela precisa esperar o treino das líderes de torcida terminar — já que ela e Allie sairão depois —, nós vamos para a biblioteca, a fim de matar o tempo até o horário de início. Como todos ainda estão dentro das classes, nós ficamos com as mesas de estudo do ambiente somente para a gente.

— Ah! Mamãe fez brigadeiros de leite em pó ontem à noite e eu trouxe alguns. Esqueci completamente de falar na hora do almoço! — Nora fala assim que escolhemos um local para nos sentar, procurando os brigadeiros em sua mochila.

— Amiga, eu passei a te amar mais nesse momento — digo, de brincadeira, segurando sua mão em cima da mesa.

— Minha mãe é realmente muito talentosa na cozinha — ela responde, colocando um potinho de plástico na mesa. Quando ela retira a tampa, mostrando os docinhos, minha boca saliva.

— Parecem estar deliciosos!

— Vai, Alex, pega um logo — ela fala, empurrando os brigadeiros na minha direção.

Colocando um dos docinhos branquinhos dentro da boca, tenho vontade de gemer assim que ele desmancha. Uma delícia! Eu só tinha

provado os brigadeiros de chocolate preto da mãe de Nora, mas esses... sem igual.

— Você acha que ela deve colocar no cardápio? — minha amiga pergunta, rindo um pouco da minha reação provando o doce, provavelmente já sabendo a resposta pela minha expressão.

— Claro que sim! Está divino, Nora!

— Vou falar com ela assim que chegar em casa — ela diz, pegando um brigadeiro também. — Mamãe fala que eu e papai não somos verdadeiros na resposta, que só queremos agradá-la. O que não é verdade! A culpa não é nossa se ela é muito boa no que faz, né? E ela também diz que sente falta de Nia, que ela é bem mais sincera que nos.

— E como Nia está em Nova Iorque? Tudo bem? — pergunto sobre a irmã Hart mais velha, já que ela tocou no assunto.

— Nós falamos por chamada de vídeo algumas vezes por semana, e ela sempre alega que está tudo ótimo. Mas não sei... ela não veio para o Natal porque disse que estava ocupada demais com as provas e estar aqui só atrapalharia.

— Ela é bem focada no que faz, né?

— Nossa, demais! Duas faculdades não são para qualquer um. Eu nunca conseguiria — Nora confessa, guardando o pote dentro da mochila depois de acabarmos com os poucos doces que trouxe.

— E você já sabe para qual curso quer aplicar?

— Adivinha! — ela pede, com um sorrisinho de lado. — Agora que você sabe sobre meu *segredinho*, não vai ser difícil — Nora lembra, sobre ela ser uma escritora.

— Hm... Escrita Criativa, não é? — chuto o primeiro curso a ver com a área na minha cabeça, e ela acena com a cabeça, concordando. — A universidade de Schönilla tem um ótimo departamento de inglês. Vai se inscrever para lá?

— Ah, com certeza! Ainda não tenho certeza de qual faculdade vou, porque você sabe... tem a Allie também, e queremos pensar nisso juntas — ela responde, e eu sinto uma pontada no coração.

Não de ciúmes, claro, mas... de inveja?

Uma inveja boa!

Eu queria estar discutindo com uma pessoa que eu amo sobre nosso futuro, e pensando na melhor oportunidade para nós como indivíduos, e também como casal. Eu sei o quanto Nora e Allie se amam e que não aguentariam ficar em universidades muito distantes uma da outra. Mas também sei que ambas querem focar em seus estudos. Espero que elas consigam equilibrar a situação e ter o melhor dos dois mundos.

— E você, Alex? Literatura inglesa, certo? — ela tenta, com uma cara desconfiada, mas eu assinto e um sorriso aparece na sua face. — Você

realmente tem que ser minha editora no futuro, viu? Ou agente literária!

— É claro que serei! Nem pensa em contratar outra pessoa — ameaço, apontando meu dedo indicador na sua direção e nós duas rimos.

Enquanto o treino não começa, eu e Nora continuamos em vários papos na biblioteca sobre o mercado editorial, o sonho de nós duas. Ela, na frente das câmeras, eu, por trás. Planejamos vários planos para depois da faculdade, desde o primeiro contrato em uma editora tradicional de um livro dela até quando os direitos dele fossem comprados para o cinema, sobre a pré-estreia. Combinamos até que Lily fará nossos vestidos, e todo nosso grupo de amigos vai ser obrigado a estar presente.

Quando o ponteiro do relógio está perto do horário que precisávamos ir, recolhemos nossas coisas e nos levantamos, seguindo para fora do colégio, diretamente para a quadra. As meninas estão saindo aos poucos, então somos as primeiras a chegar, junto com a treinadora. Nora se despede de mim e vai para a primeira fileira da arquibancada, para ver o ensaio bem de perto.

Minha relação com a treinadora está melhorando aos poucos. Ela ficou bem brava por ter pegado detenção há algumas semanas, principalmente por eu ser a capitã, ou seja, deveria ser um exemplo para as meninas. Nós nos cumprimentamos, amigavelmente, e ela vai anotar algumas coisas em sua planilha.

Hoje é um dos dois que o time de futebol americano tem treino no campo, junto com a gente.

Eu verei Charlie hoje jogando, e é uma das minhas coisas preferidas.

Ainda mais quando ele levanta a blusa para secar o suor que escorre no rosto e eu posso babar em seu tanquinho.

*Pelo amor de Deus, eu estou me tornando uma pervertida por Charles Brown!*

Eu tenho que tirá-lo da minha cabeça e focar no ensaio de hoje, já que o primeiro jogo estava se aproximando e a nova coreografia ainda não está completa.

Viro de costas para onde os meninos do futebol americano treinam, ficando de frente para a arquibancada onde Nora está. Desta forma, espero todas as meninas chegarem e se ajeitarem, até ficarem prontas para começarem o treino do dia. Cumprimento Lily e Allie com um abraço, e vejo Ellie de longe, indo se sentar com a ruiva na arquibancada, provavelmente para esperar Jason.

Antes de iniciar, de fato, o ensaio da dança que apresentaremos nos próximos jogos, precisamos nos alongar. Nós já temos um cronograma para isso, então, todas as meninas ficam em seus devidos lugares para começarmos os exercícios.

Primeiro, começamos alongando os tendões da coxa, glúteos e a região lombar, para ajudar nos nossos saltos. Para isso, fazemos o *straddle* sentado, que nada mais é do que quando sentamos no chão, com as pernas estendidas, uma para cada lado e nos alongamentos para todos os lados. Tanto para direita, quanto para o lado esquerdo, estendemos os braços até o tornozelo e inclinamos o corpo. Já para o centro, apoiamos os braços no chão à nossa frente mesmo. Depois, é o momento do alongamento de isquiotibiais sentado, quando esticamos nossas pernas à frente do corpo e inclinamos o corpo na direção dos joelhos.

Após os exercícios no chão, partimos para os em pé, como alongamento do flexor dos joelhos e do tronco, que é a parte mais divertida. Fazemos também os movimentos de ponte, damos alguns pulos e até dançamos um pouco, para deixar nossos corpos prontos para o treino pesado que virá em seguida.

Eu detesto quando dizem que ser líder de torcida é fácil, porque não é nem um pouco. Como qualquer outro esporte, requer determinação, foco, resistência... tudo que o futebol americano, por exemplo, também precisa.

Quando terminamos os exercícios, era hora de iniciar, finalmente, o ensaio.

— Posição de pronto, meninas! — a treinadora grita e todas seguimos para nossos lugares.

Optamos por começar a *rotina* — apresentação que fazemos nos jogos de futebol americano — com os passos fáceis e ao decorrer do *mix* — como chamamos a música —, ir dificultando a coreografia, para surpreender o público.

Não é por ser a minha equipe, mas nossa rotina está incrível! Só faltam alguns poucos ajustes, mais para o final, e ficará perfeita. Arrisco dizer que é a melhor que criamos até o momento.

A próxima posição é o momento de brilhar de Lily, já que ela é uma das nossas *flyers*. Nossas bases laterais e centrais se arrumam no local indicado, sustentando minha amiga. Ela vai fazer o *lib*, quando fica somente com um pé nas bases, que a ajudam a se estabilizar. Os *stunts* — nome do grupo de bases e flyers — estão na formação de extensão, com os braços totalmente esticados e Lily está na altura máxima.

— Vai, Lily! — quase grito, incentivando minha amiga.

É quando tudo dá errado.

De repente, ela se desequilibra e cai, assustando a todos presentes. Tentam segurá-la, para ela não cair direto no chão e se machucar, mas não conseguem totalmente. Eu ouço quando o corpo de Lily bate no chão, dando tempo apenas para as bases segurarem sua cabeça e evitar um dano maior.

— LILY! — grito, preocupada e nervosa, correndo até onde minha amiga está.

Ouçó uma movimentação na arquibancada e, de canto de olho, vejo Eleanor e Nora correndo até nós. O treino dos meninos do futebol americano parece pausar também, e logo vejo Jason e Charles vindo em nossa direção. Não tem como os jogadores não terem visto o que aconteceu com ela, já que ainda estavam nos próprios alongamentos e a pancada foi grande, uma vez que a treinadora desligou a música no momento que percebeu o que estava acontecendo.

— Ei, Lily. Fale comigo, amiga — digo assim que me agacho ao lado dela, passando sua cabeça para meu colo. Ela parece meio desacordada, como se tivesse desmaiada. — Ela desmaiou? — pergunto, mas não sei exatamente para quem.

— Eu e Nora estávamos vendo lá de cima, e vimos exatamente o momento que os olhos dela se fecharam e ela caiu. Ela desmaiou, sim — Eleanor fala, ficando ajoelhada ao meu lado, junto com Nora e Allie, que apareceu instantes depois.

— Alguém chama a enfermeira, por favor! — Nora quase grita, com os olhos cheios d'água, muito preocupada com a melhor amiga.

— Vou correndo até lá — um dos garotos do time de futebol fala e sai às pressas do campo.

— Vocês viram ela comendo algo no almoço? — Allie questiona, alternando o olhar entre todos nós, que almoçamos juntos.

— Não me lembro — Nora confessa, escondendo o rosto no pescoço da namorada. — Eu deveria reparar nessas coisas, não deveria? Ela é a minha melhor amiga!

— Ei, amor, tudo bem. Não é sua culpa — Allie garante, acariciando o cabelo ruivo da amada.

— Vocês não acham melhor o Jay e Charlie levarem a no colo para a enfermaria? — pergunto, olhando para os meninos.

— Acho que é uma boa ideia — Eleanor concorda, e nós damos espaço para um dos dois pegarem-na no colo.

Com cuidado, Jason toma a frente e passa os braços, delicadamente, pelas pernas e costas de Lily, e é o momento que ela abre os olhos.

— Ei, Lily. Vai ficar tudo bem, tá? Estamos te levando para a enfermaria — meu irmão informa a ela, que ainda parece um pouco grogue, e assente.

— M-meu... t-tornozelo — ela sussurra, apontando para os pés. — Está... está d-doendo... m-muito.

— Vai ficar tudo bem, Lily. Vão cuidar de você, amiga — Nora fala, entrelaçando os dedos nos da melhor amiga.

Juntos, nós 7 vamos juntos para dentro do colégio, até a salinha da enfermaria. Esbarramos com um dos jogadores do time, que foi chamar a enfermeira, junto com ela mesma. Ela pede para levarmos nossa amiga até uma das macas, e deitá-la ali, para ela examiná-la. Informamos também que achamos que foi um desmaio, e Nora e Ellie explicam que viram os olhos dela se fecharem antes dela se desequilibrar.

— Lily, querida, como você está — a enfermeira pergunta quando nossa amiga parece um pouco mais orientada. — Você teve uma queda feia. Está doendo em algum lugar?

— Meu tornozelo — ela responde, bem fraca, tentando se sentar. Com a ajuda de Jay, ela deixa sua postura ereta, apoiada no travesseiro atrás dela.

A enfermeira assente e começa a examinar um pouco a parte do corpo indicada por Lily. Ela toca em alguns pontos, aperta outros, usa com alguns instrumentos... tudo perguntando se está doendo e qual o nível da dor. Quando termina, diz: — Acho que você o torceu, querida. Vou ligar para a ambulância, para te levarem até o hospital, e te examinarem melhor, tudo bem? — Nossa amiga concorda, com uma feição de bastante dor. — Enquanto eles não chegam, vou colocar um pouco de gelo e te dar um remédio, para tentar aliviar um pouco.

— Obrigada — Lily agradece, com um sorriso fraco, e toma um pouco da água que Charlie trouxe para ela.

— Querida, quando foi sua última refeição? — a mulher pergunta quando ajeita a bolsa de gelo no pé de Lily.

— Eu... hm... não sei — ela confessa, meio sem jeito.

— Almoçou?

— Não, não almocei.

— Talvez seja a causa do seu desmaio. Você não pode ficar sem comer, senhorita Diggory — a enfermeira fala, séria. — Eles vão te avaliar melhor no hospital, mas por agora, lembre-se de não pular nenhuma refeição.

— Eu sei. Obrigada, de novo — ela responde, tomando o remédio para dor.

A enfermeira diz que vai lá fora rapidinho, para ligar para a ambulância, e qualquer coisa, só chamá-la. Nós concordamos, e ela fecha a porta atrás de si quando sai.

— Você nos deu o maior susto, Lily! — Eleanor é a primeira a falar, com uma cara feia, mas aliviada, para nossa amiga.

— Eu achei que fosse desmaiar junto com você, amiga — Nora diz, limpando um pouco das lágrimas acumuladas no canto dos olhos.

— Estamos felizes que você esteja bem, Lily — Charlie fala, com um meio sorriso.

— Está doendo muito, amiga? Como você está? — pergunto, segurando uma das mãos dela.

— Tá doendo bastante, mas consigo aguentar até os paramédicos chegarem — ela me garante, terminando de tomar a água.

— Vou passar a te vigiar para você comer e não nos dar esse susto novamente — Nora avisa, arrancando um sorriso de nossa amiga.

— Não vai acontecer de novo, gente. Prometo — ela fala, mostrando o mindinho em forma de promessa. — Mas... meu tornozelo está doendo muito. Não sei se vou conseguir participar do primeiro jogo e... o que vamos fazer? Precisamos de mais uma *flyer*!

— Você está realmente pensando nisso agora? — Charlie pergunta, parecendo confuso com a indignação de Lily.

— Claro que sim! Não posso deixar minha equipe na mão, *duh* — ela responde, como se fosse óbvio.

— Você é inacreditável, Lily — Charlie fala, balançando a cabeça.

— Vamos dar um jeito, amiga — Allie garante, mas não sentimos firmeza em sua voz. A verdade é que nós não temos ninguém para substituir Lily.

— Não temos ninguém para colocar no meu lugar, né? — Lily pergunta, como se tivesse lido minha mente.

— Vamos arranjar alguém — eu falo, mas não tenho tanta certeza disso.

— Ellie — Lily chama, atraindo atenção da nossa amiga. — Você era líder de torcida na sua antiga escola, certo?

— Ah, não. Não, não, não, Lily. Nem pense nisso — Eleanor diz, apontando o indicador para nossa amiga.

— Você vai negar um favor a sua amiga machucada? Eu posso perder o tornozelo! — Lily fala, colocando as costas de uma das mãos na testa, fazendo seu drama.

— A resposta é não, Lily — Ellie responde, firme.

— Você não precisa nem ser uma das *flyers*! Só precisamos de mais uma pessoa, por favor! — Lily implora, entrelaçando suas mãos e fazendo um biquinho. — Alex, você é a capitã. Diz para Ellie que precisamos *muito* dela! — Eleanor vira seus orbes castanhos para mim, esperando minha posição.

— Bem... — eu começo, limpando a garganta. — Não podemos ficar com uma pessoa a menos na equipe — digo a verdade, com uma expressão de “*me desculpe*” para Ellie, levantando os ombros.

— Não acredito que vocês vão me obrigar a fazer isso... — Eleanor resmunga, revirando os olhos.

— Pensa pelo lado bom, gatinha, mais tempo comigo — Jason diz, com seu sorriso galanteador estampado no rosto.

— Você quer me fazer desistir? — ela retruca. Pode passar o tempo que for, eles sempre continuarão com as provocações. É a linguagem do amor deles.

— Pode parar com essa postura de *não importo*, porque todos já sabem que você é caidinha por ele, Ellie — eu falo, apenas para irritá-la um pouquinho.

— Vocês são inacreditáveis! — ela diz, exasperada, jogando as mãos para cima. — Vou entrar no time apenas enquanto Lily estiver com o pé machucado. Assim que ela melhorar, tô fora.

— Obrigada, Ellie! — Lily agradece, tentando puxar a nova integrante do time de torcida do Millsh High, mas faz uma cara de dor. — Merda, está doendo demais.

Como se tivesse ouvido, a enfermeira volta a entrar na sala onde estamos, e conseguimos ver algumas pessoas atrás dela.

— Senhorita Diggory, a ambulância chegou para levá-la para o hospital.



Nada era melhor do que a cara de Jason vendo a namorada no primeiro dia de treinamento das líderes de torcida. O cara está quase babando vendo-a dançar e repetir os movimentos das outras meninas, aprendendo a nova coreografia para os nossos jogos, que estão se aproximando.

Lily ficará de 4 a 6 semanas se recuperando da torção no tornozelo. Ela está com uma bota ortopédica, e odiando cada segundo. Quando o médico, no hospital, disse que ela não poderia praticar exercícios físicos, a garota pouco se importou. Mas quando ele avisou que ela precisaria não enfaixar o pé, mas pôr a bendita bota. Tudo piorou quando quem apareceu para buscá-la não foi sua mãe, mas, sim, seu novo meio-irmão, Aaron Yoon.

Ele ainda teve que pegá-la no colo e colocá-la no banco do carona, e Lily não conseguiu ficar um segundo sem xingá-lo.

Foi a primeira vez que nós o vimos. Ele é coreano, tem cabelos pretos bem lisos, olhos castanhos e o corpo todo coberto por tatuagens, que conseguimos ver porque ele estava sem casaco. Ele mal olhou na nossa cara, nem nos cumprimentou. Apenas falou com a loira, de um jeito bastante seco e grosseiro, parecendo odiar cada segundo ali. Diferente de Eleanor e Jason, quando a garota não ia muito com a cara do meu melhor amigo, Lily e seu meio-irmão parecem se odiar genuinamente.

Nora e Alexia dizem que é o início de um livro de romance *inimigos para amantes*, o clichê dos clichês. Mas comentando com Jason, nós achamos que não há a mínima possibilidade de, um dia, eles se gostarem. O jeito que ele a olha com desgosto diz mais que mil palavras.

Mesmo Lily não estando apta para voltar aos treinos, isso não a impediu de comparecer ao primeiro sem sua presença como integrante do time, vendo Ellie ocupar seu lugar por um tempo. Hoje, para a felicidade do meu melhor amigo, temos treino no campo também, e ele está passando todo tempo olhando para a namorada.

— Olhos no jogo, não na sua namorada, Jenkins — o treinador gritou, mais uma vez, quando pegou Jason olhando.

Eu já perdi a conta de quantas vezes ele levou esporro, e tenho quase certeza que será nosso último treino junto com as meninas.

Eu — por outro lado — consigo disfarçar bem quando observo Alexia Jenkins com seus pompons e laço azul nos cabelos loiros. Já faço isso há tanto tempo que já tenho todos os truques para que ninguém desconfie. Eu poderia ajudar o Jay? Poderia, mas ele tem a Ellie, já eu, não tenho a Lexie. Quando os treinos terminarem, ele poderá beijar a namorada até ficar sem ar, e eu não. Ele não morrerá se ficar um tempo sem olhá-la dançando.

Assim que o apito soa, indicando o fim do treino, sou o primeiro a me apressar para chegar nos chuveiros do vestiário. Eu prefiro tomar banho sozinho. Ficar pelado na frente de todos assim... íntimo demais, por mais que nenhum dos garotos se importe. Sou mais fã da privacidade.

Por isto, sempre que consigo, tomo a ducha o mais rápido possível e tento me aprontar antes que o desfile de nudez comece. Quando as garotas estão treinando também, elas também demoram mais para aparecer no vestiário, já que ficam batendo papos com as líderes de torcida, o que é melhor para mim.

Em mais um tempo recorde, consigo me arrumar antes mesmo do meu primeiro companheiro de time chegar. Pego minhas coisas no armário e saio, dando de cara com alguns deles chegando. Entre eles, claro, Jason.

— Ei, cara, você pode me esperar? Queria falar com você — ele pede, andando até o vestiário.

— Vou ficar aqui fora — informo, apontando para a parede, e ele assente.

Jogo minha mochila no chão e apoio as costas na parede, a fim de esperar o meu amigo tomar seu banho e me encontrar ali. Cassie vai voltar para casa de ônibus e irá direto para casa de dona Beth, então eu não preciso me preocupar em chegar na hora para buscá-la no colégio.

De canto de olho, vejo Eleanor se aproximar, ainda com o uniforme das líderes de torcida e encostar as costas na parede ao meu lado.

— Esperando o Jason? — pergunto, puxando assunto com a morena.

— Vou para casa dele hoje — ela conta, largando a mochila no chão também.

— Gostou tanto do uniforme que nem vai tirá-lo? — brinco, acreditando que todas as meninas devem estar no vestuário feminino, se trocando.

— Jenkins pediu para eu ficar com ele — ela responde, e sinto um tom malicioso em sua voz. *Eca.*

— Nem precisa continuar, não quero ter essa visão de vocês — aviso, colocando uma das mãos nos olhos, tentando não imaginar a cena que eles protagonizarão mais tarde.

— Não se faça de santo, Brown — ela diz, revirando os olhos. — Mas me conta, como o treinador de vocês deu tantas broncas em Jason por estar prestando atenção em mim, mas nunca reparou em você babando em Alexia?

Juro. Essa garotinha tem olhos em todos os lugares.

— Você está ficando fofoqueira igual seu namorado — falo, fugindo da pergunta.

— Eu presto atenção ao meu redor, Charles. Você pode até ser discreto para os outros, o que posso fazer se tenho um 6º sentido? — ela se gaba, elevando os ombros e com um sorrisinho. — Precisa tomar cuidado, viu? As pessoas podem começar a reparar o jeito que você a olha.

— Eu sei me cuidar, Ellie — garanto, e ela assente.

Nós ficamos em silêncio, sem mais nenhum assunto pairando entre nós. Até que a garota parece lembrar de algo ao dizer: — Quando você vai deixar a Cassie lá em casa de novo para ter um encontro secreto com a Alexia?

— Nós não tivemos um encontro.

— Que seja, você entendeu. Quando vou ter a companhia da sua irmã de novo? — pergunta, cruzando os braços.

— Para você corrompê-la?

— Nós nos divertimos muito naquele dia, para sua informação — ela fala, e eu sei bem disso.

Cassie adorou passar uma parte do dia com Eleanor. Falou disso durante dias, sempre entrando quando poderia ir de novo.

— Eu te aviso quando precisar de sua ajuda — respondo, e ela sorri pra mim.

— Perfeito! Cassie quer aprender alguns movimentos de boxe e eu estou doida para ensiná-la.

— Você e minha irmã são uma dupla que eu não esperava.

— Você nos juntou, Brown, agora aguenta — Eleanor diz, piscando um dos olhos para mim.

Eu não consigo demonstrar, exatamente, como realmente quero, mas ver meus amigos se dando bem com a minha irmã me deixa muito, muito feliz. Jason e Cassie se amaram logo de cara, desde quando se conheceram, anos atrás. E agora Alexia e Eleanor estão se aproximando da pequena Brown. Se tornando melhores amigas dela.

Acho que eu estou transmitindo minha felicidade através da minha expressão, porque Ellie está me olhando com uma cara estranha. Eu sou um cara fechado, então quando sorrio, todos prestam atenção e alguns até se assustam. Não acontece com frequência — a não ser quando estou com Alexia —, mas sempre que rola, eu reconheço os rostos surpresos.

— Oi, gatinha! — Jay aparece perto de nós, cumprimentando a namorada com um selinho. — E aí, cara!

— Ei, Jay — falo, pegando minha mochila do chão e passando por um dos ombros.

— Me espera no carro? — ele pede para Ellie, puxando-a para perto pela cintura. — Quero falar com o Charlie rapidinho.

— Tudo bem — ela responde, dando um último selinho nele e pegando as chaves que ele estendeu em sua direção.

Esperamos Ellie virar o corredor um pouco mais a frente e começamos a andar também, na direção do estacionamento, mas com passos bem devagar.

— O aniversário de Cassie está chegando... — Jay fala, sondando o terreno.

*Por que todos parecem estar com essa obsessão com o aniversário da minha irmã?*

— Em alguns dias — digo, concordando, confuso com o caminho que essa conversa está tomando.

— E o que ela quer fazer nesse dia?

— Provavelmente vamos na lanchonete que ela mais gosta, o de sempre — respondo, dando de ombros. Em alguns aniversários anteriores, Jason compareceu, então ele sabia como funcionava.

— Nada de festas?

— Não é o melhor momento, Jay. — E nunca será, não enquanto nós morarmos com Aiden Brown.

Certa vez, há alguns anos, eu tentei planejar uma festa de aniversário lá em casa para a minha irmã. Foi uma época em que todos da classe precisavam chamar a turma inteira, logo, Cassie estava indo a bastantes festas nos últimos tempos, e eu queria que ela tivesse uma também. Por isso, juntando toda a coragem que tinha em mim, eu fui até o papai para falar da ideia.

Eu expliquei tudo nos mínimos detalhes, e até que ele não precisaria estar presente, se não quisesse. É claro que eu recebi um *não*, como esperado. Não só isso, mas Aiden tentou partir para cima de mim. Foi a última vez que ele me bateu, porque eu já tinha 15 anos e não era um garotinho tão bobo assim. Eu revidei, e aquilo pareceu surpreendê-lo. Meu pai também avisou que, se eu fizesse a festa, teria consequências negativas para a minha irmã. Se eu levantasse um dedo para ele, Cassie sofreria. Desde esse dia, as ameaças em deixar Cassandra em um orfanato aumentaram, e eu me calei. Não podia deixá-la ser tirada de mim.

Cassie entende o motivo de não poder ter uma festa de aniversário por enquanto. Ela é uma ótima criança, nunca poderei negar isso. Ela raramente reclama das péssimas condições que vivemos. Eu sempre lembro que, em

breve, nós dois iremos embora daqui e ela nunca mais precisará ver o papai, se não quiser.

E em relação a mamãe... ela não se lembra de nada dela, apenas por algumas fotos que ainda estão espalhadas pela casa. Ela nunca pediu para visitá-la, por enquanto, e eu agradeço todos os dias por isso. Eu também nunca fui ver Crystal, e não tenho planos para isso. Mas se, em algum momento, a minha irmã pedir para vê-la, eu a levarei. Ela merece isso.

— Cara, você sabe que... se as coisas estiverem realmente difíceis na sua casa, você pode contar comigo, né? — Jay fala, me tirando dos devaneios sobre minha família.

— Tá tudo bem! — digo, e nem eu acredito em mim.

Jason nunca me forçou a contar nada, ele tenta tirar algumas informações sobre a minha vida familiar, mas sempre recua quando percebe o meu limite, parava. E eu sou muito grato por ter um melhor amigo tão respeitoso quanto ele.

Mas eu também sei o quanto ele se importa com as pessoas, principalmente comigo, já que o sentimento é mútuo. E sei que não saber o que realmente acontece por trás dos panos o mata aos poucos.

Eu não quero pedir ajuda de Jason. Eu consegui lidar com essa situação durante anos, sozinho, e nunca precisei de ninguém. Falta muito pouco para eu me livrar do péssimo lar que eu vivo, e não iria amarelar

agora. Quando tudo se resolver, eu contarei para o meu melhor amigo a verdade sobre tudo que rolou nos últimos anos em casa.

— Charlie, se você precisar de qual...

— Jason, está tudo bem — eu o corto antes que ele possa concluir a frase. — Cassie sabe que não é um bom momento para fazermos uma festa de aniversário.

— Mas ela não quer fazer uma?

Cassie quer.

Quer dizer, ela não diz com essas exatas palavras, mas dá para entender nas entrelinhas.

*“Sabe o que vi esses dias enquanto estava no ônibus? Bexigas do Homem-Aranha! Ficariam incríveis em uma festa.”*

*“Bea levou bolo do aniversário dela para escola hoje, de morango e nozes. Eca! Na minha festa, só terá bolo de chocolate!”*

*“James falou que a próxima festa dele vai ser dos Vingadores e em uma pista de hockey. Imagina que legal comemorar 10 anos jogando com seus amigos?”*

Ela entende o porquê não pode comemorar os 9 anos com uma festa, mas isso não a impede de querer uma. Um dia, eu farei uma grande festa de aniversário para a minha irmã. Totalmente extravagante e com tudo que ela tem direito.

— Ela entende porque não podemos fazer nada agora — respondo, e já estamos chegando perto do carro do meu amigo. — Um dia, Jay, vou fazer uma grande festa para ela.

— Eu tenho que ser convidado, porque sou o seu amigo preferido da Cassie — ele avisa, parecendo bem sério.

*Ah, se ele souber que Alexia e Eleanor estão roubando seu lugar.*

— Vamos ver se ela ainda vai gostar de você no futuro — brinco, dando de ombros.

— Eu sempre vou ser o amigo incrível do irmão mais velho dela — ele responde com seu tom arrogante.

— Até amanhã, Jay — me despeço, virando-me para ir embora quando chegamos no Range Rover dele.

No caminho para casa, dentro do ônibus, tudo que consigo pensar é na grande festa de aniversário que Cassandra Brown vai ter quando morarmos sozinhos.

Eu farei isso e muito mais pela minha irmã.



Comprar um presente para minha irmã é impossível.

Todos os anos, sem exceção, eu a presenteio com alguma coisa. No entanto, Cassie nunca me diz o que quer quando eu pergunto. Ela sempre alega que não precisa de nada. E todos os anos eu rodo o shopping inteiro a procura de um presente diferente e legal.

Eu não gosto de dar roupas, sapatos, nem nada assim para ela. Não é o tipo de presente que a criança gosta. Afinal, podemos comprar isso em qualquer dia do ano. Em seu aniversário, eu gosto de presenteá-la com algo mais interessante.

O aniversário de 9 anos não está sendo diferente.

No dia anterior, véspera do aniversário de Cassie, eu fiquei horas rodando o shopping mais perto de casa até achar algo que ela gostaria. Depois de muita procura, achei uma coisa que ela poderia gostar. E não tinha certeza, já que estava indo pelo que Eleanor me disse esses dias, mas eu esperava que estivesse certo na minha intuição.

Diferente dos anos anteriores, eu fiz algo diferente também. Como Aiden só saía de seu quarto depois das 11 da manhã, foi possível seguir o conselho de Alexia e preparar um café da manhã na cama para Cassie.

Um pouco antes do horário que eu normalmente a acordo para ir ao colégio, eu destranco a porta do seu quarto com a bandeja em mãos.

Devagar, vou acordando-a aos poucos, e deixo o café da manhã na beira da cama, onde os pezinhos dela não podem alcançar e causar um acidente.

— Feliz aniversário, Cassie — desejo assim que ela se senta na cama, ainda esfregando os olhinhos castanhos.

— Obrigada, Charlie — ela respondeu, um pouco sonolenta. Eu percebo o momento exato que seus orbes seguiram até a bandeja e sua boca se abre em surpresa. — Café da manhã de aniversário?

— Café da manhã de aniversário — concordo, colocando-a entre nós, para que minha irmã possa ver o que tem ali.

Na bandeja há waffles acompanhados de geleia de framboesa. Tentando a sorte, eu fiz uma carinha feliz com chantilly, que até que não ficou tão ruim assim. Para beber, fiz um milkshake de morango, o preferido dela. É seu aniversário, então é claro que ela pode comer e beber o que quiser, o dia inteiro. Por influência de Alexia, comprei um pequenininho vasinho e pus flores ali.

O pequeno buquê, feito na floricultura dos Jenkins pela própria Lexie, tem três tipos de flores. O tremoceiro, que significa felicidade e criatividade. A anêmona, conhecida porque é a proteção contra o mal e para completar, o mosquitinho branco, que tem o significado de amor platônico incondicional.

— Que flores lindas! — Cassie comenta enquanto aproveita seu café da manhã, finalmente reparando na decoração da bandeja. — Jason que fez?

Ela sabe que os Jenkins tinham uma floricultura, então não estranho esse ter sido seu primeiro pensamento.

— Na verdade, foi a Alexia.

— Sério? Que legal! Posso ligar para ela e agradecer? — minha irmã pergunta, animada para falar com sua nova amiga.

— O que acha de mandarmos uma foto sua com as flores? Ainda é bem cedo para ligações — sugiro, já que acredito que Alexia ainda deve estar dormindo, pelo horário.

— Pode ser!

Com a câmera frontal do celular, envio uma foto nossa por mensagem para Alexia, junto de um áudio de Cassie, agradecendo pelas flores. Minha irmã não é muito fã de flores, mas sei que teve um significado ainda mais especial por Lexie ter montado o buquê.

Depois que ela termina o café da manhã de aniversário, finalmente entrego seu presente. Ele está numa caixa embrulhado e não tem como Cassie adivinhar o que há dentro só pela embalagem.

Eu estou mega ansioso enquanto ela rasga o papel de presente e, finalmente, vê o que tem dentro da caixa. Seus olhinhos brilham e eu sei que acertei em cheio.

— Não acredito! — ela exclama, pulando para envolver os bracinhos em volta do meu pescoço. — Obrigada, Charlie!

— Tudo por você, pequena — sussurro no seu ouvido e logo ela volta a encostar as costas na cabeceira da cama, ainda com o presente em mãos. — Eleanor disse que você estava interessada em treinar boxe, então achei uma boa ideia quando passei na loja e vi isso.

— Eu amei, Charlie!

Presenteei Cassie com uma luva de boxe. Não, não é uma luva normal de boxe. A loja de esportes estava com uma coleção infantil e eu achei as luvas do Capitão América. Não pensei duas vezes quando lembrei do que Ellie disse.

Após deixar minha irmã no colégio, o dia passa normalmente. As mesmas aulas chatas, o almoço divertido com meus amigos — e todos fizeram questão de gravar vídeos parabenizando Cassie — e, finalmente, o horário de ir embora. Eu estou animado e feliz, já que eu adoro comemorar o dia da Brown mais nova.

O próximo passo é buscá-la na escola e irmos na lanchonete preferida da pequena. Ao longo dos anos, eu tentei levá-la para outros lugares, para mudar um pouco os ares, mas ela insiste em continuar indo no mesmo. Eu não irei discutir com o gênio forte de Cassie!

Assim que ela se despede de James na porta do colégio, vem correndo para mim, prontíssima para ir ao seu local preferido. No caminho até a lanchonete, eu mostro os vídeos que os meus amigos gravaram e a resposta de Lexie para seu áudio, já que ela respondeu depois de eu já ter deixado minha irmã na escola. Cassie faz questão de gravar um vídeo de volta, para mandar no grupo de mensagens que eu tenho com eles, agradecendo o carinho.

Quando descemos do ônibus, no ponto em frente ao estabelecimento, algo não está certo. As persianas estão todas fechadas e a luz apagada do lado de dentro. Acho estranho, porque se fossem fechar hoje, eu, com certeza, ficaria sabendo, já que trabalho ali, mesmo estando de folga.

— Eles estão fechados hoje? — Cassie pergunta enquanto chegamos mais perto do local.

— Não sei... não deveriam.

— A plaquinha de aberto está ali! — minha irmã fala, apontando para a porta, e realmente está indicando que a lanchonete está aberta.

Hesitante, de mãos dadas com a aniversariante do dia, eu abro a porta bem devagar, até um pouco receoso com o que posso encontrar ali.

O sentimento não dura, porque acendem as luzes assim que nós entramos e ouvimos gritos de várias pessoas ali.

— *SURPRESA!* — todos gritam, fazendo com que Cassie pule ao meu lado e solte minha mão.

Toda lanchonete está com uma decoração dos dois super-heróis favoritos de Cassandra: Viúva Negra e Capitão América. Há bexigas coladas no teto, das cores dos personagens, chapeuzinhos de festas em todas as mesas e ao fundo, consigo ver uma mesa com bolo, docinhos e tudo que pode se ter em um aniversário.

Na nossa frente, estão todos meus amigos, devidamente equipados com seus chapeuzinhos na cabeça, cada um com um personagem. Não só eles, mas Lisa e Dom também estão presentes, e sei que eles tiveram uma mão nisso.

Alexia é a primeira a vir até nossa direção, com um sorriso de orelha a orelha. Ela se agacha, ficando olho a olho com Cassie.

— Oi, Cass. Feliz aniversário! — ela deseja a minha irmã, e acredito que nós dois somos surpreendidos quando a pequena se joga nos braços da loira.

— Você fez uma festa surpresa para mim? — Cassie pergunta, ainda parecendo desacreditada.

— Eu tive uma ajudinha — Alexia responde, apontando com o dedão para todos atrás dela. — Você gostou?

— Eu amei! — minha irmã responde com um sorriso gigantesco e estampado na cara. — Mas... o Jason não veio? — ela questiona, dando mais uma olhada para todos presentes ali, parecendo um pouco desapontada.

— Ah, ele veio, sim! Ele não perderia por nada — Lexie diz, se levantando e entrelaçando a mão com a da minha irmã. Seus orbes se conectam rapidamente com as minhas, e ela dá uma piscadinha. — JASON! NORA! PODEM VIR!

De repente, as pessoas se separaram, abrindo um caminho que leva até onde estamos. Eu não faço ideia do que está acontecendo, e Cassie também não, porque ela olha para trás, para mim, e eu dou de ombros. Estou sendo pego de surpresa tanto quanto ela.

Eu não estou preparado para o que vejo na minha frente.

Caminhando até nos, Jason e Nora aparecem.

Não, não Jason e Nora.

Capitão América e Viúva Negra estão vindo até nós.

Não acredito nessa porra!

Meus amigos se fantasiaram para o aniversário da minha irmã.

Caralho.

Eu sou muito sortudo de ter pessoas como eles na minha vida.

— Ouvi dizer que uma tal de Cassie está fazendo 9 anos hoje — Jason fala assim que está bem perto de nós.

— Ah, ela é uma garotinha muito linda! — Nora entra na brincadeira também, trocando olhares com Allie de longe.

— Você deve ser a aniversariante do dia! — Jay diz, se agachando na frente da minha irmã. — Eu sou o Capitão América, e essa é a minha amiga, Viúva Negra, e viemos te parabenizar hoje.

— Eu sei que é você, Jay. E sei que é a Nora também — minha irmã responde, acabando com a graça do fingimento deles.

De longe, vejo as namoradas orgulhosas filmando tudo com os devidos celulares e tentando segurar as risadas.

— Eu tenho um presente de uma pessoa muito especial para você, Cassie — Nora fala, atraindo a atenção da minha irmã, entregando uma sacola para a pequena. — Uma tal de Alexia pediu para te entregar.

Eufórica, Cassie abre a sacola e tira de lá mais um presente: a fantasia da Viúva Negra.

— Não acredito! Eu amei! — ela quase grita, dando mais um abraço em Lexie. — Muito obrigada, Alex!

— De nada, Cass.

— Quer trocar de roupa agora? — Nora sugere, estendendo a mão para minha irmã.

— Claro que sim! — responde, como se a resposta fosse óbvia.

Juntas, Viúva Negra 1 e Viúva Negra 2 saem para ir ao banheiro.

E é a oportunidade perfeita para eu me aproximar de Alexia, que está de canto, observando tudo.

— Lexie... — começo, chamando sua atenção e ela se vira para mim.

— Antes que você brigue comigo por eu ter agido pelas costas, eu tenho coisas a dizer! — eu tento interrompê-la, mas sou surpreendido pelo seu dedo indicador em meus lábios, me fazendo ficar em silêncio. Quando eu aceno, tentando dizer silenciosamente que não vou falar nada, ela retira os dedos de onde estão e continua falando: — Eu sei que você disse que não comemoravam aniversários fazendo festas e que ela nunca tinha tido uma. Pedi para Jay sondar o terreno com você também, e ele me contou um pouco da conversa que tiveram. Charlie, tudo bem você não querer nos contar o que acontece em sua casa, com sua família, eu respeito isso. Mas..., mas eu não queria deixar Cassie sem uma festa de aniversário depois que saímos juntos e eu vi quão maravilhosa ela é. Você é um irmão incrível para ela, e sei que faz tudo que pôde para ela ter tudo que precisa. E sei que festas não são essenciais, e podemos muito bem viver sem uma, mas...

— Lexie... — tento chamá-la, mas ela não dá bola e continua tagarelando.

— Mas eu queria fazer algo por ela também, sabe? Não sei... só senti que seria especial ela ter uma festinha de aniversário, mesmo que fosse pequena! Eu não sabia se você concordaria se eu te contasse, por isso pedi ajuda de todos pelas suas costas, e eu espero muito, muito que você não me odeie porque eu fiz tudo isso...

— Alexia! — digo mais firme desta vez, e ela finalmente se cala, olhando nos meus olhos. — Eu não te odeio, longe disso. Na verdade, eu estou muito, muito feliz por saber o quanto você se importa com minha irmã. O suficiente para preparar uma festa no lugar preferido dela, dos super-heróis que ela mais gosta.

— Eu realmente gosto muito da Cassie e queria vê-la feliz.

— Você conseguiu, Lexie — garanto, sorrindo para a linda garota a minha frente. — Você também me deixou extremamente feliz.

— Então... você não me odeia por ter feito isso pelas suas costas?

— Bem... — Eu coço a garganta, um pouco sem jeito. Não iria mentir para ela. — Eu gostaria que você tivesse me contado, claro, mas eu não apoiaria a ideia e não veria o sorriso gigante no rosto de Cassie. Sua mentirinha valeu a pena.

— Não foi mentira, foi omissão! — ela fala, e eu rio. — Desculpa ter feito isso, Charlie.

— Tudo bem, Lexie. Ver minha irmã feliz não tem preço — eu digo, mais uma vez.

— Você acha que ela amou mesmo a festinha? — Alexia pergunta, preocupada.

*Não tanto quanto eu amo você neste momento, penso, mas não falo.*

— Ela amou mesmo, Lexie.

Cassie logo volta do banheiro, de mãos dadas com Jason e Nora, já com sua fantasia de Viúva Negra. Ela está até com uma trança, típica da personagem.

A porta da lanchonete é aberta, e todos nós nos viramos para ver quem está chegando.

*James. O melhor amigo de Cassie.*

— JAMES! — Cassie grita, surpresa, e corre até o amiguinho para cumprimentá-lo.

Como caralhos conseguiram que ele viesse?

— Eu tenho meus contatos — Alexia fala, tocando seu ombro no meu, parecendo ler meus pensamentos. — Não seria uma festa de verdade sem o melhor amigo dela, não é?

— Você não existe, Lexie — digo, um pouco baixo, mas sei que ela ouve, porque um sorriso surge em seu rosto, somente para mim.

Alexia Jenkins fez, simplesmente, uma festa surpresa para minha irmã. A primeira festa da vida dela.

Eu já estava certo disso antes, mas agora tenho mais certeza ainda: eu me casarei com ela, nem que seja a última coisa que eu farei.



*alexia*

**Lily:** *agora que já não preciso mais da bota ortopédica, o que acham de irmos pra balada esse fim de semana? Vai ter um Dj novo, de outra cidade, que eu adoro!*

**Jason:** *tô dentro.*

**Eleanor:** *acho que não tenho nada para o fim de semana, então vou.*

**Lily:** *Nora? Allie? Alex? Charlie?*

**Lily:** *vocês precisam ir, poxa! Faz semanas que não posso fazer nada direito! Finalmente vou poder sair sem essa coisa horrorosa no meu pé.*

**Alison:** *eu e Nora vamos ter que voltar cedo, porque iremos para a fazenda no dia seguinte.*

**Lily:** *se vocês forem para festa, já está valendo!*

*Alexia: posso voltar cedo junto com elas?*

*Lily: ah, Alex! Fica até o final com a gente, por favor! Faz tempos que não nos divertimos sem aquele encosto do seu ex-namorado com a gente.*

*Charles: Lily.*

*Lily: Charles.*

*Lily: O que foi? Você vai, né? Queria todos do nosso grupo reunido...*

*:(*

*Alexia: vou apenas por você, amiga.*

*Lily: eu te amo!!!*

*Lily: Charlie?*

*Charles: Cassie vai estar em um acampamento no fim de semana, para sua sorte.*

*Charles: eu vou, mas vou chegar um pouco mais tarde.*

*Lily: obrigada, Charlie!*

*Lily: tô muuuuito animada!*

Lily é a única pessoa do nosso grupo que conseguiria convencer a todos a ir a uma festa sem muitas objeções. No fundo, acho que todos a conhecem tão bem que sabem que ela não desistirá até nos ver concordar, então é mais fácil falar "sim" de primeira.

E é por isso que todas nós, as meninas, estamos nos arrumando para a festa na casa de Eleanor, já que é a mais próxima do local. Sempre que estamos juntas, nos aprontando para algum evento, é um caos.

Cinco meninas em um estúdio, com um banheiro e dois espelhos?

Quase um apocalipse.

— Todo mundo comeu, certo? Lá não tem absolutamente nada para comer! — Allie pergunta, enquanto está inclinada sobre Nora, fazendo um delineado na namorada.

— Sim, mãe — Lily debocha, de onde está sentada no chão, tentando espumar seu olho com um espelhinho de bolsa.

— Principalmente você, Lily Diggory. Não queremos outro episódio como o do treino. Você comeu? — Nora questiona, de olhos fechados, mas apenas pelo seu tom de voz sabemos que ela está preocupada e até um pouco irritada com a melhor amiga.

— Eu comi um pouco amiga — Lily responde, mas não é muito firme.

— Tem macarrão instantâneo na geladeira. Pode comer, se quiser — Eleanor sugere, do banheiro, onde está se maquiando.

— Mas eu disse que comi!

— Você disse um pouco, Lily — eu digo, já saindo do espelho de corpo inteiro perto da cama de Ellie e indo até a cozinha. — Vou esquentar uma água para seu macarrão — aviso, pegando uma das poucas panelas da dona da casa e enchendo na pia.

— Gente... — Lily resmunga. — Não precisa de tudo isso. Só aconteceu uma vez.

— E não vai acontecer de novo. Vamos garantir isso — Allie diz, séria, saindo de cima da namorada.

— Não vejo a hora de ir para a faculdade e vocês saírem do meu pé — Lily comenta, ainda focada na maquiagem.

— Já que ela entrou no assunto... vocês já sabem para onde querem ir? — Nora pergunta, se ajeitando no sofá.

— Northwestern tem um ótimo departamento de Literatura, mas o meu orientador falou também sobre Berkeley e Yale — respondo, esperando a água da comida de Lily ferver.

— Eu queria ir para Chicago, Miami... alguma cidade grande assim. Os cursos que quero fazer são bons em quase todas as universidades — Eleanor fala. Ela quer cursar Administração, para conseguir abrir sua academia de lutas e Educação Física.

— Meu orientador comentou sobre Oberlin, em Ohio. É uma das melhores em Escrita Criativa, e também em Engenharia. Perfeito para mim e Allie — Nora diz, sorrindo para a namorada.

— Vocês são nojentas de fofas — Lily fala, com uma careta, admirando o casal. — Acho que eu devo ficar na Schönilla mesmo. Minhas notas não são boas o suficiente para Londres, onde eu queria mesmo. E o programa de Moda lá é muito bom também.

— Então... não vamos ficar perto uma das outras? — Nora indaga, juntando as pecinhas da conversa. Eu deposito o macarrão de Lily na panela e agora é só esperar 3 minutinhos e ele estará pronto.

— Nora... não é hora de pensar nisso! — aviso, apontando a colher que está em minhas mãos na sua direção. — Estamos indo para uma festa, todas maquiadas e não quero chorar agora!

— Tudo bem, tudo bem! — ela responde, levantando os braços em sinal de rendição. — Mas você sabe que a formatura não está tão longe e vamos ter que passar por isso.

— Problemas para o futuro, Nora Hart — Lily diz, já passando um pouco de blush em seu rosto.

Eu não faço ideia de como ficarei longe dos meus amigos, que são presenças constantes no meu dia a dia há anos. Principalmente Jason, meu irmão gêmeo é a pessoa que divido minha vida desde sempre. Sim, eu quero

me desprender dele, não preciso contar tudo que acontece e não sair sempre com ele, mas... outro estado? É demais para mim!

Mas como Lily disse: problemas para o futuro. Não pensarei nisso neste momento, porque eu chorarei e borrarei minha maquiagem... é, tenho que tirar esses pensamentos da minha mente.

Me distraio pouco tempo e nem percebo que o jantar da minha amiga está pronto! Desligo o fogo e coloco toda a comida em um dos pratos limpos que encontro, indo até a o sofá, onde Lily está encostada, sentada no chão, e entrego o macarrão com um garfo em suas mãos.

— Come tudinho, viu? — brinco com ela e recebo uma revirada de olhos juntamente com careta.

— Vocês são piores que a minha mãe! — responde, passando seu olhar em cada uma de nós.

— Se você não se esquecesse de comer, não faríamos isso — Ellie cantarola, já saindo do banheiro e se juntando a nós.

— Foi só uma vez! — Lily resmunga e começa a comer.

— Ainda mais que você vai beber hoje. Não pode fazer isso de estômago vazio — Allie a lembra, e todas nós concordamos.

Lily parece finalmente sossegar a bunda e come sem reclamar. Nós entramos em alguns assuntos como as próximas provas na escola, um casal que terminou no estacionamento do colégio e o que faremos nas férias antes

das aulas na faculdade iniciarem. Queremos fazer uma viagem todos juntos, para aproveitarmos. Já que depois de iniciarmos os nossos estudos, não sabemos como ficarão os nossos horários e tudo mais.

Após muita conversa, o celular de Eleanor notifica uma mensagem, e ela nos avisa que Jason está lá embaixo, nos esperando para irmos para a festa.

Rapidamente, todas nós nos levantamos para colocarmos os sapatos e passar um batom antes de sairmos. Lily nos avisa para irmos na frente, que ela precisa escovar os dentes e terminar um pouco da sua maquiagem, mas que vai ser rápida. Nós assentimos, e Ellie entrega a chave de casa para que ela possa trancar quando sair.

Descemos os lances de escada do prédio de nossa amiga, e assim que abrimos o portão, encontramos Jason encostado em um dos carros ali estacionados. De braços cruzados e focado no celular, ele só nota nossa presença quando Ellie se aproxima, chutando seu pé.

— Boa noite para você também, gatinha — ele diz, dando um selinho rápido na namorada. — Boa noite, gente.

Todas nós desejamos uma ótima noite para o meu irmão e vamos ficar ao seu lado, para aguardar Lily.

Charlie não está com ele, é uma das primeiras coisas que percebi.

Eu tinha certeza que eles viriam juntos.

Estranho.

— Charlie não vai mais? — pergunto para Jay, que agora está com braços ao redor da namorada.

— Ele tem algo para fazer e vai chegar mais tarde.

— A essa hora? — *Droga*. Não era para eu ter dito isso alto!

— Ele deve estar com alguém — Allie comenta, sem se importar muito.

Meu coração aperta ao ouvir isso.

*Ah, fala sério, Alexia, o que você esperava? Você achava mesmo que ele estava se interessando por você?*

Uma pequena parte de mim, esperançosa, acreditava que Charlie poderia estar começando a me achar interessante. Gostando de mim da mesma forma que eu sempre fui apaixonada por ele.

Mas é claro que não.

Ele já tinha deixado bem claro, desde quando éramos crianças, que nunca se interessariam por mim dessa maneira. Todos esses momentos que estamos passando juntos recentemente foram apenas como amigos. Eu estou enxergando isso agora, e pensar que eu realmente acreditei que ele pudesse estar me vendo de outra forma... que tola!

Alguém como ele nunca se interessará por alguém como eu.

Ele deve achar o mesmo que Kyle. Que eu sou meio chata, certinha demais e sem sal. Que não há nada de especial em mim, e há milhares de garotas muito melhores por aí.

— Cheguei! Vamos? — a voz de Lily me tira dos meus pensamentos autodestrutivos.

Eu não deixarei mais uma suposta rejeição acabar com a minha noite.

Se Charles Brown não me quer, outros querem.



Beber 3 Mojitos seguidos talvez não tenha sido a melhor ideia que já tive.

Eu fui na onda de Lily, que já está em 5º drink, e foi a minha pior escolha. Ao contrário de mim, ela é forte em relação ao álcool. Já eu... estou começando a ficar bêbada. E eu nunca fico bêbada. Eu mal bebo, dou apenas alguns uns golinhos socialmente, aqui e ali, e olhe lá.

Enquanto eu sugo o canudinho e acabo com o Mojito, rebolo a bunda na pista de dança junto com minha companheira de bebida do dia. Não

estamos aqui nem há duas horas e ambos os casais que nos acompanhavam tinham sumido.

Sem problemas... as solteiras do grupo estão dando o nome, dançando ao som das melhores músicas pops dos dias atuais. Eu sinto os olhares das pessoas ao nosso redor queimando minha pele, mas não me importo. Que olhem! Não estamos fazendo nada de errado, apenas nos divertindo.

É aí que uma luzinha parece se acender na minha cabeça.

Eu posso completar um dos itens da lista hoje.

*Beijar um desconhecido.*

Fora os meus amigos e alguns poucos rostos conhecidos do colégio, a grande parte dos frequentadores da balada eu não fazem ideia de quem eu era.

Passando os olhos pelos homens do local, consigo ver alguns que parecem interessantes. Bonitos demais. Um deles me chama atenção. Ele tinha cabelos castanhos, a pele clara e parece estar odiando estar nesse local. Eu sorrio diante disso, me lembrando de Charles.

*Argh.*

*Charlie.*

Por que tudo sempre volta para ele?

Não, eu não estou querendo ficar com alguém só porque, *supostamente*, ele deverá estar com uma garota antes de vir. É a única

possibilidade possível. Cassie está no acampamento, Jason está aqui... o que mais ele poderá estar fazendo?

Inclusive... ainda nem sinal dele.

É, a noite deveria estar boa.

Será que é Mary? Uma das garotas que ele estava ficando há alguns meses?

Eu ouvi Jason comentando que eles tinham terminado, mas qualquer pessoa em sã consciência iria querer voltar com Charlie. Ele é bonito, carinhoso — quando você se aproximava, conhecia esse lado dele —, inteligente, divertido... tudo que qualquer garota poderia sonhar. E o jeito que ele trata a Cassie, droga! Ele será um ótimo pai no futuro.

Não, não.

Minha mente não pode seguir na direção de Charles Brown cuidando de um recém-nascido, ainda mais que, na minha imaginação, o bebe é nosso.

Bem que dizem que o álcool humilha. Olha onde minha cabeça está indo!

Eu preciso dar um tempo da bebida.

— Lily! Vou pegar uma água! — aviso a loira, que já está conversando com um cara no meio da pista.

— Vou ficar por aqui, amiga — ela responde, quase gritando, por cima da música, sem tirar os olhos do cara.

Vou passando pela multidão de pessoas, empurrando alguns, pedindo licença a outros, até, finalmente, chegar no bar da balada, que não está tão cheio assim. Peço uma garrafinha de água à garota atrás do balcão e quando ela me entrega, confiro se está lacrada mesmo antes de abrir. Só para ter certeza.

Enquanto tomo minha água em goles grandes, resolvo me sentar em um dos bancos altos e cruzo minhas pernas, subindo ainda mais o vestido que estou usando. É novo. Bem curto, quase aparecendo a polpa da minha bunda. Um branquinho, com um decote que valoriza bem meus seios e mangas longas, um pouco bufantes. Eu comprei com Lily, claro. Ela sempre me ajuda a achar umas roupas mais festeiras. Tirando o tamanho, que é um pouco curto demais, o vestido é a minha cara.

Passo meus olhos, mais uma vez, pelas pessoas ali. No bar, um pouco mais afastado de mim, vejo um cara ruivo me encarando. Ele é bonito. Me lembra um pouco o Ron Weasley, de Harry Potter, o que já o garante um ponto comigo. Gosto muito da saga de livros! De longe, ele não parece bêbado. Quando ele leva seu copo até a boca, acredito que esteja bebendo refrigerante, pela cor do líquido.

E se eu for até ele?

— Oi, Lexie — uma voz masculina surge por trás de mim, me assustando. Até pulo no banquinho! — Desculpe, não queria te assustar.

— Charlie — digo, girando o assento para ficar de frente para ele. — Chegou agora? — pergunto, tentando dar uma espiada para conferir se ele veio sozinho.

— Acabei de chegar — ele responde, sentando-se ao meu lado.

Charles está com uma calça jeans escura e uma blusa preta dobrada até o antebraço. Simples, mas incrivelmente bonito, como todos os outros dias.

Deveria ser crime ter toda beleza do mundo para si.

— Lexie, você não pode me olhar assim — Charlie diz e eu percebo que estava encarando-o esse tempo todo. Droga!

— Assim como? — minha voz sai como um sussurro quando ele se aproxima de mim.

— Como se quisesse me beijar, linda.

*Linda.*

*Linda.*

Ele acabou de me chamar de *linda*?

Pânico no meu coração e na minha mente!

Eu poderia me inclinar agora e colar meus lábios no dele. Seria fácil, mas é claro que a visão dele com outra garota, antes de vir, aparece na

minha mente.

Ele estava com outra há pouco tempo e flertando comigo?

*Argh.* Ele é igual a todos!

Eu não cairei nesse papinho, mesmo meu coração batendo mais forte e dizendo que eu deveria.

— Acho que vou riscar mais um item da lista hoje — solto, de repente, e ele se afasta um pouco, olhando nos meus olhos.

— E qual vai ser, Lexie? — pergunta no meu ouvido, para que eu consiga escutar por cima da música. Sua voz rouca no meu ouvido me causa arrepios até nas partes baixas.

— Beijar um desconhecido.

— E você quer fazer isso? — ele demanda, limpando a garganta e voltando a ficar numa distância aceitável de mim.

Agora eu preciso ler seus lábios para entender o que está dizendo.

— Tenho que completar a lista antes de nos formarmos. E já estamos há semanas sem riscar algo novo!

— Você não é de beijar qualquer um em festas, Lexie. Quer mesmo fazer isso? Você não precisa se não quiser, sabe disso — ele responde, um pouco duro demais comigo.

— Sabe, já estou cheia de vocês me dizendo o que é ou não é do meu feitio fazer! Eu quero beijar alguém hoje e vou fazer isso. Já está na hora de

eu mudar um pouquinho, não acha? — falo, um pouco na defensiva.

Não dou chance para ouvir a resposta de Charlie, pego minha água e saio na direção do ruivo bonito que tinha visto antes dele chegar.

— Ei, oi! — cumprimento o homem, ficando na sua frente.

— Boa noite, boneca — ele me deseja, com um sorriso simpático no rosto.

Não, “boneca” não tem o mesmo efeito do “linda” de Charlie.

— Eu sou a Alexia — me apresento, sem saber muito bem como conduzir isso. Eu nunca fiquei com alguém que não conhecia, então é tudo muito novo para mim.

— Niall, muito prazer — responde, estendendo sua mão. — Você é daqui?

— Nascida e criada em Millsh — digo, com orgulho. — Você não, né? Já conheço quase todos os rostos dos moradores.

— Estou visitando um amigo. Vou ficar essa semana por aqui — ele explica, terminando sua bebida.

— Seu amigo te deixou sozinho em uma balada? — pergunto, e ele ri.

— Ele tem um bebê, então não gosta de sair à noite, por isso vim sozinho — ele fala, me olhando com seus lindos orbes verdes. — E você? Seu amigo não parece estar gostando da nossa conversa. — Ele aponta com a cabeça para onde eu estava.

— Ah... — Suspiro, dando uma olhada rápida para ver Charlie nos fuzilando com os olhos. — Ele só está... estressado.

— Ex-namorado?

— Só meu amigo — garanto, dando mais alguns passos em sua direção.

— Isso quer dizer que posso te beijar? — ele pergunta, com um sorriso de lado bem sexy.

— Por favor.

As palavras mal saem da minha boca e os lábios dele se chocam contra os meus. Suas mãos estão em minha cintura, respeitosamente, bem acima da minha bunda. Meus braços se enrolam em seu pescoço.

Ele tem gosto de refrigerante de cereja e cigarro. Não é minha combinação preferida, mas não posso pedir muito.

Nosso beijo combina, não posso negar. Mas assim como os beijos do Kyle, não sinto nenhuma faísca. Como a Mia em *Diário da Princesa*, minha perna não se levanta involuntariamente quando nossas línguas se tocam em sincronia.

É um beijo bom, mas normal.

*Será que o beijo com Charlie é melhor?*

Não. Não posso beijar Niall pensando em outro homem.

É, o clima morreu.

Por isto, me afasto dele, ainda com nossos corpos se tocando.

### **TAREFA RISCADA - BEIJAR DESCONHECIDO**

— Você... — Ele limpa a garganta, parecendo querer se recuperar do beijo. — Você pode me passar seu número? Para sairmos enquanto eu estiver por aqui?

— Claro! — respondo, pegando meu celular na minha bolsinha de lado.

Nós trocamos números e nos despedimos, já que ele alega que precisa ir embora para não chegar muito tarde na casa do amigo.

Ele me deseja boa noite com um selinho, que me pega totalmente desprevenida.

*Uau.*

Eu volto para onde Charlie está, mas algo chama minha atenção na pista de dança. Percebo que Charles também vê que algo está acontecendo, e nós nos encontramos no meio do caminho para entender o que está rolando.

Para nossa surpresa, encontramos um Jason segurando uma Eleanor muito brava, querendo saltar de seus braços a todo custo.

— EU VOU ACABAR COM ELE, JASON! ME LARGA! — ela grita para o namorado, que apenas a segura mais forte.

Vejo um cara com a cara ensanguentada no chão, para onde Ellie está querendo avançar. Enquanto Charles vai até o casal, eu encontro Lily, Nora e Allie em um canto, com a ruiva parecendo que tinha acabado de chorar, nos braços da namorada.

— Ei, tudo bem? O que rolou? — pergunto diretamente para Nora, vendo o estado que ela se encontra.

— Nós estávamos dançando juntas — é Allie que responde, fazendo um carinho no braço da amada. — E um cara apareceu, falando coisas nojentas para a gente. Nós tentamos ignorar, como sempre fazemos, mas ele não gostou. Ele... ele tentou nos beijar à força. Foi quando Jay e Ellie viram, ela partiu para cima dele.

Meu Deus! Não acredito que aquilo estava acontecendo e eu estava beijando um cara que nunca vi na vida. Pelo amor de Deus, eu deveria estar com as minhas amigas. Tudo bem, eu não sabia o que faria, mas com certeza algo para ajudar.

— Vocês já falaram com o segurança? Polícia? Alguma coisa? — questiono, preocupada.

— Uma das meninas que viu foi chamar alguém — Lily diz, com sangue nos olhos olhando para o cara no chão. — Ellie tinha que ter quebrado a cara dele inteira. Babaca nojento! — ela cospe as palavras na direção dele.

— Sinto muito que isso tenha acontecido, meninas — falo para elas, com um sorriso triste.

— Gente! — Eleanor e Jason aparecem ao nosso lado, parecendo eufóricos. — Precisamos ir. Agora!

— Que? Por que? Temos que esperar os seguranças chegarem! — Allie responde, confusa.

— A menina que foi falar com os responsáveis daqui disse que eles estavam vindo, mas o problema seria comigo por eu ter batido no cara. — Ellie explica, com lágrimas nos olhos, algo que não é comum da nossa amiga. — E-eu não posso ir para a polícia, gente. Não depois do que aconteceu... vocês sabem. E agora que Paul está resolvendo a situação do meu pai, minha mãe e tudo mais... isso não vai ser favorável no processo. Precisamos ir! — ela fala, tentando recuperar o ar. — Allie, Nora... desculpem. Vocês podem ficar, se quiserem, para prestar queixa. M-mas eu não posso.

— Claro que não vamos ficar, Ellie! Vamos todos juntos — Nora fala, como se fosse a resposta mais óbvia do mundo. E é. Todos nós concordamos com a ruiva.

— Vocês não precisam fazer isso, gente — Eleanor tenta, mais uma vez, mas Nora e Allie balançam a cabeça em negação.

— Ele não vale a pena, Ellie. Você vale. Depois podemos ver o que fazemos com essa situação — Allie garante, sorrindo fraco para a nossa amiga.

— Nós sempre vamos estar ao seu lado — eu digo para Ellie, e todos concordam.

— Galera... acho que os seguranças estão vindo — Charlie avisa, olhando para um local bem atrás de nós.

Todos viramos as cabeças ao mesmo tempo, e realmente... vemos pessoas de preto vindo até onde estamos.

— Vamos? — Jason indaga, e todos concordamos.

Juntos, saímos correndo da balada. Nunca deixamos um de nós na mão, e não será agora que isso acontecerá.



*charles*

Nora e Allie decidiram não denunciar o cara que as assediou, depois de muita conversa, quando fugimos da boate na noite anterior.

Além do motivo de não podermos estar na boate, já que éramos menores de idade, elas também não queriam reviver toda a situação na polícia. E nós sabemos que a chance dele se safar dessa era grande.

Por isso, as meninas tomaram outra decisão: elas entrarão em contato com o dono do local que estávamos para falarem do assédio e pedir para que o indivíduo não bote mais os pés lá. Elas tem a carta na manga de que vários menores de idade frequentam o lugar e farão uma ameaça silenciosa.

É o mais correto? Talvez não, mas também não é certo que o cara saia impune de assediar as meninas, então, eu concordei com a ideia delas.

Como elas irão para a fazenda da família de Allie na manhã seguinte, só resolverão a situação quando voltarem, então nos oferecemos para ir juntos.

Não deixamos ninguém da nossa família na mão.

Falando em família... que saudades da Cassie. Ela está em um acampamento — no colégio mesmo, com barracas do lado de fora — e só poderei buscá-la no domingo de manhã.

Dois dias sem a minha irmã e eu já estou com o coração apertado de saudades.

Imagina quando ela for para a faculdade... Graças a Deus, falta muito para isso.

E como eu estou com o fim de semana livre, porque Cassie não está aqui, Jason me convidou para ir a sua casa após o almoço. Ele disse que as meninas continuaram na casa da Eleanor, já que elas dormiram lá após a festa, e alguma delas tinha um evento importante à noite e precisava da ajuda das outras para se preparar.

Garotas...

Por isso, agora eu estou no sofá da sala de jogos da casa dos Jenkins, *macetando* Jason no jogo de futebol americano em seu videogame.

— Caralho! — Jay resmunga pela décima vez no dia. — Você tem certeza de que não treina isso em casa?

— Eu não tenho videogame, Jay — respondo pela milésima vez na tarde. — Só aceite que eu sou melhor que você.

— Não! Vamos de novo — ele fala, já dando play na próxima partida.

Eu realmente não sei porque sou tão bom no jogo, já que só jogo quando estou na casa de Jason, mas sou. E o espírito competitivo do meu melhor amigo não aceita isso. Todas as vezes que decidimos por esse jogo, ficamos horas e horas nele, até Jay, finalmente, me ganhar. Eu poderia deixá-lo ganhar e acabar com a tortura na frente da tv? Poderia, mas eu também sou um pouquinho competitivo.

Indo para 6548ª partida do dia, foco nos meus jogadores em campo, dando olhadas sutis na direção de Jason e a movimentação do seu controle. Ele é bom, mas eu sou melhor. Apertando todos os botões necessários, vou abrindo minha passagem até o outro lado, para, finalmente, fazer o meu primeiro touchdown, arrancando uma bufada do garoto ao meu lado. Ele finge não se atingir e continuamos jogando.

Até eu vencer de novo.

— Não, não... eu desisto! — Jason diz assim que "vencedor" aparece na minha parte da tela, me fazendo sorrir. — Você tem algum pacto com os criadores, ou sei lá. É impossível alguém vencer tantas vezes seguidas.

— Deixa de drama, Jason — falo, apenas para irritá-lo, e recebo uma almofada na cara.

— Isso é para você deixar de se achar!

— Vindo de você? Seu ego mal cabe nesta sala, Jay.

— Exatamente, Brown. Você se acha, eu sou — ele responde, com uma feição arrogante.

— Quantos anos você tem, Jenkins? 9? — provoco, me ajeitando nos sofás. — Nem minha irmã fala essas frases prontas.

— Vai ficar de gracinha e não vou pegar lanche para você — ele avisa, apontando o dedo indicador em minha direção.

— Saudades quando seus pais traziam comida para a gente — confesso, com um sorriso triste.

Marcus e Paul estão passando um fim de semana fora, só eles. Eles estão em Millie Bay, uma cidade litorânea relativamente perto de Millsh. Às vezes, eles tiram esses dias fora para focarem apenas neles como casal, sem filhos, e eu acho uma ótima ideia. Eles merecem.

— O meu vai ser melhor, você vai ver — ele fala antes de sair.

Enquanto Jason está na cozinha preparando algo para a gente comer, me lembro da outra pessoa que mora nessa casa, que também não está.

Alexia Jenkins.

Sua imagem aparece em minha mente, mas logo se transforma na cena que presenciei no dia anterior.

Alexia, *minha* Alexia, beijando um cara qualquer na festa, apenas para riscar um item da sua lista.

Caralho!

Já foi difícil ter que vê-la com o babaca Kyle enquanto eles namoravam, mas o que vi ontem... machucou meu coração.

Sim, eu sei que não temos nada — e provavelmente não vamos, não até eu colocar minha vida no eixo — e que ela não me deve nada, porém... ainda dói. Vê-la com outro machuca demais. Eu deveria estar no lugar dele, merda!

Respiro fundo e conto até 10.

A amizade de Alexia é mais importante para mim. Depois de todos esses anos longe, eu não estragarei as coisas de novo por ciúme bobo.

Eu realmente acreditei que me afastar dela, anos atrás, iria fazer meus sentimentos sumirem? Puta que pariu! Até parece.

Depois de resolvemos a situação de Allie e Nora, eu não tive a chance de conversar com Lexie. Eu tinha sido um pouco grosseiro antes dela sair e beijar o ruivo, e não tinha me desculpado. Deixei meu lado possessivo e ciumento tomar conta de mim, e não me orgulhava disso.

E iria resolver isso agora, enquanto Jay não voltava, tirei meu celular do bolso e abri na conversa dela.

*Charles: ei, Lexie. Tudo bem?*

*Será que ela iria me responder?*

Felizmente, o digitando apareceu poucos segundos depois e logo ela enviou uma mensagem.

*Alexia: bom dia, Charlie. Tudo bem e você?*

*Charles: tudo ótimo!*

*Charles: desculpe ter sido um pouco grosseiro com você ontem.*

*Charles: o que eu estava querendo dizer é que você não precisa riscar todos os itens da sua lista se você não quiser. Você fez, você pode mudar. Não queria que você se sentisse na obrigação de completar tudo.*

É, acho que consegui contornar bem a situação.

*Alexia: tudo bem, Charlie.*

*Alexia: todos os itens da lista, eu quero fazer. Não me sinto obrigada, nem nada.*

*Alexia: mas obrigada por se preocupar <3*

*Charles: tudo certo entre a gente, então?*

*Alexia: sempre!*

Ufa. Não conseguiria ficar longe dela agora que estamos próximos de novo. O universo me odeia, é óbvio, porque ele escolhe justo esse momento para Jason aparecer e me ver sorrindo que nem um bobo para o celular.

— Sorrindo para o celular... — Jay cantarola, com um sorriso malicioso nos lábios. — Quem é a sortuda?

*Sua irmã.*

— Ninguém — respondo, dando de ombros, fingindo não ser importante.

— Sei... — ele diz, colocando uma bandeja com sanduíches e suco na mesinha de centro. — É a Mary?

— Já disse que não tenho mais nada com ela — falo, voltando minha atenção para Alexia.

*Charles: que horas você volta? Tô aqui na sua casa e queria te ver.*

Desesperado? Eu espero que não.

*Alexia: ah, só volto a noite, um pouco tarde.*

*Alexia: tenho um encontro com o Niall!*

Encontro? Niall?

Parecendo perceber minha confusão, mesmo do outro lado da tela, ela escreve: *Alexia: o cara de ontem! Trocamos números e estamos conversando desde manhã. Ele parece ser um cara legal, e me chamou para sair hoje à noite.*

Ela iria para um encontro com o desconhecido que tinha beijado ontem?

Porra, o universo só podia estar de sacanagem comigo!

*Charles: se divirta :) Não espero pela resposta de Lexie, bloqueio o celular e guardo-o no bolso novamente.*

— Levou um fora? — Jason pergunta, achando graça da situação.

— Cai fora, Jenkins — respondo, pegando meu sanduíche.

E mais uma vez, eu estou perdendo a garota que nunca foi minha e não sei o que fazer em relação a isso.



Os dias sem Cassie em casa são tediosos.

Ficar sozinho com meu pai é o inferno na terra.

Eu fico o máximo de tempo trancado no quarto para evitar trombar com ele pela casa.

Hoje, especialmente, eu fico trancado aqui por todo o espaço de tempo desde que voltei da casa de Jason, até o meu turno na lanchonete, pensando em Alexia Jenkins.

Não, não pensando nela somente. Isso eu já faço todo dia.

Eu estou pensando nela e no ruído da boate.

Neles no encontro... Jantando juntos, depois indo ao cinema e ele deixando-a em casa. Dando um beijo de “boa noite” e combinando quando iriam sair de novo.

Meu estômago embrulha e meu coração se aperta só de imaginar a situação. Nós não conversamos mais durante o dia. Lexie apenas enviou uma mensagem dizendo que me contaria “como foi” quando chegasse em casa.

Em casa... Quando fui embora da casa dos Jenkins, Jay saiu junto comigo, dizendo que ia para casa de Eleanor e passaria a noite lá. Ou seja, Alexia poderia convidar o cara novo para passar a noite com ela.

*Porra. Por que eu me torturo pensando nessas merdas?*

Eu tenho que colocar na minha cabeça, de uma vez por todas, que Alexia Jenkins nunca será minha. Eu estou esperando o momento certo para falar tudo que sinto, mas, aparentemente, essa vontade de resolver tudo da minha vida pessoal antes de me declarar para ela está me custando o coração de Lexie.

Eu realmente acredito que ela me esperará, mesmo não sabendo dos meus sentimentos?

Porra, eu sou burro para caralho.

Foda-se. Vou tentar esquecer da minha burrice para não acabar chorando em posição fetal durante horas. Confiro a hora no meu celular mais uma vez e vejo que já está no momento de me arrumar para o trabalho.

Levanto da cama, troco de roupa e vou até o banheiro para escovar os dentes e passar um desodorante. Pego minha mochila no quarto, colocando

tudo que preciso e saio do quarto. Para piorar o meu dia, Aiden está sentado em sua poltrona habitual e percebe quando passo, indo em direção a porta de entrada.

— Garoto — ele me chama, e eu finjo não ouvir, continuando andando. — Porra, moleque, tô falando com você — ele diz mais uma vez e uma almofada atinge minha nuca.

— O que você quer? — pergunto, entredentes, me virando para ele.

— Pegue mais turnos no seu trabalho meia boca — ele manda, sem tirar os olhos da televisão. — Crystal precisa de mais dinheiro.

Caralho, ele só pode estar de sacanagem com a minha cara.

— Por que você não trabalha mais, porra? — respondo, já irritado com essa merda toda.

— Olha como você fala comigo, garoto! — exclama, irritado, e finalmente olha para mim. — Se não fosse por mim, você não teria nada, seu ingrato! O que acha que fazem as garotinhas como sua irmã em lares adotivos? Quer descobrir?

— Não meta ela nisso — falo, tentando me controlar.

— Então me respeite, seu merda! — esbraveja, jogando a garrafa de cerveja vazia na minha direção. Felizmente, eu consigo desviar. — Precisamos de mais dinheiro.

Respiro fundo.

Conto até 10.

*Não posso perder o controle, digo para mim mesmo três vezes.*

Mais uma vez, minha mente vai diretamente para o episódio do espelho quebrado. Pode parecer uma superstição boba, mas eu tenho certeza de que aquela situação tem tudo a ver com a maré de coisas ruins que se seguiram em minha vida depois daquilo.

Tudo seria diferente se eu não tivesse quebrado a merda do espelho.

— Vou ver o que posso fazer — respondo, e não dou chance para ouvir o que meu pai tem a dizer.

Apresso meus passos até a porta e bato-a com força quando saio.

No caminho até a lanchonete, tentando controlar meus sentimentos sobre Aiden, Crystal e toda a porra da minha vida. Eu consigo fazer isso bem no dia-a-dia, tanto que meus amigos não fazem ideia do que realmente rola dentro de casa. Mas, às vezes, meu pai me faz chegar no limite. Principalmente quando ele ameaça a Cassie.

Ninguém mexe com a minha irmã.

*Calma, Charlie, apenas poucos meses para esse inferno acabar,* repito para mim mesmo várias vezes até chegar no trabalho.

Quer dizer, eu estou contando que alguma Universidade me aceitará com bolsa de 100%. Não só isso, mas que eu também conseguirei um emprego com um salário razoável para, assim, sustentar a minha irmã

enquanto ela morar comigo. Uma parte esperançosa minha até pensa que, talvez, eu possa abrir uma conta para Cassie e guardar dinheiro para quando for a vez dela de ir para a faculdade.

— Porra, eu não vajo a hora desse momento chegar!

Poucos minutos depois, salto do ônibus e bato meu ponto na lanchonete, preparando-me para mais uma noite de trabalho. Eu tenho sorte de só trabalhar no turno noturno. De acordo com o que Lisa e Dom diziam, era o mais tranquilo. A grande maioria dos pedidos era para entrega, e poucas pessoas apareciam na lanchonete para comer.

— Boa noite, gente — cumprimento-os assim que passei por eles.

— Oi, Charliezinho! — Lisa responde, focada no seu celular.

— Lisa, eu já não disse para você não ficar no celular fora da sua pausa? — Dom reclama com a namorada, que bufa e guarda o aparelho no bolso de trás da calça jeans. — E aí, Charlie!

Guardo minhas coisas no quartinho dos funcionários e vou para meu local habitual na cozinha, para começar a noite.

Durante todo meu turno na lanchonete, algumas coisas ficam na minha cabeça: Quantos meses faltam para a escola terminar? (2 meses e pouco).

Quando Cassie voltar para casa do acampamento e eu terei meu coração inteiro de novo? (amanhã, e sim, eu sou dramático quando se trata

da minha irmã).

Como terá sido o encontro de Alexia com o ruivo? (eu esperava que fosse péssimo).

Esses três pensamentos tomam conta da minha mente em todas as horas que fico no estabelecimento e não encontro sossego. Quando finalmente o ponteiro bate no meu horário de ir embora, agradeço a todo o universo e vou pegar minhas coisas. Me despeço de Lisa e Dom, que estão fechando o local, e saio em direção ao ponto de ônibus.

Por ser tarde, o meu transporte demora um pouco para passar, então vou andando devagar até o local.

Meu celular vibra no meu bolso, indicando que alguém está me ligando. Acho estranho, pelo horário. Eu penso ignorar, mas a imagem de Cassie machucada surge na minha mente e eu logo pego o aparelho sem nem olhar o visor para saber quem é.

— Alô?

— Charlie? Oi! — a voz de Alexia surge do outro lado da linha e eu me permito respirar aliviado.

— Ei, Lexie. Tudo bem? Aconteceu alguma coisa? — pergunto, preocupado, porque a garota não tem costume de me ligar, muito menos nesse horário.

— Sim, tudo bem sim, eu tô... bem — ela responde, rindo um pouco, me fazendo sorrir. Porra, eu sou totalmente um tolo quando se trata dela! — Eu... hm... acabei de voltar do encontro com Niall.

*Ah.*

*Isso.*

*Merda.*

— E como foi? — questiono, tentando não transparecer meu ciúme.

— Você quer mesmo saber, Charlie? Porque, normalmente, eu contaria para as meninas, porque sei que elas se interessam mais, mas elas est...

— Lexie — interrompo-a no meio da sua fala, e ela se cala do outro lado da linha. — Eu quero saber.

— Ah. Tudo bem. Ok... — Ouço-a suspirar antes de contar. — Foi legal, eu acho. Bem, Niall é um cara legal, respeitoso e simpático, mas... não sei. Eu não senti, sabe? Foi um jantar agradável, e quando ele me deixou em casa, há tipo, 20 minutos, ele me beijou — ela pausa a história na pior parte possível. — E eu não senti a vontade de levantar a perna. Isso deveria acontecer, não é? E nem borboletas no estômago ou qualquer coisa assim! E eu também não sentia isso com Kyle... será que o problema sou eu?

— Lexie, calma. Respira — instruo-a, porque ela está falando coisas demais, rápido demais. — O que você falou sobre levantar sua perna?

— Ah. Bem, no meu filme preferido, a personagem principal diz que o beijo só é perfeito se você levantar a perna durante! E isso nunca aconteceu comigo. Nem com Niall, nem com Kyle... com nenhum dos meus beijos! E eu fiquei com isso na cabeça, será que o problema sou eu, Charlie?

— Alexia — digo seu nome com calma e respiro fundo. — Você não é o problema. Você *nunca* é o problema, linda. Se você nunca sentiu que nenhum dos seus beijos foi perfeito, é porque você não encontrou a pessoa certa ainda.

*Porque eu sou a pessoa certa, Lexie.*

*Se você me deixasse beijá-la, nosso beijo seria perfeito e você levantaria a perna como tanto quer.*

É o que realmente quero dizer.

— E se não existir pessoa certa, Charlie? — ela resmunga e ouço sua voz embargar um pouco, como se tivesse segurando as lágrimas. — Eu nunca dou certo com ninguém! Niall só está de passagem em Millsh e deixou bem claro que não curte relacionamentos a distância hoje. O problema sou eu! Kyle terminou comigo porque eu não era *divertida o*

*bastante* para ele. Os outros meninos que eu beijei nunca me deram bola. E você me rejeita desde quando éramos pequenos!

*Ela só pode estar de sacanagem com a minha cara!*

Caralho, ela não percebe o quanto eu a desejo? O quanto eu gosto dela? Eu literalmente moveria o mundo por Alexia e ela não percebe isso.

Eu não aguento mais essa porra.

— Alexia.

— Sim?

— Estou indo pra aí — digo e desligo a ligação.

Finalmente mostrarei a Alexia Jenkins como é um beijo perfeito, do tipo que se levanta a perna, como ela mesmo disse.



*alexia*

Meu encontro com Niall foi um desastre.

Bem, não um *desastre*, mas foi bom.

Ele foi um cavaleiro em todos os momentos. Ele era respeitoso, bonito e gentil. Tudo que uma garota poderia pedir, certo? Ainda mais depois do meu último relacionamento.

Errado.

Tudo começou quando ele disse que não era fã de relacionamentos a distância. Ele contou alguma história sobre sua ex-namorada, que foi morar longe dele, e o traiu três meses depois. É, Niall, nós dois levamos chifre. Algo que descobrimos ter em comum. Pegando a deixa, eu falei um pouco

do meu namoro com Kyle e sobre a traição. Foi um assunto meio triste, mas logo mudamos o tópico quando percebemos.

A questão é... eu não sou a ex dele, assim como ele não é o Kyle. Quero dizer, não é porque ela o traiu enquanto eles namoravam em países diferentes, que eu também faria isso. Não que eu estivesse pensando em namorá-lo... a gente mal se conhece, poxa!

De resto, o encontro foi... ok. Nada demais.

Quando ele me deixou em casa, há alguns minutos, ele me deu um beijo de despedida. E, mais uma vez, sem borboletas no estômago e sem levantar a perna.

Tradução: não foi um beijo perfeito.

*Argh.* Qual é o meu problema?

Eu já tinha beijado uma quantidade razoável de garotos, namorei um e nunca senti esse friozinho na barriga com nenhum deles. No entanto, é só Charlie me olhar com seus lindos olhos castanhos que eu me desmonto. Minhas pernas parecem gelatina e meu estômago se revira de ansiedade por mais.

Mais uma vez, meus sentimentos por ele estão mais fortes do que nunca, e é recíproco.

Ou será que não?

O que ele quis dizer quando disse que estava vindo pra cá?

Meu Deus! O que eu estava pensando quando resolvi contar sobre meu encontro com Niall para ele?

Argh. Eu culpo Lily por ser minha única amiga sem namorado, mas que não atendeu o celular nem respondeu minhas mensagens. Eu precisava colocar aquilo para fora, e Charles foi o escolhido.

Eu não esperava a reação dele, entretanto.

Céus, ele está vindo mesmo para cá? Para fazer o quê? Me consolar?

É capaz de eu chorar mesmo se conversarmos de novo. Ainda mais se eu tentar dar o primeiro passo e for rejeitada por ele. De novo.

Eu nem tomei banho ainda, e não dará tempo.

Droga.

— Ai, Tinker Bell! Olha a situação que eu me coloco — reclamo pra minha cachorrinha, que está brincando com um de seus brinquedos, bem quietinha na sua caminha.

Já que não tem tempo para eu tomar um banho e trocar de roupa, resolvo colocar apenas um desodorante e um pouco de perfume. Não que eu esteja fedorenta. Eu mal fiquei três horas fora de casa e me banhei antes de sair. Só quero parecer... bonita para Charlie. Aproveito e ainda reforço meu hidratante labial de cereja.

*Ah, fala sério, Alexia! Você acha mesmo que ele vai te beijar?*

É, claro que isso não vai ocorrer. Ele só deve ter ficado preocupado que eu fosse chorar até dormir e veio conferir. Talvez sua companhia da noite anterior não esteja disponível hoje.

*Eca.* Nem consigo pensar nele com outra e tenho vontade de vomitar.

Como se ele fosse meu!

Quem dera...

Bufo, frustrada com toda situação.

Estou prestes a pegar o meu celular para enviar uma mensagem a Charles, e inventar alguma desculpa para que ele não apareça, quando a campainha da porta da frente toca.

Droga.

Nervosa, eu desço as escadas devagar, com Tinker Bell atrás de mim, claro. Ela não pode ouvir a campainha tocar que sempre desce junto para saber quem está do outro lado da porta.

Quando finalmente chego na entrada de casa, eu respiro e conto até 3.

*Por que eu estou tão nervosa assim?*

É o Charles, caramba!

— Lexie! — é a primeira coisa que o moreno diz quando não há mais nenhuma barreira física entre nós.

— Charlie! — digo, abrindo passagem para que ele passe quando percebo que está garoando lá fora. — O que você está fazendo aqui? — pergunto assim que tranco a porta atrás de mim, me virando para encará-lo.

Ele hesita durante alguns segundos, mas dá três passos na minha direção, sem dizer nada.

— Te mostrando o que é um beijo perfeito. — Mal tenho tempo para raciocinar as palavras que saem da sua boca, porque logo nossos lábios estão colados.

As mãos de Charlie vão para a lateral do meu rosto, me segurando ali, com carinho. Eu levo as minhas para seu quadril, a fim de me apoiar. Ele tem os lábios macios e um gostinho de chiclete de menta.

Meu Deus! Eu estou mesmo beijando Charles Brown?

Sinto sua língua passar pelo meu lábio inferior, pedindo passagem, e eu deixo-o invadir a minha boca. Assim que nossas línguas se tocam, eu sinto não borboletas no estômago. Está mais para fogos de artifício!

É, eu estou mesmo beijando Charles Brown e é incrível.

Eu não percebo que estou escorada na porta, com o corpo de Charlie colado ao meu lado. Só vejo isso quando minha perna, involuntariamente, tenta se levantar e não consegue, batendo na barreira atrás de mim. Suas mãos saem do meu rosto, descendo pelo meu corpo até encontrar minha cintura, bem no vão entre a saia e a blusa. Pele na pele. Ele puxa meu lábio

inferior. Eu não aguento e solto um gemido sôfrego no meio do beijo. É bom demais para ser verdade.

Isso faz ele sorrir contra meus lábios e é uma sensação ótima.

Céus, é normal a minha calcinha já estar molhada por um simples beijo?

Bem, talvez, sim, porque eu estou sentindo o pau de Charlie contra minha barriga, bem duro.

Tirando toda sanidade mental que ainda existe em mim, ele desgruda a boca da minha e desce os beijos pela minha mandíbula, até chegar no meu pescoço.

Seus lábios nesse ponto específico do meu corpo é uma delícia. Ele beija, mordisca e faz tudo que tem direito com meu pedaço de pele exposto.

— Charlie... — é o bastante para eu gemer de verdade, sem sua boca colada na minha para abafar o som.

— Você não tem ideia do quanto já imaginei você gemendo meu nome — ele murmura perto da minha orelha e puxa meu lóbulo com os dentes.

*O quanto ele tinha me imaginado gemendo o nome dele?*

Isso quer dizer que... ele pensa em mim... em nós... Meu Deus!

É muita informação para a minha pobre cabeça.

Ele volta a juntar nossas bocas em mais um vejo avassalador. Isso, sim, é um beijo de verdade, um que faz parecer que eu nunca beijei alguém de verdade. Não como eu estou fazendo agora.

Nossas línguas parecem dançar em sincronia. Nós temos uma conexão que eu nunca tive com ninguém antes, e espero que ele também não.

O que me lembra que...

— Charles — chamo-o, descolando nossos lábios e conectando nossos orbes. — O que você está fazendo?

— Beijando você — ele responde, com uma das sobrancelhas erguidas, me fazendo sorrir.

— Por que você veio até aqui hoje? Por que fazer isso agora? — pergunto, e levo uma das minhas mãos até sua bochecha, fazendo um carinho ali.

— Eu... — ele limpa a garganta, como se estivesse preparando o que está vindo. — Eu fiquei com ciúmes, Lexie, quando você me contou sobre o encontro com o ruivo. E quando você disse sobre o beijo perfeito, sobre ter algo de errado com você... eu perdi tudo. Não podia aguentar mais um dia.

— Não podia aguentar mais um dia de que?

— De não estar beijando você a todo momento.

E é assim que meu coração para.

É, para de funcionar.

Charlie o pegou e agora é dele. Na verdade, sempre foi.

— Charlie... você está falando sério? — indago, procurando alguma coisa em seu rosto que me diga que tudo que ele disse é mentira.

— Eu estou falando muito sério, linda — ele responde, fazendo um carinho gostoso na minha cintura, onde sua mão permanece.

O maldito apelido que deixa minhas pernas bambas!

— Mas... — eu nem sei o que quero dizer, mas tudo isso parece surreal demais para estar acontecendo. — Você estava com alguém ontem!

— Eu... *o quê?* De onde você tirou isso, Lexie? Eu mal cheguei na festa e tivemos que ir embora — ele diz, confuso.

— Antes da festa. Você chegou depois, e era bem tarde e... e sugeriram que você poderia estar com alguém — respondo, desviando meu olhar do dele.

— Lexie... — ele fala, tocando meu queixo com seus dedos e levantando minha cabeça, para vê-lo. — Eu não estava com ninguém ontem. Eu não estive com ninguém depois que você apareceu com essa ideia de lista e pediu minha ajuda. Eu só penso em você, linda, todos os dias, o dia todo.

Pelo amor de Deus... não deveria ser permitido ele dizer essas coisas!

— Charlie... eu também só penso em você — confesso, com um sorriso estampado no rosto.

E ele me beija novamente.

Suas mãos descem pelas minhas costas até chegarem na minha lombar, a alguns centímetros da minha bunda. Ele separa nossas bocas para falar: — Tudo bem se eu fizer isso? — questiona, movimentando suas mãos mais para baixo, em direção às minhas nádegas.

— Você pode fazer tudo comigo, Charlie.

— Não me dê ideias, linda.

As mãos de Charles descem, finalmente, e chegam na minha bunda, apertando-a bem ali quando sua língua brinca com a minha. Sem pensar muito, eu dou um impulso, com a ajuda das suas mãos, e entrelaço minhas pernas na sua cintura. Isso faz minha saia subir, se enrolando na cintura e como resultado, seu pau agora está roçando minha boceta.

A pequena fricção me faz gemer e faz um som reverberar na garganta dele.

— Você está acabado comigo, linda — ele diz, beijando meu pescoço de novo.

Se eu estivesse em pé, já estaria caída no chão, porque minhas pernas não aguentariam as coisas que ele diz ao meu ouvido.

Continuamos nessa posição, apenas nos beijando.

Quando eu estava com Kyle, nunca senti vontade que ele me tocasse. No entanto, em um simples beijo com Charles, estou quase implorando para que ele acabe com essa tortura, que é o seu pau e a minha boceta se tocando por tecidos, e me toque da maneira certa.

Deus, eu sempre fui pervertida assim?

— Lexie, eu acho melhor eu... eu ir — Charlie diz, afastando um pouco o rosto do meu.

— O que? Por que? — pergunto, confusa. Achei que ele estivesse gostando tanto quanto eu do nosso momento.

— Preciso buscar Cassie amanhã no colégio, seus pais podem voltar, Jason... puta que pariu, Jason! Eu acho melhor eu ir — ele fala mais uma vez, me colocando no chão, mas sem tirar as mãos de mim.

— Jay só deve voltar amanhã, se voltar. Meus pais... eles chegam depois do almoço — digo, apressada, pensando em soluções para os problemas. — Você... você não quer ficar? Pode buscar a Cass quando acordar.

— Você quer que eu fique?

— Claro que eu quero, Charlie — respondo, deixando um selinho em seus lábios. — Você quer ficar?

— Eu não aguento ficar mais um segundo longe de você, linda.

Sorrio que nem uma boba para mais uma das frases encantadoras de Charles.

— Eu... eu preciso tomar um banho. Você quer tomar um também?

— Com você? — Ele arqueia uma das sobrancelhas e eu percebo o que falei. Droga! Eu não dou uma dentro!

— Não! Não comigo! — respondo rápido demais. Mas um banho com Charlie não seria tão ruim... *não, Alexia*. Você mal beijou o garoto, vamos com calma! — Você pode ficar com o banheiro que divido com Jay, e eu vou para os dos meus pais. Pode pegar uma roupa do meu irmão emprestada também, se quiser, para dormir.

— Só uma calça.

— Hm... ok. Vamos? — digo, já andando para sua frente e pegando sua mão, para guiá-lo escada acima.

Droga. Eu realmente entrelacei minha mão na de Charlie para levá-lo pela minha casa, a mesma que ele já veio milhões de vezes?

Percebendo o que eu fiz, eu solto imediatamente, com muita vergonha.

Me pegando de surpresa, Charlie entrelaça nossas mãos de volta. Quando olho por cima dos ombros para ele, o garoto está sorrindo para mim.

*O sorriso dele é o mais lindo que já vi.*

Subindo as escadas, faço uma primeira parada no quarto do meu irmão, pegando uma das calças de moletom dele dentro da cômoda e entregando-a a Charles. Depois, pego uma toalha no armário do corredor e entrego-a ao garoto, que segue seu caminho para o banheiro.

Sozinha, vou para meu quarto pegar meu pijama e uma toalha nova, para tomar banho na suíte dos meus pais.

Eu estava tão absorta no beijo que nem percebi quando Tinker Bell subiu. Só agora vejo que minha cachorrinha já está em sua caminha, dormindo.

Sorrindo de orelha a orelha pelo que acabou de acontecer, eu abro o chuveiro e espero esquentar um pouco, antes de entrar, pensando nos acontecimentos da noite.

Como eu fui de um encontro fracassado para beijar o meu crush de infância — da adolescência, fase adulta e tudo o que virá a seguir — em poucas horas? Deus está mesmo conspirando a meu favor!

Feliz, eu entro dentro do box, pensando somente nele: Charles Brown.

É claro que preciso... relaxar, um pouco antes de terminar meu banho quente. Se eu não me tocasse antes de voltar, teria grandes chances de eu pular em cima do meu pau do menino.

Muitos acontecimentos para uma noite só.

Limpa, cheirosa e um pouco menos excitada, eu saio do banheiro, já com o pijama em mim. Quando entro de volta no meu quarto, me deparo com Charlie sentado na minha cama, apenas com a calça de Jay.

Isso mesmo, ele está sem camisa, mostrando para mim seu abdômen perfeito. No meu quarto.

Se for um sonho, não me acorde.

— Oi — cumprimento, meio sem graça, sendo que acabamos de devorar a cara um do outro.

— Ei, linda — ele diz, se levantando e caminha até onde eu estou parada que nem uma estátua.

— Você... hm... v-vai dormir aqui? No meu quarto? — pergunto, um pouco nervosa.

— Só se você quiser, Lexie.

— Eu quero — respondo, talvez rápido demais para meu próprio bem, e ele ri da minha reação.

— Ok... — digo, suspirando, feliz.

Vou até minha cama e retiro os trilhões de travesseiros em cima dela, junto com alguns ursinhos de pelúcia. Retiro um pouco a colcha, para que possamos nos deitar, e eu sou a primeira a subir, ficando no meu lado habitual.

— Eu costumo dormir desse lado, mas se você quiser nos po... — paro de falar quando o vejo se acomodar do outro lado da cama, sem reclamar.

— Desde que eu esteja ao seu lado, não me importo em qual lado da cama você quer — ele simplesmente responde, puxando as cobertas até nos cobrir.

Eu pego o controle remoto da luz para desligá-la, quando o quarto fica totalmente um breu, eu ainda estou sentada na cama, sem saber o que fazer direito. É minha primeira vez dormindo com um garoto na minha cama.

Nós iremos dormir de conchinha? Ele me abraçará por trás? Ou estamos dormindo juntos apenas como amigos? Cada um para um lado?

— Linda, vem aqui! — Sou tirada do meu momento de introspecção com a voz de Charlie.

Hesitante, eu me aproximo dele. Quando estou a alguns centímetros de seu corpo, seu braço envolve minha cintura e ele me puxa para baixo,

fazendo com que eu deite minha cabeça em seu peitoral exposto e sua mão continua na minha cintura.

— Tudo bem? — ele pergunta, fazendo um pouco de cosquinha no meu pescoço.

— T-tudo ótimo — respondo, com a boca contra sua pele. — Boa noite, Charlie.

Eu estou prestes a fechar os olhos quando sinto sua outra mão segurar meu rosto, levantando-o em direção ao dele. Calmamente, diferente do nosso beijo lá embaixo, Charles gruda nossos lábios em um movimento sereno. Nossas línguas se encostam durante pouco tempo quando dou passagem para ele dentro da minha boca. É tranquilo e relaxante. Realmente um beijo para terminar o dia.

— Agora sim, boa noite, linda — ele diz, e eu volto a deitar minha cabeça em seu torso.

Eu adormeço abraçando-o e com um sorriso estampado no rosto.



Mais uma vez, eu esqueci as cortinas abertas do meu quarto e acordei com os raios solares no meu rosto. Devagar, as memórias da noite anterior começam a voltar, desde o encontro até Charlie aparecendo aqui em casa e dormindo comigo.

*Charlie.*

Tateio a cama, procurando sua forma musculosa e não o encontro.

Abro meus olhos com clareza, esperando que eles se ajustem a clareza e percebo o que já imaginava: ele não está mais aqui.

Pego meu celular, na mesinha de cabeceira, para conferir as horas.

Quase 11 da manhã.

Nossa, eu dormi muito.

Também, dormir agarrada em Charlie foi revigorante para mim. Foi uma das melhores noites de sono que tive em semanas.

Vejo que tenho duas mensagens novas, que chegaram pela manhã. A primeira é de Jason, afirmando que está vindo almoçar em casa com Eleanor. Ele a mandou há meia-hora mais ou menos, então logo ele deve estar chegando. A segunda mensagem é de Charles. Meu coração chega a bater mais forte quando vê o nome dele na tela.

*Charles: bom dia, linda. Sai bem cedinho para passar em casa e tomar um banho antes de buscar a Cassie no colégio, e não quis te acordar.*

*Você fica ainda mais bonita dormindo abraçada em mim. Me avise quando acordar, para eu saber se está tudo bem.*

Meu Deus! Cadê o Charlie meio mal-humorado de antes? Não sei se conseguirei lidar com ele tão carinhoso assim comigo.

*Alexia: bom dia, Charlie! Obrigada por avisar que foi embora, me poupou a preocupação:). Acabei de acordar e está tudo bem! Como a Cassie está? Ela curtiu o acampamento?*

Envio a mensagem, depois de digitar e apagar várias vezes. Eu queria escrever que já estava sentindo a falta dele, mas isso seria ser desesperada demais, né? Opto por parecer tranquila, para não assustar o rapaz.

Espero alguns minutos antes de levantar da cama, para ver se ele responderá. Quando percebo que isso não acontecerá, resolvo sair do quarto e fazer minha higiene matinal, antes que minha família chegue em casa. Provavelmente, ele está aproveitando o tempo com a irmã, já que passaram todo o fim de semana separados.

Céus, ele é apaixonado por Cassie e faria de tudo por ela. Isso aquece o meu coração de uma forma inexplicável. Homens com crianças já eram meu ponto fraco, mas Charlie com Cassie... eu tenho que me lembrar que só tenho 17 anos e não posso engravidar ainda.

Eu estou mesmo pensando em ser mãe dos bebês dele?

Eu preciso *mesmo* de um banho gelado!

Vou até o banheiro fazer minha higiene e tomar um banho, que não demora mais do que vinte minutos, já que tomei um antes de dormir na noite anterior. De volta no meu quarto, coloco um short de tecido leve e um moletom de Harry Potter por cima, um dos mais confortáveis que tenho no armário.

Coloco um pouco de água e comida para Tinker Bell, que já está acordada e brincando com um dos seus brinquedos. Faço uma anotação mental para levá-la para passear mais tarde, já que o dia está lindo do lado de fora.

Aproveito que estou sozinha para ler um pouco em silêncio, o que é um pouco difícil quando se mora com três homens. Pego meu livro do momento, *“É Assim Que Acaba”*, e abro na página que tinha parado há uns dois dias.

Conseguí ler 30 páginas até ouvir a porta da frente bater, indicando que Jason tinha chegado. Não demora muito e as vozes dele e de Eleanor preenchem o andar de baixo de casa.

Como eu encararia Jay depois da noite de ontem? Será que Charlie contou? Eles são melhores amigos, isso é o que melhores amigos fazem? Por outro lado... Charles sempre foi bem reservado, até mesmo em relação a garotas. Nem Jason sabe tanto da vida amorosa dele.

É, ele não deve ter contado. Não ainda, pelo menos.

Mas eu quero contar.

Não, não para Jason. Isso não! Seria uma grande dor de cabeça e eu não quero lidar com isso no momento. Eu quero compartilhar o que aconteceu com alguém. Tirar do meu peito. Ao contrário de Charlie, eu gosto de contar o que acontece comigo para os meus amigos. Bem, *algumas* coisas, para *alguns* amigos.

E Eleanor está aqui em casa... perfeito! Com isso em mente, desço a escada de três em três degraus até chegar no térreo, encontrando o casal na cozinha.

— Bom dia, gente! — cumprimento, tentando soar o menos estranha possível.

— E aí, mana — Jay diz, focado em fazer sanduíches. — Quer um também? — ele pergunta, finalmente me olhando, e eu concordo.

— Oi, Alex — Ellie fala, sentando-se em uma das banquetas de frente para o namorado.

— Ellie? — chamo, e ela volta a prestar atenção em mim. — Será que podemos conversar? No meu quarto?

— Ah, não! Alexia, você não pode fazer isso! Eu também quero saber da fofoca! — meu irmão diz imediatamente, fazendo um beicinho.

— Pelo amor de Deus, Jenkins! Sossega essa bunda — Eleanor retruca, revirando os olhos. — Vamos, amiga.

— Sério que vocês vão me deixar de fora? — Ele questiona, parecendo um pouco chateado.

— Hm... são problemas femininos — falo a primeira coisa que vem na minha cabeça, e sei que ele não insistir.

— Chato... podem ir. — Ele movimentava as mãos em um sinal para sairmos da cozinha e recebe uma careta de nós duas.

Eu e Ellie subimos as escadas até meu quarto em silêncio. Eu prefiro esperar até chegarmos no meu quarto para contar. Quando quer, Jason consegue ouvir tudo que acontece dentro de casa.

Entrando pela porta do quarto, eu espero Eleanor estar dentro junto comigo e Tinker Bell para fechá-la. Ela senta em um dos pufes que tem no chão, enquanto eu sento na ponta da cama, um pouco nervosa.

Eu sei que não fizemos nada de errado ontem, mas... não sei. Ele é o melhor amigo do meu irmão, droga! Eles não têm alguma regra de amizade que não podem ficar com as irmãs dos amigos?

— Alex? Tudo bem? — minha amiga pergunta quando o silêncio entre nós começa a ficar desconfortável.

— Preciso te contar o que aconteceu ontem — solto de uma vez.

— Sobre o encontro? — ela parece confusa. Ellie me conhece tão bem que com certeza já sabe que não é disso que eu quero falar.

— Quê? Não, não. Na verdade... foi um fracasso — confesso. — O Niall é legal, mas... não para mim, sabe? Só não rolou!

— Mas não é isso que você quer me contar, né?

— Não, não é.

Respiro fundo e conto para minha melhor amiga sobre a noite anterior. Começo por Niall me deixando em casa e me beijando, mais precisamente sobre o beijo não ter sido perfeito. Falo sobre eu ter ligado para Charlie, já que a única pessoa sem namorado ou namorada entre nós não me atendeu nem respondeu minhas mensagens. Mas para ela entender um pouco melhor porque liguei para ele, precisei explicar sobre a lista. Eu sabia que, entre todas as pessoas, Ellie não me julgaria.

E ela não o faz.

Ela ouve atentamente tudo que eu tenho para contar, até chegar nessa manhã e na mensagem dele, avisando que buscaria Cassie na escola e explicando porque não tinha me acordado.

— Uau. Eu não esperava isso — é a primeira coisa que ela diz depois que eu termino de falar. — Essa lista explica muita coisa sobre os últimos acontecimentos.

— Eu queria ter contado, Ellie, mas você e Jason finalmente estão juntos, sem as complicações e... e eu não queria atrapalhar.

— Você nunca atrapalha, Alex — ela me garante, se levantando e vindo ficar ao meu lado da cama. — Sobre o Charlie, amiga... você gosta dele, não é?

— Hm... ele é meu amigo, claro que gosto — respondo, mesmo sabendo que não é isso que ela quer dizer. Eleanor arqueia uma das sobrancelhas para mim, esperando pela resposta verdadeira. — Eu sou apaixonada por ele desde quando tínhamos 8 anos, Ellie.

— Desde quando vocês se conheceram? — ela indaga, surpresa, e eu assinto. — Mas... você namorou o Kyle.

— Quanto tínhamos 12 anos, eu tomei uma iniciativa e tentei beijá-lo, mas ele recusou, Ellie. Disse que nunca me veria dessa forma. Depois disso, nós nos afastamos. Eu achei que os sentimentos tinham morrido, mas..., mas fomos nos aproximamos e quando ele passou a me ajudar a completar os itens da lista, eu percebi que os sentimentos continuavam firmes e fortes aqui. Eles nunca foram embora — desabafo, me jogando na cama.

Eleanor faz o mesmo e eu preciso virar a cabeça para encará-la.

— Você acha que o que fizemos foi errado? — pergunto, finalmente, ansiosa para saber o que ela pensa.

— Claro que não, Alex. Acho que vocês conseguiram segurar bem os sentimentos para esse beijo só ter rolado agora, para ser sincera — ela diz e nós duas rimos.

— Você... você acha que ele gosta de mim também?

— Alexia! Não acredito que você está me perguntando isso! — Ellie exclama, gargalhando. — Está mais que óbvio que ele tem sentimentos por você.

— Então por que será que ele me rejeitou?

— Amiga — ela diz, tentando parecer séria, mas não consegue, e um sorriso aparece em seu rosto. — Vocês eram crianças. Ele poderia estar confuso, com medo de Jason... não sei. Mas isso está no passado, você tem que focar no presente.

Focar no presente.

É, eu consigo fazer isso.

— Alex? — ela me chama de novo, eu volto a olhá-la. — Só... cuidado, tudo bem? Cuidado com seu coração.

— Charlie nunca me machucaria, Ellie — digo, confiante, porque sei bem disso.

Charles Brown nunca quebraria o meu coração.



*charles*

Eu não parei de pensar em Alexia Jenkins desde sábado, quando a beijei.

Não, não só a beijei. Eu dormi com ela!

Apenas dormi.

E só eu sei quão difícil foi sair do abraço da garota para buscar minha irmã no domingo de manhã. Eu poderia ficar naquela cama com Lexie todos os dias, para o resto da minha vida.

Nós tínhamos trocado algumas mensagens durante os dias que se seguiram, mas não tínhamos tido tempo de ficar sozinhos de novo. E, porra, como eu queria isso. Só pensava nos lábios dela nos meus de novo.

Nos almoços com a galera, eu percebia ela me olhando, achando que não estava vendo, e eu fazia o mesmo. Às vezes, até mandava alguma mensagem no momento exato, fazendo-a sorrir para o celular. Quando isso acontecia, Eleanor direcionava seu olhar diretamente para mim, o que me fez concluir que ela sabia.

E se Ellie sabia... não, Jason com certeza não está sabendo do que aconteceu na sua casa no fim de semana. Se fosse o caso, eu com certeza já estaria a sete palmos do chão.

Nós não tínhamos uma regra, combinado ou qualquer coisa que pudesse me impedir de ficar com Alexia. Nós nunca tivemos esse tipo de conversa, porque, para Jay, eu nunca olhei de forma diferente para ela. Logo ficou subentendido entre a gente que eu e Lexie não tínhamos nenhuma chance de rolar.

Mas eu sei que, se o que quer que esteja rolando entre mim e ela for mais para frente, Jason precisará saber. E deverá vir de mim a confissão, para evitar problemas maiores.

Caralho, eu estou ferrado.

Isso, no entanto, é um problema para se resolver no futuro. Eu já tenho muita coisa perturbando a minha cabeça, e não preciso adicionar mais um na lista.

O presente já está complicado demais.

Na verdade, o presente não está tão difícil hoje.

A chuva tomou conta de Millsh na tarde de hoje, e por isso os treinos das líderes de torcida e do futebol americano, que aconteceriam juntos, foram cancelados. Ou seja, eu ainda tenho um tempo até precisar buscar Cassie.

Assim que fomos informados disso, tive uma ideia. Me apressei em pegar o celular no intervalo entre as aulas e escrevi uma mensagem para Alexia: ***Charles:** ei, linda. Os treinos foram cancelados hoje, ficou sabendo?*

A resposta veio imediatamente.

***Alexia:** pois é! Por causa da droga da chuva ): **Charles:** nós temos provas na próxima semana... você quer estudar na biblioteca, depois da aula?*

Sim, foi o melhor que eu pensei. Eu não tive tempo de preparar algo melhor porque, literalmente, tínhamos acabado de saber. E, também, eu não conseguia pensar em algum lugar legal para ir com Lexie que fosse perto o suficiente para eu conseguir chegar no horário e buscar minha irmã, ainda mais que Jay está com o carro.

***Alexia:** claro! Te encontro lá quando acabar a última aula?*

***Charles:** com certeza, linda.*

E é por isso que eu estou, neste momento, esperando Alexia na porta da biblioteca para estudarmos.

Sério, a quem eu estou querendo enganar?

Eu posso contar nos dedos as vezes que frequentei o ambiente do colégio, mas eu farei de tudo para ter alguns momentos a sós com ela.

— Charlie! — a voz de Alexia vindo de trás de mim me faz virar para vê-la chegando a passos rápidos. — Desculpe a demora! O professor nos prendeu na sala mais 10 minutos para falar sobre a prova da semana que vem.

— Tudo bem, Lexie — digo, sorrindo fraco para a garota. — Vamos?

Ela assente e nós entramos juntos na biblioteca.

Não tem muitas pessoas por aqui, mas eu também não saberia dizer a quantidade normal de estudantes que frequentam o lugar.

Como Lexie vem muito mais aqui do que eu — eu acho —, eu a sigo a todo momento. Acho estranho quando ela não para nas mesas comuns e vazias do primeiro andar, e sim, sobe as escadas para o andar seguinte.

Acho que eu nunca pisei os pés no segundo andar.

— Quase ninguém vem aqui — ela explica quando chegamos no andar de cima. — Vamos ter mais privacidade — ela fala, como se não fosse nada, e continua o caminho até as mesas de estudos mais ao fundo.

*Mais privacidade com Alexia.*

É, eu gosto disso.

Chegando no nosso destino final, ela joga a mochila em cima da mesa, puxando uma das cadeiras para se sentar. Eu faço o mesmo, sentando-me ao seu lado.

— Nós podemos revisar os conteúdos de História Geral primeiro, o que acha? Já que é a matéria que fazemos juntos — ela sugere, sem olhar para mim, pegando os materiais.

— Por mim tudo bem — respondo, indo pegar meu caderno e os livros da disciplina.

Enquanto ela arruma seu caderno e seus livros de História Geral, eu a observo. Alexia é linda. Do tipo a mulher mais bonita que já tive o prazer de conhecer. Mas nada se compara a versão que eu tive dela no fim de semana, gemendo meu nome apenas com um beijo e depois dormindo serenamente em meus braços.

*Aquela foi a melhor visão que eu já tive da loira ao meu lado.*

— Vamos começar por Guerra Fria? — ela pergunta, folheando o caderno.

— O que você quiser, Lexie — respondo, porque realmente não me importo com o que vamos estudar hoje. Só quero estar perto dela.

— Charlie! — ela me repreende, finalmente olhando para mim. — A prova é na semana que vem.

— Eu só queria ficar sozinho com você, linda — confesso, dando de ombros e vejo o momento exato que as bochechas dela coram.

— Você não pode dizer essas coisas, Charlie... — ela diz, balançando a cabeça e voltando a focar nas anotações.

— Mas é a verdade.

— Eu... vamos começar os estudos, tudo bem? — corta sua fala no meio e volta para o assunto inicial.

— Como você quiser — digo e começo a ver o que anotei das últimas aulas.

Durante um pouco mais de uma hora, eu e Alexia ficamos totalmente focados nos estudos da Guerra Fria. Ela me explica seu método de estudos, por *flashcards*, que eu não conhecia. Basicamente, ela escreve perguntas em uma ficha bem pequena e coloca as respostas atrás. Mas, antes disso, ela dá uma revisada na matéria, e só depois ela faz esse esquema de perguntas e respostas.

Seguindo as instruções dela, primeiro damos uma lida nos livros sobre o assunto, sozinhos. Quando terminamos, ela diz para escrevermos algumas perguntas e respostas sobre a matéria nos *flashcards* para, quando acabarmos, fazermos as perguntas um ao outro, para fixar bem o tópico de estudo.

— Minha vez! — ela diz, depois de acertar mais uma das perguntas que eu escrevi em uma de suas fichas. — O que foi o Plano Marshall?

Merda. *Eu sabia essa?*

— Hm... foi um plano feito pelos Estados Unidos, que tinha como objetivo... — começo a falar, tentando lembrar do que li há pouco tempo. Alexia movimenta a cabeça de uma forma estranha, me incentivando a continuar. — O objetivo era emprestar dinheiro para os outros países, para que o comunismo não se espalhasse?

— Isso. Acertou! — ela comemora, animada. — Sua vez. Essa é a última, né?

— A última — concordo, e me preparo para fazer a pergunta engraçadinha que escrevi. Caralho, eu estava passando muito tempo com Jason. — A pergunta é... posso te beijar de novo, linda?

Alexia pisca três vezes, parecendo tentar entender se eu realmente disse isso.

É, eu disse.

— Charlie... — ela fala bem baixinho, quase como um sussurro.

— É uma pergunta de sim ou não, Lexie — digo, carinhosamente.

— Você... você quer me beijar de novo? — questiona, um pouco confusa e ansiosa pela resposta.

— Você ainda pergunta? É claro que quero.

— Na biblioteca? — ela murmura, olhando para os dois lados para ver se não há ninguém por perto.

Felizmente, desde quando chegamos, só tem nós dois no andar de cima.

— Em todos os lugares, Lexie.

Ela me encara com seus lindos olhos azuis e eu perco tudo ali mesmo. Quero avançar em Alexia e tomar seus lábios nos meus.

No entanto, ela é mais rápida.

Em um momento, a loira está na cadeira ao meu lado; no próximo, ela está com os lábios colados no meu e se ajeitando no meu colo.

Porra, se for um sonho, não me acorde.

Minhas mãos vão imediatamente para a cintura de Alexia, ajudando-a a ficar melhor colocada em mim. Suas pernas estão cada uma de um lado da cadeira, o que é possível porque os assentos aqui não têm — ainda bem! — braços de apoio.

Ela lambe meu lábio inferior com sua língua, em um pedido para que eu dê passagem para dentro da minha boca, e é claro que nem penso duas vezes.

Quando nossas línguas finalmente se tocam, eu perco tudo.

Beijar Alexia Jenkins é minha nova coisa favorita.

Desço minhas mãos até sua bunda, por baixo da saia do uniforme de líder de torcida. Infelizmente, elas usam um mini shortinho branco por baixo, mas é mais contato do que a noite em sua casa. Alexia sobe as suas mãos para minha nuca, puxando meu cabelo ali e eu faço um som pela garganta que nem sei direito o que é, mas a garota aprova, porque sorri contra meus lábios.

Não satisfeita em estar acabando com o pouco controle que tenho quando estamos juntas, ela começa a se movimentar um pouco, fazendo meu pau roçar na sua virilha e na sua boceta, apenas tecidos nos separando do contato real.

Caralho. Não, eu não ia gozar *apenas* com fricção. Eu era melhor que isso.

Alexia cessou nosso beijo para descer os lábios pela minha mandíbula e pescoço, até chegar no lóbulo da minha orelha.

— Não sei se estou fazendo isso certo — ela confessa, baixinho, e puxa meu lóbulo entre os dentes, exatamente como fiz com ela no fim de semana. Porra, eu ia infartar. — Me avise se você não gostar de alguma coisa, tudo bem?

Não entendo do que ela está falando, até que a loira passa a beijar meu pescoço e desce uma das mãos pelo meu abdômen, infiltrando-se por

minha camisa. Ela toca os meus gominhos delicadamente e eu acho que gemo.

É muito para mim.

Sua boceta roçando no meu pau, os beijos e mordias no pescoço, combinando com suas unhas em meu tronco?

Porra.

Não satisfeita, suas mãos se moveram até o cócs da minha calça jeans, querendo se infiltrar para dentro. Meu pau, já duro, achou uma ótima ideia. Mas eu era melhor que isso, e não deixaria Lexie fazer aquilo na biblioteca da escola. Por isso, peguei nos seus pulsos carinhosamente e ela parou com os beijos na minha pele, levantando a cabeça para me olhar.

— E-eu fiz algo de errado? Você não estava gostando? — ela solta as perguntas, nervosa.

— Ei, Lexie. Tá tudo bem. É óbvio que eu estou gostando. — Arrisco olhar para minha calça extremamente esticada no meio das pernas e ela segue meu olhar, rindo. — Mas não vamos fazer isso aqui. Você merece mais que isso, linda.

— É porque eu nunca fiz isso antes? Porque eu não sou idiota, Charlie! Eu tenho uma noção do que é para se fazer e pos...

Ela não tem chance de terminar de falar, porque eu a calo com um beijo. Sei que são as inseguranças dela falando, mas acho que é um ótimo

jeito de fazê-la parar de falar merdas como aquela.

— Linda — chamo, com uma das minhas mãos em sua bochecha e a outra em sua cintura. — Você pode fazer o que quiser comigo, mas não assim e não aqui. Não quero que nada mais aconteça entre nós em uma biblioteca. Você merece mais que isso.

— Você que disse que queria me beijar aqui — ela lembra, arqueando uma das sobrancelhas loiras para mim.

— Você vai ter que me desculpar por ser louco por você e não conseguir ficar um segundo sem estar te beijando — falo, e ela desvia o olhar, com as bochechas vermelhinhas. *Linda*. — Agora que te beijei, finalmente, quero fazer isso todos os dias.

*Para sempre*, penso, mas não quero assustá-la.

— Você... você queria fazer isso há muito tempo? — questiona, curiosa. com suas mãos ainda apoiadas no meu abdômen depois que eu soltei seus pulsos.

— Desde quando éramos crianças — revelo e sua boca se abre em choque.

— Charlie! Você me rejeitou quando éramos crianças! — reclama, parecendo ultrajada, e deixa um soquinho no meu peitoral. — Eu fiquei achando que você nunca me olharia de outra forma sem ser a de sua amiga.

— Eu... — Coço a garganta, pensando em algo para não precisar mentir para Lexie. — Você é a irmã do meu melhor amigo, linda. Imagina o que ele falaria sobre eu beijar a irmãzinha dele?

Não é totalmente a verdade, mas pelo menos não estou contando uma mentira. Apenas omitindo o resto dos motivos de eu ter dito *não* para ela na época.

— Nós... nós temos que contar para Jay sobre isso? — ela pergunta, apontando para a gente.

— Você quer contar a ele?

— Hm... não? Você conhece o meu irmão, sabe que ele vai fazer um grande caso e... não estamos namorando, nem é nada sério, certo? Ele não precisa saber — ela fala, rápido demais.

*Não é nada sério.*

Porra, eu preferia que Jason tivesse me batido a escutar isso.

— Então... você não quer contar para ninguém? — pergunto, só para ter certeza.

— Bem... Ellie já sabe — ela revela, um pouco sem jeito. — Mas ela não vai contar para ninguém. Ela é boa em guardar segredos!

— Tudo bem ela saber, Lexie. Confio em Eleanor.

Por mim, todo mundo poderia saber quão apaixonado eu sou por essa garota, mas eu respeitarei as vontades de Alexia.

Meus olhos batem no relógio da parede e é quando eu percebo quanto tempo passamos na biblioteca.

— Merda. Eu preciso ir buscar Cassie — informo a Lexie e ela rapidamente faz menção de sair do meu colo, mas eu a puxo para baixo novamente.

Agarro sua nuca com uma das mãos, e a outra que usei para voltar a tê-la sentada em mim continua na sua cintura. Clamo sua boca de novo, em um beijo rápido e um pouco selvagem. Um beijo de despedida. Lexie movimenta os quadris contra os meus, e nós dois gememos com a fricção.

Caralho.

Eu estou prestes a gozar nas calças.

— Lexie — chamo-a, me separando dela antes de perder totalmente o controle da situação. — Preciso ir, antes que isso avance para uma etapa não tão legal de acontecer no local em que estamos.

Ela ri do meu comentário e eu tenho vontade de gravar o som de sua risada para ouvir em momentos ruins. Tenho certeza que meu sorriso apareceria instantaneamente.

— Te vejo amanhã? — ela pergunta, saindo do meu colo para recolher seus pertences e eu faço o mesmo.

— Eu te mando mensagem mais tarde.

— Perfeito! — responde, mostrando seu lindo sorriso para mim. —  
Vamos?

— Eu... preciso ir ao banheiro — digo, um pouco envergonhado.

— Eu te espero — ela responde, simplesmente jogando a mochila nos ombros.

— Lexie... — eu nem sei como falar isso, então faço de novo o que tinha feito antes, e olho para meu pau duro no meio das minhas pernas.

— Ah — ela diz, piscando os olhos em direção ao meio das minhas pernas. Porra. — E-eu... vou indo então.

— Até mais, linda.

— Tchau, Charlie! — Ela se despede com um beijo casto na minha bochecha.

Eu deveria começar a frequentar mais a biblioteca do colégio.



Enquanto eu estou no ônibus, voltando para casa, depois do turno na lanchonete, recebemos uma mensagem no grupo em que tem todos os jogadores o treinador do futebol americano. A mensagem nos informa sobre

o próximo jogo, que acontecerá na cidade vizinha e por isso precisaremos passar dois dias fora.

Não é a primeira vez que isso acontece, então eu já estou acostumado com todo o caos que será em casa.

Meu pai não sabe que eu jogo, claro. Eu precisarei inventar alguma desculpa para os dias que não estarei em casa. Provavelmente, mais uma vez, eu inventarei algum evento do colégio. Ele nunca se importa. Sempre que esses jogos aconteciam e eu avisava a Aiden, ele normalmente nem me respondia. Só continuava assistindo televisão e tomando suas bebidas.

Babaca.

Noite fora também significava que eu deveria falar com dona Beth e perguntar se Cassie poderia dormir lá. Ela nunca negou e sempre afirmou diversas vezes que ambos éramos super bem vindos lá, mas eu não gostava de abusar da gentileza. Se nossa vizinha tivesse algum compromisso, eu faltaria ao jogo. Não deixarei Cassie sozinha em casa com aquele homem.

Bufo, frustrado com toda a merda da minha vida.

Assim que destranco a porta de casa, me preparo para qual versão de Aiden eu encontrarei. Sua versão “*estou cagando para você*” ou “*vou ameaçar levar sua irmã embora e atirar garrafas de vidro na sua direção*”, todo dia é uma surpresa.

Como hoje eu voltei para casa depois do meu momento na biblioteca com Alexia, consegui dar janta a Cassie antes de sair para o trabalho. Antes de sair, eu sempre mando a minha irmã trancar a porta do quarto e não sair por nada até eu chegar. Eu tenho medo do que meu pai possa aprontar com ela. Por isso, seu quarto está sempre abastecido com garrafinhas de água e alguns pacotes de biscoito, para caso ela sinta fome. A questão do banheiro é um problema, mas caso ela esteja muito apertada, a solução é pular pela janela e ir na casa da dona Beth, mas isso raramente acontece.

Caralho. Minha irmã não merece ter que pular a janela e ir para a casa dos vizinhos para fazer xixi só porque nasceu nessa família de merda. Ela merece muito, muito mais, que meu coração chega a doer.

*Em breve vou te tirar daqui, maninha,* eu penso nisso todos os dias.

— Vou para um negócio da escola semana que vem e vou dormir fora — informei ao meu pai assim que passei pela sala, torcendo para que ele ignorasse como as outras vezes.

Mas, é claro, a maré de azar que eu trouxe para minha vida há anos não deixa que isso acontecer.

— Que porra da escola você vai, moleque?

— Um evento em uma cidade perto.

— Não vai, não, porra. Não vou autorizar você ir nessa merda — ele diz, abrindo mais uma das suas cervejas. Eu consigo contar 18 garrafas ao

pé da poltrona já. — Quem vai cuidar daquele verme quando você estiver fora?

Porra.

Ninguém fala da minha irmã dessa forma.

Conto até 10 e tento manter a calma para respondê-lo. Cassie está em casa e não merece ouvir a gente gritando, mais uma vez.

— Eu já tenho tudo organizado.

— Vai levar a pirralha com você? — ele pergunta, rindo. — Porque pode ter certeza que se você a deixar aqui, não vai encontrá-la quando voltar.

— Aiden... — digo seu nome entredentes, perdendo minha paciência.

— Cala a boca, porra! — exclama, me olhando com fúria. — Não aguento mais viver com vocês dois. Toda vez que olho para a sua cara, ou para aquela putazinha, eu lembro de que vocês tiraram o amor da minha vida de mim. Conto os dias para que vocês sejam atropelados e morram.

— A gente também espera o dia da sua morte ansiosamente, porra.

— O que foi que você disse, moleque? — Meu pai se levanta da poltrona, se desequilibrando um pouco pela quantidade de bebida no sangue e começa a andar até mim. — Olha como você fala comigo! Eu sou seu pai, caralho!

Ele acabou de desejar a nossa morte e agora lembra que é nosso pai?  
Putá que pariu, hein.

— Eu dou um teto, comida... tudo por vocês. E você ainda tem a coragem de me tratar dessa forma? — ele diz, com muita raiva, e desfere um soco no meu rosto. Ele está fraco pela bebida, então não machuca, mas só o ato já é suficiente.

Não aguento mais um segundo nesta casa.

Para evitar quebrar a cara do babaca, eu não falo mais nada. Apenas saio direto para o meu quarto e espero o som dos passos dele, indicando que ele voltou para a sala.

Jogo algumas roupas na mochila do colégio e alguns itens de higiene que posso precisar. Quando termino, abro a porta de Cassie com a chave e peço para que ela faça o mesmo. Ela não questiona, porque provavelmente deve ter ouvido Aiden gritando, e começa a arrumar sua mochila.

Enquanto ela prepara suas coisas, eu mando uma mensagem rápida para a única pessoa que me ajudaria nesse momento sem questionar os meus motivos. São quase 1 da manhã, então torço para que ela esteja acordada. Quando a resposta vem, dizendo que eu posso, sim, aparecer por lá, eu pego minha irmã pela mão e nós saímos de fininho pela porta de trás de casa.

O ônibus chega cerca de dez minutos depois que estamos o esperando no ponto. Cassie não faz nenhuma pergunta, ela só aceita que estamos indo passar uma noite fora. Eu sei que ela não gosta de dormir sozinha em seu quarto, tanto que muitas noites ela vem para o meu. Logo, ficar uma noite — ou algumas — fora de casa não é um problema para a pequena, mas uma solução para alguns dos nossos problemas.

Alguns minutos depois, chegamos no nosso destino. Mesmo sendo o centro da cidade, pelo horário e dia da semana, está tudo deserto. Nós nos apressamos pela rua até chegarmos no prédio. Minha irmã já sabe onde estamos, acho que ela se lembra da última vez, então nem se dá ao trabalho de perguntar.

Quando a porta do apartamento se abre, uma Eleanor de pijama e sonolenta aparece.

— Oi, Charlie. Oi, Cassie — ela nos cumprimenta, abrindo passagem para que possamos passar.

— Oi E... — minha irmã pausa sua fala para poder bocejar. — Oi, Ellie.

— Com sono, né? Arrumei o sofá cama para você e seu irmão — a dona da casa diz, apontando para o espaço reservado para a sala de estar.

O sofá cama está totalmente aberto, com dois travesseiros e duas cobertas em cima, esperando pela gente.

— Eu te disse que iríamos dormir por aqui? — pergunto, um pouco confuso e tentando lembrar das nossas últimas mensagens.

— Eu imaginei — ela responde, levando minha irmã até lá e indicando o banheiro para que ela possa escovar os dentes e colocar o pijama. — Uma palavrinha, Charles? — Ela indica a cozinha com a cabeça, eu a sigo.

E eu sei bem o que vai acontecer em seguida.

— Olha, Charlie — Eleanor começa a falar, apoiando o quadril no balcão que divide os ambientes. — Eu entendo que você é reservado e não quer nos levar para os seus problemas. Eu te entendo, porque sou exatamente assim. Mas você veio dormir na minha casa e vai me fazer omitir isso do meu namorado, mesmo sabendo que ele odeia mentiras, então... eu não quero te forçar a nada, tudo bem? Porém, eu preciso saber no que estou me metendo e se vale a pena.

— Eleanor... por favor — suplico, mas ela nega com a cabeça.

— Não, Charles. É a segunda vez que te acoberto e não posso fazer mais isso, não se você não me explicar o que está acontecendo — ela diz, séria, me olhando com aqueles olhos castanhos um pouco raivosa. — Alexia não sabe disso também, não é? E você sabe que ela ficaria uma fera se soubesse que algo está acontecendo com você, e que não pode ajudar. Assim como Jason.

— Você não pode contar para eles, Ellie. Você sabe que eles vão querer ajudar e... e eu não quero enfiar eles nisso. Eles não merecem as complicações da minha vida.

— Que complicações, Charlie? —questiona, impaciente.

É, eu não tenho saída.

Eu preciso contar para Eleanor o que está rolando. Não a história toda, mas pelo menos uma parte, para que ela entenda. Eu sei que é pedir demais para que ela omita essas vezes que eu pedi ajuda para ela, mas... eu só não quero meter os Jenkins nisso. Eles vão querer ajudar, mas não tem solução. Eu mesmo já tentei de tudo e sempre acabo em uma rua sem saída.

— Desde quando minha mãe saiu de casa, o comportamento do meu pai piorou — início a história, tirando alguns detalhes, claro. — Ele nunca foi um bom pai, mas as coisas conseguiram piorar e nunca mais melhorar. Nós estamos sempre brigando, gritando e ele me batia quando eu era mais novo. Ele parou quando eu tinha idade e altura o suficiente para revidar. Enfim... as coisas lá em casa não são fáceis, Eleanor. E hoje... hoje foi uma merda. Eu não aguentei ouvi-lo dizer todas aquelas coisas horríveis sobre Cassie. Eu não me importo que ele fale de mim, mas não da minha irmã. Nós... nós precisávamos de um lugar para ficar, e eu torci para que você não dissesse não. Eu não queria recorrer a Jay e Lexie. Com certeza Marcus e Paul se envolveriam e... não. Não agora.

— Ninguém mais sabe sobre isso? — ela pergunta, quando eu termino de contar uma parte da verdade.

— Só você.

Ela não diz nada, apenas acena e ficamos em silêncio durante alguns segundos.

— Eu não vou dizer o que você tem que fazer, Charles — ela fala, depois de um tempo. — Mas vou te aconselhar. E meu conselho é que você compartilhe isso com os Jenkins, porque eles vão conseguir te ajudar, assim como estão me ajudando.

— É diferente, Eleanor — respondo, um pouco na defensiva já.

— Não, não é — ela retruca, parecendo estar perdendo a paciência comigo. — Você só é orgulhoso demais para pedir ajuda.

Eu não tenho tempo de rebater, porque a porta do banheiro se abre e Cassie sai de lá, com o pijama e as roupas na mão. Eu e Eleanor ignoramos um ao outro enquanto ela vai ajudar minha irmã a arrumar a roupa para escola no dia seguinte e achar um canal infantil na televisão.

Eleanor está certa e eu sei disso.

No fundo, eu sei que os Jenkins, principalmente Paul, por ser um grande advogado, poderiam me ajudar. Mas eu não quero. Eu quero resolver essa situação sozinho. É a minha família, minha irmã e minha vida.

Eu me virei sozinho durante toda minha vida, e eu continuarei assim durante esses últimos meses.

Falta pouco para esse inferno terminar.

Com minha irmã instalada, é a minha vez de ir ao banheiro e fazer minha higiene antes de ir dormir. Não demoro muito, poucos segundos depois eu já estou de volta ao estúdio e indo me deitar com Cassie.

— Boa noite, gente — Cassie deseja a nós antes de virar para o lado contrário e fechar os olhinhos.

— Boa noite, Eleanor. Obrigado por... por ter nos deixado ficar — falo para a anfitriã assim que ela apaga as luzes.

Não recebo uma resposta.



*alexia*

Charlie está estranho.

Eu não sei dizer exatamente como, mas ele está.

Desde nosso momento na biblioteca, ele parece ainda mais fechado do que nunca. Não só comigo, mas com todos nós. Durante os almoços juntos, ele mal abriu a boca, nem mesmo quando Lily começou a implicar com algo aleatório. Algo que ele fazia frequentemente antes: discutir com nossa amiga sobre algo bobo que eles tinham opiniões divergentes.

Nós ainda trocamos mensagens quase o dia inteiro, mas eu sinto que algo está errado. Eu tentei perguntar para ele se algo estava acontecendo, mas ele afirmou várias vezes que tudo estava bem como sempre.

*Tudo estava bem, como sempre?*

Fala sério!

Durante essa última semana, também conseguimos escapar algumas vezes dos nossos amigos e roubar uns beijos. Saímos mais cedo do refeitório para nos encontrarmos antes do treino de futebol e das líderes de torcidas... tudo para termos um momento a sós.

Os beijos continuavam incríveis, disso eu não posso reclamar. Rolavam algumas mãos bobas aqui e ali, por cima das roupas também. Da parte dele, claro, porque sempre que eu descia minhas mãos pelo seu corpo, Charlie me parava, com a mesma desculpa: não vou fazer isso com você aqui. *Você merece mais*. E blá, blá, blá.

Com Charlie, eu sinto vontade de avançar as coisas. Algo que não aconteceu com Kyle em todos os meses de relacionamento. Talvez seja porque nós somos amigos, antes de qualquer coisa? Não sei dizer, só sei que quero dar o próximo passo com ele. Eu confio nele mais do que jamais confiei no meu ex-namorado, e acho que isso faz toda diferença.

Eu acredito que ele acha que eu não estou pronta. Mas, droga, eu estou! Eu quero fazer isso. E agora estranho o jeito que ele tá, é claro que ele não cederá as minhas vontades.

— Você não acha que Charlie está diferente essa última semana? —

Jason pergunta, me tirando dos meus pensamentos.

Nós estamos saindo do campo, depois do treino de futebol americano. Charles tinha ido na frente para o vestiário, como de costume, então ele não está por perto para ouvir a conversa.

— Eu reparei que ele está estranho — comento, tentando não soar como alguém que está enfiando a língua na garganta do melhor amigo do irmão.

— Ele sempre é um dos primeiros a sair do treino, mas agora... ele está praticamente correndo para ir embora — Jay diz, parecendo um pouco frustrado. — E, claro, ele sendo ele, não quer me contar o que está rolando.

— Você sabe que ele é mais reservado, Jay.

— Eu sei, Alex, mas..., mas sei lá. Algo parece errado.

— Tenho certeza que está tudo bem — falo, mas é mentira. Eu também acredito que algo esteja rolando na vida do nosso amigo.

— Talvez seja uma garota? — Jason sugere e eu quase engasgo com a minha saliva.

*Bem, maninho, realmente tem uma garota e sou eu. E te garanto que ele não está estranho por minha causa.*

Ou talvez seja outra?

Nós nunca conversamos sobre exclusividade, então é possível.

— Eu quero fazer uma coisa — ele continua, mesmo eu não ter comentado sobre sua última fala. — Eu sei que não é certo, mas... eu estou

preocupado, Alex.

— Jay... — digo seu nome em tom de aviso.

— Vamos segui-lo de carro — ele solta, me puxando em direção ao estacionamento.

*Mas o quê?*

O que está se passando na cabeça do meu irmão? E ele ainda quer me arrastar junto?

— Jason... não acho que isso seja uma boa ideia — tento argumentar, enquanto ele me puxa para seu carro. Deus, ele nem tomou um banho depois do treino!

O cretino não me responde. Ele pega as chaves no bolso frontal da mochila e abre o veículo, entrando pela porta do motorista.

— Você vem? — questiona, abrindo o vidro do lado do passageiro para me ver.

Eu pondero durante alguns instantes.

Charlie não ficará feliz se descobrir que nós invadimos sua privacidade. Por outro lado... talvez conseguiremos descobrir o que está acontecendo e poderemos ajudar. Eu sei que ele nunca virá até nós para pedir, então é a melhor opção que temos.

Decidida, eu entro no carro do meu irmão.

— E suas coisas? — pergunto assim que ele liga o carro e começamos a andar.

— Eu pego amanhã — ele responde, simplesmente dando de ombros.

Nossa, eu estou tão orgulhosa de Jay. As sessões na terapia realmente estão ajudando. Se fosse em outros tempos, meu irmão nunca conseguiria deixar alguns materiais no colégio assim. Ficar sem estudar? Era o pesadelo dele!

Agora... ele consegue dividir bem seu tempo e não estuda igual um doido mais, mas mesmo assim, mantém suas ótimas notas. Jason Jenkins é o meu orgulho!

— Vamos seguir o ônibus — meu irmão fala, parando o carro a poucos metros do ponto de ônibus, mas do outro lado da rua.

Eu estou me sentindo em um filme de perseguição policial, pelo amor de Deus!

— Jay... certeza que é uma boa ideia? — pergunto, novamente.

— Charlie nunca fala sobre sua vida pessoal direito, Alex — meu irmão diz, bem baixo, parecendo um pouco chateado. — Eu não sei o que rola por debaixo dos panos, mas sei que não é algo bom. Ele... ele não quer pedir ajuda de ninguém para lidar com os problemas, mesmo eu já tendo deixado claro várias vezes que estou aqui para ajudá-lo. Eu só quero ajudá-lo.

— Nós vamos, Jay — garanto, conectando nossas mãos e apertando a dele de leve.

Jason se importa demais com as pessoas que ama. Então, eu sei o quanto machuca o meu irmão não poder ajudar o melhor amigo.

O ônibus aparece três minutos e Charlie entra nele. Assim que o transporte público da partida, Jay faz o mesmo e começamos a seguir o veículo, alguns metros atrás.

Pouco menos de 10 minutos depois, já no centro de Millsh, nosso amigo solta em um dos pontos na rua principal. Eu e Jason nos entreolhamos, achando estranho. Às vezes, quando ele precisava ir para esses locais depois da escola, ele pegava carona com meu irmão.

E aí que vem a nossa surpresa: ele entra no prédio que Eleanor está morando há alguns meses.

— Mas que porra... — Jay diz, piscando os olhos para ver se realmente tinha visto isso.

— Ellie não está na floricultura? — questiono, já que a namorada do meu irmão trabalha na floricultura da nossa família algumas vezes por semana.

— Ela está... — meu irmão responde, estacionando o carro em uma das vagas em frente ao prédio da namorada.

Será que Eleanor e Charles estão...?

*Não.* Eles nunca fariam isso com Jason.

Nem comigo, já que minha amiga sabe do meu envolvimento com ele.

*Eles... eles não fariam isso,* repito para mim mesma, mentalmente, enquanto subimos as escadas até o apartamento. Pelo jeito de Jason, sei que ele está com o mesmo dilema na mente. Ele sabe que eles não fariam nada do tipo com ele, mas..., mas tudo estava confuso agora.

Ele toca a campainha e nós esperamos a porta ser aberta, para revelar o que nos espera lá dentro.

Quase três minutos depois — após Jay esmurrar o dedo na campainha —, a porta finalmente é aberta e Charles aparece.

— Eu vou perguntar uma vez, Charles, e você vai me dizer a verdade — é a primeira coisa que Jason diz, tentando manter a calma. — O que você está fazendo no apartamento de Eleanor sem ela por aqui?

Charlie pisca duas vezes e quando percebe que, sim, realmente estamos aqui, ele parece congelar.

Seu olhar alterna entre mim e meu irmão e quando ele abre a boca para responder, é interrompido.

— Jay! Alex! — a voz de Cassie atrai nossa atenção e logo uma figura pequena aparece por trás do irmão mais velho, vindo até a porta para nos abraçar.

— Oi, Cass — cumprimento-a e me abaixo para abraçá-la. — Como você está?

— Muito bem!

— Fala aí, Cassie — Jay também fala com a garotinha, fazendo um *high-five* com ela.

— Por que vocês estão aí fora? Vem, entrem — ela convida, nos puxando pela mão.

Não temos outra opção, a não ser seguir a menina.

A casa de Ellie permanece igual, apenas o sofá cama aberto com roupas de cama espalhados é que faz a diferença no ambiente.

— Ei, Cassie — Charlie chama a irmã, que já está sentada no sofá, procurando algo interessante nos canais da televisão. — Vou conversar com o Jason e a Alexia, e depois você pode chamá-los para ver um filme com você, tudo bem?

— Tá bom — ela responde sem tirar os olhos da televisão. — Também quero mostrar os golpes de boxe que Ellie me ensinou!

Ah...

Eleanor está ensinando boxe a Cassie.

Isso me dá uma pontada no peito.

É, eu estou com ciúmes de uma criança. Mais precisamente da irmã do garoto que eu estou ficando.

*Eu* queria estar ensinando algo a Cassie.

— Vamos para cozinha? — Charlie diz, já indo em direção ao local, com a gente no seu encalço.

Eu e Jason nos sentamos nos banquinhos altos do balcão, que divide o ambiente da cozinha e o resto do apartamento, enquanto Charlie fica em pé, na nossa frente.

— Estamos ouvindo — Jason fala, incentivando o nosso amigo a falar.

Até o momento, eu não tinha dito uma palavra a Charles.

— Eu e Cassie estamos ficando por aqui alguns dias, mas já vamos voltar para casa — Charlie explica, e eu e Jason trocamos um olhar quando percebemos que ele não vai dizer mais nada.

*Sério, Charlie?*

— E por que vocês não podem ficar na sua casa? — Jay pergunta, já impaciente.

— Alguns... problemas — é tudo que o outro garoto responde.

— Charles, você não vai mesmo nos dizer o que está acontecendo? Nós podemos ajudar e tal...

— É por isso que eu não falei nada — Charlie fala, interrompendo o meu irmão. — Está tudo sob controle, eu não preciso da ajuda de ninguém

— Mas você pediu ajuda a Eleanor, se está aqui — eu retruco, e finalmente o moreno volta sua atenção para mim.

— Porque eu sabia que ela não faria perguntas — é o que ele responde, depois de pensar um pouco e tomar cuidado com suas palavras.

— E... por que a gente não sabia disso? — Jay questiona, cruzando os braços.

— Como vocês sabiam que eu estava aqui? — Charlie rebate, juntando as pecinhas do quebra-cabeça. — Vocês me seguiram?

— Estávamos preocupados, Charlie — me apresso em dizer, mas ele balança a cabeça.

— Não acredito que vocês invadiram o meu espaço pessoal dessa forma.

— Se você nos contasse o que realmente está rolando, Charles, não precisaríamos ter feito isso — meu irmão fala, voltando a se irritar com a situação.

— Eu já disse que tenho tudo sob controle! — Charlie diz, elevando um pouco o tom de voz.

O silêncio recai sobre o ambiente. Percebo até Cassie olhando para trás, rapidamente, para ver o que está acontecendo. Ninguém sabe o que dizer. De modo geral, ele sempre foi muito tranquilo perto da gente, então é claro que achamos estranho a sua irritação.

Tem muito mais coisa acontecendo e ele não quer nos dizer, consigo perceber isso agora.

— Você precisa aprender a parar de ser tão orgulhoso e pedir ajuda das pessoas, Charles — Jay fala, se levantando e eu faço o mesmo. — Você sabe o quanto isso me custou.

— É... é diferente, Jason — Charlie responde, suspirando. — Eu estou lidando com isso da melhor forma que consigo. Não quero arrastar ninguém para os meus problemas.

— Nós somos seus amigos, Charlie, estamos aqui para isso — eu digo, sorrindo fraco para ele, mas não sou retribuída.

— Está tudo bem, gente. Eu já disse — ele repete mais uma vez, e eu e Jason nos olhamos.

Não temos como ajudá-lo se ele não quer ajuda.

— Você pode contar comigo para o que precisar, Charlie — é a última coisa que meu irmão diz antes de sair para caminhar até a porta e ir embora.

Só eu e Charlie ficamos na cozinha, nos encarando, sem saber o que dizer. Eu espero que ele diga alguma coisa a mais para mim. Bem, nós somos mais que amigos. Nós nos beijávamos e estávamos mais próximos do que nunca. Isso significava alguma coisa, certo?

— Eu acho melhor você ir também, Lexie — finalmente ele fala, mas não são as palavras que quero ouvir.

Eu assinto, saindo dali o mais rápido possível.

*O que eu disse para Eleanor sobre Charlie nunca me machucar?*

Eu estava errada.



Eu não estou falando com Charles Brown. Fazia alguns dias que eu não respondia nenhuma das mensagens dele e sempre que ele tentava falar comigo no colégio, fugia.

Isso mesmo, eu, Alexia Jenkins, como uma bela covarde, praticamente saio correndo quando o encontrava.

Ele tem me mandado inúmeras mensagens, pedindo desculpas e querendo uma chance para conversarmos, mas eu não estou pronta ainda. Eu estou magoada, poxa!

Nós tínhamos nos aproximado nos últimos meses e ele não confiava o bastante em mim para contar sobre o que estava rolando? Invés disso, ele foi pedir um lugar para ficar para Eleanor? Não só isso, mas ele nem teve a dignidade de me contar nada! Ainda estou me sentindo traída.

Droga, eu estava seriamente pensando em dar para o garoto porque confiava o suficiente nele para tal, mas, aparentemente, a confiança não é recíproca.

Será que eu nunca arrumarei um bom garoto? É pedir demais?

Eu estou frustrada. Demais.

E a história de Charlie causou um pequeno atrito no relacionamento do meu irmão. Ele foi perguntar para a namorada porque ela não tinha contado nada e eles discutiram. Agora, tudo está em ordem, mas eu espero que ele tenha se ressentido por ter sido o pilar para uma briga entre o melhor amigo e a Ellie. Eles merecem ser felizes e não ter brigas que claramente podem ser evitadas.

Os irmãos Brown já tinham retornado para casa, pelo que eu ouvi Jay dizer. Charles ainda não contou o que está acontecendo em casa, mas nós já sabemos que não é algo bom, já que ele precisou ficar na casa de outra pessoa durante um tempo.

E, hoje, para piorar, nós estamos indo para um jogo do time de futebol americano em outra cidade, e iremos dormir por lá. O que isso quer dizer? Mais chances para Charlie tentar conversar comigo. Eu terei que pensar em novas técnicas para fugir dele.

O ônibus escolar já está parado em frente a escola e nós aguardamos enquanto todas as líderes de torcida e o time colocam as malas no

compartimento embaixo do ônibus.

Vendo que ainda demorará um pouco e que falta meia hora para sairmos, decido que irei ao banheiro. Aviso Ellie e digo que estou com o meu celular, para o caso de algo acontecer.

Esse será o último jogo que minha amiga participará como líder de torcida. Na próxima semana, Lily já estará de volta ao time, depois de se recuperar do tornozelo torcido. Eleanor poderá falar o que quisesse, mas sei que ela gostou de ficar essas semanas com a gente.

Me despeço dela e do meu irmão, que estão conversando, e entro de novo no colégio. Como o horário escolar já tinha terminado, os corredores estão vazios. Vou no primeiro banheiro feminino que encontro, o do primeiro andar, e claro, não tem ninguém.

Faço meu xixi rapidamente e logo saio da cabine, indo lavar a mão. Quando termino e ando até a porta para ir embora, sou impedida assim que a abro. Um corpo masculino me empurra para dentro novamente.

Charles Brown, claro.

Eu reconheceria seu perfume em qualquer lugar.

— Você está ignorando as minhas mensagens — é a primeira coisa que ele diz, escorando o corpo na porta para me impedir de sair. — E você está fugindo de mim.

— Charlie...

— O que está acontecendo, Lexie? Por que você não quer conversar comigo?

Ele sabe *muito bem* o motivo, então não adianta negar. Além de eu odiar mentiras, óbvio.

— Eu estou chateada com você, Charlie.

— Lexie...

— Não, Charlie — eu não o deixo completar seja lá o que ele ia dizer. — Eu sinto que você não confia em mim, sabe? Eu achei que como tínhamos nos aproximado tanto nas últimas semanas, você me considerava sua... sua amiga, uma grande amiga, mas acho que não. Você e Eleanor nem são tão próximos assim e.... e você a escolheu quando precisou de ajuda, não eu — digo, tentando conter as lágrimas. Sim, é meu ciúme falando mais alto, mas eu não conseguirei guardar isso durante muito tempo.

— Você sabe que não é assim, linda. É claro que eu confio em você! Você é uma das pessoas mais importantes da minha vida, sempre foi e sempre será, Lexia.

É claro que ele sabia a coisa certa a se dizer.

*Não.* Eu não irei me deixar ser levada por palavras bonitas.

— Então como é, Charles? Porque, pelo meu ponto de vista, é exatamente assim. Você passa várias horas do dia me mandando mensagem,

me beijando em todos os momentos que conseguimos sozinhos, mas, mesmo assim, você não confia em mim para me dizer o que de fato está rolando na sua casa!

— Lexie, por favor, não faça isso — ele suplica, se aproximando de mim e colando nossas testas, com uma das mãos na minha bochecha. — Por favor, linda, não se afaste de mim de novo. Eu não vou aguentar uma segunda vez.

— Charlie... — eu murmuro, me perdendo um pouco com seu toque e proximidade.

Talvez... talvez Eleanor não saiba. Ele pode ter corrido para ela porque sabia que nossa amiga não se meteria na vida dele. Ao contrário de mim e Jason, por exemplo, Ellie respeitava o espaço pessoal de todos, nunca insistindo em algo que não quiséssemos contar. Ela sempre deixa claro que está disponível sempre que precisarmos, mas que não vai cobrar nada de nós.

E... eu entendo um pouco ele, eu acho. Se ele aparecesse lá em casa com Cassie, haveria muitas perguntas. Minhas, de Jay, dos nossos pais... iríamos mover o mundo para poder ajudá-los, e Charlie é muito orgulhoso para deixar qualquer um resolver seus problemas.

É, talvez eu esteja certa.

— E-ellie não sabe, não é? O que está acontecendo na sua casa? Você recorreu a ela porque ela não se meteria na sua vi... — eu paro de falar no instante que meus olhos capturam os dele. Eu vejo algo ali e eu entendo.

Eleanor sabe. Ele contou o que está acontecendo para ela.

— Não... ela sabe? Você contou para ela? — pergunto, me afastando do seu toque.

— Lexie...

— Charles — digo firme, segurando minhas lágrimas com todas as forças. — Você não confia em mim.

— Alexia, é claro que eu confio em você, caramba! Você é uma das pessoas que eu mais confio no mundo!

— Não o suficiente — respondo, e sinto uma lágrima descer pela minha bochecha.

Não espero que ele diga mais nada, saio do banheiro o mais rápido possível.

Enquanto faço o percurso para fora da escola de novo, limpo meu rosto cuidadosamente para não haver resquícios de que eu chorei agora há pouco. Quando chego perto do ônibus, os alunos já estão embarcando, então faço o mesmo.

Eleanor e Jason estão sentados juntos.

Allie e Lily também.

Eu vou para um dos últimos bancos, sentando-me sem nenhuma companhia.

Mais uma vez, estou sozinha.

E não digo só no ônibus.



Os meninos ganharam, como esperado!

No ônibus, indo para a outra cidade, eu ouvi algumas conversas dos garotos, dizendo que a vitória já estava certa, ainda mais com Jason Jenkins como capitão.

Meu coração se encheu de orgulho, principalmente quando eles realmente ganharam.

Ganhar é sempre bom, mas vencer fora de casa... é mais especial.

Não estamos em Millsh e todos devemos ir direto para o hotel depois do jantar em uma lanchonete local. Ou seja, não há uma devida comemoração, mas estamos combinando algo para depois, quando voltarmos.

Assim, logo que terminamos de comer, o ônibus nos leva de volta para o hotel. Como imaginamos, os quartos são duplos, e o pessoal do time de futebol americano dividem-se entre si, e nós, da equipe de líderes de torcida, faremos o mesmo.

Nessa divisão, eu e Eleanor ficamos juntas, felizmente.

Quando, finalmente, entramos no nosso quarto, tiramos na pedra, papel e tesoura quem tomará banho primeiro. Minha futura cunhada ganha. Cretina!

Enquanto ela se demora no chuveiro, eu me sento na minha cama, encostando as costas na cabeceira e coloco o meu celular para carregar na tomada ao lado, mexendo nele durante. Se meu pai Marcus soubesse disso, ele me daria uma grande bronca. Pelo menos uma vez por semana, ele manda um artigo no grupo da família falando sobre o perigo de mexer no celular enquanto ele está carregando.

Vejo as fotos que minhas companheiras de time postaram nas redes sociais do dia de hoje, respondo as mensagens dos meus pais no nosso grupo e até leio sobre a previsão do tempo para o dia seguinte. Mesmo sem ter nada para olhar, continuo navegando no aparelho.

*“Esperando por uma mensagem dele, né, boba?”*, uma vozinha diz na minha cabeça.

É, eu acho que estou.

Uma parte de mim esperava um pedido de desculpas e uma linda declaração de amor.

*O que posso fazer se sou romântica assim?*

Suspiro, frustrada, quando percebo que isso não vai acontecer.

Felizmente, Ellie sai do banho bem na hora, e é minha vez de entrar no banheiro.

A água do chuveiro já está quente, na temperatura perfeita, uma vez que minha amiga acabou de usar. Demoro o tempo que preciso debaixo d'água, chorando um pouco pelo que aconteceu mais cedo. Desde pequena, meus pais sempre disseram que chorar não era ruim, às vezes, necessário. E é isso o que eu faço durante o tempo que fico ali.

Eu realmente acho que estava criando algo legal com Charlie, mas, pelo visto, estou enganada.

Homens.

Depois de lavar bem o cabelo, secá-lo com o secador e escovar os dentes, penduro a toalha e saí do banheiro, dando de cara com Eleanor agachada em frente ao frigobar.

— Amiga, tudo bem? — pergunto, me sentando de novo na minha cama.

— Você por acaso tem água aí?

— Droga! Esquecemos de comprar! — reclamo, me jogando nos travesseiros.

— Vou lá embaixo comprar, em uma das máquinas — Ellie diz, fechando a porta da mini geladeira do quarto e se levantando. — Quer alguma coisa?

— Só água está bom, amiga — respondo, voltando a ficar na posição sentada.

Ela assente e vai até a porta, de pijama e tudo, para descer ao lobby do hotel. No entanto, assim que ela a abre, diz: — Alex? Acho melhor você vir aqui.

Preocupada, eu me levanto e caminho até onde minha amiga está. Quando chego lá, percebo porque ela me chamou.

Charles Brown está na parede ao lado da nossa porta, sentado e... dormindo?

— Charlie? — chamo-o, mas ele não acorda. — Ei, Charlie! — chamo de novo, balançando de leve seus ombros.

Devagar, ele abre os olhos e recompõe a postura. Por um instante, ele parece não saber onde está, mas quando seus olhos castanhos se conectam aos meus azuis, ele volta à realidade.

— Eu vou deixar vocês a sós — Ellie diz, saindo em direção aos elevadores.

Nós continuamos nos encarando, sem dizer nada. Bem, ele veio até aqui, logo, ele que tem algo a dizer, certo?

— O que você está fazendo aqui, Charlie? — questiono de uma vez.

— Eu aguento você puta comigo, Lexie. O que eu posso fazer para você me perdoar?

Uou.

Essas, com certeza, não eram as palavras que eu esperava ouvir dele.

Ele realmente veio me pedir desculpas? Ele ia...o que? Dormir na minha porta, esperando-me sair e decidir falar com ele?

Eu não respondo imediatamente, apenas volto para minha porta e indico com a cabeça para que ele entre. Essa não é uma conversa que teremos no corredor, onde qualquer pessoa pode passar e nos atrapalhar.

Dentro do quarto, eu vou até a beira da minha cama e me sento. Ele faz o mesmo, ficando ao meu lado.

— Por que você estava dormindo na minha porta? — pergunto, curiosa para saber qual era o plano genial dele.

— Bem... — Ele ri, nervoso. — Eu ia esperar até de manhã, talvez. Ou até o momento que você saísse.

— Você iria ficar a madrugada inteira ali? — repito, porque realmente estou surpresa.

— Eu não sei que horas você iria tomar café da manhã, então...

Meu Deus. Esse garoto não existe!

— Charlie... isso — Aponto meu dedo entre nós dois —... não pode continuar se você não confiar em mim.

— Eu já te disse que confio em você, Lexie — ele responde, parecendo esgotado.

— Quando você precisou de uma m-mão ajuda, eu não fui sua primeira opção — sussurro, e mais uma vez tento impedir as lágrimas de caírem. — Isso me magoou, Charlie, porque, recentemente, você se tornou a primeira pessoa que eu ligaria se eu precisasse de alguém. M-mas pelo visto, isso não é r-recíproco.

— Lexie, não é assim — ele tenta alcançar minha mão, mas muda de ideia no meio do caminho. — Se fosse qualquer outra situação, você seria a primeira pessoa que eu ligaria, mas é... é diferente. Eu... hm... não quero trazer mais problemas para sua vida.

— Eu só queria te ajudar...

— Eu sei disso, linda, sei muito bem — ele finalmente entrelaça nossos dedos, e eu deixo. Eu gosto da sensação que o toque dele me traz. — Mas isso é algo que eu preciso resolver sozinho.

— Mas o que é *isso*, Charlie? O que está, de fato, acontecendo? — pergunto, levando minha mão até sua bochecha e fazendo-o olhar para mim.

Eu consigo enxergar nos olhos dele que tem algo de errado, mas ele continua me empurrando para essa parte da sua vida. Isso me machuca. Eu sei que ele sempre gostou de resolver tudo sozinho, sem precisar da ajuda de ninguém, mas..., mas ele tem amigos que se importam com ele. Amigos que estão dispostos a fazer de tudo para ajudá-lo. Ele não está mais sozinho. Nunca esteve, desde quando conheceu a gente.

Eu acho que ele, mais uma vez, não irá dizer nada e irá embora. Ele parece relutante em me contar, então, quando finalmente as palavras saem de sua boca, fico aliviada.

— A situação lá em casa não é das melhores. Desde que minha mãe não mora mais com a gente, meu pai... piorou. Ele nunca foi um bom pai, mas sempre ficou na dele, e eu na minha — ele começa a falar, apertando minha mão em alguns momentos, e eu aperto de volta. Em uma fala silenciosa *eu tô aqui*. — É ruim, Lexie. Bem ruim, mas..., mas eu consigo me virar. Eu faço tudo que posso para mim, e para Cassie, principalmente. E, naquele dia, ele disse coisas horríveis sobre minha irmã. Eu não consegui ficar mais lá, por isso liguei para Eleanor e perguntei se podíamos passar alguns dias lá. E-eu não falei nem com você, nem com Jason, porque sei que vocês tentariam ir mais a fundo nesse problema e tentar resolver, mas eu não quero isso. Eu estou lidando com isso há anos, e falta pouco tempo para o inferno terminar.

Charles fala, fala e... quase não fala nada.

Bem, eu sei que as coisas estão ruins na casa dele. Eu sei que algo aconteceu, para ele e Cassie terem ido ficar uns dias fora, eu sabia que a mãe dele não morava mais lá — mas eu não fazia ideia do que realmente tinha acontecido com ela — e sabia que ele não queria nossa ajuda.

Mas... ele está me contando. Da forma dele, Charlie abriu seu coração para mim. E se é isso que ele está disposto a me dar agora, eu aceitarei.

— Charlie — falo seu nome depois de um momento em silêncio, enquanto eu absorvo tudo, e ele volta seus olhos castanhos para mim. — Me mata você não querer ajuda, mas eu vou te respeitar nisso, como em todas as outras coisas. Eu não vou exigir mais do que você está aberto a compartilhar comigo, mesmo que eu queira te desvendar a fundo. — Dou um sorriso fraco para o garoto à minha frente. — Porém, eu queria te pedir... te pedir que, caso as coisas piorem, você venha até mim e nós possamos pensar em algo para tirar você e Cassie dessa situação.

— Lexie...

— Só se as coisas piorarem muito. Muito, tipo... você sentir que não aguenta mais lidar com tudo isso sozinho.

Ele parece pensar por poucos instantes e eu torço para que sua resposta seja a que eu queira ouvir.

— Tudo bem — ele responde, finalmente. Eu pisco, atordoada, surpresa pelo que ouço. — Se... se as coisas fugirem do meu controle, eu vou pedir ajuda.

— Tudo bem. Ótimo! — digo, abrindo um sorriso maior.

E... agora?

Essa foi nossa primeira discussão, e nos resolvemos... eu acho.

Qual é o próximo passo?

Mando ele embora e espero uma mensagem nos próximos dias?

— Linda? — ele me chama, e eu percebo que me perdi nos meus próprios pensamentos. — Posso te beijar agora?

— Achei que você não fosse fazer isso nunca — respondo, um pouco espertinha.

Quando seus lábios colidem com os meus e sua língua invade minha boca, eu tenho mais certeza ainda que estou completamente, totalmente, absurdamente apaixonada por Charles Brown.

E não acredito que esse sentimento vá embora algum dia. Ele está aqui desde quando o vi pela primeira vez, e vai ficar até a última vez que eu o ver.



charles

As últimas duas semanas foram... pacíficas, na medida do possível.

Lily tinha, finalmente, voltado à equipe de líderes de torcida. Eleanor havia se despedido do time no último jogo fora de casa, e agora a flyer oficial está de volta. A partir da primeira semana que a loira voltou a vestir o uniforme azul e branco, percebi que todo o time estava mais em cima dela. Eu até acho que a treinadora está levando barrinhas de cereais para as meninas antes do treino.

No quesito amizade, eu e Jason estamos... *complicados*. Eu sei que, depois do episódio da perseguição — que não foi nada legal —, ele acabou brigando com a Eleanor, e eu me senti um pouco responsável. Se tivesse dito a verdade para o meu melhor amigo desde o início, isso não estaria

acontecendo. Nós ainda não conversamos sobre o assunto, infelizmente. Nas vezes que tentei, Jay disse que não estava com cabeça para lidar com aquilo, mas que, em breve, nós iremos conversar. Precisamos, na verdade. No geral, nos tratamos com respeito e cordialidade. Afinal, ele continua sendo o meu melhor amigo.

Em casa, as coisas estão... normais. Meu pai nem percebeu que eu fiquei alguns dias fora com Cassie, nem quando voltamos. Às vezes, quando eu esbarrava com ele pela casa e o babaca estava bebendo, ele desferia alguns insultos a mim e eu apenas assentia, sem revidar. Afinal, estou cansado de toda essa merda. O clima também não está de todo ruim, porque comecei a pegar mais turnos na lanchonete, ou seja, o meu salário aumentou, assim como Aiden exigiu. Agora, eu lhe dou mais dinheiro para ele levar para Crystal, na prisão.

*As coisas poderiam estar piores, é o que me faz relaxar um pouco.*

Também recebemos os resultados das nossas últimas provas, e minhas notas foram excelentes, principalmente a de História Geral, que eu havia estudado com Lexie.

Ah, Alexia Jenkins...

As coisas entre nós estão ótimas.

Ela não insistiu mais no assunto família, já que prometi contar tudo para ela caso as coisas viessem a piorar. Agora, eu contarei se algo

acontecesse? Realmente, não sei. Eu espero que nada chegue neste ponto.

Eu ainda não sei, de fato, o que está rolando entre nós. Estamos ficando? Amizade colorida? Namorando? Eu não faço ideia, mas preciso descobrir.

Também não tocamos no tópico exclusividade, o que está me incomodando um pouco, admito. A partir do momento que a beijei pela primeira vez, tomei para mim que seria só eu e ela, para sempre. Ou até o momento que acabar, porque eu sei que coisas boas não duram na minha vida.

E na nossa relação... nossos amigos também não sabem da gente. Por enquanto, apenas Eleanor sabe. Se todos soubessem, Jason saberia, e eu e Alexia sabemos que se isso acontecer, não teremos paz. Eu também não me sinto confortável em contar para o meu melhor amigo porquê... bem, eu não sei qual o nível da minha relação com a irmãzinha. Não quero que ele achasse que ela é só mais uma para mim. Muito pelo contrário, Lexie é a única para mim.

Como nós estamos passando nosso tempo livre sempre juntos, ela está passando mais tempo com a Cassie também, e minha irmã a idolatra. Sempre que dá, vamos buscá-la juntos no colégio e depois tomamos sorvete, já que o calor está chegando aos poucos em Millsh. Minha irmã parece não saber que estamos “meio” que juntos, e eu prefiro assim por

enquanto. Não sei quanto tempo demorará até que a onda de azar chegar e terminar com a melhor coisa que já me aconteceu.

E já que Cassandra e Alexia são as novas melhores amigas, as duas conseguiram me convencer a deixar a mais nova passar um dia com a família de James, no shopping mais perto da cidade. Eles almoçarão por lá, assistirão a um filme pela tarde e depois terminarão o dia nos brinquedos e jogos que há em um espaço do local. Normalmente, eu não deixaria minha irmã sair assim com uma família que eu não conheço bem, mas os pais do garoto me ligaram e conversamos, tudo com ajuda de Lexie, e acabei cedendo.

Minha irmã também precisa se divertir, afinal. Não satisfeita, Alexia queria ajudar ainda mais. Como é hoje sábado, seus pais saíram e Jason está na casa de Ellie, e o carro do meu melhor-amigo está disponível. Por isso, a loira se ofereceu para dar uma carona a minha irmã até o shopping, comigo junto.

Deixamos a pequena lá e agora estamos voltando, escutando a playlist de One Direction dela quando ela diz: — Você quer ir lá para casa? Jay está com a Ellie, os meus pais saíram e só voltam a noite, então...teremos a casa só para a gente.

Porra, como eu recuso um convite desses?

— Claro, Lexie — respondo, apertando sua coxa de leve, onde minha mão está descansando, por cima da calça jeans.

Eu não espero nada de Alexia. Eu sei que ela é virgem e não tenho certeza até que ponto ela e Kyle foram. Não quero apressar o tempo dela. Pelo que já escutei de algumas conversas dela com as meninas, ela não confiava o suficiente no ex-namorado para transar com ele. E para Lexie, ela deveria ter uma conexão com a pessoa, além da confiança e respeito, para que pudesse avançar até essa etapa. Coisa que não rolou com ele durante os meses que estiveram juntos.

Logo, eu não irei propor, nem insinuar nada. Se ela não se sentia pronta com o ex-namorado, não será comigo que ela fará alguma coisa além de beijos e mãos bobas por cima da roupa. E eu estou muito bem com isso, de verdade.

Eu já estou com a Alexia Jenkins, a menina que por quem era apaixonado desde os 8 anos. Não preciso de mais nada.

Assim que ela estaciona o carro na garagem de carro, percebo que ela parecia um pouco... tensa.

— Ei, linda — chamo, antes que ela saia do carro. — Tudo bem?

— Hã? C-claro — ela responde, tirando a chave da ignição. — Por que? Não tá tudo bem com você? Você quer ir embora?

— Lexie, calma! Tá tudo ótimo comigo — garanto, e ela suspira. —  
Você parece... nervosa. Sabe que não precisamos fazer nada, não é?  
Podemos apenas assistir *Diário da Princesa*, seu filme preferido, e comer  
pipoca.

— Você se lembra do meu filme preferido? — ela pergunta, surpresa.

— Eu me lembro de tudo sobre você, linda.

Alexia cora imediatamente.

Ela fica a coisa mais fofa do mundo com vergonha. Me seguro para  
não morder as bochechas dela.

— Eu... acho que podemos riscar outro item da lista hoje — ela  
conta, parecendo um pouco receosa.

O que poderia ter na list...

Ah. *Merda*.

Ela não está sugerindo que..., certo?

É o único item que eu lembro que poderíamos fazer na casa dela.

— Charlie, tudo bem? Você ficou pálido de repente — Alexia  
pergunta, colocando uma das mãos em meu ombro.

— O que você quer completar hoje?

— Bem... — Ela limpa a garganta, e eu me preparo para o que vem a  
seguir. — Já que só tem nós dois aqui, eu pensei que... que podíamos...  
nadar pelados na piscina? Ela é aquecida, então não tem problema!

Porra, que susto!

Não que ficar nu com a garota mais linda do mundo dentro d'água seja muito melhor, mas...

É, eu estou ferrado.

— Charlie? Você não quer? Se não quiser, tudo bem, eu posso entrar sozinha e...

— Eu topo — corto-a, porque sei que ela está começando a ficar insegura e nervosa.

— Topa?

— Claro que sim.

— Ok.

Ela me lança um sorriso lindo antes de sairmos do carro.

Em silêncio, nós entramos dentro da grande casa dos Jenkins, um local muito conhecido por mim.

Antes de irmos para a área da piscina, ela busca as toalhas para quando sairmos.

Com tudo pronto, vamos juntos para o lado de fora.

— Hm... agora tiramos a roupa, né? — ela pergunta, nervosa.

Desta vez, nem posso ajudá-la, porque estou tão nervoso quanto.

— É, acho que sim — respondo, sem graça.

Nós continuamos nos encarando, sem nos mexermos para começar a tirar as roupas.

— Você pode... virar de costas? — ela pede, tímida, e eu assinto, ficando de costas.

Eu me seguro para não dar uma espiadinha. Claro, a respeito demais, mas que eu queria... queria muito.

Ouçõ o som da água e sei que ela já está dentro da piscina.

### **TAREFA RISCADA - NADAR PELADO**

— Pode tirar a roupa e entrar, vou me virar de costas — ela diz, e eu espero uns cinco segundos antes de me virar.

Quando eu viro de frente para a piscina, vejo Alexia de costas. Como ela já está no meio da piscina, não consigo ver seu corpo muito bem, pela água turva. Apenas sua pele clara em contraste com o azul. Rapidamente, eu retiro todas minhas roupas e assim que estou nu, entro na piscina também, devagar. A água está em uma temperatura perfeita, bem morninha.

— Lexie? Pode... pode virar.

Segundos depois, ela se vira e nossos olhares se encontram. Estamos mais próximos agora, mas não tanto. Eu tento manter meus olhos ao máximo em seu rosto, tentando não pensar no fato de que Alexia Jenkins está nua a poucos centímetros de mim.

— Lembra quando éramos pequenos e víamos para a piscina depois da escola, no verão? — ela pergunta, de repente, me pegando desprevenido.

É claro que eu me lembro.

Na época, Cassie ficava em tempo integral na creche, então, de vez em quando, eu voltava para casa com os Jenkins. Sempre que eu estava com eles, os momentos se tornavam super especiais e ficavam para sempre comigo.

— Claro que lembro — respondo e um sorriso brota no meu rosto. — Paul buscava a gente na escola, e quando chegávamos, Marcus já estava com lanches prontos nos esperando, e boias muito legais.

— Nossa! Você se lembra dos picolés caseiros que o papai fazia? Eram os melhores do mundo!

— Porra, verdade! Ele não faz mais, não é?

— Pois é... acho que somos velhos demais para isso — ela diz, rindo e eu embarco na risada com ela. — No próximo verão, você poderia trazer a Cassie. Ela ia adorar e seria uma ótima desculpa para o papai fazer os picolés.

— Eu acho uma ótima ideia! — falo, realmente achando que minha irmã adoraria estar aqui com os Jenkins, ela é apaixonada por toda a família. — Vocês são melhores amigas agora, tenho certeza que ela vai adorar.

— Ah, eu não vejo a hora de aproveitar as férias com a minha melhor amiga! — Alexia diz, muito animada com a ideia.

— Vocês duas ainda vão me dar muito trabalho... — comento, e recebo um punhado de água no rosto. — Alexia!

— Nós somos duas santas, Charlie! — Ela ri, se afastando de mim porque sabe que vou me vingar.

— Até parece, Lexie!

Ela começa a nadar para longe, e eu nado atrás dela, tentando alcançá-la. Ela é rápida, não posso negar, mas acelerando um pouco os movimentos das pernas e braços, consigo agarrá-la por trás, envolvendo-a pela cintura.

— Você não achou mesmo que iria fugir de mim, né? — sussurro em seu ouvido, e ela enrijece. Gosto disso... de como ela fica com meu toque.

— Charlie... — ela sopra meu nome e se vira de frente para mim, envolvendo meu pescoço com seus braços. — O que estamos fazendo?

Não consigo pensar com clareza com seus peitos fartos e duros a centímetros do meu peitoral. Porra, tão perto.

E eu sei que ela não está falando sobre nossa brincadeira na piscina.

— Eu... eu não sei linda — respondo a verdade. — O que você acha que nós estamos fazendo?

— Eu também não sei — ela diz, desviando o olhar do meu. —  
Nós... nós somos exclusivos?

— Alexia — chamo, levando uma das minhas mãos para seu queixo e virando seu rosto de novo pra mim. — Você acha mesmo que eu conseguiria ficar com outra pessoa depois da primeira vez que te beijei?

— V-você não ficou com ninguém desde... desde a primeira vez que ficamos?

— Óbvio que não, linda. Não existe ninguém como você.

Me surpreendo quando ela choca os lábios com os meus. Seus peitos se espremem no meu torso e sua boceta, descoberta, toca o meu pau.

Caralho.

Alexia impulsiona o corpo para cima, entrelaçando as pernas na minha cintura e as minhas mãos vão imediatamente para sua bunda, a fim de sustentá-la, e as dela vão para a minha nuca e puxam o meu cabelo de leve.

Felizmente, estamos perto da parede da piscina. Eu empurro seu corpo até que ela esteja entre a parede e eu. Sem tirar minha língua da dela, eu subo uma das mãos até seu rosto, colocando-a em sua nuca. As mãos de Lexie descem pelo meu peitoral, mas não chegam nem perto do meu umbigo, onde anseio pelo seu toque.

Estou me controlando demais para não fodê-la contra a parede, porra... Mas não, Alexia merece mais que uma primeira vez na piscina contra uma parede.

Desço os beijos até seu pescoço e ela arfa quando eu chupo um ponto específico dali. Sorrio contra sua pele, gostando da reação que o corpo dela tem com minha boca tocando-o.

De repente, sinto... chuva? É, acho que são gotas de chuva caindo do céu.

Porra, claro que algo nos atrapalharia.

Me afasto do pescoço de Lexie e olho seus incríveis orbes azuis.

— Acho melhor entrarmos — ela diz, com um sorriso.

— É uma boa ideia — respondo, e nós nos apressamos para sair.

Primeiro, eu viro de costas enquanto ela sobe as escadas para fora da piscina e se enrola na toalha. Quando está devidamente coberta — para minha infelicidade —, ela me avisa e é minha vez de sair.

Ambos com as tolhas envolvendo nossos corpos, pegamos nossas roupas e entramos de volta na casa.

Alexia vai direto para o quarto dos pais, para tomar um banho, enquanto eu fico com o banheiro do corredor.

Como da outra vez, eu termino mais rápido, e vou direto para o quarto da garota, enrolado em uma toalha seca, que ela me ofereceu. Sento-me na

beira de sua cama, esperando-a voltar.

Poucos minutos depois, Lexie aparece em seu quarto, com um roupão branco no corpo.

Ela não diz nada, apenas caminha até mim e fica parada na minha frente, me encarando. Porra, ela é muito linda, não consigo parar de observá-la.

Devagar, ela coloca uma perna de cada lado do meu quadril e se senta no meu colo. Apenas minha toalha e seu roupão impedindo que nossos corpos se toquem. Suas mãos vão para os meus ombros e ela me empurra para que eu me deite na cama.

Lexie leva as mãos até o nó do roupão e quando percebo que ela está prestes a fazer, cubro suas mãos com as minhas.

— Lexie? O que você está fazendo?

— Eu... estava prestes a tirar a roupa para você — ela responde, um pouco insegura. — Você... você não me quer, é isso?

Porra, ela só pode estar de sacanagem!

— Linda, é claro que quero ficar com você — falo, firme, levando minhas mãos até seu quadril. — Mas... você tem certeza que quer isso, agora?

— Eu... eu acho que sim.

— Você tem que ter certeza, Lexie. Eu não vou fazer nada com você se não tiver certeza do que quer — digo, tentando tomar cuidado com as palavras para que ela não interprete de outra forma.

Alexia assente, saindo do meu colo e se sentando na cama ao cruzar as pernas. Eu faço o mesmo, colocando uma das minhas mãos em seu joelho, em sinal de conforto.

Sinto que ela quer me dizer alguma coisa.

— Eu... eu sou virgem, Charlie, mas acho que isso você já sabe — ela conta, sem olhar para mim. Seus orbes estão fixos na minha mão. — E... hm... eu também nunca fiz nada... com algum garoto. — É, por essa eu não esperava. Eu sabia que ela não tinha transado com Kyle, mas achei que outras coisas tivessem rolado. Uma onda de alívio me invade. — Mas..., mas eu confio em você, Charlie, e eu... eu quero avançar nesse quesito com você, se você quiser, óbvio.

— Eu quero tudo com você, linda — respondo, e ela finalmente volta a me olhar com um sorriso no rosto.

Hesitante, Alexia aproxima o rosto do meu e deixa um beijo casto ali.

— Como vamos fazer isso? — ela pergunta, e eu engulo em seco.

Nunca estive nessa posição antes, então fico um pouco perdido no que falar e fazer.

— Eu não faço ideia, Lexie — digo, sincero, e nós dois rimos. —  
Você se sente confortável comigo, certo?

— Mais do que com qualquer outra pessoa — ela concorda, e eu não consigo não sorrir.

— E se... e se começássemos com algo que você já está familiarizada? — sugiro, um pouco incerto.

— Como assim?

— Você pode começar se tocando, sozinha. Assim, iremos criar um tipo de intimidade maior entre nós...? — Nem eu tenho certeza do que estou dizendo.

Ela não responde de primeira, parece ponderar a ideia. Depois de alguns segundos, sua resposta vem: — Acho que isso pode funcionar — ela responde, firme.

Eu assinto, começando a gostar da ideia que eu dei.

Alexia se move na cama, indo deitar com as costas escoradas nos trilhos da sua cama. Eu vou junto, ficando ao seu lado.

Suas mãos, novamente, vão até o nó do roupão e o desatam.

Quando as mangas caem e ele se abre, revelando o corpo nu de Lexie, eu tenho vontade de mandar essa ideia para casa do caralho e transar com ela agora mesmo.

*Não, Charlie. Você tem que fazer o que é melhor para ela, eu digo para mim mesmo, mentalmente.*

— Sua tatuagem — digo, apontando para um pequeno desenho de flor perto de sua virilha. — É linda.

— Ah — ela fala, olhando para a tinta preta em sua pele —, é uma Jasmine, já que é meu nome do meio. Significa amor eterno e incondicional e energia positiva.

— Combina perfeitamente com você — digo, e sorrimos um para o outro.

Lentamente, Alexia desce a mão até sua vagina. A outra, alcança um dos seus seios. Eu daria tudo para substituir ambas as mãos, mas sei que preciso deixá-la fazer isso.

Ela fecha os olhos e sei que vai iniciar.

Ela aperta um dos peitos, que já está duro para caramba, beliscando um pouco o bico. Sua outra mão alcança sua boceta e ela começa a massagear o clitóris, devagar. Em seguida, Alexia enfia um dedo dentro de si enquanto deixa seu dedão no ponto sensível. A mão que estava em seu seio direito se move para o esquerdo, estimulando-o da mesma forma.

Porra, que visão do caralho!

Alexia totalmente aberta, se tocando para mim.

Quer dizer, eu espero que ela esteja pensando em mim.

A loira abre os olhos e eles me procuram no mesmo momento. Ela tenta sorrir para mim, mas porque acabou de enfiar um segundo dedo na brincadeira, acaba gemendo.

Caralho, eu enlouquecerei.

Seus orbes vagueiam do meu rosto e vão até o meio das minhas pernas, onde meu pau está duro desde o momento que ela começou a se masturbar. Ela acena com a cabeça e eu não sei se entendo muito bem o que ela está querendo dizer, e ela percebe minha confusão.

— S-se toca também — ela pede, sôfrega.

— Linda, ter você se tocando na minha frente é o suficiente para eu gozar em segundos — digo, porque é a mais pura verdade.

Ela sorri diante da informação e uma das suas mãos — que não está entrando e saindo da sua boceta —, se estende até a minha e ela leva ambas em direção a toalha, que esconde meu membro.

Eu não tenho como negar um pedido desses.

Devagar, eu desato o nó que fiz, e os olhos azuis de Alexia acompanham todos os meus movimentos durante, mesmo ela continuando a se dar prazer.

— Charlie... — ela geme, fechando os olhos.

Alexia Jenkins gemendo meu nome enquanto se fode é minha nova coisa favorita do mundo.

Eu levo minha mão até o meu pau e começo a fazer movimentos de descer e subir nele, lentamente. Lexie abre os olhos de novo, e sorri quando vê o que estou fazendo.

— V-você se toca pensando em mim também? — ela pergunta e meu foco todo é no *também*, indicando que ela fez isso antes comigo em sua mente. Puta que pariu!

— Todas as vezes, linda.

Começo a bombear meu pau mais forte e sei que estou prestes a gozar. Normalmente, eu não sou rápido assim, mas, porra, é só olhar para minha a situação. A mulher mais linda e gostosa do mundo está aberta na minha frente, se tocando e gemendo meu nome. Não tem como segurar por muito tempo!

— C-charlie, eu vou... — ela geme de novo e eu perco tudo

Eu me deixo de lado por um instante e me aproximo de Alexia, com um dos braços apoiados ao lado de sua cabeça e levo o outro até sua cintura.

— Linda, posso te fazer gozar nos meus dedos? — pergunto, olhando bem fundo dos orbes azuis.

— P-por favor — ela implora, tirando os dedos de dentro de si mesma.

Não preciso de mais incentivo.

Deito-me um pouco mais em seu corpo, tomando cuidado com meu peso, e levo uma das minhas mãos até sua boceta, totalmente encharcada. Começo com movimentos suaves no clítoris, como a vi fazendo anteriormente, mas Alexia está impaciente.

Como faço de tudo por minha garota, enfio um dos meus dedos dentro dela, que desliza facilmente para dentro. Porra, ela é apertada demais e sua boceta aperta meu único dedo ali. Nem quero imaginar como vai ser quando eu enterrar meu pau nela.

Alexia rebola, pedindo por mais. Gulosa. Enfio mais um dedo ali, que é totalmente engolido dentro da loira. Com o dedão, continuo a estimular seu ponto sensível.

— M-me beija — ela pede, entre gemidos e eu não raciocínio, apenas colido com nossos lábios.

Ela leva as mãos até minha nuca, que parece ter se tornado seu lugar preferido, e cola ainda mais nossos corpos. Sua língua invade minha boca com fome, querendo mais e mais. Eu intensifico os movimentos dos meus dedos dentro de sua boceta enquanto contendo os gemidos de Alexia com o beijo.

Ela retira uma das mãos do meu pescoço e leva até o próprio seio e, porra, claro que não vou deixá-la fazer isso. Eu quero ser o responsável por fazê-la gozar, e todas as estimulações tem que ser por minha conta também.

Aperto um dos seus peitos com a minha mão livre, do jeito que a vi fazer, descolando nossos lábios para observar sua expressão. Belisco um pouco também, causando um pouco de dor, e Alexia parece adorar, porque ela geme bem alto. Graças a Deus estamos sozinhos. Ela é do tipo barulhenta no sexo e, porra, eu amo isso.

— Vai, linda, goza para mim! — murmuro no seu ouvido.

É o suficiente para Lexie colapsar embaixo de mim. Espasmos tomam conta do seu corpo e ela geme ainda mais alto meu nome.

Porra, isso é sensacional.

Assim que o orgasmo dela passa, eu tiro meus dedos de dentro da sua boceta e ela abre os olhos. Lentamente, os levo eles até minha boca e os chupo.

— Deliciosa — digo, deixando um beijo rápido em seus lábios.

— Isso... isso foi uma das coisas mais eróticas que já presenciei — ela murmura, parecendo um pouco fraca.

— Te ver gozar chamando o meu nome é minha nova coisa favorita — falo, sem papas na língua, e ela cora embaixo de mim.

Linda demais.

— E você? — ela pergunta, levantando-se para ficar em uma posição mais sentada.

— O que tem eu? — questiono, e ela segue os olhos até meu pau duro ali, já que tirei a toalha enquanto batia uma. — Eu vou dar um jeito nisso — digo, e quando faço menção de me levantar, ela segura minha mão.

— Fica. Deixa eu te fazer gozar também? — caralho, eu não me acostumarei com Alexia falando esse tipo de putaria para mim.

— Você não precisa fazer nada se não quiser, Lexie — falo, firme, mas ela não se importa.

Colocando uma perna de cada lado do meu quadril, ela sobe em cima de mim e segura meu pau com uma das mãos, delicada.

— Eu nunca fiz isso antes — ela admite, começando a subir e descer sua mão por meu membro. — Preciso que você me ajude, tudo bem?

— Óbvio, linda.

Levo uma das minhas mãos até seu quadril; e com a outra, eu cubro a dela com a minha no meu pau, para guiá-la. É intuitivo, mas como ela pediu a minha ajuda, vou obedecer.

Mostro a Alexia como eu gosto, a velocidade e a intensidade. Quando vejo que ela pegou o jeito, volto a me deitar na cama e aproveito a visão e tanto que tenho dela.

Lexie, totalmente nua, após o orgasmo, batendo uma para mim.

Os movimentos dela aumentam e a expressão safada que ela tem não ajuda. Eu não vou conseguir segurar por muito mais tempo. A pequena mão

dela vai-e-vem pelo meu membro, me levando a loucura.

Não demora muito e eu estou gozando nas mãos de Alexia, nos sujando.

— Isso foi... porra, incrível — digo, tirando-a delicadamente de cima de mim para conseguirmos nos limpar.

Vejo que, na mesinha de cabeceira, tem alguns lenços. Eu pego a caixa e passo os cautelosamente nela e depois em mim, nos limpando, mas precisaremos de outro banho depois.

— Foi muito... muito bom — ela diz depois de se limpar, se aconchegando ao meu lado.

Eu passo um braço pela sua cintura nua e a puxo para mim, fazendo com que ela deite em mim e apoie sua cabeça no meu peitoral.

— Você é maravilhosa, Lexie. Em todos os sentimentos — falo, deixando um beijo em seus cabelos e fazendo um carinho ali.

Olho de cima para a loira e seus olhos estão quase fechando de sono.

— Vamos repetir isso — é a última coisa que ela diz antes de fechar totalmente os olhos e, gradativamente, pegar no sono.

Com Alexia nua, dormindo em mim, após eu ter a feito gozar nos meus dedos e ela ter feito o mesmo por mim, sinto que não tenho mais nenhum problema.

Estar com Lexie me faz esquecer que tudo está desmoronando ao meu redor, e é uma das melhores sensações que ela me faz sentir.



*alexia*

Estamos almoçando, na nossa mesa de sempre, quando Charlie deixa cair um talher no chão, assustando a todos. Ele pede desculpas e se apressa em pegá-lo embaixo da mesa. Ele demora um pouco mais que o necessário, mas não acho que ninguém perceba isso além de mim.

Segundos depois que ele volta sua atenção para comida e digita algo em seu celular, o meu aparelho notifica a chegada de uma mensagem. Desbloqueio-o e confirmando minhas suspeitas, é uma mensagem de Charlie.

*Charles: uma pena que você esteja de shorts por baixo dessa saia do uniforme de líderes de torcida. Faria de tudo para ver a cor da sua calcinha.*

No momento que termino de ler a mensagem picante dele, eu engasgo com o frango que estava mastigando, chamando atenção dos meus amigos. Me apresso para tomar um pouco da limonada e, de relance, vejo o sorrisinho no rosto do desgraçado.

— Amiga, tudo bem? — Nora, que está ao meu lado, pergunta, apoiando uma de suas mãos no meu ombro.

— Tudo bem, amiga. A comida... desceu pelo buraco errado, sabe como é — respondo, depois de tossir mais um pouco. Ela assente e volta a prestar atenção no que estava fazendo antes de eu quase morrer engasgada.

Desde o dia na minha casa, minha relação com Charlie está diferente. Um diferente bom, claro. Não tivemos chances de repetir o que aconteceu naquele dia, mas as mensagens de flerte começaram a acontecer um pouco depois. E, por incrível que pareça, fui eu que comecei.

Eu estava no auge do tesão, pronta para dormir e pensando no moreno que ocupava todos os meus pensamentos. Por mensagens, eu sou menos tímida do que pessoalmente, então, reinando toda coragem que tinha, mandei a seguinte mensagem para ele: *Alexia: estou me tocando e pensando em você.*

Foi o suficiente para o *sexting* iniciar entre nós. Eu nunca tinha feito isso antes, mas fui seguindo o que Charlie mandava em mensagens para mim, e fazia parecido. Naquela primeira noite, eu usei um dos meus

vibradores para me masturbar com as mensagens dele. Foi um dos melhores orgasmos que já tive, mas o que ele me proporcionou com seus dedos ainda estava em primeiro lugar no meu ranking.

Desde então, nós começamos uma rotina de mensagens com classificação para maiores de idade. Não acontecia sempre, mas quando rolava, era muito divertido e sexy. Eu estava adorando descobrir esse lado meu mais... sexual, se posso dizer assim. Bem, eu já me tocava antes de sequer pensar em relações sexuais ou coisas do tipo com algum garoto, mas era diferente com um parceiro. Essa versão minha de mandar mensagens nesse sentido, por exemplo, eu não conhecia, mas gostei dela.

*Alexia: Charlie, você não pode me mandar esse tipo de mensagem enquanto estivermos com mais gente! Eu não sei controlar minha expressão!*

A resposta dele veio imediatamente.

*Charles: gosto de te ver corada assim, linda.*

*Charles: vai me dizer qual é a cor da sua calcinha, ou vou morrer de curiosidade?*

Eu sorrio pela sua mensagem e meus olhos pousam nele rapidamente, e vejo que ele já está me encarando do outro lado da mesa.

*Alexia: por que você não descobre por si próprio?*

Envio e bloqueio meu celular, observando-o e arqueando uma das sobrancelhas, em um desafio. Ele entende o que eu quis dizer com aquela mensagem, tenho certeza. Mas antes que conseguirmos colocar nosso plano em ação, somos interrompidos por Allie: — Gente! — ela nos chama, atraindo nossa atenção. — O que acha de fazermos um acampamento... na minha fazenda?

— Acampamento? Tipo, barracas, dormir no chão, mosquitos...? — Lily diz, com uma expressão de nojo.

— Deixa de ser uma patricinha-enjoada, Lily — Jason rebate a outra loira do nosso grupo, que manda a língua para ele. Super maduros! — Eu acho uma ótima ideia, Allie.

— Podemos fazer marshmallows na fogueira! — Nora diz, animada. — Eu devo ter duas barracas de acampamento em casa, acho que a Allie tem algumas também...

— Nós temos também, não é? — direciono a minha pergunta para Jay, já que tenho uma vaga lembrança de acamparmos quando éramos bem pequenos.

— Acho que temos, sim. Vou mandar mensagem no grupo da família — meu irmão responde, já pegando o celular.

— Vocês vão me fazer mesmo dormir no chão? — Lily resmunga, não curtindo nem um pouco a ideia.

— Eu acho que o morador antigo do meu apartamento deixou colchões de ar. Posso levar para a gente — Ellie diz, piscando um dos olhos para nossa amiga.

— Agora, sim! Eu vou — Lily comemora.

— Charlie? — Allie chama, já que ele é o único que não se pronunciou ainda.

— Eu... hm... tenho que ver. Tem a Cassie e tal — ele responde, meio sem jeito. Sei que é um assunto delicado para ele, por isso resolvo tirar a atenção dele.

— Quando vai ser isso? — pergunto a Allie, virando meu rosto para ela, mas não antes de Charlie formar um "obrigado" com os lábios para mim.

— No próximo feriado? — ela sugere.

— Acho que tem um na próxima semana — Ellie diz, parecendo buscar na memória a informação.

— Ah, verdade! Tem mesmo, um dos meus professores disse na aula hoje — Lily nos informa.

— Posso avisar aos meus pais que vamos para fazenda semana que vem, então? — Allie pergunta, para ter certeza, com um sorriso de orelha a orelha.

Todos concordamos, e ela e Nora fazem um *high-five*. Pelo visto, a ideia já estava sendo planejada há um tempo.

Acho que só fui na fazenda da família Marsh uma vez, em um dos aniversários de Allie. Foi antes dela conhecer Nora, então, ela convidou apenas as meninas do time de torcida para uma noite do pijama. Ao contrário dessa vez, nós dormimos em seu quarto lá.

A fazenda é muito, muito legal. Pelo que me lembro, tem vários animais — desde vacas, cavalos... até patos —, uma piscina e a casa principal é gigante. Além disso, também há uma quadra de vôlei de areia, de futebol e um lago.

É, vai ser incrível.

Charlie finalmente se levanta e sei o que vai acontecer. Ele diz que vai ao banheiro, como sempre faz, faltando uns 20 minutos para o fim do almoço. Claro, não fazemos isso frequentemente, para não levantarmos suspeitas. Eleanor já sabe e sempre dá uma risadinha quando me vê saindo, mas ainda não quero que os outros saibam, ainda mais o meu irmão.

Espero cinco minutos antes de inventar uma desculpa e ir atrás dele. Desta vez, eu digo que a treinadora quer conversar comigo e como não temos treino hoje, ela pediu para que eu a encontrasse no fim do horário do

almoço. Felizmente, ninguém faz perguntas e continuam conversando sobre nossa viagem da próxima semana.

Sigo o meu percurso até o banheiro do último andar, que nunca é utilizado. Charlie me contou que Jason levava algumas meninas ali antes de começar a namorar, e foi assim que ele descobriu o local. O local não é lá essas coisas, mas é possível dar uma escapadinha ali entre as aulas e não ser descoberto.

Assim que entro no ambiente, duas mãos me puxam pela cintura e me empurram contra uma das paredes de azulejos.

— Você demorou — Charlie murmura no meu ouvido e deixa um beijo no meu pescoço.

— Eu vim o mais rápido que c-consegui — respondo, gaguejando um pouco no final porque ele chupa um pouco a pele fina ali, me causando arrepios que vão diretamente para os países baixos.

— Estava com saudades — o garoto simplesmente diz e cola a boca na minha.

Eu não me acostumarei nunca com esse lado dele.

Eu entreabro os lábios e deixo a língua dele entrar em contato com minha. As mãos de Charlie estão no meu rosto, por isso levo as minhas até seu peito, para me apoiar. Mas é pouco. Preciso de mais.

Infiltra-as por debaixo da camisa dele, colocando-as em seus gominhos perfeitos. Desço minhas mãos até o cós de sua calça, mas não faço nada. Apenas deixo-as ali para haver algum lugar que eu possa me estabilizar.

As mãos de Charlie estão na minha nuca, puxando meu cabelo de leve. A boca está devorando a minha como se não fizessemos isso há meses, sendo que estávamos nos beijando ontem. Eu amo quando ele me beija com essa urgência, como se precisasse estar com os lábios colados no meu a todo momento.

Ele retira as mãos do meu cabelo e as desce até minha bunda, se infiltrando por baixo da minha saia. Hoje não tem treino das líderes de torcida, então optei por uma saia preta um pouco soltinha e uma blusa de manga longa branca, de gola. O dia não está tão frio para esse estilo de parte de cima, mas ficou perfeitamente combinado com meu estilo, mesmo que eu prefira roupas com tons mais alegres.

— Charlie — gemo o nome dele quando o próprio começa a beijar meu pescoço, onde sabe que é meu ponto fraco, e aperta minha bunda.

De repente, ele para os beijos ali e se afasta, me encarando com o rosto a centímetros do meu. Nossos narizes praticamente se tocando.

— O que foi? — pergunto, tentando entender o que está rolando.

Ele não responde. Ele apenas olha para baixo, para o pequeno espaço entre nós. Em um primeiro momento, acho que ele está observando seu pau duro tentando sair da calça, mas não.

Lentamente, ele levanta minha saia até a cintura, me deixando descoberta.

— Calcinha azul, *uh?* — Ah, era isso que o desgraçado queria saber! Ele realmente não estava brincando nas mensagens.

— Eu comprei no fim de semana — digo, sorrindo maliciosamente para ele. — É fio dental também, você percebeu?

— Eu com certeza percebi, Lexie — ele responde, levando uma das mãos até minha bunda novamente e deixando um tapa de leve ali. — Eu não te perguntei se você gostava desse tipo de coisa... porra, desculpa. Tudo bem, linda?

Um tempo atrás, quando minhas amigas iniciaram a vida sexual delas, eu passei a ouvir muitos relatos. Não só das mais próximas — como Allie e Lily —, mas acabei ouvindo todas as meninas do time comentando uma coisa ou outra. E algo que eu sempre as escutava falando era sobre o sexo mais... agressivo? Não estilo BDSM, mas com algumas coisinhas um pouco parecidas. Eu não poderia dizer com certeza, já que nunca pratiquei, nem pesquisei sobre o assunto, mas eu ia pelo que imaginava. Elas comentavam sobre tapas na bunda, na cara, na boceta. Enforcamentos,

serem amarradas na cama... e outras coisas nesse estilo. Eu sempre quis saber o que eu achava disso, mas, obviamente, eu precisava de uma segunda pessoa para experimentar.

E agora que Charlie deu um tapa levinho na minha bunda, fiquei ainda mais interessada.

— Mais forte — peço, entrelaçando minhas mãos na nuca dele.

— O-o que? — ele indaga, um pouco confuso. Ele não esperava que eu fosse gostar? Hm... interessante.

— Quero que você me bata mais forte.

É o suficiente para ele atacar minha boca com dele, um pouco feroz.

— Você vai acabar comigo, linda — ele diz, afastando um pouco os lábios do meu e volta a me beijar em seguida.

Eu já ia reclamar e perguntar onde estava o tapa que pedi, mas não preciso. Charlie está com uma das mãos na minha cintura, e a outra delas desce até minha lombar e estala mais um tapa em uma das minhas nádegas, um pouco mais forte.

Não é o forte o bastante, mas já leva sensações até minha boceta e ela parece pulsar, querendo mais forte.

— Eu não vou quebrar, Charlie — falo, partindo o beijo e arqueando uma das sobrancelhas para o moreno.

Assim que as palavras saem da minha boca, percebo os olhos dele brilharem de luxúria.

Sua boca volta a atacar a minha e seu aperto na minha cintura se intensifica. Novamente, ele desfere outro tapa em mim, na outra nádega e, desta vez, é bem mais forte. O suficiente para causar um pouquinho de dor, mas sinto prazer nessa dor. Eu sinto minha boceta encharcando o tecido de renda da calcinha.

Uma das mãos dele vai até a minha parte da frente e ele toca minha parte íntima por cima da calcinha.

— Porra, você está pingando por mim, linda — ele diz contra os meus lábios e eu sorrio, fazendo o puxar meu lábio inferior com os dentes.

Sem mais delongas, ele arrasta o tecido para o lado e passa o indicador pelas minhas dobras, sem me adentrar. O dedão vai até o clitóris, a fim de massageá-lo e eu perco a paciência.

— Charlie — chamo, quebrando o beijo. — Preciso gozar.

O olhar que ele me lança, me dá vontade de pedir para ele me foder ali mesmo, contra aquela parede.

Acatando meu pedido, ele enfia um dos dedos — *finalmente!* — dentro de mim. Quando ele começa a movimentá-lo do jeito que eu gosto e belisca meu ponto sensível, eu sei que gozarei em breve. Ele enfia mais um e eu sinto minha boceta apertando-os.

Isso é bom demais!

Mas eu preciso que ele goze junto comigo.

Reunindo todo o controle que eu ainda tenho, levo uma das minhas mãos até a calça dele, abrindo o botão e descendo o zíper. Abaixo-a só um pouco, o suficiente para eu conseguir colocar a mão dentro de sua cueca e puxar o pau para fora.

Desta vez, ainda bem, ele não me impede.

Começo os mesmos movimentos que ele me ensinou quando estava no meu quarto e sei que ele está gostando quando deixa um gemido escapar. Um sorriso surge nos meus lábios. Eu gosto quando ele demonstra que eu o estou fazendo bem.

— Linda, eu vou gozar... — ele murmura no meu ouvido, pouco tempo depois que comecei a masturbá-lo — E-eu também.

— Eu vou... vou fazer uma coisa. Me diz se não gostar, tudo bem? — ele diz e eu assinto.

Ele tira os dedos de dentro de mim. Droga! O que ele pensa que está fazendo?

Quando estou prestes a protestar, ele dá um tapa na minha boceta.

E... eu amo, caramba.

— Mais forte — peço, porque isso pareceu ser apenas um exemplo e eu preciso de mais.

Ele realiza meu desejo e desfere um tapa na intensidade perfeita.

Eu fecho os olhos e gozo.

Gozo com vontade, gritando o nome de Charlie para que todos possam saber o que estamos fazendo.

Quando finalmente abro os olhos, vejo que ele também gozou. Ele está pegando um pedaço de papel higiênico para limpar o pau cheio da sua porra.

— I-isso foi... incrível — digo, sorrindo.

— Tudo com você é sempre incrível, Lexie — ele responde, deixando um selinho nos meus lábios e me limpa também, cuidadosamente.

Agora que a euforia já passou, eu me lembro de um dos motivos que queria conversar com Charlie a sós.

— Charlie? — chamo, enquanto ele joga o papel no lixo. Ele vira o rosto para mim e eu continuo. — Sobre o acampamento... você vai?

— Não posso deixar a Cassie sozinha, linda — ele diz, andando até mim novamente. Ele empurra uma mecha loira para atrás da minha orelha e deixa sua mão na minha bochecha.

É o momento de eu dizer a ideia que tive durante o meu percurso até aqui e vê o que ele acha.

— E se... e se você deixasse ela com meus pais? — sugiro, esperançosa. — Eles vão ficar em casa no feriado, e é só uma noite. Eles

adoram Cassie, e tenho certeza que adorariam tê-la lá durante esses dois dias.

— Isso é pedir demais deles.

— Claro que não, Charlie — falo, balançando a cabeça em negação para sua fala. — Não seria nenhum problema para eles, eu juro.

— Não sei não, Lexie...

— Por favor? Você também precisa se divertir, Charlie.

Ele fica em silêncio, e acho que ele está pensando sobre a ideia.

Quando pensei nisso, eu achei que seria ótimo. Meus pais sempre comentam que sentem saudades de quando éramos mais novos, e como eles se arrependem de não ter tido mais crianças, já que eles adoram cuidar de jovenzinhos, como eles mesmo dizem. Eu tenho certeza que eles não se incomodarão de olhar a Cassie durante dois dias, para podermos ir acampar.

— Eles não vão se incomodar mesmo? Porque se eles tiverem outros planos, eu pos... — Não o deixo terminar de falar.

— Eles não têm nada programado, Charlie, relaxa. E eles vão adorar ficar com a Cassie!

— Eles já sabem sobre isso?

— Ainda não, mas vou conversar com eles hoje mesmo — digo, abrindo um sorriso para o cara lindo na minha frente. Ele faz um carinho na minha bochecha e, involuntariamente, deito a cabeça em sua mão ali.

— Você é uma pessoa incrível, linda.

— Charlie...

— É sério, Lexie. Você é a melhor pessoa que já conheci — ele solta as palavras como se não fosse nada, mas significam muito para mim.

Charles Brown significa muito, muito para mim.



Praticamente todos os dias, nós jantamos em família, então a noite de hoje não deveria ser especial. Mas é.

Primeiramente, o papai Marcus tinha feito espaguete com frutos do mar, um dos pratos preferidos nossos que ele preparava. Em dias assim, ele e pai Paul abriam até uma garrafa de vinho e, dependendo, eu e Jason podíamos tomar uma taça também.

Como se eles não soubessem que fazíamos pior fora de casa.

Ah, *pais*.

E, em segundo lugar, eu também preciso falar para eles sobre o próximo feriado, que iremos para o acampamento, e pedir para eles ficarem

de olho em Cassie. Eu realmente acredito que eles dirão que sim, mas eu preciso perguntar antes, claro.

Eles ainda não sabem que viajaremos na semana seguinte, já que o convite foi feito hoje e, por isso, eu e meu irmão combinamos de falar sobre o assunto no jantar.

Então, quando todos já estão servidos e começamos a comer, nos preparamos para as perguntas deles sobre nossos dias e esperamos que eles contem um pouco do deles também. Após o assunto inicial, Jason acena para mim com a cabeça, indicando que iria entrar no tópico que estamos mais ansiosos.

— Gente... — Jay inicia, chamando nossa atenção. — Vocês lembram da Allie, certo?

— Alison Marsh? — Paul pergunta, interessado.

— Ela mesma! Faz parte do time de líderes de torcida comigo — respondo, e incentivo o meu irmão a continuar.

— Isso! Então... a família dela tem uma fazenda, e ela nos convidou para irmos lá semana que vem no feriado. — Eu e meu irmão trocamos um olhar rápido, antes dele seguir com o pedido. — Para acamparmos na verdade, no quintal. Nós... podemos ir?

— Nós temos duas barracas no quartinho da bagunça, eu acho — Marcus diz, olhando para o marido ao seu lado.

— Apenas uma noite? — Paul questiona, já que ele sempre foi o mais centrado e certinho entre nós. Justamente aquele que quer saber dos detalhes técnicos de tudo.

— Exatamente, pai. — Jason lança o sorriso galanteador dele. Como se isso fosse funcionar com nossos pais! Eu seguro uma risada, preferindo tomar um pouco do suco de uva para evitar rir. — Vamos na sexta de manhã, bem cedo, e devemos voltar no sábado à tarde.

Esses foram os últimos detalhes que resolvemos por mensagens, no fim da tarde, para que todos pudessem conversar com os pais em casa.

— Os pais de Allie vão estar? — Paul indaga, cruzando os braços na altura do peito.

— Eles vão estar na casa principal, enquanto nós vamos estar nas barracas do lado de fora — informo, porque a família Marsh não curtiu muito a ideia da filha levar 6 adolescentes sozinhos para a fazenda.

— Eu não vejo porque não — Marcus diz, sorrindo para nós dois. — Amor?

— Se a família dela vai estar... não vejo problemas também — nosso outro pai responde.

— Muito obrigado, gente! Vai ser, porra, incrível! — Jay comemora, e leva uma bolinha de guardanapo no rosto de Marcus.

— Olha a língua, garoto! — ele repreende, apontando um dedo para meu irmão e, dessa vez, eu rio um pouco.

Nós voltamos a comer, mas eu sei que tenho que interromper o jantar novamente, para falar da situação de Charlie e Cassie. O que dificulta é que ele e Jason ainda estão meio... brigados. Eles se cumprimentam, são respeitosos um com o outro, mas ainda não tiveram uma conversa sincera sobre o que rolou.

Ou seja, estou sozinha nessa.

Eu limpo a garganta, atraindo a atenção dos três homens na mesa para mim e pergunto: — Papai Marcus, papai Paul... posso pedir algo para vocês?

— O que você quiser, minha flor — Marcus diz, me incentivando a continuar.

— Hm... vocês sabem que... que a família de Charlie é complicada, né? — começo, e de soslaio, vejo meu irmão fechar a cara. Ótimo. — Ele quer muito ir ao acampamento, mas não pode deixar Cassie sozinha, então eu pensei que... que vocês podiam ficar com ela esses dois dias?

— Alexia, você só pode estar de sacanagem! — Jason exclama, soltando os talheres, que caem com tudo no prato, fazendo um barulho bem alto.

Ele estava torcendo para que Charles não pudesse ir, pelo que me disse no carro.

— Jason Salvia Hills-Jenkins! O que você pensa que está fazendo? — Marcus briga, surpreso com a atitude do meu irmão.

— Você não faz isso na mesa de jantar nunca mais, Jason — Paul avisa, olhando feio para meu irmão. — Vamos conversar depois.

— Você parece uma criança assim, Jay — reclamo, revirando os olhos para a atitude infantil dele.

Sabendo que fez besteira, meu irmão fecha a cara e volta a comer, sem falar mais nada e nem tirar os olhos do prato.

— O que você estava dizendo, querida? — Paul pergunta, se virando para mim novamente. — Se podemos ficar com a irmãzinha do Charles?

— Isso! Só enquanto estivermos na fazenda — explico, limpando o canto da boca com o guardanapo. — Se vocês puderem, claro.

— Onde estão os pais dele, Alex? Vocês nunca falaram muito sobre isso — Marcus comenta, curioso.

— É porque nós não sabemos, pai — Jason sussurra, mas todos conseguimos ouvir muito bem.

— É... complicado — eu falo, meio sem jeito.

— Será que não podemos ajudar de alguma forma? — papai Marcus questiona, parecendo um pouco preocupado.

— Ele... prefere lidar com as coisas sozinho. Mas ele me prometeu que se as coisas piorassem ele me diria, para que todos pudessem ajudar — conto, e arrisco um olhar para o meu irmão, vejo que ele não ficou nada feliz com a informação.

*Bem, espertinho, se vocês conversassem,* talvez ele te dissesse a mesma coisa, penso, mas para evitar discussões, guardo para mim.

— Nós não temos nenhum plano para o feriado... — Marcus começa, cauteloso, trocando olhares com nosso outro pai. — O que você acha, amor?

— Bem, é melhor do que ela ficar sozinha — Paul responde, e eu falo mentalmente que Charlie nunca faria isso. — Nossa, me expressei errado, Alex. O que estou querendo dizer é que não gosto da ideia de algo ruim estar acontecendo com o amigo de vocês, e ele não aceitar nossa ajuda. Pior ainda, não sabemos, de fato, o que está ocorrendo dentro da casa deles.

— Ele disse que tem tudo sob controle, pai — me vejo dizendo.

— Certeza que não há nada que possamos fazer, sem ser ficar com a pequena Cassie? Marcus tenta, mais uma vez, e eu nego com a cabeça.

— Ele disse que está tudo bem — afirmo, e eles concordam, não gostando de estarem se sentindo de fora. — Isso é... um sim?

— Claro que é, querida — Marcus fala, sorrindo para mim. — Vão e se divirtam nesse feriado!

É, parece que a próxima semana promete.



A divisão dos carros para irmos ficou a seguinte: Como os pais de Allie estavam indo também, tínhamos os veículos deles e de Jason para nos separarmos.

A princípio, era para somente Allie e Nora irem com os pais da morena, mas já que no outro carro, o dono estava... me odiando no momento, se podemos dizer assim, eu fui convocado a ir com as meninas.

Não que seja um problema, óbvio. Eu tenho uma relação super legal com ambas, por mais que eu seja muito mais próximo de Jason e Alexia, por exemplo, apesar da situação conturbada com o irmão Jenkins. No entanto... ainda é um pouco desconfortável. Ainda mais com os pais de Allie nos bancos da frente. Felizmente, não é um caminho longo até a

fazenda, apenas umas três horas de carro. E como saímos perto das 6 da manhã, chegaremos bem a tempo de tomar café da manhã por lá.

Nosso ponto de encontro foi a casa dos Marsh, que era relativamente próxima das dos Jenkins, ou seja, já era um caminho que eu estava acostumado a fazer. Tínhamos combinado que Marcus iria com Alexia e Jason, e dali ele levaria Cassie para a casa dele — dessa vez eu não disse nada para meu pai, ele que surtasse tentando saber onde nós dois estávamos. Sim, Lexie me convenceu a deixar minha irmã passar uma noite na sua casa, com os seus pais. Eu conheci a família Jenkins há 10 anos, então confiava minha vida neles. Por isso, depois de pensar bastante sobre o assunto, cheguei à conclusão de que não teria problemas em minha irmã ficar por lá. Além do mais, tenho certeza que ela vai se divertir muito com os pais do meu amigo na casa gigante deles, quase uma mansão.

Quando a família de Alexia chegou na casa de Allie, eu já estava lá. Eu vi quando Jay saiu do carro, junto de Eleanor, e me fuzilou com o olhar. É, ele está bem putado e eu preciso conversar com ele para resolver a situação. Eu sei que, com ele, será uma situação bem complicada do que com a irmã, já que temos uma relação diferente.

Mas eu estou pronto para isso.

Pronto e de saco cheio das caras feias que ele lança para mim sempre que estamos no mesmo ambiente. Eu sei que assim que chegarmos na

fazenda, ele não terá escapatória. Será a oportunidade perfeita.

Por isso, assim que estacionamos ambos os carros na garagem e começamos a tirar as pequenas malas do carro — menos Lily, que está com uma mala grande para uma noite —, eu boleei um plano.

### **TAREFA RISCADA (VIAGEM SEM OS PAIS)**

Os pais de Allie foram diretamente para a casa principal e decidimos, entre nós, que seria melhor já começarmos a montar as barracas, enquanto eles preparavam a mesa de café da manhã para a gente.

Felizmente, conseguimos o número exato de barracas de acampamento. Quer dizer, não *exatamente*, já que os casais oficiais dividiram uma, mas tudo acabou ficando perfeitamente dividido. Eu queria ter ficado junto de Alexia, mas sabia que era pedir demais. Isso desencadearia mais problemas, principalmente com Jason, e tudo que eu queria no momento era que voltássemos a nos falar como antes.

Por isso, o plano.

Eu precisaria da ajuda de alguém, então, achei que Ellie era a pessoa perfeita para isso. Durante a montagem das nossas barracas, eu a puxei para o lado, sem que ele percebesse, e expliquei o que queria fazer. Como ela já estava irritada com a atitude infantil do namorado, topou na hora.

Hora de colocá-lo em ação!

Estamos todos tomando café da manhã juntos, em uma grande mesa no gramado, que os anfitriões tinham arrumado. Tem de tudo um pouco e está uma delícia. Os pais de Allie são bem simpáticos e conversam bastante conosco, afirmando várias vezes que estão felizes que a filha tem um grupo de amigos tão incrível como o nosso.

— Jay, você pode pegar meu remédio de dor de cabeça na barraca? Está dentro da minha mochila, naquela bolsinha preta — ouço Eleanor sussurrar para o namorado, já que ela está sentada do meu lado, e sei que é a minha deixa.

Já tínhamos acabado de comer, os pais de Allie haviam se retirado e estamos apenas jogando conversa fora.

— Claro, gatinha. Já volto — Jason fala, deixando um beijo na bochecha antes de sair.

Não esperamos três minutos antes de nos levantarmos e seguirmos ele para fora.

Assim que ele entra na barraca para fazer o que a namorada pediu, eu me apresso e entro junto dele, quase me jogando ali.

— O que... Charlie? O que você está fazendo aqui? — ele pergunta, franzindo as sobrancelhas, já se preparando para ir embora, claro.

Ele para os movimentos quando vê Eleanor do lado de fora, fechando a barraca e nos trancando ali com a chave.

— Eleanor! —resmungando, fechando a cara para a morena do outro lado.

— Vocês precisam conversar, Jenkins! Ninguém aguenta mais essa birrinha — ela responde, cruzando os braços e arqueando uma das sobrancelhas para ele. — Volto daqui a pouco, *gatinho*.

Ela não dá chances para que ele rebata, pois sai correndo de volta para casa.

Ele fica alguns segundos olhando para onde a namorada estava, parecendo não acreditar no que está acontecendo. Realmente, essas coisas não são do meu feitio, mas eu já estou muito grudado e preciso conversar com meu melhor amigo. Se ele não quer me ouvir por vontade própria... eu deveria dar um jeito. E dei.

Quando finalmente ele volta sua atenção para mim, eu tento sorrir, mas desfaço-o assim que percebo que ele não está nem um pouco feliz em estar aqui comigo. Mais uma vez, é o esperado.

— Sério, Charles? — ele pergunta, se ajeitando em uma parte do colchão de casal e cruzando as pernas.

— Eu preciso conversar com você.

— Você não poderia ter feito isso como uma pessoa normal?

— Você sabe que fugiria da conversa, assim como vem fazendo nos últimos dias — rebato, e ele não fala nada, porque sabe que é verdade. —

Olha, Jay... você tem que deixar explicar.

— Que você não confia em mim? — retruca, revirando os olhos.

— Jason, é sério, porra! — respondo, já ficando irritado e ele volta a me encarar, piscando os olhos. Eu não sou muito a pessoa que fala palavrões, então quando isso acontece, é porque já estou no meu limite. — Eu sinto sua falta, cara.

— Eu... eu também sinto — ele admite, isso arranca um sorriso meu.

— O que está acontecendo com você, Charlie?

É, esse é o momento que eu estava evitando a todo custo. Mas sei que, se eu quiser manter a minha amizade com Jason, vou ter que dar algumas explicações.

Desde quando nos conhecemos, e ele percebeu que algo acontecia na minha vida pessoal, ele sempre me respeitou. Nunca me coagiu a contar nada, apenas deixava bem claro que, se eu precisasse de ajuda, ele estava ao meu lado. Jay sempre afirmou que se preocupava comigo e não queria me ver sofrer. Mas eu acho que, com os anos, como as coisas foram piorando, ele começou a ter mais ciência que algo muito errado estava acontecendo por debaixo dos panos.

Acredito que me ver recorrendo a Eleanor, e não a ele, que sempre esteve ao meu lado, foi a gota d'água para meu melhor amigo. Ele merece explicações.

— Eu pedi ajuda a Ellie porque eu sabia que ela não faria perguntas — eu começo a falar, e vejo o momento que ele abre a boca para retrucar, mas sou mais rápido. — Você sabe que iria fazer muitas perguntas, Jay. Não duvido que você fosse até minha casa para entender tudo que estava rolando, pedisse ajuda aos seus pais e tudo mais. E eu não queria isso. *Não quero* isso.

— Charlie...

— Me deixa terminar, tudo bem? — peço, gentilmente, e ele concorda. — Você é meu melhor há 10 anos. Você sabe que as coisas lá em casa nunca foram boas desde quando minha mãe não mora mais conosco. Meu pai está cada dia pior, e naquela semana eu estava na casa de Eleanor, porquê... porque ele disse coisas horríveis sobre a Cassie, e você sabe que eu não gosto quando falam da minha irmã. Por isso, naquele momento, a melhor opção era me afastar de casa durante um tempo.

— Eu só quero o melhor para você, Charlie. Me deixa ajudar e...

— Jason, não — respondo, firme, e ele se cala, engolindo em seco. — Eu fico muito grato por você estar sempre disposto a fazer de tudo por mim, mas eu não preciso de ajuda. Tenho tudo sob controle. Faltam poucos meses para o colégio terminar e... e para qualquer faculdade eu for, Cassie vai comigo. Em breve, nós estaremos longe daquela casa e tudo vai se resolver.

Pelo menos, é o que eu espero.

Olho para o meu melhor amigo, que me observa com seus olhos tão azuis quanto os da irmã. Eu sei que ele se preocupa demais comigo e com Cassie, mas eu passei todos esses anos me virando sem ajuda de ninguém, e não será agora que eu me renderei a terceiros. Eu estou dando conta de tudo. Só mais alguns meses e tudo se resolverá.

— Alexia disse que, se as coisas piorassem muito, você avisaria. Você estava falando sério? — ele questiona, e eu fico surpreso que Lexie tenha contado isso a ele.

Eu falaria para eles se as coisas piorassem absurdamente?

Não, acho que não. Não sei, na verdade. Prefiro não pensar nisso no momento. Tudo já está difícil o bastante, não quero pensar em caso as coisas piorassem. Não vão. Eu tenho esperança que não.

— Não vão piorar — é o que escolho dizer. Já fiz uma promessa rasa para Lexie, que espero não precisar quebrá-la, e não posso fazer outra para o meu melhor amigo.

Ele assente e desvia o olhar do meu.

Então... é isso? Estamos de boa? Somos melhores amigos novamente? Ele não está mais chateado comigo?

— Jay? — Chamo, e ele se vira para mim de novo.

— Sim?

— Somos melhores amigos ainda? — faço a pergunta de um milhões de dólares.

— Você sempre será meu melhor amigo, Charlie — ele simplesmente responde, me puxando para um abraço. — Eu sempre vou estar ao seu lado, está me ouvindo? Você pode contar comigo para tudo. É só me falar, e eu estarei onde você precisar de mim.

— Você vai ser sempre meu melhor amigo também, Jay — digo no seu ouvido, e sinto uma lágrima deslizar por minha bochecha. Eu sou muito sortudo em ter alguém como Jason! — Eu te amo, cara. Para caralho.

Ele ri diante da minha declaração, já que não esperava. Nem eu, na verdade, já que não demonstro sentimentos tão bem assim. Mas há momentos que são mais fortes do que eu, como este.

— Eu também te amo, Charlie, para caralho.



Depois de tudo voltar ao normal com meu melhor amigo, eu estou muito mais animado para aproveitar a viagem.

Serão dois dias somente para mim e as pessoas que mais gosto no mundo, em um ambiente diferente e sem ninguém para nos atrapalhar. E quando digo isso, não estou falando de Cassie — porque acho que ela iria gostar muito daqui —, mas, sim, de Aiden. Eu estou mesmo precisando de um momento bem longe dele, sem pensar no inferno que ele faz na minha vida.

Em relação ao trabalho na lanchonete, eu consegui conversar com o pai de Dom, meu chefe, e ele me deu esses dois de folga, algo que nunca pedi antes. Eu tenho, normalmente, uma folga semanal. E como eu sou contratado meio que... por debaixo dos panos — já que turnos à noite não podem ser ocupados por menos de idade ainda na escola —, eu também nunca tirei férias. Não que meu chefe não tivesse oferecido, é claro que sim, mas eu não quero mais problemas dentro de casa.

Eu estou considerando esses dias minhas férias.

Após o café da manhã, todos nós trocamos de roupas e vamos para o lago que há na propriedade. Pois é, um lago só para a gente! Nem precisamos dizer que adoramos.

Alexia, Eleanor, Lily e Allison ficaram a maior parte do tempo no gramado em cima das toalhas, pegando sol, já que a temperatura está alta o bastante para isso. Enquanto isso, eu, Jason e Nora passamos esse tempo

dentro d'água, aproveitando que a água não está gelada, mas, sim, em uma deliciosa temperatura ambiente.

Quando todos estão absortos demais em suas conversas enquanto eu troco olhares bem significativos com a minha garota, Lexie. Eu achava que estávamos sendo discretos, mas, às vezes, eu sinto que Lily está começando a desconfiar de algo.

Principalmente quando Alexia disse que ia buscar garrafas de água lá na casa para a gente, e eu me ofereci para ir junto, alegando que precisava pegar algo na minha barraca.

Uma completa mentira, claro.

Quando estávamos longe o bastante do lado, mas ainda havia uma distância considerável da casa, empurrei ela em uma das árvores no caminho e a beijei, algo que eu estava querendo fazer desde que chegamos. Ainda mais quando ela pôs aquele biquíni minúsculo. Foi um beijo rápido, apenas para matar a saudade e ninguém desconfiar da nossa ausência.

O restante do dia também foi bastante tranquilo. Almoçamos com os pais de Alexia no mesmo local que comemos de manhã, andamos de cavalo à tarde e vimos os outros bichinhos que tinham por lá, e agora, pouco depois de jantarmos, tivemos a ideia de acender a fogueira. Felizmente, eles têm um espaço muito bacana com lareira ao ar livre. Ela fica no meio, e ao redor, tem um banco redondo com algumas almofadas. Millsh está na época

do ano que faz um calor muito bom quando o sol está no céu, mas assim que anoitece, a temperatura cai bruscamente. Todos estão emolados em cobertores e roupas de frio, fazendo marshmallows.

— Lily, nem unzinho? Você mal jantou! Duvido que não esteja com vontade — Nora fala para sua melhor amiga, tentando levar o espeto com o doce até a boca da garota.

— É sério, amiga, não tô com fome — ela afirma pela segunda vez, mas seus olhos observam o marshmallow com bastante vontade.

— Você que está perdendo! — a ruiva responde, dando de ombros e voltando a comer mais dele.

O clima está ótimo entre todos e eu estou achando isso muito bom. As provas já passaram, o que tinha nos afastado um pouco recentemente, mas agora tudo está voltando aos eixos.

— Eu vou sentir tanta falta disso — Alexia diz, de repente, chamando nossa atenção. — Nós já vamos para a faculdade e... e eu não sei como vai ser ficar longe de vocês. *Disso.*

— Alexia, você não pode me fazer chorar! Eu não passei o rímel à prova d'água hoje! — Lily reclama, parecendo sentida pela fala dela, assim como todos nós.

— Nós precisamos fazer um pacto — Allie sugere, comendo seu último marshmallow que há no espeto.

— De sangue? — Lily indaga, abrindo a boca em choque. — De jeito nenhum que eu vou cortar minha mãozinha linda, Allie!

— Deixa de ser boba, Lily! Não vai ser de sangue — Eleanor responde, jogando um dos espetos para a outra garota, que está do lado oposto dela no espaço.

— SUA LOUCA! Você podia ter acertado meu olho — a loira resmunga, pegando o palito do chão. Não tinha como ter alcançado o rosto dela e ela sabe bem disso, mas adora fazer um drama.

— Vou sentir falta dos dramas da Lily — Nora diz, um pouco triste. É, o clima pesou com o comentário de Alexia.

— Qual é o pacto, Allie? — Jason pergunta, voltando ao assunto inicial.

— Uma vez por ano, pelo menos, nós deveríamos nos encontrar — ela propõe, sorrindo de orelha a orelha. — Podemos fazer sempre aqui, por enquanto, mas quando tivermos nossas próprias casas podemos... podemos até mudar o local dos encontros. Para continuarmos sempre juntos. O que acham?

— Eu acho uma ótima ideia, Allie — Alexia é a primeira a responder e eu sei que ela está se segurando para não chorar.

Vai ser difícil construir uma nova rotina sem eles, que estou acostumado a ver todos os dias há anos. Até mesmo Eleanor, que chegou há pouco tempo. Desenvolvi um carinho gigante pela namorada do meu melhor amigo.

— Incrível! Vai ser tudo nos encontrarmos e colocarmos o papo em dia! — Lily fala, animada.

— Isso me lembra o livro *Novembro 9* — Nora diz. Eu não faço ideia de que livro é esse, mas quando olho para Lexie, ela estar balançando a cabeça, animada, concordando com a amiga.

— Exatamente como o Ben e Fallon!

— Não, é? — A ruiva assente e elas sorriem uma para a outra, totalmente imersas no mundo literário delas.

— Então está combinado? Uma vez por ano voltamos para Millsh e passamos alguns dias juntos? — Eleanor questiona a dona da fazenda.

— Por mim, está mais do que certo — Jason se manifesta, concordando com a ideia.

— Eu topo também. Vai ser bom rever todos — eu digo algo pela primeira vez e todos se viraram para mim, sorrindo, já que não é típico que eu tope algo assim de primeira.

Continuamos debatendo alguns detalhes sobre nosso próximo encontro, no próximo ano, já que todos estaremos em nossas respectivas

universidades. Nós optamos por fazer esse encontro nas férias de verão, uma vez que teremos mais dias para nos organizar e escolhermos a melhor semana para tal.

Ficamos mais algum tempo ali, conversando. Ainda falta um tempo para o nosso último dia de aula e ainda tem as férias de verão, mas isso parece uma despedida. Alexia deixa cair algumas lágrimas e Nora também, sendo confortada pela namorada. Queria estar fazendo isso pela minha Lexie, mas sei que é bom irmos com calma. Acabei de resolver as coisas com Jason, não quero estragar novamente.

Perto da 1 da manhã, nós decidimos nos recolher, cada um indo para sua barraca, depois de tomarmos banho dentro da casa principal, fazendo o menor barulho possível, a fim de não acordar os pais de Allie. Quando todos terminam, cada um segue o caminho para a própria cabana.

Eu estou arrumando meu colchão e minhas coisas para deitar, quando ouço sons de passos do lado de fora, parecendo bem perto. Não demora mais do que alguns segundos e uma cabeleira loira surge dentro da minha barraca.

Alexia Jenkins, claro.

— Lá fora está congelante — é a primeira coisa que ela diz quando fecha a barraca atrás de si, tirando o casaco.

Por baixo dele, ela está com um conjunto de pijama de calça e blusa de manga longa vermelhos. A parte de baixo é xadrez, preto e vermelho e a de cima, vermelha, e eu acho que são...

— Sim, é o papai Noel com suas renas — ela responde, lendo minha mente. Provavelmente me pegou encarando, já que eu estava bem curioso com os desenhos. — Eu não achei outro pijama de frio sem ser esse.

— Combina com você.

Ela sorri para mim, vindo se sentar ao meu lado no colchão.

— Posso... posso dormir aqui? — ela pergunta, receosa. Porra!

— Você não precisa perguntar esse tipo de coisa, Lexie — digo, apoiando minha mão em sua coxa, que está esticada.

— Eu fiquei com um pouco de medo — ela admite. — Eu sei que todos vocês estão por perto, mas mesmo assim... e se um urso aparecer?

— Tenho quase certeza que não tem ursos por aqui — respondo, tentando segurar meu riso.

— Mas você viu quantos animais a família da Allie tem! — ela acusa, apontando seu dedo indicador na minha direção. — O que os impede de se revoltar, fugir e acabar passando por aqui? Dizendo que humanos são feios, fedorentos e fazem mal a eles, e decidem nos matar?

A mente dessa garota, cara. Não dá!

— Lexie... acho que você está assistindo filmes demais.

— Você sabe que os únicos filmes que eu vejo são de comédia romântica, Charlie! — resmunga, cruzando os braços e me fazendo observar seus peitos, que parecem não estar cobertos por nenhum sutiã. Caralho, ela ainda me matará com isso. — Você não quer admitir que eu estou certa e isso pode mesmo acontecer!

— E você veio para cá porque acha que eu, logo eu, vou conseguir te salvar se isso acontecer? — indago, arqueando uma das sobrancelhas para ela.

— Na verdade... — ela sopra, conectando seus orbes com os meus. Sem aviso, Alexia coloca uma perna de cada lado do meu corpo e sobe no meu copo, apoiando suas mãos no meu ombro. — Eu vim por outro motivo.

Eu sorrio maliciosamente para a loira em cima de mim. Agarro seus cabelos com uma das mãos, perto da nuca, e a outra eu levo até sua cintura, apertando-a ali. Agora sei que Lexie gosta que seja um pouco mais bruto, e é o que faço desde então para agradá-la. Mas nada me agrada mais do que vê-la gozando e gemendo meu nome.

Impaciente, minha linda garota leva os lábios até os meus. Primeiro, é apenas um leve toque, mas ela está mesmo sem paciência e lambe meu lábio inferior em um pedido silencioso para que nossas línguas se toquem. Nunca nego nada a ela, então é claro que abro minha boca.

Porra, beijar Alexia é bom para caralho. Não há outra forma de descrever.

Ela desce as mãos pelo meu abdômen, arranhando com as unhas enquanto faz isso, e eu reprimo um gemido. Não deixando barato, levo minhas mãos até sua bunda, empurrando-a mais para mim e apertando a carne gostosa ali. Isso faz ela roçar sua boceta no meu pau, e nós dois gememos, já que não esperávamos esse contato.

As mãos de Alexia vão até a barra da minha blusa, levantando-a. Eu ajudo-a no processo, tirando a peça mais rápido e jogando em algum local da barraca. Como precisamos nos separar para eu conseguir tirar a blusa, assim que estou de peito nu, ela me come com os olhos. Puta que pariu! O olhar dela para mim agora... me faz ter vontade de fazer coisas que eu não deveria.

Percebendo que ela estava em desvantagem ali, é a minha vez de levar minhas mãos até a barra da blusa de manga longa dela. Eu não a tiro de imediato, olho-a em seus olhos para ter certeza de que posso fazer isso. Quando ela acena, vou levantando o tecido lentamente até, finalmente, passar pela cabeleira loira dela.

Os peitos dela são lindos e deliciosos. E estão totalmente duros para mim.

Eu preciso colocá-los na boca de novo.

Me aproximo, levando uma das minhas mãos até um dos seios, circulando a auréola dele e coloco o outro na boca, chupando o bico rosinha. Ela arfa, e eu sei que estou fazendo bem meu trabalho. Suas mãos estão infiltradas no meu cabelo, puxando-os sempre que o prazer é demais.

— Charlie — ela soprando meu nome é música para meus ouvidos.  
— E-eu...quero transar com você.

Paro imediatamente o que estou fazendo porque a confissão me pega de surpresa.

— O que? Você não quer, não é? Tudo bem, eu vou... — Alexia já começa a sair do meu colo, mas eu a puxo para baixo de novo.

— Alexia — chamo, mas ela não vira seu rosto para mim. Delicadamente, ponho a mão em seu queixo e viro sua cabeça até que ela esteja olhando nos meus olhos. — Eu já te disse, eu *sempre* quero você, ainda mais sem roupa e em cima de mim — minha fala a deixa envergonhada, mas ela sorri para mim mesmo assim. — Você tem certeza?

— Eu pensei muito sobre isso e tenho certeza de que estou pronta para fazer isso. Com você — ela enfatiza a última palavra, arrancando um sorriso de mim.

Ela nunca se sentiu confortável em avançar esse passo com o ex-namorado, mas confia em mim o bastante para isso.

Porra, ela realmente confia em mim a esse ponto.

— Eu não tenho camisinha aqui, Lexie — falo, por mais que eu não me importe em entrar nela sem uma. Seria uma delícia, tenho certeza, mas, ainda assim, perigoso. Tudo que não precisamos é um bebê no momento, muito menos uma IST.

— Eu trouxe — ela coloca a mão dentro das calças, sim, *dentro das calças*, e tira um papel laminado lá de dentro.

— Você veio para cá realmente com intenções, não é? — brinco, e ela desvia o olhar. — Ei, Lexie. Se eu pudesse, transaria com você todos os dias, o dia todo.

— A gente nunca fez isso antes e você já está assim, Charlie! Pode ser horrível... — ela divaga, e eu respiro fundo.

— Nada nunca é horrível com você, linda — respondo, e a puxo para um beijo.

Voltamos a nos beijar, nossas línguas batalhando para saber quem está no controle. Cuidadosamente, eu inverte nossas posições, colocando-a deitada no colchão. Volto a beijá-la, apertando sua cintura, e ela me puxa ainda mais para perto pelo pescoço, roçando nossas partes íntimas novamente, que é uma tortura para mim. Eu tenho vontade de fode-la bem agora, mas sei que tenho que ir com calma, já que é a primeira vez dela. E, como eu também estou ciente que é muito difícil uma mulher gozar na penetração em sua primeira transa, eu preciso que ela goze antes.

Desço meus beijos pelo maxilar, pescoço, até chegar, novamente, nos seios de Alexia. Eu já tinha brincado com eles antes, mas não tem como resistir. Uma das minhas mãos vai até um deles e com a minha boca, eu chupo o outro. Um pouco forte demais, admito, mas ela geme bem quando acredito ter deixado uma marca ali, e é o suficiente para eu saber que ela está gostando. Um lado mais homem das cavernas meus gosta da ideia de vê-la marcada por mim, para que Lexie possa se lembrar quem fez isso.

Repito a mesma coisa no outro seio e depois vou descendo os beijos por toda sua barriga sarada, até chegar no cócs da calça de pijama. É quando levanto meu olhar, e já a encontro apoiada nos cotovelos, me encarando. Ela acena com a cabeça e, lentamente, eu retiro sua calça, junto da calcinha de algodão. Com os dois empecilhos de lado, eu sorrio para a linda visão de Alexia Jenkins nua para mim.

— Abre as pernas para mim, linda — peço, olhando bem aqueles olhos azuis.

Ela separa as pernas e vejo sua boceta pingando por mim.

Porra, é demais.

Começo beijando seus tornozelos, subindo pela sua panturrilha, coxa e, finalmente, chegando na sua virilha, perto do ponto onde mais quero prová-la. Ela se remexe, impaciente, e eu sorrio contra a pele dela.

Eu começo a circular seu clitóris com a língua, e Lexie empurra seu quadril para cima. Ajudo-a a ficar paradinha para mim com uma das mãos, enquanto estou com a cara enfiada no meio das suas pernas, que se tornou meu novo lugar favorito. Troco minha língua por meus dedos ali e, com a boca, lambo toda sua boceta, fazendo-a gemer. Começo a chupa-la, controlando meus movimentos de acordo com as reações do corpo dela. Para completar, enfio um dedo dentro de Alexia, que entra facilmente por ela estar totalmente melada.

Eu sinto que meus dedos e minha boca são demais para a loira quando ela tenta fechar as coxas, que claro, não consegue, porque eu estou ali no meio. Eu sei que ela vai gozar a qualquer momento.

— Ei, linda — chamo, tirando minha cara da sua boceta, deixando apenas meus dedos e ela se apoia nos cotovelos, abrindo os olhos. — Olhe para mim quando estiver gozado.

Volto a chupa-la, mordiscá-la e beijá-la lá embaixo, mantendo meus orbes conectados com os dela. Não demora muito, e os espasmos tomam conta de Lexie. Ela goza na minha boca e seu sabor é ainda melhor do que eu esperava.

Deixo um último beijo na boceta dela e volto a ficar em cima dela, apoiando-me em um dos cotovelos, beijando-a. Alexia sente seu próprio gosto na minha boca e me puxa ainda mais para perto... porra.

— Se você estiver cansada ou... ou tiver mudado de ideia, podemos parar por aqui — sussurro em seu ouvido, mas ela é rápida em negar.

— Eu quero isso — ela responde, puxando meu rosto para que ela possa me olhar, e fazendo um carinho na minha bochecha. — Eu... eu posso ficar por cima? Acho que vou me sentir melhor se acreditar que estou no controle.

— Você pode o que quiser, linda — falo, deixando um selinho em seus lábios e me distanciando para pegar a camisinha.

Eu não digo que ela sentando em mim é um dos meus maiores fetiches e, principalmente, que vou ter que me controlar para não gozar em 5 segundos.

Se Alexia me pedir algo, eu dou. É simples assim.

Envelopo meu pau com a camisinha e me deito de costas no colchão, trazendo Lexie para cima de mim, mas não ainda no meu pau.

— Eu vou te ajudar, tudo bem? — pergunto, e ela assente, tímida. — Vai doer um pouco, ainda mais porque você está sentando em mim. Se... se doer muito, você me avisa, e eu paro, tudo bem?

— Tudo bem.

Com as mãos no quadril de Alexia, eu a levanto um pouco, o suficiente para posicioná-la em cima do meu pau. Quando sinto que sua

boceta está bem em cima da cabeça dele, aceno com a cabeça, indicando que ela pode começar a descer a qualquer momento.

Devagar, a boceta de Lexie engole meu pau.

Porra, ela é apertada demais. Não sei quanto tempo vou aguentar dentro dela antes de gozar.

Enquanto desce, lentamente, vejo lágrimas se acumulando no cantinho dos olhos de Alexia, e me preocupo. Levo minha mão até seu rosto para limpá-las, e ela sorri para mim, murmurando que está tudo bem.

Quando finalmente engole meu pau por inteiro, eu fico estagnado. Se eu me mexer, vou gozar. Tenho certeza. Os peitos de Alexia balançando no meu rosto não ajudam nem um pouco.

— Só... só fique parado um pouco, tudo bem? Preciso me acostumar com essa sensação — ela pede, e eu assinto com a cabeça. — Seu pau é muito grande.

Caralho, ela não pode dizer essas coisas!

— Lexie?

— Sim?

— Você falando putaria é uma delícia, mas, neste momento, eu estou me controlando para não gozar — explico, segurando-a no lugar pela cintura. — Você é gostosa demais, linda.

Ela ri do comentário, e meu pau dá sinal de vida dentro dela, sentindo as paredes o apertarem.

— Posso me mexer? — pergunto, e ela concorda. — Você pode ficar parada se quiser, e eu faço todo o trabalho.

— Não, não. Eu quero sentar em você direito.

Porra, Alexia Jenkins me matará.

Ela começa a subir e descer no meu pau, apoiando suas mãos no meu peitoral, auxiliando seu equilíbrio. Como não quero deixá-la na mão, impulsiono minha pélvis para cima, de encontro a dela.

Estar dentro de Alexia é muito melhor do que eu imaginava.

Descolo minhas costas do colchão, para ficarmos ambos sentados, com seus peitos esmagando meu tronco, e a puxo para um beijo. Ela continua se movimentando, e eu também, fazendo o momento ficar ainda mais gostoso.

Eu sinto que estou prestes a gozar, então levo minha mão até o conjunto de nervos de Alexia, para tentar fazê-la gozar junto comigo.

— Linda, eu vou gozar — aviso, murmurando em seu ouvido, enquanto deixo beijos em sua pele ali perto.

— E-eu também vou — ela responde, sôfrega.

Tentando dar a melhor primeira vez para Alexia, arrumo nossas posições, de uma forma que eu consiga atingir um ponto sensível dela. Com

meu dedo ainda circulando seu clitóris, estimulando-o, eu me esforço para ter ela gozando de novo, desta vez, em meu pau.

— Charlie! — ela geme meu nome, gritando, e sei que gozou. Sinto suas paredes se contraindo ao redor do meu membro.

É a iniciativa que eu preciso para me derramar dentro da camisinha.

Devagar, eu saio de dentro dela, voltando a me deitar no colchão, e a puxando para se deitar comigo. A cabeça de Alexia fica em meu peito, nossas pernas embaralhadas e meu braço em sua cintura colando seu corpo no meu. Com a minha mão livre, eu puxo o cobertor para nos cobrir. Apesar de estarmos suados, ainda está frio, e a qualquer momento vamos começar a tremer pela temperatura baixa.

— Como você está? — questiono assim que sinto os batimentos cardíacos de Lexie se acalmarem.

— Estou ótima, Charlie — ela responde, virando-se para me olhar. — Foi... foi bom. Muito bom, para falar a verdade. Doeu no começo, mas você foi gentil comigo, e acho que isso ajudou.

— Então você gostou? — pergunto, malicioso, levantando uma das sobrancelhas, e ela ri. Eu adoro quando ela dá risada.

— Charles, você me fez gozar duas vezes na minha primeira vez. Realmente está perguntando se eu gostei?

— Na próxima, vou te fazer gozar mais vezes.

— É uma promessa? — questiona, curiosa, levantando o dedo mindinho para mim. — Você precisa prometer para acontecer.

— Eu prometo — digo, entrelaçando meu dedo mindinho com o dela.

Ela sorri para mim antes de voltar a se deitar em mim, passando um dos braços pelo meu tronco, se acomodando ali.

Eu sempre soube, desde quando tínhamos 8 anos, mas cada dia isso fica mais claro: eu nunca deixarei Alexia Jenkins escapar de mim. Ela é o amor da minha vida, hoje, amanhã e todos os outros dias de nossas vidas.

**TAREFA RISCADA - TRANSAR**



*alexia*

### **TAREFA RISCADA - ACAMPAMENTO**

Eu odeio o primeiro dia útil depois do feriado. Principalmente quando o feriado é em uma sexta-feira, como esse que fomos para a fazenda, e ainda temos mais o fim de semana para esquecer do colégio.

Claro, a segunda-feira chega e tudo volta ao normal.

Não tinha passado nem uma semana dos nossos dois dias de férias, e eu já estou com saudades. A conversa sobre nos encontrarmos pelo menos uma vez por ano me deixou muito triste, porque eu tenho medo que não consigamos nos ver, todos juntos, em algum momento. Eu não sei o que vou fazer quando formos para faculdades diferentes e minha rotina mudar, não encontrando mais nenhum deles pelos corredores nos dias de semana.

Eu tento manter minha mente longe desse cenário do futuro, mas é complicado. Os dias estão passando e daqui a pouco estaremos nos formando.

Mas voltando para o feriado incrível que tivemos. Não posso ser hipócrita e mentir... o melhor momento foi ter transado com Charlie.

Eu já estava planejando que isso acontecesse nessa viagem, tanto que tinha me preparado e comprado um pacote de camisinha, apesar de só termos feito sexo uma vez. Sempre era bom estar preparada, né?

Foi muito melhor do que eu imaginei que seria. Afinal, era Charles! Nós já tínhamos uma conexão gigante antes mesmo de termos tido relações sexuais, e agora, eu sinto que estamos ainda mais próximos do que antes.

Nós não nos vimos no fim de semana, já que ele ficou grande parte do tempo com Cassie, depois de buscá-la no fim da tarde de sexta, assim que chegamos da fazenda de Allie. No entanto, ficamos todos os dias nos comunicando por mensagem e, à noite, ele me ligava para que pudéssemos dormir juntos, da nossa maneira.

Ok, eu liguei para ele e isso acabou acontecendo na primeira vez, mas agora, alguns dias depois, se tornou uma rotina. E eu adorava rotina, ainda mais com ele envolvido.

Hoje pela manhã, assim que cheguei no colégio, recebi uma mensagem de Charlie para que o encontrasse atrás da arquibancada do

campo de futebol americano. Como ainda é bem cedo, não há ninguém por aqui, e esse se tornou nosso lugar preferido para nos encontrarmos.

Trocamos um beijo logo que eu o encontro, mas durante os poucos minutos que temos antes das aulas começarem, conversamos sobre nossos fins de semana. Eu conto que tivemos dois dias em família na casa dos nossos avós e que foi muito divertido. Ele me diz que passou todas as horas com Cassie, como se tivesse repensando os dois dias que ela passou lá em casa, com meus pais.

Inclusive, a pequena Brown adorou! Quando chegamos e a encontramos vendo um filme com meus pais no sofá, foi uma cena linda. Charlie me contou tudo que ela falou que tinha feito com Marcus e Paul, e estava doida para ficar mais dias com eles. Nós dois conversamos e decidimos que eles têm que aparecer lá mais vezes, os dois.

Ele não comenta nada sobre a situação na casa dele, então eu concluo que está tudo bem, já que ele me prometeu que me contaria se piorasse, e ele sabe quão a sério eu levo promessas.

Depois do meu encontro delicioso com Charlie, para iniciar bem meu dia, o restante foi tranquilo. Tive as mesmas aulas de sempre, recebi mais notas das provas que fiz nas últimas semanas e almocei com meus amigos. Enquanto comíamos, troquei com olhares com Charlie, e, desta vez, acho

que Nora percebeu algo. Não estamos mais sendo tão discretos quanto antes, pelo visto.

Eu tenho certeza que Nora Hart realmente notou alguma coisa. Nós tínhamos combinado de nos encontrar depois do colégio, no restaurante de sua mãe, e a primeira coisa que ela diz quando eu chego e me sento ao seu lado é: — Você e Charlie estão namorando?

— Nora! — eu a repreendo, já que ela falou muito alto. — Não grita!

— Então é verdade? — pergunta de novo, chocada demais.

— Não estamos namorando.

— Mas estão tendo alguma coisa, certo? — Nora insiste e eu não sei mais para onde fugir. — Eu sabia que os sons que ouvi vindo de alguma barraca no acampamento não eram de Eleanor e Jason! Eles estavam longe demais para que pudéssemos escutar. Bem, se ela gritasse bem alto... — a ruiva balança a cabeça, vendo que seus pensamentos estão indo para longe demais. — Eram vocês!

Meu Deus! Eu realmente sou tão barulhenta assim?

— HÁ! — minha amiga grita mais uma vez, apontando o dedo no meio da minha cara. — Eu estava te testando, Alex. Eu não ouvi nada, mas pela sua reação... vocês realmente estavam fazendo alguma coisa naquela barraca! — Eu realmente tinha caído no verde de Nora? — Eu não tinha

comprado a ideia que você foi no banheiro de manhã, quando Lily te viu passeando no meio do acampamento.

Ah, claro. *Isso*.

Eu acabei mesmo dormindo na barraca de Charlie, e como estava tão gostoso ali — abraçada com o homem mais lindo do mundo e embrulhada em um cobertor —, perdemos a hora. Quando acordamos, todos já estavam se levantando também. Eu coloquei minhas roupas em velocidade máxima, dei um beijo nele de bom dia — que era para ser um selinho, mas não resisti quando ele abriu minha boca com sua língua — e saí correndo de volta para a minha barraca. E, claro, como não tenho sorte, acabei esbarrando em Lily.

Como eu explicaria o motivo de estar correndo às 8 da manhã de volta para minha cabana? Eu acabei inventando que estava menstruada e esqueci o absorvente na bolsa, por isso, precisei correr e pegar um.

Era uma ótima mentira, se Allie não estivesse por perto e dito que havia um cesto de absorventes no banheiro principal da casa, e que eu podia ter pegado um. Me enrolei um pouco nas explicações e consegui escapar, correndo e me fechando na barraca.

Não foi o meu melhor momento, mas eu tentei.

— Você não pode contar para ninguém ainda, Nora — peço, já que não tenho mais como mentir.

Isso não pode chegar no meu irmão ainda, de jeito nenhum.

— Não vou! O segredo de vocês está seguro comigo — ela responde, fazendo o gesto de fechar a boca com uma chavinha e jogar pelas costas. Eu sorrio diante da sua encenação. — Vou pegar nossa porção de coxinhas, tudo bem? — ela pergunta, se levantando e eu assinto.

Eu confio em Nora. Ela não contará nada para ninguém porque eu pedi, e somos amigas. Eu estou guardando seu segredo de vida dupla de escritora, então ela sabe como é ter algo e precisar esconder das pessoas. Eu confio na empatia da ruiva em não contar nem para Allie sobre o assunto.

Eu sei que, em breve, se eu e Charlie quisermos levar esse relacionamento adiante, nós vamos ter que contar para Jason. Mas, por enquanto, está bom como está. Eles, literalmente, acabaram de se resolver. Não precisam brigar de novo, porque sei que é isso que vai rolar quando meu irmão souber.

— Mamãe também nos deu uma jarra de suco de laranja natural — sou despertada dos meus pensamentos quando Nora volta a mesa, colocando a jarra e a porção de pão de queijo na superfície ali.

— Ela é um amor — digo, já pegando um dos pães de queijo. — Então... o que você tem para mim hoje?

Eu e Nora estamos trabalhando em um de seus novos livros, que ela não queria publicar no *Wattpad*. Desta vez, ela quer se arriscar e enviar para editoras e agentes literários. Por isso, enquanto ela está escrevendo seu

próximo sucesso, eu a ajudo, como uma leitora beta, mas também uma leitora crítica. Eu não sou uma profissional, claro, mas ter uma segunda visão sobre seu trabalho é fundamental. Eu consigo apontar erros que minha amiga, como autora, não enxerga, e ajudo-a a desenvolver melhor esses pontos.

No começo, foi um pouco complicado, óbvio. Nora nunca tinha tido ninguém para julgar seu trabalho da maneira que eu faria. Ela não concordava com vários pontos que eu destacava em sua história, mas, aos poucos, fomos nos entendendo.

— Aqui, os capítulos que escrevi na última semana — ela fala, empurrando o iPad para mim, com o arquivo aberto.

Meu final de tarde/comoço da noite de segunda-feira é assim.

Eu, Nora, seu livro e muita comida gostosa.

Após o primeiro dia útil ter sido muito bom com a presença de Nora, o restante da semana não ficou muito embaixo. Apesar de não se comparar com os dias na fazenda com meus amigos, tudo está indo muito bem.

Os almoços com todo nosso grupo junto continuavam, como sempre, muito divertidos e engraçados. Eu e Charlie evitávamos trocar tantos olhares significativos, já que eu tinha comentado com ele sobre o verde que eu caí de Nora. Ele me garantiu que estava tudo certo e não se importava dela saber. De ninguém saber, na verdade.

A não ser meu irmão, claro.

Isso é um problema para o futuro, eu preciso viver o presente.

Pelo menos é o que eu repito para mim mesma sempre que penso no assunto.

Eu e meu pai Marcus também tivemos uma tarde maravilhosa juntos, no dia que eu não tive treino das líderes de torcida. Como Naomi e Eleanor estavam na floricultura, Jason jogando futebol americano e papai Paul no trabalho, aproveitamos para ter um dia só nosso. Fomos ao cinema ver *A Escolha Perfeita 3* — que tinha acabado de estrear — e depois fomos jantar no nosso restaurante preferido, o coreano. Quando estávamos lá, não pude deixar de lembrar da mãe de Lily e seu casamento.

E foi só eu pensar nisso que vi o noivo de Lauren Diggory — mãe da minha amiga — chegar. Eu não tinha o visto antes, mas papai, fofoqueiro como é, apontou com a cabeça e sussurrou para mim. Ele parecia importante. Estava de terno, bem arrumado, e cumprimentou alguns funcionários. Depois, desapareceu em uma porta no fim do restaurante. Estranho. Mais estranho ainda quando um garoto jovem, não parecendo ter mais do que 20 anos, tão arrumado quanto ele, entrou e seguiu o mesmo caminho. Ele virou o rosto para fechar a tal porta, e eu percebi que era Aaron, o nêmesis de Lily.

Tinha algo de muito estranho e sombrio na nova família da minha amiga.

É claro que eu não ficaria na curiosidade.

No dia seguinte, durante mais um dos nossos almoços, eu me virei para Lily e perguntei: — Amiga, o que tem de especial naquela porta no fim do restaurante do noivo da sua mãe?

Todos os nossos amigos param com os papos paralelos e voltaram os olhos para nós duas.

Fofoqueiros!

— O escritório? — ela questiona, arqueando uma das sobrancelhas. Como se eu fosse burra!

— O escritório dele é no porão? Porque tenho quase certeza que vi eles descendo uma escada.

— Uau... um mistério? — Nora fala, interessada. A alma de escritora dela não pode ver uma situação fora do nosso cotidiano sem que comece a pensar em como poderíamos ser os personagens de algum livro!

— Não tem mistério nenhum, amiga — Lily garante, fechando a tampa do seu suco verde. Eca. Nunca entendi como ela consegue tomar isso. — Tenho certeza que é apenas um depósito ou algo assim.

— Eles estavam bem arrumados para entrar em um depósito — comento, sugando o canudinho do meu suco e mantendo meus olhos nos da

minha amiga.

— Eles? —indaga, já que eu só tinha citado o padrasto anteriormente.

— Aaron também estava.

— Argh! Deve ser alguma merda então. Esse garoto só faz isso — ela resmunga, revirando os olhos apenas em pensar no meio-irmão novo.

— Eu aposto em máfia — Jason diz, jogando a ideia no ar.

— Você precisa parar de assistir esses filmes antigos — Eleanor o repreende, revirando os olhos para o namorado.

Isso porque o meu irmão está simplesmente viciado em filmes antigos que falam sobre antigas máfias dos Estados Unidos. Ele até passou a ver documentários, e ele nem gostava desse tipo de programa. Juro, o garoto está obcecado. Acho que depois dele ter estabelecido uma rotina saudável para estudos, futebol americano e vida pessoal, ele acabou ficando com muito tempo livre e aconteceu isso.

— Eu li uma matéria esses dias que ainda existem alguns integrantes de grandes máfias italianas vivendo aqui — Charlie comenta, querendo pôr fogo na fogueira. Ele me lança um olhar depois de sugerir isso, e eu sorrio. Eu gosto desse Charles mais descontraído, o que quase nunca aparece.

— Eles são coreanos, pelo que Lily disse, não italianos — Allie lembra, e todos nós concordamos. Logo, não é máfia..., mas é alguma coisa.

— Você não disse que eles são podres de ricos? Só com... restaurantes? — Eleanor relembra um dos assuntos iniciais de quando nossa amiga contou que sua mãe iria se casar. — Estranho, não é?

— Eles têm várias filiais — Lily diz o que já sabemos. Mas algo nessa história não parece certo. — Ah, fala sério! Vocês não têm outro assunto para falarmos, não? Eu já preciso conviver com essa família quase todos os dias, e vocês ainda querem trazer eles para os tópicos de conversa? — ela reclama, cruzando os braços.

Todos nós nos entreolhamos, decidimos terminar com o assunto. Nós sabemos que nossa amiga não está nem um pouco feliz com esse casamento, mas não temos muitos detalhes. Até Nora, que é melhor amiga da loira, não sabe de muita coisa. Elas estavam afastadas desde... desde alguns meses atrás. Na verdade, Lily estava afastada de todos nós há um tempo. Ela que sempre nos convidava para fazer algo no tempo livre, mas ultimamente, estava mais na dela. O que era estranho também.

— Vestidos de formatura! Quando vamos começar a sair para compras? — Allie pergunta, mudando o tópico do papo, para felicidade de Lily, e iniciamos uma conversa bem divertida sobre cores, estilos e caimentos de roupas para o baile.



Eu tinha visto Charles ontem, sexta-feira, no colégio.

Era normal já estar com saudades dele?

Acho que estou doente

Doente de amor!

Nossa, essa foi péssima, até mesmo para mim, que não tenho nenhum senso para piadas.

A questão é: já quero estar junto dele novamente. Agora eu entendo porque Jason e Eleanor, Nora e Allie, sempre estão um com o outro a todo tempo. É impossível ficar longe de uma pessoa que você gosta amorosamente.

A cada dia que eu passo mais tempo com ele, mais apaixonada fico, e nem sabia que era possível amar mais ele do que quando tinha 12 anos. Pois é, a Alexia mais nova não sabia controlar bem seus sentimentos e ficava igual uma boba quando Charles passava e falava com ela.

Não que eu não fique mais hoje em dia, porém, aprendi a controlar melhor.

E eu estou com tudo isso na cabeça enquanto eu e Eleanor temos um dia das garotas em seu apartamento. Ela está no banheiro, e eu em seu sofá,

esperando-a para que possamos escolher um filme para vermos e preparar alguma comida.

Apesar de estar com minha melhor amiga, eu queria ter, pelo menos, visto Charlie hoje. Ellie e Jay almoçaram juntos, e depois ele nos deixou aqui, então ela viu o namorado. Eu também queria ver o meu!

*Não, ele não é meu namorado. Droga!*

Eu queria ver... o meu Charlie.

É, melhor assim.

No entanto, amanhã, papai Marcus vai visitar o local da festa de casamento da mãe de Lily — para ele averiguar o lugar e ver quais flores são melhores — e papai Paul vai com Jason comprar um presente de aniversário para Eleanor, já que está próximo. Ele quer algo especial, e como nosso pai é excelente em presentes, ele o convidou para ir.

Ou seja, terei a casa livre durante uma parte da tarde. Preciso me lembrar de mandar uma mensagem para Charlie falando sobre isso. Quero transar com ele de novo, o quanto antes.

Eu realmente estou me tornado essa pessoa que quer transar a todo momento com o namo... amigo colorido? Parceiro de foda? Ficante?

— Essa máscara já está bem dura — Eleanor aparece, abrindo a porta do banheiro para que eu possa escutá-la.

Logo que eu cheguei, avisei que iríamos fazer máscaras faciais juntas, e eu trouxe tudo que precisávamos. Eu passei uma máscara de argila verde no rosto da minha amiga, e em mim, uma de argila branca. É claro que Ellie não parou de reclamar desde que a argila começou a endurecer, impedindo um pouco seus movimentos faciais.

— Deixe-me ver — digo, mais uma vez, me levantando e indo até o banheiro da minha amiga.

Eleanor está de frente para o espelho, cutucando o rosto e tentando descobrir se já está bom para tirarmos. Delicadamente, eu a viro para mim e toco sua pele em tom de verde. Checo meu celular mais uma vez e vejo que falta apenas 1 minuto para tirarmos, então falo: — Falta 1 minuto, mas pode ir tirando.

— Finalmente! — Ela comemora, me arrancando um sorriso, e abaixa a cabeça dentro da pia para lavar.

Eu também trouxe meu sabonete líquido para todo tipo de pele, e é o que Eleanor usa, já que deixei ao lado da torneira, prontinho para ela. Quando ela termina, é a minha vez. Esfrego o rosto com o sabonete bem devagar, em movimentos circulares até sentir que tudo está limpo.

— E agora? — Ellie pergunta enquanto eu enxugo meu rosto em sua toalha de mão, que inclusive, dei para ela de presente para a casa nova. Um kit de toalhas não é algo que jovens pensam assim que se mudam, então

achei que seria de bom uso. E foi, porque sempre que venho, meus presentes estão pendurados em seu banheiro.

— Água termal para acalmar a pele — informo, já pegando minha miniatura dentro da bolsinha que trouxe.

Peço para minha amiga fechar os olhos e eu borrifo um pouco em seu rosto.

— Uau, é refrescante — ela comenta, ainda de olhos fechados.

— E você reclamando! — respondo, borrifando um pouco em mim também. — São as consequências de ficar bonita, amiga.

— Só você para me convencer a fazer essas palhaçadas.

— Ninguém consegue resistir a minha carinha de cão abandonado quando quero alguma coisa — falo, brincando, fazendo um biquinho para minha amiga.

— Nem posso discordar, Alex — ela diz, revirando seus olhos castanhos para mim. — Agora é... hidratante?

— Você está aprendendo! — elogio, passando o produto para ela.

Ficamos mais alguns minutos terminando nossa *skin care* do dia, e quando tudo está finalizado, voltamos para sala. Como sabemos que vamos demorar para entrar em um consenso de qual filme assistir, decidimos preparar algo para comermos.

Bem, descobrimos que Eleanor não tem nada interessante em sua cozinha. Eu sugiro pedirmos comida, mas ela nega, dizendo que está meio apertada no momento. Claro que eu me ofereço para pagar, mas ela é firme em dizer que não.

*Já basta seu irmão querendo pagar tudo para mim, amiga, não preciso de mais uma Jenkins fazendo isso, é o que ela me diz, e eu me calo.*

Por fim, conseguimos achar um pacote de Doritos que vem com um molho de queijo e decidimos isso mesmo. Também achamos uma caixinha de brigadeiros que Ellie ganhou de Nora no dia anterior, e optamos em deixar como sobremesa, para depois do filme.

Eu mal termino de me sentar no sofá, após arrumar a mesinha de centro com a comida e bebidas, quando meu celular apita e eu desbloqueio-o, encontrando uma mensagem de Charles.

***Charles:** Cassie vai no aniversário de algum amiguinho da escola amanhã, depois do almoço. Quer fazer alguma coisa, linda?*

Eu sorrio quando leio sua mensagem, é involuntário. Parece que tudo está conspirando a nosso favor.

***Alexia:** minha casa vai estar vazia amanhã, quer me fazer companhia?*

***Charles:** nem precisa pedir duas vezes.*

— É o Charlie? — Eleanor pergunta, maliciosamente, quando guardo o celular, e eu aceno com a cabeça, sorrindo também. Eu fico instantaneamente feliz quando nos falamos, e principalmente quando ele me chama de linda. — Como vocês estão?

— Bem... muito bem — respondo, e minha amiga sorri para mim, parecendo feliz por nós.

Ellie é a única pessoa que sabe que eu e Charlie tínhamos transado no dia do acampamento na fazenda de Allie. Ela é minha melhor amiga e uma das únicas pessoas que sabe sobre a gente, então é claro que eu precisava contar. Eu gosto de compartilhar algumas partes de minha vida — deixando alguns detalhes de lado, óbvio — e não tinha nada melhor do que fazer isso com sua melhor amiga.

— Vocês estão namorando? Já tiveram essa conversa? — ela me pergunta, porque é algo que reclamei recentemente.

Eu adoro estar com ele, e tenho certeza que ele também gosta de estar comigo, mas... eu preciso de mais. Não faço ideia do que temos, além de saber que ele não fica com mais ninguém há muito tempo, desde quando eu falei da lista para ele. Entretanto, eu ainda não sei, de fato, o que está acontecendo entre nós. Amigos coloridos? Ficantes? Noivos?

— Ainda não falei com ele sobre isso — respondo, um pouco sem jeito. — É que as coisas estão tão boas, sabe? Tenho medo de puxar esse

assunto e ele não querer nada sério comigo e tudo ir pelos ares.

— Não acho que isso vá acontecer, Alex. Você tem que ver o jeito que ele olha para você.

— Como ele me olha? — pergunto, confusa, porque para mim, é um olhar normal.

— Como se você fosse a mulher mais linda do universo.

Eu fico sem ar com as palavras de Eleanor.

Ele realmente me olha dessa forma?

Ele está tão apaixonado por mim quanto eu estou por ele? Eu tenho certeza que também o olho como se ele fosse o homem mais bonito da terra.

Porque ele é.

— Eu vou conversar com ele em breve — digo, mais confiante e Ellie assente, sorrindo para mim.

Ela pega o controle da televisão e coloca na página inicial da Netflix, pronta para começarmos a batalha de qual filme assistir.

— Seu irmão sugeriu que moremos juntos na faculdade — Eleanor solta, de repente, me pegando desprevenida.

— C-como?

— É, pois é... — Ela ri, um pouco nervosa. — Nós estávamos conversando sobre fazer faculdade perto um do outro, e ele lançou a ideia,

mas..., mas eu não sei. Eu tenho medo dele cansar de mim a qualquer momento, ainda mais passando praticamente 24 horas do dia ao meu lado.

— Ellie — chamo, carinhosamente. — Jay é, tipo, completamente, totalmente e loucamente apaixonado por você. Ele nunca vai cansar de você, amiga, eu te prometo.

— Você não pode fazer promessas que não tem certeza que vai cumprir — ela acusa, mas sei que um sorriso quer se formar em seu rosto.

— Mas isso vai se cumprir, amiga. Vocês são eternos, eu sinto isso — falo, entrelaçando minha mão na da minha amiga. — Tenho certeza que, em breve, vocês aparecerão noivos ou até mesmo casados, em algum feriado na casa dos nossos pais. Porque é claro que vamos nos tornar cunhadas e passaremos todas as datas comemorativas juntas.

— Casar? Não, não. Não tão cedo — ela me responde, assustada com o rumo da conversa.

— Você diz isso agora, Ellie. Mas conheço você e, principalmente, conhecendo meu irmão — digo simplesmente, dando de ombros.

— Vamos ver — ela fala por fim, voltando a atenção para a escolha do filme da noite.

Eu tenho poucas certezas na vida, mas uma delas é que Eleanor Collins e Jason Jenkins são a história de amor mais linda que eu já tive o prazer de presenciar.

Depois da dos meus pais, claro.



Eu nunca imaginei que ficaria tão feliz em um domingo, mas pois é, esse dia finalmente aconteceu.

Cassie teve a festa de aniversário de algum amiguinho da sua sala de aula no dia, e ela me implorou quase para que eu a levasse. Desde quando ela e Bea, sua ex-melhor-amiga, brigaram, minha irmã me contou que as pessoas — as meninas — pararam de falar com ela também.

Até James chegar e eles se tornarem inseparáveis. Ele ficou próximo dos outros garotos da classe, e Cassie foi incluída nesse grupo. Ela disse que fala mais com o melhor amigo, mas que os outros garotos são legais também. E um deles fez 9 anos no fim de semana e chamou todos da sala para comemorarem em uma festa na piscina na sua casa.

A primeira coisa que eu fiz quando ela me pediu para ir foi ligar para os pais desse menino e confirmar o convite, tentando conhecê-los melhor pelo telefone. Esse é um trabalho para os pais, porém, eu já tinha me acostumado a esse tipo de coisa e não me importava, na verdade, preferia fazer isso a deixar Cassie ir para um local desconhecido por mim.

Como um bom irmão, levei minha irmã até a casa do aniversariante, cumprimentei os pais antes de ir embora e ainda a fiz passar um pouco de vergonha, gritando que a amava logo quando ela se juntou ao grupo de amigos. Obviamente, recebi um olhar bem feio de Cassie, mas vi quando ela disse que me amava também, sem emitir som.

Depois, peguei o ônibus diretamente para casa de Alexia Jenkins.

Eu não estava esperando que algo acontecesse, mesmo com a mensagem que ela me mandou, dizendo que a família não estaria em casa. Quer dizer, eu não acharia ruim se ela quisesse repetir os eventos do acampamento...

Chego lá um pouco depois do almoço, e já tinha comido por causa de Cassie — eu gostava de almoçar minha irmã sempre que ela fazia algo na parte da tarde antes. Lexie também me falou que havia almoçado com um dos pais antes dele sair. Por isso, quando chego, fico um pouco surpreso com a situação que encontro: ela na cozinha, tirando uma fornada de cookies de chocolate do forno. Ela viu uma receita na internet, tinha todos

os ingredientes, e resolveu fazer a sobremesa para nós dois. Ainda separou uma vasilha com alguns para eu levar para minha irmã!

Porra, cada dia eu estou mais apaixonado por essa mulher.

Cumprimento-a com um beijo, que era para ser só um selinho, mas quando ela leva as mãos até minha nuca e me puxa para mais perto, não consigo. Empurro Alexia até suas costas atingirem a bancada. Minhas mãos vão para sua bunda e a impulsiono para cima, colocando-a sentada ali. Ficamos um tempo naquela posição, trocando beijos e mãos bobas, até que ela se afasta e diz para comermos os cookies, que eles são ainda melhores quentinhos e saídos do forno. Concordo e me afasto, mesmo que eu queira continuar ali com ela.

Provando que sempre está certa, os biscoitos realmente são uma delícia ainda mornos. Crocantes por fora, macios por dentro. Aproveitamos a sobremesa na parte de trás da sua casa, dividindo uma das espreguiçadeiras acolchoadas perto da piscina, e aproveitando o início da primavera. Está um pouco quente, mas agradável. O clima perfeito para ficar agarradinho com a pessoa mais lindo do mundo.

Quando terminamos, voltamos para dentro e vamos para o quarto de Alexia, a fim de ver um filme. É claro que a escolha foi Diário da Princesa, mas dessa vez assistimos ao 2º, para dar uma diferenciada.

No entanto, mais ou menos na metade do filme, sinto a mão de Lexie na minha coxa, fazendo um carinho gostoso. Eu não acho que é nada demais, até a mão começar a subir e se aproximar da minha virilha. No mesmo momento, eu me viro para olhá-la e ela já está com seus olhos azuis pregados em mim. Eu posso vê-los brilhando de tesão.

Porra, ela nem precisa pedir duas vezes.

As roupas são as primeiras a ir embora.

Quando percebo, já estou por cima da minha garota, beijando-a selvagememente, com muita saudade e tesão de tocá-la do jeito que ela merece. Antes de entrar mesmo nela, chupo-a, sentindo seu gosto novamente em minha língua. E, cara, ela é deliciosa. Melhor ainda é quando ela se derrete e goza na minha boca de novo. Eu nunca me cansarei disso.

Acho que Lexie está realmente esperando que isso acontecesse, porque quando digo que ia procurar alguma camisinha no banheiro do Jason, ela fala que tinha uma caixa na mesinha de cabeceira. Não hesito em esticar minha mão, pegar o preservativo e colocá-lo no meu pau duro.

Eu entro nela devagar, para ela se acostumar de novo com meu tamanho, já que ainda é apenas a sua segunda vez. Eu sei que tenho que ser cuidadoso.

Alexia, entretanto, não quer isso.

Minha garota quer forte e duro.

Ela reclama até que eu começo a meter dentro dela com força, segurando sua cintura com tanta força quanto, porque eu sei que ela gosta assim. Não satisfeita em me surpreender, Lexia pergunta se ela pode ficar de quatro para mim, para que possa fodê-la por trás.

Caralho, como ela ainda pergunta uma coisa dessas?

Nossa segunda transa da tarde é assim, como ela pediu. Eu comendo-a por trás, dando tapas naquela bunda gostosa e ouvindo-a gemer meu nome. Gemer não, *gritar* meu nome, para que todos possam saber quem estava a fodendo.

Eu nunca fui assim com nenhuma garota antes, mas claro que com Alexia Jenkins tudo seria diferente. Eu nem gostava de imaginar uma versão dessa realidade em que ela estava com o ruivo da boate, ou com qualquer outra pessoa, que não fosse eu.

Agora que ela é minha, eu farei de tudo para mantê-la para sempre na minha vida. Não que eu já não fizesse tudo por ela, sem ao menos ela me pedir.

Detenção? Não pensei duas vezes em acompanhá-la.

Burlar as leis para que ela pudesse fazer um piercing e tatuagem? O mínimo.

Nadar pelado? Não posso reclamar, porque gostei muito daquele nosso dia.

Após transarmos até ficarmos sem forças, tomamos um banho relaxante na banheira dos pais de Lexie. Ela mesma o prepara, colocando vários sais de banho de lavanda, dizendo que nos ajudará a relaxar. Mal sabia ela que ela que me deixa relaxado sempre que estamos juntos.

A banheira não é muito grande, então para cabermos lá, eu tenho que ficar por trás dela, com os joelhos dobrados. Aproveito a posição para ajudá-la a lavar seus longos cabelos loiros, passando shampoo e condicionador, como ela me instrui.

Depois do melhor banho da minha vida, voltamos para o quarto dela e eu pergunto se ela quer que eu penteie seu cabelo, já que tinha aprendido por causa de Cassie. Ela fica surpresa por eu saber, mas aceita. Enquanto eu faço isso, nós assistimos ao resto do filme que tínhamos pausado quando o clima esquentou mais cedo.

É um dia maravilhoso.

E é por isso que eu estava feliz demais para uma segunda feira enquanto levo a minha irmã para o colégio.

— Você tá feliz demais hoje... — Cassie diz, me olhando desconfiada. — O que aconteceu?

— Não aconteceu nada hoje, mana. — E é verdade. O que realmente aconteceu de bom foi ontem.

— Então aconteceu algo muito legal ontem? — ela pergunta, entendendo. Merda. Eu esqueço que ela só tem 9 anos, mas é esperta demais.

— Você está fofoqueira demais, Cassandra.

— Eu estou curiosa, Charles! — resmunga, cruzando os bracinhos enquanto andamos o pequeno percurso do ponto de ônibus até seu colégio. — Me fala porque você tá sorrindo desde ontem a noite, igual um bobão!

*Igual a um bobão?*

É, não posso negar. Passar um tempo de qualidade com Alexia me deixa mesmo assim.

— Eu estava com a Lexie ontem, pequena, e ela... ela me faz feliz — digo a verdade logo.

— Ela também me faz feliz! Ela é *suuuuper* maneira — Cassie responde, sorrindo falando da nova melhor amiga. — Ela é sua namorada?

Aí que está a pergunta do século.

O que Alexia é para mim?

Ela é praticamente meu mundo agora, junto da minha irmã, mas ainda não rotulamos o nosso relacionamento. É algo que precisamos fazer urgentemente.

Primeiro, na verdade, eu preciso pensar o que vou dizer para Jason.

— Ainda não, Cassie.

— Espero que ela seja. Ela é bonita, legal, inteligente... perfeita para você!

— É, ela é mesmo.

Deixo Cassie na escola e sigo até a minha, que é mais alguns minutos andando dali.

Por incrível que pareça, Aiden não tinha aparecido em casa o fim de semana todo, o que contribui para meu humor impecável nesse começo da semana. Eu não faço ideia de onde ele está e, sinceramente, não me importo nem um pouco. Ele poderia desaparecer do planeta, que eu continuaria não ligando. Seria ainda mais fácil para minha irmã e eu irmos embora assim.

Falando em ir embora, em breve os resultados das inscrições da universidade serão divulgados. Eu me inscrevi para algumas, tendo em mente as com melhores cursos em Ciência Política, o que eu farei antes de entrar para Direito, e também estou olhando escolas boas por perto, para Cassie. Ah, o preço dos apartamentos também estão nessa conta, e será fácil conseguir um emprego.

É, há muitos pontos e tudo depende de qual faculdade eu serei aceito.

— Fala aí, Charlie — Jason me cumprimenta, despertando minha atenção que estava totalmente nos meus pensamentos, assim que me encontra no corredor do Millsh High School.

— E aí, Jay — falo, sorrindo para meu amigo. — Como foi o fim de semana?

— Eu saí com meu pai para comprar o presente de aniversário de Eleanor! Pô, é animal. Acho que ela vai adorar. — Ele nem precisa especificar qual pai está falando, porque todos próximos da família sabem que Paul dá os melhores presentes. Não me surpreende que ele tenha ajudado o filho a escolher um bom para a futura nora.

— Ainda falta um pouco, não?

— Final de abril — ele responde, é realmente, falta um tempo considerável ainda para pensar em presentes. — Porra! Seu aniversário é perto do dela, cara!

— Alguns dias, se não me engano.

— Podíamos fazer algo lá em casa para comemorar todo mundo — ele sugere, e eu fico pensativo.

Eu não sou fã de festas e ponto. Todos os anos, no meu aniversário, eu normalmente chamo meus amigos para almoçar comigo em algum

restaurante legal e depois fico com Cassie até à noite, antes de começar meu turno na lanchonete. Pelo menos, sempre foi assim.

No entanto... acho que uma comemoração na casa dos Jenkins seria interessante, ainda mais se formos juntar o meu aniversário e o da Eleanor. Eu posso levar Cassie e sei que ela amará a ideia, já que a pequena é apaixonada por essa família.

— Talvez seja uma boa ideia — respondo, e meu amigo arregala os olhos.

Pois é, eu concordando em fazer uma festa é uma novidade e tanto.

— E eu achando que teria que te implorar de joelhos por um pouco de diversão — Jason fala, e nós rimos, porque isso já aconteceu algumas vezes. — Eu vou falar com Ellie e ver se ela topa também.

— Tudo certo, cara.

Nós continuamos andando o caminho até nossas respectivas salas, com meu melhor amigo falando o que está planejando para a festa. Sim, ele provavelmente teve a ideia no momento que a sugeriu, mas já está esquematizando tudo em sua mente.

Organização é o sobrenome do cara, não tem como.

Eu me distraio da conversa com Jay assim que ouço uma notificação chegar no meu celular, fazendo-o vibrar no meu bolso da minha calça jeans. Quando o pego, sorrio instantaneamente quando vejo quem é.

*Alexia: bom dia, Charlie! Já está na escola?*

*Charles: bom dia, minha linda. Acabei de chegar e você?*

Eu já sabia que ela tinha chegado, porque ela e o irmão vinham juntos, mas eu faço de tudo para puxar uma conversa com ela. Mesmo nos falando todos os dias, o dia todo, eu não me canso nunca de Lexie.

*Alexia: cheguei há alguns minutos com Jay.*

— Você não tá me ouvindo, né Brown? — a voz de Jay me faz voltar a encará-lo, perdido. É, eu me distraí mesmo falando com Alexia. — Falando com a garota misteriosa de novo, *uh?* — Jason diz, tentando espiar por cima do meu ombro, mas eu bloqueio a tela do aparelho.

— Sua alma de fofoqueiro tá indo longe demais, Jay — brinco, tentando tirar o foco do tópico da conversa de mim.

*Não só de mim, mas de mim e a irmã de Jason.*

Porra, eu estou tão fodido.

— Quando você vai me dizer quem é a dona dos seus sorrisos bobos para o celular? É a primeira vez que vejo você assim, cara.

— Em breve, Jenkins — respondo, tentando encerrar o assunto.

Desbloqueio o celular novamente e vejo que há novas mensagens de Lexie.

Assim que leio, fico extremamente assustado e pensando na merda que ela está planejando para a gente.

*Alexia: lembra do último item da lista?*

*Alexia: é uma aula de tiro.*

*Alexia: o que você acha de faltarmos a escola amanhã e irmos? Eu achei um lugar muito legal na internet! Tudo bem se você não quiser matar aula, mas eu queria muito que você fosse comigo.*

Eu não faço ideia do que está por vir, mas eu nunca diria não para minha garota.

*Charles: eu topo.*



Estamos um táxi indo para um local desconhecido durante o horário escolar.

Caralho, onde eu fui me meter?

Pelo menos eu estou com Alexia ao meu lado, sorrindo de orelha à orelha e animada demais para chegar ao nosso destino. Destino esse que ela não quis me dizer qual era, apenas continuava repetindo que seria uma aula de tiro.

Eu não faço ideia de onde essa menina possa ter encontrado uma aula de tiro em Millsh, e que aceite menores de idade às oito da manhã. Bem, se Lexie viesse me pedir qualquer coisa, incluindo uma aula para ensiná-la a atirar antes das nove, eu diria sim.

Eu tenho que colocar na minha cabeça que nem todas as pessoas são totalmente apaixonadas por ela e fariam tudo que ela pedisse apenas porque ela pediu.

Isso já está ficando vergonhoso, mas eu não me importo.

Eu sinto o carro estacionando e rapidamente movo os olhos ao nosso redor para saber onde finalmente estamos.

Porra, sério?

Eu não posso acreditar que Alexia me enganou dessa forma!

Mas, cara, vai ser fenomenal.

— Gostou? — Lexie pergunta, se aproximando de mim assim que saímos do carro.

— Não tem nada que você faça que eu não goste, Lexie — respondo a coisa mais brega que vem na minha cabeça, e vale a pena quando vejo seu sorriso e suas bochechas coradas. Não resisto, e puxo-a mais para perto pela cintura, deixando um beijo em seu rosto. — Por um momento, eu fiquei com medo que você fosse me levar para um campo de tiro de verdade.

— Bem que eu queria, mas é muito mais complicado que isso — ela fala, fazendo um gesto para a entrada do campo de Paintball. Pois é, ela me trouxe para jogarmos Paintball! — Arranjar um horário aqui foi difícil, mas nada que meu charme não conseguisse. — Ela pisca um dos olhos para mim, e sorrio ainda mais para a loira do meu lado.

— Vamos jogar só nós dois? — pergunto, mudando um pouco o tópico do assunto. Até onde eu sei, é um jogo para dois grupos de pessoas, para pode ser dividido os times.

— Se estiver tudo bem para você...

— É claro que está, linda. — Beijo sua cabeça e vamos até a recepção do local.

Alexia já está familiarizada com o homem atrás do balcão — ela me explica que eles conversaram por telefone há alguns dias — e quando a vejo tirar a carteira da mochila para pagar, eu me ofereço primeiro. É claro que ela não me deixa nem ao menos dividir, alegando que ela me convidou, então ela tem o direito de bancar a atividade. Eu reclamo um pouco, mas sei que não conseguirei vencê-la nisso.

Depois de realizarmos o pagamento — que eu não faço ideia de quanto foi, porque ela pagou no cartão e em nenhum momento eles falaram o preço —, o funcionário nos acompanha até a parte de trás do estabelecimento, onde fica o grande campo de Paintball. Da entrada, onde

estávamos, não dava para ver toda a extensão do espaço, mas era possível perceber que não era tão grande, mas parece que é divertido. O chão é de terra e areia em alguns pontos e há algumas árvores e obstáculos também.

Ele nos explica como funciona o jogo. Nós temos que capturar a bandeira do adversário para ganharmos. É o objetivo principal da nossa partida, já que não podemos incorporar outras regras porque estamos em dois. Ele fala também como que funcionam as armas — marcadora é o nome correto — e depois nos leva até o vestiário, para trocarmos de roupa.

— Boa sorte, linda — desejo a Alexia logo que nos encontramos na saída dos vestiários.

— Você que vai precisar de sorte — ela rebate, com um sorriso sacana nos lábios.

— Vamos ver — é o que respondo, depois deixo um selinho rápido em sua boca.

Menos de 20 minutos depois, eu e Alexia estamos entrando no campo, cada um indo para o seu lado e preparados para atacar um ao outro.

Eu nunca joguei isso antes, e Lexie também não, já que estava em sua lista, então fico um pouco perdido no começo. Não sei se fico esperando na frente da minha bandeira, esperando ela vir capturá-la e a ataco quando ela estiver perto, ou se saio para o campo inimigo, tentando ganhar o jogo.

Escolho a 2º opção.

Lentamente, tentando não fazer barulho — o que é difícil, porque há várias folhas e galhos no chão que emitem som sempre que piso neles — eu começo a ir em direção ao lado de Alexia, com a arma apontada para minha frente e pronta para atirar se ela aparecer. Desvio de alguns obstáculos, me escondo em árvores e até paro de vez em quando, tentando ouvir alguma coisa, mas nada.

Estranho.

Será que ela optou pela minha primeira estratégia e está esperando eu aparecer para me atacar?

Com muito cuidado, continuo andando pelo extenso campo do jogo.

E é quando ouço um barulho vindo de uma das árvores do outro lado.

Alexia, só pode ser ela.

Quero tentar surpreendê-la e atacá-la, então, vou andando devagar até onde ouvi o som.

Estou com a arma pronta e apontada, com meu dedo no gatilho para atirar e... nada.

Nada.

Lexie não está aqui.

Mas o que...?

Distraído, tentando pensar no que aconteceu, sinto algo atingir minhas costas.

Mais uma vez.

Na terceira, eu me viro.

Alexia está em cima de um dos pneus que serve como obstáculo, com a arma apontada na minha direção. Eu não consigo ver seu rosto porque está coberto pela máscara a fim de proteger os olhos, mas tenho certeza que ela está sorrindo triunfante para mim.

— Muito fácil te enganar, Brown — ela grita de onde está, atingindo mais uma bolinha de tinta de raspado em um dos meus braços.

Ah, isso não vai ficar assim!

Vejo o momento exato que Lexie percebe que minha mente parece ter voltado a funcionar e eu saio em disparada atrás dela. Ela pula do pneu e começa a correr também, mas eu acho que consigo alcançá-la.

Eu não estava planejando acertá-la com nenhuma bala de gelatina com tinta, mas a partir do momento que ela se vira e atira cegamente na minha direção, eu passo a fazer o mesmo. Como ela está na minha frente, é muito mais fácil eu aceitá-la do que ao contrário.

Continuo correndo atrás dela, mas ela é rápida. Não tão rápida quanto eu, claro, devido ao futebol americano, mas ela teve a vantagem de estar bem distante quando começamos essa perseguição.

Tanto eu quanto ela estamos totalmente sujos de tintas. Uma mistura de todas as cores espalhadas pelo uniforme do Paintball. Eu acredito que

Lexia ganhará a partida quando percebo que depois de tantas voltas, estamos chegando perto do meu lado do jogo, mas algo inesperado acontece.

Ela tropeça em algum galho e para por poucos segundos, para se recuperar, mas é o suficiente para mim.

Acelero ainda mais a minha corrida e quando estou bem perto dela, atiro mais uma vez. Alexia se vira para mim e quando vai apontar a arma em minha direção, percebe quão perto eu estou.

Ela diminui a velocidade de sua corrida, abaixando sua arma. Eu estou pronta para puxá-la pela cintura — mesmo que contato físico seja proibido nesse jogo —, mas ela mesma tropeça, mais uma vez, e cai de costas no feno espalhado pelo campo, feito exatamente para ajudar nas quedas dos participantes. Como eu estou a um passo de aproximar seu corpo do meu, ela acaba tentando se segurar em mim, o que não dá certo, e eu caio com tudo em cima dela. Uma luz se acende na minha cabeça e eu lembro de apoiar meus braços no chão, para não depositar todo meu peso em cima da garota.

— Você está bem? — pergunto, preocupado, levantando a máscara dela para ter certeza do seu estado.

Assim que jogo a proteção para o lado e consigo ver o rosto de Alexia, ela está sorrindo para mim.

E, porra, eu perco tudo quando ela sorri.

— Estou bem — ela responde, levando as mãos até meu rosto e também jogando minha máscara para longe, mas uma das suas mãos permanecem no meu rosto. — Tudo bem com você?

— Melhor agora — respondo, descendo meus olhos para a posição que nos encontramos e ela ri quando percebe o motivo da minha resposta.

— Acho que contato físico não é permitido nesse jogo — ela diz, descendo sua mão até minha nuca e aproximando ainda mais nossos rostos.

— Se eu quiser tocar a minha garota, eu vou tocar minha garota.

— Sua garota, *uh?* — fala, provocativa, levantando uma das sobrancelhas.

É, eu realmente disse isso para ela.

Mas é a verdade. Alexia Jenkins é minha desde o nosso primeiro beijo.

Não, não.

Desde a primeira vez que eu me toquei que estava apaixonado por ela, quando tínhamos apenas 8 anos.

— Charlie — ela chama, atraindo minha atenção. — Sou sua garota, mas... o que somos? Isso é muito confuso para mim.

— Para mim também, linda — respondo, sinceramente. — O que você quer que sejamos?

— Charlie...

— Porque eu quero ser seu namorado — falo, dando de bandeja todos os meus sentimentos para Lexie. — Posso ser seu namorado, linda?

Eu estou agindo um pouco impulsivamente e eu sei disso.

Não em estar praticamente pedindo Alexia em namoro, porque isso sempre esteve nos meus planos, há anos. Porém... na realidade ideal, eu já estaria bem longe de casa, sem resquícios de Aiden e Crystal, começando a viver minha melhor vida com Cassie. Eu queria ser a melhor pessoa para minha namorada, e eu sabia que isso só aconteceria quando estivesse totalmente livre da merda da minha família.

Mas as coisas aconteceram e... eu não posso evitar. Meu coração parece doer de tanto amar Lexie. Eu não quero mais deixar as coisas subentendidas entre nós. Eu quero poder chamá-la de namorada, noiva e esposa, um dia.

Talvez não seja o momento ideal para iniciar um relacionamento.

Eu posso esperar. Já esperei anos, o que será mais alguns meses até entrarmos na faculdade? Mas eu não quero.

Quero chamá-la de *minha Lexie* agora.

Eu estou pouco me fodendo para as consequências disso, estou agindo pelo meu coração, o que parece acontecer frequentemente quando eu estou com a garota embaixo de mim.

— É claro que eu quero que você seja meu namorado, Charles Brown — ela responde, me puxando para um beijo totalmente apaixonado.

Esse beijo é um pouco diferente dos outros. Ele tem muito mais sentimentos. É calmo, lento e aproveitamos o encontro das nossas línguas, sem pressa alguma de aprofundar as coisas.

— Eu sou completamente apaixonado por você, Alexia Jenkins. — Me afasto da boca dela e sussurro em seu ouvido: — Sempre fui, e sempre serei.

— E eu sou completamente apaixonada por você, Charlie — ela diz de volta, puxando meu rosto para que possa olhar nos meus lábios em dizer essas palavras. — Sempre fui, e sempre serei.



*alexia*

— Lexie, não acho que isso seja uma boa ideia — Charlie diz pela milésima vez enquanto o puxo para dentro do estacionamento da escola.

— Ele não vai dar falta, Charlie! Ele não tem motivo para aparecer aqui se tudo está na mochila, dentro do armário dele! — explico para ele, mais uma vez.

Talvez essa não tenha sido minha ideia mais brilhante, admito, mas é extremamente necessária por um motivo: estou no meu período fértil e com muito, *muito* tesão em Charles Brown. Mais do que o habitual.

O que isso quer dizer?

Eu preciso transar.

E o único momento que temos para isso são os poucos minutos antes de começar os treinos de futebol americano e das líderes de torcida. Mas eu não conseguirei fazer isso dentro do banheiro inabitável do último andar, que íamos às vezes, então eu precisei bolar um novo plano.

A ideia que surgiu na minha cabeça foi: carro de Jason.

Por isso, entre as aulas, eu fui até o armário dele e peguei a chave emprestada. Meu irmão levava tudo dentro da mochila para o colégio, e nunca voltava no carro. E mesmo se voltasse, bem, ele não teria como abrir, além das janelas terem todas insulfilm bem escuro.

É o plano perfeito!

Porém, Charlie não concorda tanto comigo.

— Charlie — chamo, assim que estamos bem próximos da Range Rover preta de Jay. — Ele é o seu melhor amigo. Quantas vezes ele já veio fazer alguma coisa aqui antes do treino?

— Hm... — Vejo que ele tenta fazer um esforço para se lembrar, mas acaba desistindo e dando de ombros.

— Viu? Não tem erro! — falo, continuando a caminhada até o veículo.

Quando estamos em frente ao carro, abro-o e entro no banco de trás, com Charlie logo atrás de mim. Assim que ele fecha a porta, ainda parece um pouco receoso sobre tudo isso.

— Você está pensando demais, Charlie — digo, ficando bem perto dele no banco, apoiando uma das minhas mãos em sua perna. — Sou eu que penso demais nessa relação, não você, lindo.

*Relação.*

Pois é! Eu e Charlie estamos oficialmente namorando há alguns dias, e eu não poderia estar mais feliz. Agora que temos uma nomenclatura para o nosso relacionamento, eu só estou esperando o momento certo para contar aos nossos amigos e a minha família.

— Não sei não, linda...

— Charles — falo seu nome bem firme desta vez, olhando dentro dos seus olhos. — Será que você poderia me foder de uma vez? Eu estou cheia de tesão acumul...

Não tenho chance de terminar de falar porque os lábios de Charlie colidem com os meus. Suas mãos vão para minha cintura e me puxam para cima dele, descendo até minha bunda de fácil acesso, por causa do uniforme de torcida. Entrelaço meus braços no seu pescoço e puxo seu cabelo, aproximando ainda mais nossos corpos.

Rebolo um pouco em seu colo e ouço o som que ele emite de sua garganta, me fazendo sorrir contra sua boca. Eu gosto de causar isso nele. Ele desfere um tapa na minha bunda e, desta vez, eu gemo e ele sorri. Canalha.

Minhas mãos descem pelo seu torso, indo até a barra de sua camisa e eu começo a levantá-la, mas Charlie está impaciente. Ele mesmo termina meu trabalho e joga a blusa pelo carro. Arranho de leve o abdômen definido dele, e ele grunhe.

— Lexie, você está me matando — ele sussurra no meu ouvido e começa a descer beijos por ali, até o meu pescoço.

Minha roupa atrapalha um pouco o processo e, quando percebo, estou apenas com meu conjunto de lingerie azul. Incomodada porque ele ainda está muito vestido, levo minhas mãos até o cós de sua calça, a fim de libertar seu pau. Assim que consigo terminar de abrir o zíper, me elevo um pouco em seu colo e ele desce a peça de roupas pelas pernas, junto com a cueca.

Seu pau extremamente duro encosta na minha bunda quando me sento novamente nele. Volto a beijá-lo desesperadamente e Charlie desce uma das mãos até a minha boceta, mas eu seguro seu pulso.

— Sem preliminares, Charlie, preciso de você dentro de mim — murmuro em seu ouvido, e sei quão louco ele fica quando eu falo putaria assim.

É o suficiente para ele inverter nossas posições, me deitando sobre o banco. Ele se agacha rapidamente para pegar uma camisinha na carteira —

desde quando começamos a transar igual dois coelhos, ele sempre anda com uma por preocupação — e volta a ficar em cima de mim.

Ele desce seus beijos pelo meu corpo, até chegar nos meus seios, ainda cobertos pelo sutiã. Eu levo minhas mãos as minhas costas, arqueando-a um pouco, e deixo a peça cair. Ele se livra dela, jogando-a pelos ares. Sua boca vai até em um dos meus peitos, chupando, beijando e mordiscando o bico, enquanto sua mão estimula o outro.

Isso é demais para mim.

Ele repete tudo de novo, no outro seio e eu acho que vou ter um orgasmo só assim. Socorro!

Finalmente, ele abre o preservativo e cobre seu pau, se posicionando na minha entrada. Me provocando. Ele entra com a cabecinha e depois sai, nunca entrando completamente.

— Charlie — repreendo-o, fuzilando-o com o olhar. — Você pode parar com as provocações e me foder de uma vez?

Eu me distraio com o sorriso sacana dele e quando percebo, ele entra com tudo em mim. Forte e duro, do jeito que eu gosto.

Gemo assim que sinto seu pau todo dentro de mim. Charlie inicia os movimentos e eu fecho os olhos, aproveitando o prazer que é tê-lo assim em mim.

— Abre os olhos, linda. Quero ver você me olhando enquanto eu estiver fodendo sua boceta — ele diz, e eu me controlo para não gozar neste momento.

Meu período fértil me deixa sensível demais com tudo. Logo, basta o pau do cara que amo dentro de mim e algumas palavras sujas que eu sinto que posso ter o melhor orgasmo da minha vida.

Charlie continua arremetendo dentro de mim, nossos orbes conectados. Só perdemos a conexão quando ele me beija, dando tudo de si. É um beijo apaixonado, nosso tipo preferido desde que admitimos nossos sentimentos um pelo outro.

Uma das mãos dele desce até meu clítoris, circulando e o estimulando para que eu goze.

Meu Deus. Eu estou quase lá. Quase. Só mais um pouquinho e...

— Pelo amor de Deus, Jason, como você esqueceu a chave no carro?  
— Ouço a voz irritada de Eleanor vindo do lado de fora e Charlie para os movimentos no mesmo momento.

Ah, não! Só pode ser brincadeira!

— Eu não sei, gatinha. Eu tenho certeza que fechei o carro e guardei na mochila, mas não tá lá — meu irmão responde a namorada e é o suficiente para meus olhos e o de Charlie se arregalarem.

*Estamos ferrados!*

Ao menos as janelas são escuras e eles não conseguem nos ver.

— O que vamos fazer? — Charlie sussurra, ainda dentro de mim.

Não consigo me concentrar em sua voz, apenas no fato que eu estou prestes a gozar e ele *não* pode parar agora.

— Você vai continuar o que está fazendo porque eu preciso gozar, Charlie — sussurro de volta.

— Lexie...

— Charlie, por favor? Eu preciso que você me faça gozar — suplico, e ele respira fundo, pensando em uma solução. — Esquece eles, é só a gente aqui, lindo.

Lentamente, ele volta a se mexer dentro de mim e eu suspiro, aliviada.

Não presto mais atenção na discussão do lado de fora. Aqui e agora, só existem nós dois.

Eu estou quase gemendo, sentindo o prazer vir, e Charlie tampa minha boca com a mão, aproximando seu rosto do meu ouvido.

— Você precisa ficar quietinha, linda — ele diz, continuando a macetar na minha boceta. — Ninguém pode nos ouvir aqui.

Eu aceno com a cabeça e ele retira a mão, e eu me controlo para não gritar seu nome quando o orgasmo parece cada vez mais próximo.

Mais algumas estocadas e eu estou quase, quase lá.

— Você gosta que eu te foda assim, não é? Gosta da adrenalina de podemos ser pegos a qualquer momento — ele fala bem baixinho, dando um tapa no meu clitóris. — Preciso que você gema bem baixinho quando gozar, está bom, linda?

Seu pedido vem no momento certo, porque no instante seguinte, eu estou gozando, apertando minhas paredes ao redor do pau dele. Vejo Charlie engolindo em seco e ele goza junto comigo, se derramando na camisinha dentro de mim.

Não tenho tempo de me recuperar, porque voltamos a prestar atenção nas vozes do lado de fora.

— Como caralhos você vai conseguir fazer isso? — É Jay falando, parecendo surpreso.

— Eu tenho meus talentos, Jenkins — Ellie responde.

Eu só percebo o que está acontecendo quando ouço um barulho vindo da porta do motorista e as peças se encaixam.

Eleanor está tentando arrombar o carro do meu irmão.

Droga! Estamos ferrados.

E estaremos ainda mais quando Jason nos vir dessa forma.

Eu não penso muito quando digo alto o bastante para que eles possam ouvir: — Eleanor? Sou eu, Alexia — ela para no mesmo momento o que está fazendo.

— Alexia? Que porra você está fazendo aí? — Jason pergunta e ouço seus passos se aproximando.

— Não! Não fica perto, Jay — falo, trocando um olhar com Charlie, que está suando frio. — Eu já vou sair só... só me dê um minuto, tudo bem?

— Alexia, o que você está fazendo aí? — meu irmão questiona de novo e eu não respondo. Não sei o que dizer. — Espera... você não está sozinha, está?

É, realmente estamos ferrados.

— Você pode voltar para a escola, Jay? Nós conversamos mais tarde, só...

— Não, Alexia, nós conversamos *agora* — ele responde, firme. — Vou esperar você se arrumar e... e sei lá. Mas vou ficar aqui, te esperando.

Troco um olhar com Charlie, que dá de ombros e começa a se vestir. Eu faço o mesmo, recolhendo minhas coisas e coloco as roupas de volta. Enrolo a camisinha usada em um lençinho de papel e jogo na minha mochila, para pôr em um lixo depois. Não preciso que Jason encontre isso mais tarde, mais uma evidência do que aconteceu ali.

Eu sou a primeira a sair do carro e pouso meus olhos em Eleanor primeiro. Ela engole em seco quando me vê, porque sabe quem vai sair em seguida. Jason por outro lado, não está me encarando. Seus olhos estão

fixos na porta traseira do carro. Os braços cruzados e a cara fechada indicam que ele não está nada contente com a situação.

— Jay... — eu chamo, e quando acho que ele vai me dar atenção, Charlie sai e meu irmão arqueia as sobrancelhas. Pisca três vezes, tentando ver se isso é real.

— Charles! — ele diz o nome do melhor amigo firme, dando alguns passos na direção dele. — Me diz que vocês não estavam fazendo o que eu acho que estavam fazendo.

— Jason, eu posso explicar, só...

Charlie não consegue terminar, porque meu irmão acerta um soco no meio do rosto dele. Minhas mãos vão instantaneamente para minha boca, em completo choque.

— Jason Jenkins, isso não era necessário! — Ellie repreende o namorado, mas ele não dá ouvidos.

Jason pega Charles pelo colarinho da camisa, empurrando-o até que as costas dele batam na lataria do carro.

— Me diz, Charles, que você não estava transando com a minha irmãzinha no meu carro — Jason suplica, com raiva, mas decepção também sua voz.

— Jay, eu e Lexie... — mais uma vez, ele não consegue finalizar sua fala porque Jason desfere mais um soco na cara de Charlie.

— JASON! PARA COM ISSO! — eu grito, indo até os dois, com Eleanor no meu encalço.

Ellie consegue afastar meu irmão dele, levando-o para um pouco longe dali. Charlie leva as mãos até o rosto ensanguentado e meu coração se parte ao vê-lo assim.

— Ei, como você está? — pergunto, mesmo vendo que ele parecia bem mal.

— Tá tudo bem, linda — ele garante, mas eu não confio em sua palavra.

— LINDA? LINDA, ELEANOR! ELE A CHAMOU DE LINDA! — meu irmão grita, desesperado, jogando as mãos para o alto.

— Jenkins, sossega. Eles dois tem idade o suficiente para estarem fazendo o que estavam fazendo — Ellie responde, séria. — Você não tem o direito se surtar dessa forma, imbecil.

— É o meu melhor amigo e a minha irmãzinha, Collins.

— E daí? Supere, Jason. Eles não são sua propriedade.

— Você está do lado *dele*? — Jay pergunta, incrédulo.

— Se eu estou do lado da felicidade da minha melhor amiga, Jenkins? É claro que sim!

— Felicidade..., mas que porra... espera. Há quanto tempo isso está acontecendo? —questiona, dirigindo a palavra para nós enquanto estou

limpando o sangue de Charlie com um dos meus lencinhos de papel.

— Jason, vamos conversar depois sobre isso. Quando você estiver mais calmo — eu respondo. Realmente não quero ter essa conversa no momento.

— Há bastante tempo, não é? — ele continua, me ignorando e respondendo a própria pergunta. — Você sabia disso? — questiona, virando-se para a namorada.

— Ah, não. Você não vai virar esse jogo para mim — Eleanor fala, fuzilando meu irmão com os olhos. — Vamos, Jason. Nós temos que conversar e você precisa se acalmar. Depois, quando você estiver tranquilo, você conversa com os dois.

— Eu não quero conversar com ele — Jay responde, de pirraça, e é a última coisa que ouço antes que Ellie sair puxando-o para fora da área do estacionamento.

Assim que estão longe o bastante para não nos ouvir, Charlie diz: — Acho que fodemos com tudo.

— É, acho que sim.



Eu estou furiosa com meu irmão.

Não, não.

Furiosa é pouco para descrever o que eu estou sentindo.

Como ele pode ter feito aquilo?

Eu e Charles podemos não ter sido tão corretos em esconder isso dele, mas Jason não pode simplesmente bater no meu melhor amigo por isso. Isso é insano, pelo amor de Deus!

E o pior? Em nenhum momento Charlie recuou ou se defendeu. Ele apenas ficou lá, aceitando todos os socos que meu irmão desferiu nele.

Eu ia matar Jason Jenkins!

Nós não fomos aos nossos respectivos treinos depois do que aconteceu. Depois de muita relutância da parte de Charlie, o convenci a darmos uma passada na enfermeira, só para ver se estava tudo bem. Graças a Deus, nada de tão ruim tinha acontecido, mas ela o aconselhou a não jogar futebol americano, e nós concordamos.

Eu avisei que iria faltar a minha treinadora, alegando uma dor de cabeça qualquer e ela não falou muito, já que o próximo jogo, a próxima apresentação, só seria no fim da próxima semana. É claro que meu namorando reclamou, afirmando diversas vezes que não precisava disso e que estava tudo bem, mas não estava.

Jason não tinha o direito de agir assim.

Eu e Charlie ficamos na biblioteca do colégio, estudando para algumas provas que estavam se acostumando. Nós conversamos muito também, desde as faculdades que queríamos nos inscrever até sobre quando seria nosso próximo encontro. Eu comentei que estava louca para ir ao cinema, assistir o novo filme de romance que iria estreiar essa semana, e ele não hesitou em dizer que íamos juntos. Ele nem perguntou qual era o filme!

Poucos dias que ele tinha assumido o posto de meu namorado e eu já o amava ainda mais. Isso era possível?

Quando dá um certo horário, Charlie diz que irá embora para fazer uma surpresa e ficar um pouco com Cassie, já que ele não foi ao treino. Eu assinto e o faço prometer que mandará um grande abraço para a *minha melhor amiga*.

Como eu também não tenho mais o que fazer ali na escola, decido ir para a casa e fazer um longo fim de tarde de skin care pesada.

Encho a banheira do quarto dos meus pais, coloco os sais de banho e ainda uma bola de sabão colorida que deixa a água cor de rosa. Perfeito. Faço uma hidratação no cabelo, encho uma taça de suco de uva e imito um vinho — quem não tem cão, caca com gato — e coloco uma das minhas mil máscaras faciais no rosto.

Com minha playlist para momentos assim, eu me sinto uma rainha.

Quando termino de fazer tudo que preciso no banheiro, volto para o meu quarto e termino os meus cuidados lá, com hidratante corporal, alguns produtos na pele e seco meu cabelo também. Coloco um vestidinho bem simples e chamo Tinker Bell para passear pelo bairro, junto da sua coleira rosa de brilhaços.

Ficamos quase meia-hora na rua e, quando voltamos, ela vai direto para sua caminha e dorme um pouco. Enquanto isso, eu reviso mais alguns capítulos do novo livro de Nora, que ela tinha me mandado por e-mail. Coloco uma playlist de músicas tranquilas no fone de ouvido e aproveito o momento.

Só percebo que já está de noite quando ouço uma batida na porta e grito para a pessoa entrar, achando que é um dos meus pais que tinha chegado do trabalho e veio me cumprimentar.

Mas não é.

— Alex, será que podemos conversar? — meu irmão pergunta, assim que entra no meu quarto e fecha a porta atrás de si. Não deixo de perceber quando ele dá duas checadas em Tinker Bell dormindo antes de adentrar mais ainda meu quarto.

Ele e Tinker Bell tem um relacionamento difícil.

— O que você quer, Jason? — retruco, séria, virando minha cadeira de rodinhas para ficar de frente para ele.

— Eu queria pedir desculpas, mana — ele diz, sentando-se na beirada da minha cama.

— Não é para mim que você deveria estar pedindo desculpas, Jason — aponto o óbvio, cruzando os braços. — Você bateu no seu melhor amigo.

— Eu... eu fui impulsivo, Alex. A única coisa que veio na minha mente, naquele momento, foi que ele estava se aproveitando de você e...

— Ele não estava e nunca seria capaz de fazer isso, Jason — corto-o, seria.

— Eu sei, mas..., mas eu não pensei. Só aconteceu, Alex, e eu vou conversar com ele. Pessoalmente — ele me garante, e eu aceno com a cabeça. Confio em Jason e espero que ele resolva essa situação. — Vocês estão namorando?

— Estamos.

— Você o ama?

— Muito.

— Ele te faz feliz?

— Demais, Jay — cedo, soltando meus braços e indo me sentar ao seu lado na minha cama.

— Eu só quero te ver feliz, Alex — meu irmão fala, passando um dos braços pelo meu ombro e me puxando para perto. — Desculpa por ter

reagido daquela forma.

— Você é meu irmão, é claro que eu te perdoo. Mas você precisa conversar com Charles.

— E eu vou — ele confirma de novo, e eu balanço a cabeça, concordando. — Eu te amo, Alex. Isso nunca vai mudar, e preciso que você saiba disso.

— Eu também te amo, Jay — respondo, passando meu braço pela frente dele e o abraçando de volta.

— Mas se ele te machucar, eu não vou hesitar em fazer pior do que aquilo — Jason avisa, e eu sorrio.

— Se ele me machucar, Jay, pode deixar que eu vou fazer pior — garanto e quando levanto meus olhos para encará-lo, o babaca está sorrindo.

Ele está prestes a abrir a boca para falar alguma gracinha, quando papai Marcus nos grita lá de baixo, afirmando que o jantar está ficando pronto. Nós nos desvencilhamos e descemos juntos para arrumar a mesa.

— Você vai contar para eles? — Jason pergunta quando estamos só nós dois na sala de jantar, arrumando-a.

— Agora que você já sabe, acho que sim. Você acha que eles vão... achar legal? — questiono, um pouco receosa. Eles admitiram que não gostavam de Kyle há pouco tempo, então, eu tenho um medinho de acontecer o mesmo com Charles.

— Alex, eles já amam o Charlie antes mesmo de qualquer coisa acontecer entre vocês — ele me lembra e eu aceno, concordando. — Não tem como eles irem contra o namorado.

— É, você tem razão — respondo, tentando me acalmar.

Assim que deixamos a mesa pronta para comermos em família, meus pais aparecem da cozinha, trazendo três caixas de pizza. Eu e Jay nos entreolhamos, achando estranho, porque eu tenho quase certeza que eles estão cozinhando juntos essa noite.

— Vocês não estavam fazendo algum tipo de frango novo no forno? — meu irmão dá voz aos meus pensamentos enquanto todos tomamos nossos lugares.

— É, bem... deu errado — papai Marcus diz, abrindo as caixas de pizza com o cortador já em mãos. — Nós fizemos toda a primeira parte, temperar, colocar alguns acampamentos e tudo mais, toda certa. Colocamos no forno de acordo com as instruções da receita, mas... nos distraímos.

— Se distraíram? Vocês estavam o tempo todo na cozinha e nós lá em cima! — Jason rebate, tentando entender a situação, mas também inconformado que não vai comer seu frango hoje.

— Nós... hum... — nosso pai Paul começa a responder, mas para no meio do caminho, limpando a garganta e engolindo em seco. — Marc?

— Coisas de adulto, crianças — o marido responde, e eles trocam um olhar cúmplice e sorrisos sacanas.

Eu e Jason nos olhamos na mesma hora, e fazemos gestos de movimento.

*Eca!* Eles são nossos pais! Não podem fazer essas... essas coisas. É contra a regra da família quando se tem filhos.

— Eca, gente! — coloco meus pensamentos em palavras desta vez, e me inclino para pôr uma fatia de pizza no meu prato.

— Nós ainda somos jovens, queridos — papai Marcus fala e eu não preciso da visão dos meus pais em seus momentos íntimos.

Não.

Não preciso.

— Alexia quer contar uma coisa — Jay solta, de repente, atraindo a atenção de toda família para mim.

*Ah, Jason Jenkins, isso terá troco em breve.*

— Sim, minha flor? — Marcus diz, me incentivando.

— Eu... hum... estou namorando — conto, com um sorriso nervoso nos lábios.

O silêncio se instala na sala de jantar no mesmo momento que as palavras escapam da minha boca. Paul e Marcus se olham. Eu e Jason nos olhamos. Ninguém sabe o que dizer.

— Você e o Kyle voltaram, querida? — Paul pergunta, e eu arregalho os olhos para sua indagação.

É por isso que eles ficaram estranhos de repente?

— Não! Não, isso *nunca* vai acontecer — ênfase, suspirando. — Eu estou namorando... hum... o Charles?

Soa mais como uma pergunta, então preciso repetir.

— Estou com o Charlie. Charles Brown. Nosso amigo de infância, irmão da Cassie. Vocês sabem!

Mais uma vez, o silêncio toma conta do recinto.

Será que eles não gostam de Charlie também? Como isso é possível? Não tem como não gostar dele!

Tudo bem, talvez eu esteja falando isso porque sou apaixonada por ele há 10 anos, mas... fala sério, ele é um amor de pessoa. Bonito. Inteligente. Carinhoso. E tem um coração gigantesco.

Como desgostar de Charles Brown?

Marcus é o primeiro a dizer algo dessa vez, e eu fico surpresa quando as seguintes palavras saem da sua boca: — Você me deve 30 dólares, Paul.

*O quê?*

— Não acredito nisso — Paul responde, tirando a carteira do bolso e entregando o dinheiro para o marido.

— Gente? O que está acontecendo? O que vocês apostaram? — Jason questiona, alterando o olhar entre nossos pais.

— Eu apostei que Charles e Alexia admitiram os sentimentos um pelo outro só depois do colégio — papai Paul explica, e eu fico boquiaberta com o que estou escutando.

— E eu apostei que eles fariam isso antes de se formarem na escola — papai Marcus diz, com um sorriso vitorioso. — Logo, eu ganhei!

— Espera... — começo a falar, confusa. — Vocês... vocês sabiam que... que... o que?

— Minha flor — Marcus me chama, pondo a mão sobre a minha na mesa. — Nós sempre soubemos que vocês ficariam juntos, desde o primeiro dia. Observamos o jeito que ele te olhava, e como você o olhava.

— Fizemos essa aposta há uns... 5? 4 anos? — Paul tenta se lembrar exatamente, mas balança a cabeça. Não é importante, mas para mim, e sim. — Há algum tempo, e só estávamos aguardando o dia que vocês perceberiam também.

Era tão óbvio assim que eu sempre fui apaixonada por Charlie?

E... ele sempre foi apaixonado por mim? *O que?*

Como eu nunca tinha percebido isso antes?

— Uau... isso é... uau! — Jason também está muito surpreso, assim como eu.

— Ele te faz feliz, querida? — Paul pergunta, voltando seu olhar para mim.

— Muito — respondo, alternando meu olhar entre minha família. — Eu... eu o amo, gente. Muito e há tanto tempo.

— Vocês merecem ser muito felizes, minha flor — Marcus diz, me lançando um lindo sorriso e eu sinto uma lágrima solitária descer pelo meu rosto.

Neste momento, eu percebo que tenho tudo. Não preciso de mais nada para ser feliz. Eu tenho uma família maravilhosa, amigos incríveis e o melhor namorado do mundo.

Eu realmente pareço estar vivendo uma realidade utópica, mas não, é a minha vida.

Nada pode estragar isso. Não mais.



**Jason:** *e aí, cara. Podemos conversar antes da aula?*

É com essa mensagem que eu acordo no dia seguinte de ser surrado pelo meu melhor amigo.

Não é para menos, eu sei disso e ele também. Se fosse Cassie, e eu pegasse meu melhor amigo transando com ela dentro do meu carro, eu também ficaria puto. Acredito que Jason tenha até pegado leve comigo. Em posições contrárias, teria sido muito pior da minha parte.

**Charles:** *claro, no campo de futebol?*

**Jason:** *estarei lá.*

E é assim que nossa conversa se encerra nessa manhã, enquanto estou me preparando para sair de casa com minha irmã. Por incrível que pareça,

Aiden Brown não está dando muito as caras em casa. Tudo está tão pacífico que eu estou começando a achar estranho.

*Calmaria antes da tempestade*, não é o que dizem? Eu pareço estar passando por um momento assim.

Estou namorando a garota dos meus sonhos, minha irmã está bem e feliz — na medida do possível —, meu pai está sei lá aonde e eu estou prestes a resolver o único problema do momento com Jason. Bem, é o que eu espero enquanto caminho até o colégio de Cassie, pensando no assunto.

Minha irmã nem se dá mais ao trabalho de se despedir, apenas sai correndo ao encontro de James, seu melhor amigo, como todos os outros dias.

Minha vida está muito tranquila. Eu estou esperando o momento que a bomba irá explodir.

Quando chego no colégio, mando uma mensagem para Alexia, avisando que vou conversar com Jay e combinamos de nos encontrar em um dos intervalos, se der... senão, apenas no almoço, que será quando contaremos aos nossos amigos que estamos juntos. Ela me disse para ficar tranquilo em relação à conversa com seu irmão, que tudo irá se resolver e que ele está mais calmo do que no dia anterior.

Eu espero que sim.

Avisto Jason sentado na primeira fileira da arquibancada, perto da entrada para o campo. Sigo até onde ele está, jogando minha mochila no chão antes de me sentar ao seu lado.

— Você se lembra da primeira vez que jogamos futebol americano aqui? — ele fala, de repente, olhando para o campo à nossa frente. — Nós tínhamos acabado de entrar no ensino médio e fomos fazer um teste para o time. Eu lembro que nós estávamos muito nervosos, e eu acabei comentando isso com a Alex. E ela apareceu depois da aula, bem no horário que começaria os testes, com um cartaz gigante com nossos nomes escritos.

Ah, eu lembrava *bem* disso.

Na época, eu e Alexia já estávamos afastados um do outro, pelo fora que dei nela uns anos antes. Nós éramos respeitosos e educados, mas nada além disso. No entanto, ela sempre foi a pessoa com o maior coração do mundo. Então, nesse dia em específico, mesmo que não fôssemos mais amigos, ela colocou meu nome no cartaz, junto com o do irmão. Foi um dos melhores dias da minha vida. Ver Lexie torcendo por mim e gritando meu nome da arquibancada... nada se comprava àquilo.

— Ela ainda levou chocolates para nos consolar, caso não passássemos — eu lembro, e, finalmente, Jason volta seus olhos azuis para mim. — Nós comemos mesmo assim, mas para comemorar que tínhamos entrado.

— Bons tempos — é o que ele responde, com um sorriso mínimo.

É, eu acho que chegou o momento de falar a verdade sobre Alexia Jenkins para ele.

— Eu me apaixonei pela sua irmã na primeira vez que a vi — confesso, e Jason arregala os olhos para mim. — Quer dizer, eu não sabia o que estava acontecendo, mas eu senti meu estômago embrulhar quando a encontrei no meu primeiro dia de aula no colégio novo. Ela sempre foi tão linda e... e o quanto mais eu me aproximava dela, mas eu me apaixonava.

— Você deu um fora nela quando éramos mais novos — ele pontua, e eu aceno. Realmente aconteceu, eu não poderia negar.

— Eu não estava no melhor momento da minha vida, e não queria trazer Lexie para essa parte da minha realidade. Ainda não quero, na verdade — revelo, tendo cuidado com as palavras. — Eu tinha um plano, sabia? Eu iria entrar em alguma faculdade, sair daqui com Cassie, estabilizar minha vida e, aí sim, eu iria atrás de Alexia e confessaria todos os meus sentimentos.

— O que te fez acelerar esse plano?

— Sua irmã fez, Jay. Nós nos aproximamos novamente nesses últimos meses, e eu não consegui mais esconder tudo que sempre senti por ela. As coisas foram rolando e, bem, aqui estamos nós.

— Você ama minha irmã, Charles? — Jason me pergunta, sério.

— Muito mais do que achei ser possível amar alguém.

Ele engole em seco e concorda.

Será que é isso? Ele não quer mais minha amizade porque agi pelas suas costas e estou namorando com Alexia?

— Eu não vou insistir nisso de te ajudar de novo, Charlie — ele diz, quebrando o pequeno silêncio que tinha se instalado entre nós. — Mas eu espero que você tenha tudo sob controle, como você mesmo diz ter. Porque se você magoar a minha irmã, eu não sei o que sou capaz de fazer.

— Eu nunca machucaria sua irmã, Jay — respondo, sem hesitar, mas não completo com o *de propósito*. Seria pior, mesmo que seja a verdade.

Ficamos em silêncio de novo. Eu realmente não sei mais o que dizer. Estamos resolvidos? Somos melhores amigos de novo? O que caralhos está acontecendo?

— Já posso te chamar de *cunhadinho* e fazer nossos suéteres de natal combinando, em família? — Jay fala, de repente, e nós dois gargalhamos.

Meu Jason Jenkins está de volta.

— *Sua dona* está de acordo com essa questão de suéteres de natal? — rebato, fazendo menção a Eleanor e o fato de que ele é completamente cachorrinho dela.

Não que eu não faço tudo que Alexia quer, mas gosto de zoar com isso.

— Você sabe que eu que mando no relacionamento — Jason responde, mas nem ele consegue segurar a risada depois de contar a mentira. — Quem diria, Brown, nós dois namorando as garotas dos nossos sonhos.

Quem diria.

— A vida é mesmo louca — concordo.

— Sabe, eu não escolheria outra pessoa para ser o namorado da minha rima — ele diz, sinceramente, e eu o puxo para um abraço apertado.

— Eu também não escolheria outra pessoa para ser o meu futuro cunhado.



Hoje Cassie terá uma tarde bem diferente das demais.

Eleanor se ofereceu para levar a minha irmã em uma aula experimental de boxe infantil, já que ela já tinha as luvas, só faltava realmente começar a treinar.

Sendo assim, todos nós fomos buscar minha irmã no colégio depois da aula. E, quando digo todos, quero dizer eu, Alexia, Eleanor e Jason. Ele

já está bem mais tranquilo com meu relacionamento com sua irmã, então foi um mini percurso bem agradável com eles.

Depois que eu tive a conversa com meu melhor amigo, eu e Lexie decidimos contar a todos os outros, naquele mesmo dia, durante o almoço. Nora já sabia, pelo que minha namorada tinha me contado, então era menos uma surpresa. Allie também não achou tão surpreendente a notícia, afirmando que já estava desconfiando de alguma coisa há algum tempo. A única realmente chocada foi Lily, que reclamou durante todo o horário de almoço que era a única que não havia desconfiado de nada. Ela estava bem desligada nas últimas semanas, o que contribuiu para ela não ter percebido nada.

Mesmo surpresa, ela aceitou bem a notícia, como todo mundo. Nossos amigos disseram que estavam muito felizes pela gente e que desejavam todo o amor do mundo para nós.

Isso nós já tínhamos de sobra.

Lily também reparou que era a única solteira no nosso grupo, o que rendeu mais reclamações, desabafos e um discurso dela do porquê estar sem ninguém era muito melhor. Ela falava tudo isso, mas sempre estava com alguém diferente a cada semana. Ela poderia estar solteira, mas Lily Diggory nunca estava sozinha.

De qualquer forma, eu não poderia ser mais grato a Ellie por ter se oferecido a sair com Cassie hoje, porque aproveitei para ir ao cinema com Alexia. Iremos ver o tal filme que ela tinha comentado há uns dias comigo e ela está super animada, não para de falar sobre o assunto.

— Nada de comer pipoca antes do filme começar — ela avisa assim que sentamos nas nossas poltronas e eu tento comer um pouco. — Vou guardar para comermos depois.

E com isso, Lexie coloca nosso balde de pipoca ao lado dos seus pés.

— Sério, linda? O que vou fazer até, pelo menos, os trailers começarem? — reclamo, subindo o braço da poltrona para que ela possa ficar ainda mais grudada em mim, enquanto passo um braço pelos seus ombros.

— Tenho certeza de que você vai pensar em alguma coisa — ela responde, com um sorriso malicioso se formando em seus lábios.

É quando eu me toco que estamos sozinhos na sala de cinema. Provavelmente, ainda ficaremos um bom tempo assim, já que falta um pouco para o filme começar e ainda estamos no meio da semana.

— Lexie...

— O que foi, lindo? Não sugeri nada! — ela se faz inocente, levantando as mãos para o alto.

Já disse o quanto eu amo quando ela me chama assim?

Porque eu amo. Demais.

Eu conheço muito bem minha garota para saber o que ela quer. Ela está com ainda mais tesão do que normalmente, durante essa semana. Lexie me explicou que é devido ao seu ciclo menstrual e o fato que está em período fértil, aumentando sua libido.

Eu não posso deixar a Alexia na mão, não é?

Lentamente, eu levo uma das minhas mãos até sua coxa, que está exposta pela saia que ela está usando hoje. A sala de cinema está com o ar condicionado na temperatura mínima, então, quando toco sua pele, ela se arrepia instantaneamente.

Um sorriso surge nos meus lábios e quando volto minha atenção para a minha namorada, ela já está me encarando com seus lindos olhos azuis. Subo minha mão ainda mais pela sua coxa, até chegar em sua virilha, bem perto da sua calcinha, que, para minha infelicidade, é de renda. E eu não posso comê-la aqui.

Porra.

Brinco um pouco com a peça íntima, sem tocar, de fato, na sua *parte* íntima, deixando Lexie impaciente.

— Charlie? Por favor... — ela implora e eu não posso deixar um desejo dela passar.

Finalmente, infiltro minha mão por dentro da calcinha, sentindo suas dobras já molhadas de excitação.

— Você está sempre pronta para mim, não é, linda? — Me aproximo do seu ouvido para sussurrar, sugando o lóbulo da sua orelha. — E essa calcinha de renda, Lexie... você quase me matou. Queria muito te comer com ela.

— V-você pode fazer tudo que quiser comigo, Charlie — ela murmura, sôfrega, enquanto deixo alguns beijos no seu pescoço.

— Eu vou, linda, pode ter certeza — respondo, tomando sua boca em um beijo quando enfio um dedo dentro dela, afim de reprimir seu gemido.

Eu gosto quando Alexia geme bem alto, gritando o meu nome, mas não gosto de plateia. Os gemidos dela são somente para mim.

Massageio seu clitóris enquanto enfio mais um dedo dentro dela, que entra facilmente pela excitação dela estar pingando. Faço movimentos dentro da boceta de Lexie, controlando-os por meio das expressões dela. Quando eu percebo que ela estava gostando, faço com um pouquinho mais de força e a beijo ao mesmo tempo.

— Estou... estou quase lá — ela diz assim que deixo um selinho nos seus lábios.

— Vamos lá, linda, goza nos meus dedos como você ama fazer — falo ao pé do seu ouvido, enfiando um terceiro dedo dentro da boceta

faminta da minha namorada.

Com três dedos e mais a estimulação do clitóris, eu aproveito e subo minha outra mão por debaixo da sua blusa, alcançando seus seios cobertos pelo sutiã de renda. Desço as alças e toco os peitos de Lexie, beliscando os mamilos dela.

Não demora muito e sinto quando as paredes vaginais de Alexia se contraem, e sei que ela está gozando. Pequenos espasmos tomam conta do seu corpo também. Quando vejo que ela se recompôs, tiro meus dedos lentamente de dentro dela, levando-os até os lábios e sugando-os.

— Deliciosa como sempre, minha linda — digo, e vejo as bochechas de Alexia corarem.

Ela pega sua bolsa que está na cadeira ao lado, e tira de lá um lençinho de papel e um mini álcool em gel, com cheirinho de baunilha, me entregando para que eu limpe as mãos.

As pessoas começam a entrar na sala e eu me viro para Lexie, com um sorriso no rosto.

Terminamos bem a tempo, não precisando dar um show no cinema.

Eu e Alexia trocamos um olhar e um sorriso malicioso surge em nossos rostos, compartilhando o segredinho sujo que apenas nós sabemos.

Pouco tempo depois, os trailers finalmente se iniciam e eu puxo Lexie para ficar colada em mim. Meu braço está em seus ombros novamente e o

balde de pipoca entre nós.

Quando estamos quase na metade do filme, já comemos toda a pipoca, e decidimos colocar o balde no chão para não nos atrapalhar. Sem o obstáculo e com toda a última fileira que estamos vazia, minha garota aproveita para passar as pernas para meu colo, quase se sentando em cima de mim. Eu levo uma das minhas mãos até sua bunda, para ajudar a ajustá-la ali, mas mesmo quando ela está posicionada direito, continuo acariciando sua bunda redondinha.

Alexia ainda entrelaça nossas mãos livres e passamos todo o filme assim.

— Eu gosto de estar assim com você — ela sussurra em algum momento, quando uma cena que não parece importante está rolando.

— E gosto de estar assim com você também, linda — respondo, deixando um beijo sem seus cabelos.

Quase 2 horas depois, os créditos do filme de romance estão passando na tela do cinema e nós escolhemos nos levantar para ir embora. Eu não sou muito fã de assistir filmes, qualquer um, mas com uma boa companhia, tudo fica diferente.

Ainda mais quando a companhia é Alexia Jenkins, que passou todo o caminho até a academia de luta comentando sobre os pontos que achou mais interessantes e como o final poderia ter sido melhor.

Esse é o momento para eu dizer que 90% da minha atenção estava nela durante toda a sessão?

Pelo jeito animado que ela está falando, eu guardo o fato só para mim, para não acabar com sua animação.

— E aí! Como foi o filme? — Eleanor pergunta assim que encontramos ela e minha irmã na entrada do local.

— Muito bom, amiga! — Alexia responde, com um sorriso gigantesco no rosto. — Oi, Cass!

— Oi, Alex — minha irmã sorri diante do apelido que só minha namorada a chama.

Cassie foi a primeira pessoa que eu contei que estava namorando Alexia. Ela merecia saber, já que era sempre a número 1 em tudo na minha vida. Eu lembro que contei para ela no dia seguinte que eu e Lexie fomos ao Paintball e o pedido surgiu. Estávamos indo para a escola, quando ela me perguntou sobre minha namorada e eu respondi exatamente isso: *"minha namorada está muito bem e com saudades de você"*.

O queixo da minha irmã foi ao chão e ela passou o caminho inteiro pedindo mais detalhes sobre o acontecimento e, claro, eu falei sobre todas as partes possíveis para uma garotinha de 9 anos saber. Ela parecia ainda mais feliz do que eu em saber que Alexia seria sua futura cunhada.

— Vocês estão com fome? — Eleanor questiona, chamando minha atenção que se dispersou durante um momento. — Eu e Cassie estávamos conversando, e ela me falou que estava com vontade de ir na lanchonete preferida. O que vocês acham?

— Nós acabamos de comer um balde cheio de pipoca, mas acho que podemos ir e tomar um milkshake, talvez. O que você acha, Charlie? — Lexie pergunta, virando seu rosto para mim.

— Eu acho uma ótima ideia — respondo, já que estou de folga hoje e posso aproveitar bem o final do dia com Ellie e minhas duas garotas preferidas.

— Perfeito! Vou chamar um táxi — minha namorada avisa, já pegando o celular dentro da bolsa.

Poucos minutos depois, já estamos adentrando a lanchonete e nos sentamos na mesa preferida da minha irmã.

Eu ainda não tinha contado que trabalhava ali a noite para Alexia, mas somente porque o assunto não surgiu. Eu sei que precisarei falar em breve, agora que oficializamos nosso relacionamento, mas eu estou receoso. Ela com certeza fará perguntas as quais eu não irei responder, e eu não quero brigar com ela logo no início do namoro. Por isso, estou guardando a informação para depois. No momento certo.

Cassie pede seu hambúrguer, batatas fritas e milkshake de morango, como sempre. Já Eleanor, opta pelas asinhas de frango, batata frita e milkshake de chocolate. Eu e Alexia ficamos apenas nos milkshakes de chocolate e morango, respectivamente.

Foi um jantar muito especial com elas. Conversamos desde o momento que sentamos para comer, até quando pagamos a conta para ir embora. Cassie falou bastante sobre James e a amizade deles, que estava se fortalecendo cada vez mais. Ellie contou sobre o dia que teve com minha irmã e como ela tinha um futuro promissor, deixando claro que conversaremos depois sobre minha irmã começar a fazer aulas na academia. Alexia lembrou do nosso aniversário, que estava perto, e sobre a festa que ela e Jason estavam organizando para nós dois. Eu e Ellie não estávamos participando de quase nada, já que os irmãos Jenkins afirmaram, repetidas vezes, que seriam os responsáveis.

— Bem, você e Jay vão me convidar, não é? — Cassie pergunta, séria, para Alexia.

— Você é a convidada número 1 da lista, Cass — Lexie responde, piscando um dos olhos azuis para minha irmã.

— Uau, sério? Que demais! Eu também estou como número 1 da lista de aniversário do James, sabia? — ela conta para minha namorada, como se não fosse nada demais.

— É mesmo? Então vocês são realmente melhores amigos?

— Ele é meu melhor amigo do mundo inteiro! — Cassie responde, muito orgulhosa.

Após muita conversa, nós nos despedimos para cada uma seguir seu destino. Dou um selinho casto em Lexie, já que a minha irmã e minha amiga estão por perto, mas prometo mandar uma mensagem quando chegar em casa.

E é claro que algo tem que dar errado: estava mesmo estranhando que tudo estava correndo super bem esses últimos dias, incluindo Aiden, que mal aparecia em casa.

— Onde vocês estavam, porra? — ele pergunta assim que entramos em casa. Cassie acelera o passo e fecha a porta do seu quarto, assim como sempre aconselho a fazer quando chega em casa, mesmo comigo. — Você não devia estar trabalhando?

Mesmo se eu não estivesse de folga, meu turno só começa daqui a 1 hora e pouco, mas não o corrijo. Não há necessidade, se ele vai esquecer no dia seguinte.

— Estou de folga hoje — respondo, tirando meu tênis.

— Folga? — Ele ri falsamente, tomando mais um gole da sua bebida. Desta vez, não é cerveja, mas alguma vodca barata. — Você não pode ter

folga, garoto. Como caralho você acha que vai mandar mais dinheiro para Crystal assim, porra?

Eu não aguento mais isso. Não aguento mais Aiden. Não aguento mais Crystal, mesmo que ela esteja distante há anos. Não aguento mais a culpa que sinto por ela estar presa, pelo meu mundo ter desmoronado depois disso.

Tudo porque quebrei o maldito espelho. Eu não acredito em nenhuma superstição, apenas nessa, porque os eventos coincidiram perfeitamente depois que o objeto foi estilhaçado no chão, naquele dia, anos atrás.

Às vezes eu penso em como seria se mamãe ainda estivesse aqui. Se algo realmente fosse diferente. Melhor ou pior, tanto faz. Só pensava bastante nisso. Será que ela se daria bem com Cassie? Ela teria continuado a usar drogas ou não?

Eu queria muito saber como teria sido essa realidade, mas estou presa nessa aqui, que é horrível.

— Você está me ouvindo, porra? — meu pai eleva o tom de voz quando eu não respondo.

— Eu vou trabalhar amanhã.

— Você devia trabalhar todo dia, caralho! Você não faz porra nenhuma importante para precisar triar folga, seu filho da puta! — Aiden reclama, usando todos os palavrões presentes em seu vocabulário. — Eu

sempre disse a Crystal que não devíamos ter tido filhos. Você é a prova que eles sempre saem errados e defeituosos.

— Dá próxima vez, use camisinha — murmuro, baixinho, e ele vira o rosto para mim na mesma hora.

— O que foi que você disse, moleque? Seja homem e diga isso alto! Vai, porra!

*“Vale a pena repetir isso e entrar em uma briga desnecessária com esse bêbado?”*, pergunto para mim mesmo, e eu sei a resposta.

Não, não vale.

Eu não vou piorar ainda mais o ambiente hostil que vivemos. Tudo por Cassie, e ela não merece nada dessas merdas que acontecem. Eu não quero ter que passar mais dias fora de casa porque ele falou besteiras em relação a minha irmã.

Quando ele percebe que não vou dizer nada, e me vê saindo para o corredor, diz: — Foi o que pensei. Um covarde.

E eu sou um covarde.

Por nunca ter batido de frente com ele. Por não aceitar ajuda que minha família do coração, os Jenkins, sempre oferecem.

Só mais algumas semanas e eu estarei livre disso. Provando para todos que consegui fazer tudo sozinho, e dar uma vida melhor a Cassie, sem ninguém para me dar uma mão.

*Só mais algumas semanas*, repito até o cansaço me pegar, mesmo enquanto converso com Alexia antes de dormir.

A última mensagem dela, no entanto, me assusta: *Alexia: pronto para completar o último item da lista?*

Faço um esforço para me lembrar e finalmente me vem à cabeça a última coisa que faltamos fazer.

Pular de paraquedas.

Merda.



*alexia*

*Quantas faltas eu poderia ter e não ser reprovada?*

É o pensamento que corrói minha mente desde o minuto que acordei e realmente notei que iria fazer isso.

Não só matar mais aula — é final de ano letivo, por isso eu não estou surtando por ser a segunda vez que eu não vou à escola por livre e espontânea vontade —, mas, sim, fazer isso para ir pular de *bungee jumping* com o meu namorado.

O que é mais impossível nessa frase? Eu pulando de uma altura maior que um prédio Ou com um namorado?

A minha vida é realmente uma caixinha de surpresas.

Eu preferia ir no fim de semana, porque assim não precisaria omitir essa informação de ninguém, mas Charles precisa ficar com Cassie sábado e domingo, e achamos que essa programação não será interessante para ela, ainda mais que a pequena não poderá pular também. Em breve, quando ela tiver uma certa idade, eu a levarei.

Bem, tudo depende como o dia de hoje terminará. Se eu ver que é seguro, Cassie poderá vir daqui a alguns anos.

*Eu realmente estou contando que estarei com Charlie daqui a alguns anos?*

Cansei de ser pessimista! Sim, nós estaremos juntos. Nós gostamos um do outro, nos damos super bem e minha família o ama, assim como a irmã dele também me ama. O que poderia dar errado?

— Lexie? Tudo bem? — a voz de Charlie me faz sair do momento de introspecção, e eu me viro para ele, sorrindo.

— Tudo ótimo!

— Podemos desistir ainda, se você quiser. É só pedir para ele dar meia volta e voltarmos para Millsh — ele diz, apontando com a cabeça para o motorista do táxi.

— Não, tá tudo bem! Eu estou muito animada!

— Não acredito que você está me arrastando para essa loucura — Charlie fala, balançando a cabeça como se não acreditasse no que estamos

prestes a fazer.

— Você vai gostar, lindo — digo, com convicção, apertando sua mão que está entrelaçada à minha. Pois é, eu tinha roubado para mim o apelido que ele me deu e estava adorando chamá-lo assim.

Charlie ainda não sabe que não vamos pular de paraquedas, mas, sim, de bungee jumping. Eu realmente quero pular de um avião com ele, mas não achei nenhuma empresa perto o suficiente para fazermos isso. No entanto, em meio a procura, achei um espaço que acontecia o bungee jumping bem perto de Millsh, apenas 40 minutos de carro.

Eu deveria ter contado? Provavelmente, mas queria assegurar que ele me apoiaria e viria comigo.

E ele fez tudo isso, e ainda iria *pular de paraquedas* comigo, como afirmou várias vezes durante o percurso.

Realmente, ele é o amor da minha vida.

O motorista nos deixa perto da ponte que iremos praticar o esporte radical de hoje, e vejo pela expressão do meu namorado que ele não está entendendo nada. Mas como ele não pergunta, eu também não conto. Ele vai ver por si próprio.

Nossas mãos continuam entrelaçadas, então eu o puxo em direção ao ponto indicado no site, onde toda a estrutura fica, junto com os instrutores.

Eu achei que, por ser um dia de semana, estaria vazio, mas há algumas pessoas chegando junto conosco no local.

— Lexie? — Charlie diz, assim que é possível ver o que aprontaremos essa manhã.

— Sim?

— Vamos pular de *bungee jumping*? — pergunta, com um sorriso de orelha à orelha, parecendo ter gostado da ideia.

— Você não precisa, se não quiser — garanto, mesmo tenho quase certeza que não é isso.

— É claro que eu quero!

Bastante animados, nós vamos até um dos instrutores e falamos que tínhamos marcado de realizar o salto hoje. Ele confirma nossos nomes na lista e avisa que tem duas pessoas na nossa frente, o que é um número pequeno, então nos afastamos um pouco do local indicado para pular, e ficamos de longe, assistindo as pessoas.

Enquanto nossa vez não chega, eu percebo que é o momento perfeito para tirarmos uma foto. Por isso, pego minha câmera polaroid dentro da bolsa e chamo Charlie, para que ele se aproxime de mim.

— Você trouxe essa câmera aí dentro? — ele pergunta quando vê o objeto na minha mão. Já que minha bolsa é relativamente pequena, eu entendo a surpresa.

— Na bolsa de uma mulher cabe de tudo, Charlie — brinco, piscando um dos olhos para ele, arrancando um sorriso do garoto.

Configuro minha câmera, ajeitando a luz para o dia e quando tudo está certo, passo um dos braços pelos ombros do meu namorado e ele me puxa pela cintura até nossos corpos estarem colados. Estendo meu braço longe o bastante, para que possa aparecer não só a gente, mas também a altura da ponte que estamos.

Clico no botão para bater a fotografia e o flash surge, indicando que a foto foi tirada. Charlie continua com o braço ao meu redor enquanto esperamos a polaroid sair e clarear, para que possamos ver como ficamos.

Depois de alguns segundos, já conseguimos ver como ficou.

Eu estou sorrindo de orelha à orelha e meu cabelo loiro faz um lindo contraste com a blusa lilás que estou usando. Charlie também está sorrindo, mas diferente de mim, que estou olhando para a câmera, seus olhos estão fixos em mim. Dá para ver parcialmente o fundo, mas é possível observar que estamos a uma certa altura.

A foto ficou incrível.

— Posso ficar com ela? — ele pede, ainda olhando para a pequena fotografia em minha mão.

— Já tenho várias nossas, então você pode ficar. Só com essa, hein? — aviso, e ele concorda, guardando a foto em sua carteira.

A câmera polaroid foi um dos meus presentes de aniversário ano passado, mas eu sempre esqueço da existência dela, por isso eu ainda estou batalhando para fazer um quadro no meu quarto apenas com essas fotografias. No entanto, na semana retrasada, eu acho, eu lembrei que a tinha e, desde então, comecei a tirar várias fotos, com todo mundo. E, desta forma, eu já devo ter quase 10 fotos apenas com Charlie, por isso não me importo que ele fique apenas com essa.

— Charles Brown? Alexia Jenkins? — o instrutor chama, e nós nos aproximamos. — Chegou a vez de vocês. Vocês sabem como funciona?

— É nossa primeira vez aqui — respondo, e o homem acena com a cabeça, entendendo.

— Tudo bem, crianças, vou explicar rapidamente o que vocês precisam saber — ele diz, limpando a garganta antes de começar. — Vou prender vocês com essas cordas e fitas especialmente para isso, que são super seguras. Nunca aconteceu nenhum acidente aqui, então podem ficar tranquilos em relação a isso. Depois, é a parte mais divertida, a que vocês pulam em direção ao rio. São alguns metros em queda livre e a adrenalina vai a mil, e se me perguntarem, é a melhor parte. E para voltar, é simples: vamos puxá-los pela corda de volta.

— Vamos pular juntos? — Charlie pergunta mais para mim do que para o instrutor, mas ele acredita que seja uma pergunta direcionada a ele.

— Se vocês quiserem, claro. Fazemos pulos duplos de casal. Cada um em um equipamento, mas ao mesmo tempo. Vocês preferem realizar o salto assim?

— Com certeza — meu namorado responde, sorrindo para mim.

Após estarmos presos pelo equipamento de segurança, nós seguimos para as marcações, prontos para pular. Há um instrutor para cada um de nós, e eles nos informam os únicos detalhes antes de pularmos.

Com os olhos fixos um no outro, eu e Charlie pulamos juntos.

E... uou!

A sensação é difícil de descrever. Meu corpo e minha mente estão no ápice da adrenalina. Meu estômago está totalmente vazio e embrulhando de uma forma que nunca aconteceu antes.

O primeiro sentimento, com certeza, é o pânico.

Mas, em segundos, ele se transforma em êxtase.

Caramba! Eu acabei de pular de uma altura absurdamente alta! Isso é demais!

E ainda estou compartilhando essa grande experiência com o amor da minha vida.

Não poderia ser melhor!

Quando a corda já está totalmente esticada, e estamos no comprimento máximo, eu volto a olhar para Charlie ao meu lado, que já

está me encarando. Nós rimos que nem bobos, maravilhados com o momento.

Eu não gostaria de ter feito isso com mais ninguém, a não ser com ele.

Após alguns minutos, finalmente estamos de volta à ponte e estão tirando os equipamentos de segurança da gente. Nós nos despedimos de toda a equipe e prometemos voltar em breve, já que adoramos a experiência.

### **TAREFA RISCADA - PULAR DE PARAQUEDAS**

Ainda é cedo, então decidimos ir em uma cafeteira do outro lado da rua comer alguma coisa. Sentamo-nos numa mesa de madeira, com Charlie ao meu lado. A garçonete logo aparece e nós fazemos nossos pedidos: panquecas e suco de laranja para mim, bolo de chocolate e café puro para ele.

— Isso foi... foi demais — ele fala pela 5<sup>o</sup> vez, assim que a funcionária saiu depois de anotar nossos pedidos.

— Foi muito melhor do que imaginei!

Nós sorrimos um para o outro, ainda em êxtase.

Eu sempre soube, mas, neste momento, pareço ter ainda mais certeza: eu amo Charles Brown com todo meu coração. E por eu amá-lo, preciso ser

totalmente sincera sobre algo que omiti dele há alguns meses, e não estou mais aguentando guardar só para mim.

— Kyle dizia constantemente que eu deveria ser... ser mais como as outras garotas — começo a falar, e consigo a atenção do meu namorado. Vejo sua mandíbula trincar. Sei que nenhum dos meus amigos é fã do meu ex-namorado e, pelas circunstâncias, ele menos ainda. — Ele falava que eu deveria ser mais... solta, sabe? Ir mais a festas, me divertir mais, beber mais... me arriscar mais. Que ele gostava de mim, mas os amigos com certeza me achariam chata e entediante. e é por isso que quase não estávamos juntos. Eu não achei que as palavras dele teriam tanto peso sobre mim, mas tiveram. Eu ficava remoendo isso na minha cabeça depois do término. Se eu... se eu fosse mais do jeito que ele queria que eu fosse, ele não teria me traído? Se eu tivesse transado com ele de uma vez, a situação seria diferente? Se eu bebesse muito nas festas, assim como ele e seu grupinho, eu seria aceita?

— Lexie... — Charlie sopra o meu nome, alcançando minha mão e entrelaçando-as. Eu sorrio fraco para ele, mesmo com o gesto carinhoso.

— Daí veio a lista — revelo, sem olhar para ele. Sei o que ele deve estar pensando, mas não é nada disso. — Não, eu não a escrevi e pedi sua ajuda para que pudesse voltar com ele. Essa nunca foi a intenção. Eu só... só queria sair da minha zona de conforto, sabe? Ser um pouco menos a

Alexia Jenkins certinha, amiga e que fazia as mesmas coisas sempre. — Volto a olhar para ele, e aperto a sua mão. — Eu não me arrependo de nada. Bem, eu poderia ter pensado alguns itens melhores, mas agora já está feito. E sabe por que eu não me arrependo, Charlie? Porque ela me trouxe você. Sem a sua ajuda, eu não conseguiria riscar todos os itens, e se não fosse essa bendita lista, talvez nós não tivéssemos nos aproximado e eu não teria percebido que eu... eu... — Respiro fundo, encontrando as palavras certas. Eu nunca tive dificuldade em demonstrar meus sentimentos, mas Charlie me deixava nervosa. O que ele desperta em mim, me deixa nervosa. — Eu não teria percebido que eu amo você, Charlie. Eu sempre amei, desde quando éramos crianças, e sempre vou amar.

Charles está boquiaberto. Ou pelo menos sua versão disso.

Ele pisca duas vezes, parecendo querer acreditar que isso realmente é real. Que eu disse essas palavras.

O silêncio, no entanto, se estende e eu começo a ficar preocupada. Falei cedo demais? Ele não me ama? Eu achei que... bem, meus pais disseram que ele sempre olhou para mim como se gostasse de mim, há anos. Então, eu pensei que... pensei que...

— Linda, você está pensando demais e sei que é tudo besteira — ele finalmente fala algo, e eu solto a respiração que nem sabia que estava segurando. — Eu também amo você, Lexie. Desde o momento que te vi.

Eu sorrio, aliviada.

*Ele sempre me amou.*

*O amor da minha vida me ama.*

A garçonete aparece com nossos pedidos bem no momento que vou reclamar. Por isso, espero colocar tudo na mesa e se afastar. Quando ela já está longe o suficiente, eu dou um leve beliscão no braço do meu namorado.

— EI!

— Por que você demorou tanto para responder? Eu estava morrendo por dentro!

— Eu... foi um baque... a garota que sou apaixonado desde a infância dizendo essas palavras para mim. Você tem que me dar um crédito — ele fala, com um sorriso sacana nos lábios.

— Você é um bobo — respondo, e como ele está com um dos braços apoiado na minha cadeira, me puxa mais para perto, deixando um beijo na minha bochecha.

— E você é a pessoa mais maravilhosa desse mundo — ele fala como se não fosse nada, como se estivesse dizendo que vai chover mais tarde.

Como se me elogiar já fosse algo extremamente comum na nossa relação e ele estivesse apenas afirmando fatos.

Nem preciso dizer que passo toda a refeição sorrindo pateticamente.



Lily tinha convencido sua mãe a deixar todas as meninas se arrumarem no mesmo hotel, junto de maquiadores, cabeleireiros e comida à vontade.

Lauren Diggory — em breve Lauren Yoon —, vai se casar hoje e, por isso, reservou a melhor suíte do melhor hotel de Millsh para fazer um dia digno de princesa. E sabe sei lá como, sua filha fez a mãe acreditar ser uma ótima ideia chamar as amigas adolescentes também.

Tanto a mãe de Lily, quanto Anthony — o novo padrasto da minha amiga — já foram casados antes, então a cerimônia será mais simbólica. Acontecerá no salão de festas do hotel que estamos e será gigante. Papai tinha comentado que seria um dos maiores casamentos que ele já fez. Tão grande ao ponto dele ter que contratar mais duas pessoas apenas para ajudar na preparação dos arranjos.

Nós já estávamos terminando de nos arrumar e iríamos descer, logo Lily foi avisar a mãe sobre isso, mas voltou dizendo que sua matriarca queria nos ver antes. Nós recolhemos nossas coisas do quarto e seguimos nossa amiga até a suíte principal do hotel.

— Meninas! Como estão lindas! — Lauren diz assim que nos ver entrando pela porta. — Nora, minha querida, a sua maquiagem está impecável! Você está até menos pálida!

— O-obrigada, senhora Diggory — ela responde a mãe da melhor amiga, um pouco sem graça.

— É senhora Yoon agora, meu amor, mas para você sempre é Lauren — ela fala, lançando uma piscadela e um sorriso para a ruiva.

A mãe de Lily é... um pouco complicada. Ela gosta muito de reparar no visual, corpo e tudo das pessoas, e ainda ama dar *dicas* “*amigas*” para você ficar “*ainda mais bonita*”, como ela mesmo diz. Não sei como funciona a cabeça de Lauren Diggory para ela achar que esses comentários passivo-agressivos são bem vindos, mas nunca tivemos coragem de reclamar.

Bem, o que esperar de uma mulher que, desde quando éramos pequenas, dizia que nosso grande foco na vida deveria ser arrumar um homem rico para nos sustentar? Se engravidassem logo de cara, era melhor, ainda mais de um menino. Garantiria uma boa pensando e homens adoravam herdeiros do mesmo sexo.

Traumatizante.

— Allie, minha gatinha! — Lauren fala, animada, alisando bem o vestido da nossa amiga. — O caimento ficou perfeito em você! Perdeu

alguns quilinhos, não é? Está certíssima! Também precisei emagrecer um pouco para ficar linda hoje, sabe como é, né?

— Você está linda, Lauren — Allie responde e consigo perceber que está se segurando para não responder feio a noiva do dia. E olha que ela é uma das mais calmas do nosso grupo.

— Obrigada, querida! — responde, sorrindo. — Ah, você é... a amiga nova, certo? — a mãe de Lily pergunta, se referindo a Eleanor, que está ao meu lado, e minha amiga concorda com a cabeça. — Agora que estou te vendo assim, toda elegante, posso ver porque o loirinho te escolheu! Ah, você deve saber que ele e minha florzinha ficaram quando éramos mais novos, não é? Eu torcia tanto por esse casal! É o homem perfeito, não é, querida? Você deu sorte em conseguir colocar uma coleira nele. Eu disse a Lily que se ela emagrecesse um pouquinho só, talvez eles poderiam ter ficado juntos e...

— Mãe — Lily a interrompe, já irritada com o jeito invasivo da progenitora. — A senhora pode parar, por favor? Você está deixando Eleanor com vergonha. E a mim também.

Em todos esses anos que sou amiga de Lily, eu já entendo um pouco como funciona sua dinâmica com a mãe. Não tanto como Nora, que é a melhor amiga, mas o suficiente para saber que ela disse que Eleanor estava com vergonha primeiro, antes de si própria, foi porque sabia que a mãe

odiaría ser falada pelas costas, e Ellie poderia fazer isso nessa situação, mas não a própria filha.

Lily nunca nos contou direito sobre sua relação com Lauren, nós apenas entendíamos nas entrelinhas, mas sabíamos que não era uma boa relação. E sabíamos que nossa amiga sentia falta do pai; eles tinham uma relação muito melhor do que a dela com a mãe. Nós não tínhamos certeza o que tinha acontecido com Joe Diggory. Se ele tinha morrido, fugido... sabíamos que fazia anos que ele não morava mais com elas, e Lily nunca falou sobre o assunto direito.

Achávamos estranho, assim como Charlie nunca falar da mãe também, mas respeitávamos a privacidade da nossa amiga, como a dele também.

— Alexia! Uma das minhas preferidas! — Lauren diz, toda sorridente, quando volta sua atenção para mim. — Esse tom de azul combinou perfeitamente com você, minha querida! E... ah, meu amor. Espero que já tenha marcado um horário no salão para a próxima semana, porque essas pontas estão um estrago. — Ela ri do comentário, mas ninguém a acompanha, como esperado. — Mas sua beleza compensa, minha querida — ela completa, como se fosse apagar sua última fala.

Ela não tem mais ninguém para criticar, então o silêncio toma conta da suíte durante um breve momento, mas logo ela mesma quebra o gelo: —

Lily, minha florzinha, o que é isso atrás do seu vestido? — Lauren questiona, e posso sentir um pouquinho de raiva na sua entonação. — Amarre com mais força essas amarrações! Podem cair a qualquer momento!

— Eu... hum... não dá para ser mais forte, mãe — nossa amiga responde, sem olhar diretamente para a progenitora.

Ela não diz que não é possível amarrar mais forte porque engordou um pouquinho desde a última prova de vestido, mas Lauren sente isso. E quando ela vai rebater alguma maldade para a própria filha, Eleanor decide que é o suficiente, porque diz: — Meninas, hora de ir! Precisamos deixar a futura senhora Yoon terminar de se arrumar e deixar o senhor Yoon boquiaberto quando caminhar naquele lindo corredor — ela fala, sorrindo, e como se fosse uma brincadeira, mas seus olhos dizem outra coisa.

Ela está tão puta como todos nós quando entramos em esse tipo de situação com a mãe de Lily. Não é a primeira vez, e com certeza não será a última, mas nunca tivemos coragem de reclamar de alguma coisa, já que ela é a figura materna mais velha da nossa amiga.

Assim que saímos para o corredor do hotel, o peso parece sair dos nossos ombros e o clima fica instantaneamente mais leve.

— Ela é uma vaca — Ellie sussurra para mim enquanto caminhamos até um dos elevadores.

— Isso é porque ela está em um dia bom — sussurro de volta, porque é verdade. Lauren Diggory pode despejar muito mais veneno do que hoje, principalmente na filha, como já vi acontecer várias vezes.

Estamos esperando um dos elevadores chegar, quando Lily diz: — Gente, estou, tipo, muito apertada para fazer xixi! Vou ao banheiro do nosso quarto rapidinho e já encontro vocês lá embaixo, tudo bem?

— Não quer esperarmos chegar na festa e você ir lá? — Nora sugere, mas a loira nega.

— Eu acho que esqueci meu gloss lá também e... é melhor eu ir logo para não demorar muito — quando ela fala a última parte, já está voltando por onde viemos.

Não dizemos nada sobre o comportamento da nossa amiga, porque ela sempre parece ficar mais sensível quando a víbora da mãe dela faz algum comentário assim. Por isso, sempre escolhemos deixar Lily ficar sozinha, como ela prefere.

Eu ainda não tinha visto a festa toda montada e arrumada, então assim que saímos do elevador, eu fico deslumbrada com toda a decoração. Há muitos, muitos convidados. Talvez mais pessoas do que realmente habitam em Millsh, mas para uma cerimônia de tal tamanho, não tem como haver apenas poucos convidados.

As flores da floricultura de papai ficaram incrivelmente lindas. Normalmente, Marcus ajuda o cliente a escolher as flores mais condizentes com o tipo de evento e a relação das pessoas, se for um casamento, mas a mãe de Lily foi firme em dizer quais ela queria e não se importou com a opinião dele. Acho que eles já foram grandes amigos há um tempo, mas algo aconteceu e eles se afastaram. Apesar disso, papai sempre a tratou com muito respeito, mesmo que não seja tão recíproco.

Todo evento acontecerá no salão, desde a cerimônia de casamento até a festa, então dividiram-se em ambientes. À minha frente, por exemplo, há duas fileiras de cadeiras e o corredor ao meio. No final dele, o juiz de paz já está presente e Anthony Yoon também se encontra no salão, conversando com um grupo de homens.

Já do outro lado, está a grande mesa de buffet e as outras mesas redondas com toalhas brancas de cetim, onde os convidados se sentarão. Um pouco mais ao fundo fica a pista de dança e a área dos banheiros. E, claro, todo o local está incrivelmente enfeitado e bonito.

Sinto um braço muito conhecido envolver minha cintura e eu arfo baixinho em surpresa, mas logo sinto meu cheiro preferido do mundo, e sei muito bem quem é.

— Você é a pessoa mais linda daqui — Charlie murmura no meu ouvido, deixando um beijo no meu pescoço.

— Acho que esse é você — respondo, sorrindo, ainda observando o ambiente.

— É impossível competir com você, linda — ele diz, me virando de frente para ele. Enrosco meus braços ao redor do seu pescoço e aproveito a magnífica visão que é Charles Brown de terno e gravata combinando com a cor do meu vestido.

— Como você sabia? — pergunto, passando a mão pelo seu terno e olhando para o único ponto azul de sua roupa.

— Lily ajudou — ele responde, dando de ombros e deixando um beijinho no meu nariz. — Vamos? — Aponta com a cabeça para as fileiras de cadeiras, onde nossos amigos já estão sentados.

— Vamos!

Com a mão na minha lombar, ele me guia até onde nossos amigos estão. Percebo que a gravata do meu irmão também está combinando com o preto do vestido de Eleanor e sorrio. Lily é um gênio.

Falando nela, ela chega alguns segundos depois de mim e de Charlie, sentando-se ao meu lado.

— Você sabia que o Aaron Yoon tem namorada? — é a primeira coisa que ela diz, sem nem olhar para mim.

Quando a sigo a direção dos seus olhos, vejo o novo meio-irmão dela em uma das primeiras fileiras, com o braço ao redor da cadeira em que uma

morena está sentada. Ela está de lado, conversando com ele, logo é possível ver seu rosto. Os cabelos castanhos bem escuros caem em cascata pelas suas costas, tampando as costas nuas do vestido prateado que ela está usando. A sombra escura esfumada dá um grande destaque aos olhos verdes, assim como o tom de vermelho nos lábios destaca a pele branca da garota.

Linda é pouco para descrevê-la.

— Ela é bonita — digo, sem pensar, e finalmente Lily volta sua atenção para mim.

— Você devia estar do meu lado, Alexia! — ela reclama, bufando baixinho. — Eu e mamãe fomos passar uma semana na casa deles, nas últimas férias. Sabe quantas meninas diferentes eu vi saindo de lá, em 7 dias? 9, Alex!

— Em 7 dias? — pergunto de volta, surpresa com a quantidade.

— Sim! E aí ele vem trazer uma dessas... dessas garotas pra cá? Para quê, se semana que vem ele vai estar com outra? Ele é um cafajeste, prepotente e sem noção. — Não tenho chance de questionar se isso é ciúmes, porque a música começa a tocar, indicando que Lauren vai entrar a qualquer momento.

Alguns segundos depois, a mãe de Lily está passando pelo corredor. Ela pode ser uma cobra com a filha, mas não posso negar que é linda, ainda

mais assim, toda produzida e com um dos vestidos de noiva mais lindo que já vi.

Assim que ela chega ao altar, Anthony deixa um beijo em sua bochecha e eles se viram para o juiz de paz, de mãos dadas, e a cerimônia começa.

Como não é um casamento religioso, tudo acontece bem mais rápido do que eu esperava. O juiz diz algumas palavras bem bonitas, eles assinam o papel e então a frase mais esperada é dita: — Senhor e senhora Yoon, podem se beijar e concretizar essa linda união.

Eles finalmente se beijam e os convidados vão à loucura, batendo palmas e alguns até gritam.

Me viro para Charlie, para ver o que ele está achando disso tudo, e me surpreendo quando ele já está com os olhos voltados para mim.

Sorrimos um para o outro e damos um selinho rápido.

— Um dia, linda, vai ser a gente — ele murmura no meu ouvido, me puxando pela cintura para mais perto.

Assim que as palavras saem da boca dele, eu sei que não tenho mais coração. Não mesmo.

Meu coração é inteiramente pertencente a Charles Brown.



*charles*

Festas nunca foram meu forte.

Desde quando Jason começou a ir em várias, lá pelos nossos 15 anos, eu já tinha me promovido a guardião oficial de Cassie. Logo, eram poucas as festas que eu podia ir. Apenas quando ela decidia dormir na casa da vizinha — minha irmã fazia muito isso e acho que era porque ela via dona Beth como uma figura materna — e quando ela tinha alguma festa do pijama ou acampamento escolar.

Eu não aproveitei muitas festas e, sinceramente, não me importo. São sempre muitas pessoas, música muito alta e, principalmente, gente bêbada e usando drogas, o que eu repudio. Eu já convivia com meu pai alcoólatra e minha mãe tinha sido presa por causa das drogas. Eu não precisava fazer

parte desse mundo de jovens classe média e ricos que se achavam os reis do mundo usando todo tipo de droga inimaginável e saindo ileso.

Não vou ser hipócrita e dizer que nunca ia, porque já marquei presença algumas vezes, mas realmente não é o meu forte. Eu prefiro mil vezes ir ao cinema com a minha irmã, por exemplo, ou passar a noite em um lugar mais tranquilo, como algumas das vezes que fizemos festa de pijama nos Jenkins. Nenhuma festa se comparava.

No entanto, festas de casamento são outra história. Todo o ambiente e as pessoas presentes mudam, junto com o estilo de evento. É o primeiro casamento que vou na vida, da mãe de Lily, agora Lauren Yoon. Não é um casamento tradicional, já que eles não se casaram na igreja, mas ficou tão bonito quanto. Pelo menos para mim, que não entendo nada dessas coisas. Eu até consegui notar que os arranjos de flores foram todos feitos por Marcus Jenkins. Ninguém na cidade sabia tão bem quanto ele como dar vida às flores.

E, claramente, uma festa na companhia de Alexia Jenkins como sua namorada muda tudo.

Ela é a pessoa mais linda desse lugar, ainda mais que a noiva. Não há beleza no mundo que se compare com a de Lexie. Ainda mais com esse tom de azul do vestido que contrasta perfeitamente com sua pele branca e a

maquiagem, que favorece ainda mais ela. Quer dizer, é o que eu acho. Não tenho ideia se estou falando merda.

A questão é: Alexia está maravilhosa. Como sempre. Na verdade, mais um pouquinho.

Quando eu vi seus olhinhos brilhando chegando no salão de festas e como ela parecia apaixonada quando o juiz de paz declarou os noivos marido e mulher, eu soube. Eu soube ali, mais do que nunca, que eu precisarei me casar com essa garota. Não hesitei em dizer isso para ela, e o sorriso que Lexie abriu para mim foi um dos mais lindos.

Agora, a festa realmente está começando.

Todos nós estamos perto do open-bar, já que meus amigos estão tentando convencer o bartender a fazer bebidas para eles, mesmo eles sendo menores de idade.

— Você nem precisa colocar tanto álcool assim! Só um pouquinho, para a gente se animar — Lily tenta pela milésima vez, mas o homem continua negando.

— Desculpe, senhorita Diggory, foram ordens da noiva — ele responde mais uma vez para a nossa amiga, que bufa, virando de costas para o bar.

Eu estou com meus braços ao redor de Alexia, com meu queixo apoiando em sua cabeça, então sinto quando ela ri da amiga.

Eu amo quando ela dá risada. Me faz sentir vivo.

De canto de olho, eu vejo Aaron Yoon, o filho de Anthony, novo marido de Lauren, se aproximando com uma garota em seu encalço. Ela não é tão bonita quanto Lexie, mas tem uma certa beleza. Cabelos castanhos escuros, olhos verdes e um vestido prateado extremamente curto, que foi o alvo das reclamações de Lily de hoje.

*“Como ela não pode ter um mínimo de respeito e vir com uma cor que é quase branco? Todos sabem que não se pode usar prata em casamentos!”*

Allie corrigiu-a e disse que o ideal era não utilizar branco, mas era uma regra subentendida e ninguém era obrigado a *não* vestir essa cor.

*“Ele não tem o direito de trazer mais uma das milhares garotas que enfia o pau nojento aqui! É um casamento, não uma boate de quinta categoria, mas ela parece não saber disso!”*

Daquela vez, foi Eleanor que a interrompeu, dizendo que eles pareciam muito próximos para ser apenas mais uma para ele. E ainda completou dizendo que gostou do vestido, mas acho que essa última parte foi só para irritar Lily.

Alexia sussurrou no meu ouvido, logo depois de mais um surto da nossa amiga, que achava que ela estava dessa forma porque estava vendo tudo aquilo como uma competição de quem era o melhor filho ou algo

assim. Lily estava com um vestido cheio de brilhos dourados, então ela achou um absurdo ter alguém com um cheio de brilhos prateados. Não só isso, mas que a pessoa em questão era a acompanhante de Aaron, e ela estava sem ninguém. Quer dizer, ela tinha a gente, mas não é a mesma coisa.

Por causa de tudo isso, eu soube no momento que vi o casal se aproximando, que viria mais um pequeno surto de Lily.

— Duas cervejas, Greg — o tal de Aaron pede ao bartender, que acena com a cabeça e vai pegar as bebidas.

— *Greg?* — a voz de Lily indignada é a primeira coisa que eu ouço antes dela se virar para onde o bar está. — Você não pode dar bebida para ele! Ele não tem 21!

O bartender apenas dá de ombros e entrega as cervejas para o garoto, deixando nossa amiga furiosa.

— Pede uma bebida para mim também — ela ordena a Aaron, que arqueia as duas sobrancelhas para ela.

— Você não manda em mim, loira — ele responde, compartilhando uma risada com a morena ao lado dele, e volta pelo mesmo caminho.

— Ele é nojento! Argh! — Lily reclama, alto o suficiente para que todos ao nosso redor possam ouvir.

Com certeza, um dos melhores entretenimentos da noite está sendo a batalha Lily x Aaron, que só ela parece estar competindo.

Eu estava um pouco receoso em deixar Cassie com os pais dos Jenkins para vir, mas ela tinha ficado muito animada em passar mais uma noite lá. E eu não podia imaginar que a festa seria tão divertida assim.

— Vamos sair daqui? Rapidinho? — Alexia sugere, virando-se de frente para mim e entrelaçando os braços no meu pescoço.

— Como você quiser — respondo, e adoro o sorriso malicioso que minha garota abre para mim.

Ela entrelaça nossas mãos e me guia para fora do salão de festas.

Eu acho estranho quando entramos dentro do elevador, mas ela não diz nada. E eu sei que ela também não vai responder se eu perguntar, porque eu aprendi que Lexie gosta de fazer surpresas.

Finalmente paramos em algum andar do hotel, na área dos quartos, e ela me leva para até um deles, abrindo a porta e nós entramos.

— Linda? O que está acontecendo?

— Eu e as meninas nos arrumamos aqui — ela explica, jogando a chave e sua bolsa em uma mesinha de canto. — Temos o quarto por toda essa noite.

— Alexia... — digo, em tom de aviso, quando ela entrelaça novamente os braços em meus ombros.

— Achei que você pudesse querer curtir um pouquinho comigo? —  
ela diz com um biquinho e porra, não dá.

Empurro Lexie contra a porta, do jeito mais cauteloso possível, e ataco sua boca. Hoje ela tem gosto do champanhe que ofereceram a todos nós no momento da dança dos recém-casados.

Não importa o gosto, ela está sempre deliciosa.

Sugo sua língua e ela reprime um gemido. Eu sorrio contra seus lábios, porque adoro quando ela geme para mim. Nunca vou me acostumar com isso.

Minhas mãos descem para sua bunda e a apertam, um dos meus lugares preferidos do corpo dela. Desço meus beijos por seu maxilar, até o pescoço, deixando algumas mordidas e chupões por ali, mas não forte o suficiente para deixar marcas. Não quero que ninguém veja a não ser minha namorada.

Uma das minhas mãos vai para um dos seus seios, beliscando-o por cima do tecido do vestido. Agora, sim, Alexia geme alto meu nome.

Volto a beijar sua boca, devorando-a. Eu esperei muitos anos para poder fazer isso quando eu bem entender, e sempre aproveito cada segundo sempre que nos beijamos.

É uma das minhas coisas preferidas do mundo.

As mãos de Lexie descem pelo meu terno, desabotoando-o. Primeiro, ela tira o paletó e a gravata. Depois, ela abre os botões da camisa social — que peguei tudo emprestado com Jason — e joga a blusa branca pelos ares. Suas mãos continuam descendo, até chegar no cócs da minha calça e abri-la, abaixando-a um pouco. O suficiente para que meu pau duro pule para fora.

Ela segura ele com uma das mãos, fazendo movimentos de vai-e-vem, e é a minha vez de gemer. Porra, isso é bom demais.

Me surpreendo, Alexia parte nosso beijo e eu a observo, confuso. Ela apenas sorri para mim, se ajoelhando na minha frente.

Caralho.

Alexia Jenkins com meu pau na mão, ajoelhada na minha frente.

— Lexie... — pareço encontrar minha voz de novo, e a chamo. — Você não precisa fazer isso.

— Mas eu quero, Charlie — ela responde, sorrindo para mim. — Se você quiser, é claro.

— Porra, linda. Você nem precisa perguntar uma coisa dessas — é a resposta certa, porque a cabeça loira de Alexia volta a se virar em direção ao meu pau.

— Você precisa me ajudar, lindo. Eu nunca fiz isso antes — ela pede, e eu aceno com a cabeça.

Ela não pode ser ruim, porque ela é boa em tudo, principalmente em me deixar louco. Mas mesmo assim, levo uma das minhas mãos até sua nuca, e seguro um punhado de seu cabelo, para ajudá-la com os movimentos, caso precise.

Sem me dar tempo de me preparar, a boca de Lexie abocanha meu pau.

*Putá que pariu.*

Eu terei que me segurar para não gozar em segundos. É isso o que ela faz comigo.

Ela sabe o que está fazendo, porque começa a fazer movimentos de desce e sobe por meu pau e com a parte que ela não consegue tomar em sua boca, está segurando-o e usando suas mãos para melhorar o trabalho.

Lentamente, eu forço um pouco sua cabeça para que ela faça exatamente como eu gosto, dando apenas uma direção sem seus movimentos. Minha garota entende, porque começa a imitar os movimentos.

A boca de Aleixa já era maravilhosa, mas agora, em volta do meu pau, é melhor ainda.

— Linda... — tento falar, sôfrego. — Eu vou gozar a qualquer momento. Tire a boca se não quiser que eu goze aí.

Ela não responde — claramente —, mas intensifica seus movimentos.

Caralho.

Eu tento avisá-la mais uma vez, puxando um pouco sua cabeça, mas ela continua me chupando. Seus olhos azuis encontram os meus e eu tento sorrir, mas acabo gemendo o nome dela, alto o suficiente para que todos ouçam.

Gozo dento da boca de Alexia Jenkins.

E, porra, ela engole cada gota da minha porra e ainda limpa o canto da boca quando termina, chupando o próprio dedo.

Eu estou no paraíso.

Devagar, levanto a minha namorada e ela está sorrindo para mim.

— Foi bom? — ela pergunta, parecendo um pouco insegura.

Eu não respondo. Puxo-a para um beijo. Clamo, lento e muito apaixonado.

Porque, porra, eu me apaixono mais e mais por essa garota a cada dia.

— Você é excelente em tudo que faz, linda — respondo, me afastando um pouco para olhar seus olhos. — Agora, é a minha vez de provar da sua boceta gostosa mais uma vez.

Ela mostra seu sorriso sacana para mim e eu a levo para a cama.



É claro que a ideia brilhante foi do Jason.

Depois de algumas semanas que ele descobriu sobre mim e sua irmãzinha, ele já estava bem mais calmo e de boas com a ideia. Ah, claro, a não ser pelo fato que ele me ameaça pelo menos uma vez por semana, dizendo que se eu quebrar o coração dela, ele vai acabar comigo.

Como se eu fosse fazer isso com o amor da minha vida.

A última pessoa que tinha feito isso, eu mesmo fiz questão de resolver a situação. Eu não faria nada parecido com ela. Agora que o coração de Alexia Jenkins é totalmente meu, não vou deixá-lo nem rachar mais. Ele vai ficar intacto. Para sempre.

De qualquer forma, o irmão da minha namorada achou que seria uma boa ideia fazermos um encontro duplo de casais. Ele e Eleanor. Eu e Alexia.

Lexie achou uma ótima ideia, claro. E, mesmo se não achasse, seu coração era muito bondoso para ela falar em voz alta, ainda mais para seu irmão. Já eu e Ellie... bem, não era nossa noite ideal, mas eu fazia de tudo para ver um sorriso da minha namorada. E nossa outra amiga... não sei como ela topou, mas tenho certeza que teve mais a ver com Alexia do que com o próprio namorado. É mais fácil Jay desistir dos planos para fazer as vontades da namorada do que o contrário.

Jason resolveu tudo do grande encontro, para não termos nenhuma desculpa para negar. Ele até já tinha falado com Marcus e Paul para ficarem com Cassie, minha irmã, enquanto estivéssemos juntos. Eu estava começando a achar que estávamos incomodando ao deixá-la tantos dias por lá, mas toda a família Jenkins garantiu que não era um problema. Nós éramos parte da família também.

Mal eles sabiam que eram mais família do que a nossa de sangue também.

Eu amava muito mais os Jenkins do que jamais amaria os meus pais. O Charles de 8 anos queria que essa frase não fosse verdade, mas depois de tudo que aconteceu, não tem como negar que Aiden e Crystal nunca foram meus pais de verdade.

Mas, sinceramente? Eu estou muito feliz. Com minha namorada, meus amigos e minha segunda (primeira no coração) família. Faltavam poucos meses para eu tirar Cassie das garrafas do papai. O que poderia dar errado?

— Vamos no coreano! — a voz de Lexie me tira do momento de introspecção. Minha namorada está inclinada com o corpo para a frente, entre os bancos da frente do carro de Jason, e pedindo para irmos ao seu restaurante favorito.

Hoje, felizmente, é mais um dia de folga meu, por isso estou conseguindo sair com eles. Eu acabei de receber o salário do mês também, o que influencia ainda mais no meu bom humor. Nos arrumamos todos na casa dos Jenkins, logo depois de buscar minha irmã no colégio. Quando saímos de lá, há alguns poucos minutos, Cassie, Marcus e Paul estavam preparando pipoca para assistirem a um dos filmes da Marvel na sala de TV.

Ela não poderia estar em melhores mãos.

— Qual é a sua com esse restaurante, Alex? Você vai nele todo mês — Jay resmunga, mas, bem, é verdade. Ela é apaixonada pela comida de lá. Por isso, os dois estão discutindo sobre nosso destino da noite. — Por que não vamos na lanchonete preferida da Cassie? Um hambúrguer cairia bem.

— Você come isso toda semana, Jenkins. Vamos fazer alguma coisa diferente — Ellie sugere, do banco do passageiro, e Alexia sorri, vitoriosa. Ela sabe o que a palavra da namorada do irmão significava.

— Há! Ellie quer ir ao meu restaurante preferido. Você vai negar isso para o amor da sua vida, irmãozinho? — Alex diz, em tom de desafio para o gêmeo.

— Charlie? Uma mãozinha aqui? — Jason pede, me olhando pelo espelhinho do carro.

— Eu faço o que Lexie quiser, cara — respondo sem rodeios, levantando as mãos em sinal de rendição.

— Puta que pariu — ele xinga, virando na próxima rua.

Alexia e Eleanor fazem um *high-five* e minha namorada volta a se sentar corretamente no banco, e eu aproveito para passar um dos meus braços por seus ombros e deixar um beijo na lateral do seu rosto.

O caminho inteiro até nosso destino é recheado de fofocas do colégio, todas contadas por Jason e Eleanor. Eu não fazia ideia que a lutadora de boxe era assim, mas acredito que o espírito fofoqueiro do meu melhor amigo a tenha contagiado. E ele tem acesso a muitas informações interessantes. Sua alma de borboleta social ajuda-o a fazer amizades com todos os estudantes, até funcionários da escola, e assim ele consegue as fofocas mais quentinhas.

Eu não sou muito fã dessas coisas. Por que a vida alheia iria me interessar? Eu já tenho muitos problemas, não preciso saber dos de outras pessoas, ainda mais daquelas que são próximas de mim.

Assim que Jay estaciona o carro no estacionamento do restaurante, eu agradeço mentalmente. Não aguento mais saber sobre a especulação que uma aluna do último assim — o nosso — talvez estivesse se envolvendo com o professor substituto de química nos intervalos das aulas e, ainda por cima, dentro do laboratório. Eu nunca mais entrarei naquele local.

Alexia joga a carta de que é a melhor amiga da nova enteada do dono e nos arranja uma das melhores mesas do local. Eu percebo uma troca de

sorrisos desconfiados quando ela fala da Lily, mas resolvo guardar a observação para mim. Seria mais uma fofoca para eles comentarem a noite toda.

A mesa fica em uma área um pouco mais afastada, nos dando privacidade do resto dos clientes. Eu e Alexia sentamos em um dos lados, no sofá acolchoado preto, Jason e Eleanor no outro, ficando frente à frente conosco.

Não sei se é porque o fato de sermos amigos de Lily se espalhou rápido entre os funcionários, mas somos atendidos rapidamente. Fazemos os nossos pedidos e em menos de 20 minutos, o garçom já está voltando com todos os nossos pratos.

Bem mais eficiente do que quando vim aqui com Lexie e olha que, daquela vez, o serviço também não tinha sido ruim.

Muito melhor do que da lanchonete que eu trabalho, pelo menos.

— Uau. Realmente ser amiga da enteada do novo faz toda diferença — Eleanor comenta, impressionada com a agilidade dos funcionários.

— Eu acho que a família da mesa ao lado chegou antes da gente e a comida deles não chegou ainda — Jason diz, apontando com a cabeça para um grupo de pessoas há uns bons 3 metros da gente.

— Você realmente presta atenção em tudo ao seu redor — falo, realmente impressionado.

— Não tanto quanto ele gostaria, porque não percebeu que algo estava acontecendo entre vocês — Eleanor provoca, com um sorriso satisfeito no rosto por ter sido a primeira a ver alguma coisa.

Ela, literalmente, foi a primeira a desconfiar dos meus sentimentos por Alexia, logo que chegou em Millsh. Nenhum dos integrantes do nosso grupo de amigos jamais soube, ou pelo menos, nunca comentaram sobre o assunto. Ela é bem mais sagaz que Jay.

—Em minha defesa, nunca passou pela minha cabeça que eles poderiam acontecer.

— Alexia não tentou beijá-lo quando vocês eram mais novos? — Ellie retruca, arqueando uma das sobrancelhas.

— Mas... — o que quer que meu melhor amigo vá responder, ele desiste e fica em silêncio antes de continuar. — Porra, não acredito que fui burro a esse ponto!

— Tudo bem, amor. Você é muito bobinho para ter percebido os olhares maliciosos que eles lançavam um ao outro — Ellie diz, com seu sorriso sacana de volta.

— Eleanor... — digo seu nome em tom de aviso, ainda mais quando percebo Lexie como um pimentão ao meu lado.

— *Argh*, Ellie! Não quero pensar no meu melhor amigo e na minha irmã... *argh*, nem consigo dizer — Jay tenta falar, fazendo um gesto de

vômito no final.

— É para você ver como é bom quando você e Ellie falam coisas inapropriadas um para o outro em público, principalmente quando estou por perto — Alexia rebate, tomando um pouco do seu suco.

— Vocês são meu inferno astral — Jason responde, fingindo estar enjoado.

— Vai ser pior quando você ver que seu sobrinho nasceu com a minha cara — brinco, piscando um dos olhos para meu melhor amigo. Brincadeiras não são meu forte, mas não consigo resistir a irritá-lo ainda mais.

— Você nem pense em engravidar a minha irmã agora — ele avisa, sério, fazendo todos nós rirmos.

— Relaxa, Jay! — Lexie tenta acalmar o irmão, com seu sorriso carinhoso. — Ainda não começamos os planos dos 4 filhos. — Desta vez, eu e Jason engasgamos com nossas bebidas. — O que foi, lindo? Vamos ter mais?

— Quantos você quiser, minha linda — respondo, mesmo estando morrendo de medo de criar quatro ou mais crianças.

E se eu acabar como o meu pai?

Talvez os Brown realmente não tenham nascido para serem pais.

Alexia sente que fiquei estranho de repente, porque sua mão vai até minha coxa, apertando-a de leve e sua boca segue até meu ouvido, sussurrando: — Você vai ser o melhor pai do mundo, Charlie. — E termina deixando um beijo na minha bochecha.

Neste momento, eu acredito nas palavras de Lexie. Vai ser fácil ser um bom pai quando eu tiver a mulher da minha vida como esposa.

— E os *nossos* bebês, Ellie? — Jay questiona a namorada, virando o rosto para encará-la.

— Daqui a alguns bons anos, Jenkins — ela responde, como se ele estivesse maluco em pensar em crianças no momento. — Cassie é a única criança para mim no momento.

— Ei! Para de tentar roubar a minha cunhada! — Lexie brinca com a amiga, mas sei que tem um fundo de verdade.

Desde que Eleanor começou a levar minha irmã para algumas aulas de boxe na academia de lutas, Alexia me confidenciou que estava um pouco enciumada. Ela disse que não tinha praticamente nada em comum com Cassie, e não sabia como fazê-la gostar dela. Mal ela sabia que ela era a pessoa favorita da minha irmã. E, para provar meu ponto, eu pedi para Cassie contar isso para minha namorada quando elas se encontrassem. E ela fez isso, fazendo Lexie chorar um pouquinho de emoção.

A partir daquele dia, ela ficou mais tranquila, mas sei que uma parte dela ainda sente ciúme.

— Eu já tenho a minha cunhada preferida — Ellie responde, sorrindo para a melhor amiga.

— Own! Eu te amo, amiga — minha namorada diz, entrelaçando uma das mãos com a de Eleanor por cima da mesa.

— Eu também amo você, Alex.

— Esse é o momento que você diz que eu sou seu cunhado favorito também, Charlie — Jay incentiva, mas eu não faço isso.

— Tenho certeza que a pessoa que Cassie escolher, vai ser meu cunhado ou minha cunhada preferida — provoco e todos nós caímos na risada pela cara fechada que Jay faz na hora que as palavras saem da minha boca.

O restante do nosso jantar é super divertido. Continuamos conversando sobre todos os assuntos possíveis, sempre rola algumas brincadeiras e provocações de alguma das partes. Até mesmo eu faço parte delas, e isso é bem raro de acontecer.

Quando saímos do estabelecimento, já estamos exaustos de tanto falar. Alexia deita no meu ombro assim que entramos no carro e dá um bom cochilo até sua casa. Já Eleanor faz o mesmo, mas encostada na janela.

Chegando na casa dos Jenkins, Ellie é a primeira a se despedir e corre para o andar de cima — ela dormirá lá — para tomar um banho e cair na cama. Jason vai logo em seguida, e ficamos apenas eu, minha irmã e os outros três Jenkins. Eles se oferecem para nos levar em casa, já que está de noite, mas eu garanto que podemos ir de ônibus.

Coisa errada a se dizer.

Eles não querem nos deixar ir embora de transporte público de jeito nenhum. Paul já está pegando a chave na cozinha quando disse que pediria um táxi. Eles só entram de volta para casa quando o veículo dá partida.

Porra, eu amo essa família.

Eu tento puxar um pouco de conversa com Cassie, para saber como tinha sido sua noite com Marcus e Paul, mas a pequena está muito cansada para dizer alguma coisa. Tudo bem, conversaremos amanhã.

E como o universo sempre me sabotava, assim que entramos em casa, a primeira coisa que ouço é a voz do meu pai dizendo: — Sua mãe também era muito bonita quando tinha sua idade, Charles — ele está calmo, calmo demais.

Eu não faço ideia do que ele quer dizer com isso, mas cochicho para minha irmã ir para o quarto e fechar a porta, como sempre, por via das dúvidas. Eu só passo do hall de entrada quando escuto a porta do quarto de Cassie sendo fechada, me preparando para o que estiver por vir.

— De folga de novo, uh? — Aiden continua assim que me vê. Ele está em pé desta vez, com um dos braços encostado na sua poltrona e com a tv passando um jogo de futebol americano. Sua garrafa de uísque do dia já está pela metade.

— Vou trabalhar amanhã e devo trazer o dinheiro para Crystal também — aviso, curto e sério, sem espaço para mais assunto.

Mas parece que papai está faladeiro hoje.

— Eu entendo porque você não está mais indo trabalhar naquela lanchonete imunda, moleque. — Ele ri secamente com a própria fala. — Com uma garota bonita como a sua, eu também me aproveitaria do dinheiro dela.

Por um momento, eu não faço ideia do que o velho alcoólatra está dizendo, porém, ele percebe minha confusão e joga minha foto polaroid com Lexie em cima da mesinha de centro.

Porra. Como ele achou isso?

— Você deixou cair perto da máquina de lavar, filhinho — ele diz, respondendo à pergunta que fiz mentalmente. — Essa é uma das garotas riquinhas que você anda, não é? Sua namoradinha? Bonita. Com dinheiro. O que mais você poderia querer? Talvez possamos dividir a loirinha gostosa até Crystal sair da prisão. Pode ser um segredinho nosso, não acha?

Nojo.

Eu sinto nojo das palavras dele.

— Não fale assim dela, porra — falo, entredentes, em tom de ameaça.

— Mas sua namoradinha sabe da porra da vida que você leva? — ele me ignora, continuando seu monólogo. — Acho que não sabe, Charles. Como ela continuaria como um pobre falido como você? Sem visão de futuro? Destinado acabar como seu velho papai aqui. — Ele aponta para si mesmo e ri. — Mas ela tem tanto, tanto dinheiro, não é, Charles? Aposto que poderia emprestar um pouco se você pedisse com carinho. Ou será que ela aceita um pau naquela boceta novinha? Posso me oferecer também. Duvido que ela conseguirá falar não depois que eu estiver enterrado nela.

— Não fale dela desse jeito, caralho! — esbravejo, me aproximando dele, sem pensar no que estou fazendo.

E sabe o que ele faz?

Ele ri mais ainda.

— Vou dar uma passada na sua escola um dia desses e contar a história triste do namoradinho. Sobre sua mamãe estar presa por sua culpa, sobre não termos dinheiro e eu estar desempregado de novo... — Porra, ele perdeu mais um emprego? — Vai amolecer aquele coraçãozinho dela, se isso não acontecer, eu dou outro jeito de convencê-la.

Nojo. Nojo. Nojo.

E raiva. Muita raiva desse velho filho da puta.

— Você não vai chegar perto dela, muito menos tocar naquela. Está me entendendo, porra? — Chego ainda mais perto dele, colando a ponta dos nossos pés.

— Você não quer me apresentar a norinha? Eu me apresento! Ela vai ver o que é homem de verdade.

— Você não vai falar com ela.

— E porque eu não falaria com a minha nora, moleque? — ele pergunta, sorrindo.

— Ela não é sua nora.

— Ora, mas se vocês estão namorando, é cla...

— Não estamos namorando — interrompo, cansado dessa merda.

A feição de felicidade de Aiden se desfaz instantaneamente.

— Ela já terminou com você, porra? Você é mesmo burro para caralho! Arruma uma loira gostosa e rica, e ainda consegue arruinar tudo! Puta que pariu! — Ele leva uma das mãos até a nuca e se afasta, irritado comigo. — O seu conto de fadas já acabou, então, porra. O que estava fazendo com mais folgas? Arrume outro horário para comer suas putas e continue trazendo dinheiro para casa. Ainda mais agora, que eu não estou mais trabalhando.

— Vou trabalhar amanhã — respondo de novo, me segurando para não quebrar a cara dele.

— Ou arrume uma ruivinha cheia de grana dessa vez — ele responde, rindo ainda mais.

Eu saio para meu quarto imediatamente, fechando a porta atrás de mim.

Porra.

É disso que eu tinha medo, de Aiden descobrir sobre Alexia.

Ele não irá atrás dela, irá?

Não, acho que agora que disse que terminamos, ele não fará isso.

É exatamente por isso que eu estava esperando irmos todos para a faculdade para me declarar para ela. Assim, não teria meu pai por perto com chances de estragar tudo.

Eu sabia que trazer Lexie para minha vida traria problemas para ela. Eu não podia deixá-la à mercê de Aiden, por isso menti e disse que não estava mais com ela. Mesmo que a mentira tenha sido para o imbecil do meu pai, e doeu quando eu falei as palavras.

Talvez esse seja o momento em que, talvez, eu deva contar a Alexia o que aconteceu e pedir ajuda. Como eu prometi que faria..., mas não, eu não posso fazer isso com ela.

Eu sei o que tenho que fazer para tirá-la da mira dele e da bagunça da minha vida.



Eu nunca acredito quando dizem que quando o mar está muito calmo um tsunami se aproxima. Na verdade, nem sei se esse é o ditado certo, mas dá para entender o que quero dizer.

As últimas semanas foram fantásticas.

O casamento da mãe de Lily foi incrível, apesar da noiva ser uma pessoa... não muito agradável. Como ela não estava nem aí pela nossa presença, nós aproveitamos muito como grupo. Tiramos várias fotos na cabine, dançamos e ainda terminamos a noite na lanchonete que tanto amamos, já que havia muita pouca comida para saciar nossa fome.

Eu também estava passando ainda mais tempo com Eleanor. Na segunda vez que ela levou Cassie na academia de luta, eu fui junto, e ainda

fiz uma aula experimental. Foi bem interessante. Não aprendi muita coisa, claro, mas gostei de toda dinâmica da classe, ainda mais por a professora ser mulher, e todas as alunas também. Eu sei que era uma aula de defesa pessoal, e claramente todos os integrantes seriam mulheres — ou pelo menos grande parte —, mas é muito mais confortável fazer aula assim. Talvez eu realmente entre em alguma turma.

Para completar meu tempo de qualidade com minha melhor amiga, tínhamos ido a um encontro duplo! E a ideia ainda foi do Jason. Ele parecia, finalmente, estar aceitando meu relacionamento com seu melhor amigo e nos convidou para fazermos isso. Foi bem legal sair só nós quatro. Eu pude ter um vislumbre de como seriam os próximos anos, já que seríamos todos da mesma família.

Eu e minha família tínhamos ido passar o último fim de semana na praia, para tirar uns dias de folga apenas para a gente. Foi muito divertido! Ficamos em uma cidade relativamente perto, Millie Bay, e apesar de não ser a melhor época para se visitar uma cidade praiana, foi bem legal. Não conseguimos entrar no mar por causa do tempo, já que ainda estava um pouco frio, mas fomos na piscina aquecida do nosso hotel e passamos bastante tempo explorando a cidadezinha. Visitamos uma plantação de morango — nos falaram que eram os melhores do mundo, e depois de provar, acabamos concordando —, fizemos algumas trilhas e comemos

várias vezes em um restaurante de frutos do mar delicioso. Estávamos precisando dessa pequena viagem!

Mas como nem tudo são flores, a maré começou a subir.

Nossa, eu sou péssima com isso... os problemas começaram a aparecer. Isso.

Charles está estranho comigo desde o dia que voltamos do encontro duplo. Eu não consigo lembrar de nada que tenha acontecido ou algo que eu tenha dito para que ele estivesse chateado comigo. Apenas os bebês, e eu perguntei se era isso. Se ele achava que eu estava apressando as coisas, mas ele garantiu que estava tudo bem e não tinha nada a ver com isso.

Então, o que está acontecendo?

Ele está me evitando no colégio também. Não nos encontramos antes das aulas começaram nenhuma vez essa semana, nem nos intervalos. Só nos vimos no almoço, junto de todos, e ele parecia bem... seco comigo, mas não grosso. Nunca grosso. Charlie é sempre carinhoso, mesmo fugindo de mim. E sempre que o sinal do término das aulas tocava, ele já tinha ido embora.

As mensagens que trocamos a noite estavam cada vez mais escassas. Eu parecia estar forçando-o a falar comigo, e não gostava disso. Eu sempre falei muito mais que meu namorado, não tem como negar, mas não tinha me

sentido assim antes. Como se ele não quisesse conversar comigo. E quando eu pergunto o que está acontecendo, ele muda de assunto.

Será que está acontecendo algo com o pai dele? Ele tinha feito algo para Charlie ou Cassie?

Não, não pode ser. Ele prometeu que me diria se algo acontecesse. E não se quebra promessas, certo?

A única opção que sobra é... ele quer terminar comigo. E também é a mais plausível de todas. Garotos só ficam estranhos assim quando cansam de você, não é? Bem, eu realmente acredito que nós vamos ficar juntos para sempre, casar e ter quatro filhos, ele parecia querer o mesmo. O que mudou de um dia para o outro?

— Ei, Alex! — Os dedos de Eleanor estalam na frente do meu rosto, e depois eu ouço sua voz. Eu realmente estava viajando pensando nisso tudo. — Você foi para outro planeta e voltou. Tá tudo bem?

— Hum... sim, claro — respondo, balançando a cabeça como se não fosse nada. — Tudo ótimo, amiga.

Nós estamos indo para o treino das líderes de torcida juntas. Eu e as meninas tínhamos combinado de passar o final da tarde juntas no restaurante brasileiro da mãe de Nora e, por isso, ela e Ellie assistirão o nosso ensaio e depois partiremos para o centro de Millsh.

— Alex, eu te conheço. O que está acontecendo? — ela pergunta de novo, segurando meu braço e fazendo-nos parar no meio do corredor. Ela me puxa até uma das paredes, para sairmos do meio caminho e termos um pouco de privacidade.

Ela é a minha melhor amiga. Eu não tenho motivos para mentir. Por isso, falo: — Charlie está meio... distante. Ele parece não querer mais conversar comigo e tenho quase certeza que está me evitando. Eu... já pensei no que pode ter acontecido para ele estar assim, mas o único motivo coerente é que ele quer terminar comigo.

Eleanor Collins ri quando eu termino de falar.

Isso mesmo, eu abro o meu coração para minha amiga e ela dá risada.

— Eleanor! — repreendo-a, e ela se recupera do seu momento.

— Amiga, é só que... ele com certeza não quer terminar com você. Ele é completamente apaixonado por você.

— O encanto pode ter passado? — sugiro, trocando o peso de um para o outro.

— Alex, eu soube dos sentimentos dele em uma das primeiras vezes que eu o peguei a encanando-a — ela revela, e eu fico um pouco surpresa. Eu sabia que ela desconfiava dos sentimentos de Charlie por mim há um tempo, mas não tanto assim. — Ele olhava, ainda olha, na verdade, para

— você como se você fosse a única mulher na terra. Ele não vai terminar com você porque ele perdeu o encanto.

— Mas ele está estranho — reforço, porque essa é toda a questão.

— Já tentou conversar com ele sobre esse comportamento?

— Ele diz que está tudo bem, que não está acontecendo nada.

— Essa conversa rodou pessoalmente? — ela questiona, levantando uma das sobrancelhas castanhas para mim.

— Hum... não. Por mensagem.

— Então você deveria falar com seu namorado cara à cara e tirar dele o motivo de estar distante. Oferecer ajuda, se ele precisar, para resolver qualquer que seja a situação.

— Você sabe que ele não gosta que o ajudemos, Ellie. Ele tem esse complexo, ou sei lá, de salvador e quer fazer tudo sozinho — reclamo, revirando os olhos.

— Ele é orgulhoso, amiga, mas talvez... talvez você consiga convencê-lo que está na hora dele pedir ajuda — Eleanor diz, fazendo um carinho no meu braço e sorrindo fraco. Acho que nem ela acredita nisso.

— Eu vou conversar com ele — falo, firme, porque não aguento mais ficar nessa situação estranha com meu namorado.

— Estou aqui para o que você precisar, tudo bem?

— Obrigada, amiga — respondo, sorrindo e a puxo para um abraço.

— Amo você.

— Também amo você, cunhadinha — ela diz, nos meus cabelos, e nós duas rimos.

Nos desvencilhamos e eu respiro fundo três vezes, indo para o campo encontrar a minha equipe de torcida.

Agora, eu não sou mais namorada de Charlie, sou a capitã das líderes de torcida da Millsh High e temos que fazer uma apresentação impecável no próximo jogo, que será muito importante para nossos meninos do futebol americano.

E é com essa faceta de capitã que eu consigo passar todo o treino sem pensar no meu namorado e na situação delicada que nos encontramos. Eu sou a pessoa que minhas meninas precisam que eu seja.

Mas assim que a treinadora apita, anunciando o fim do ensaio, eu relaxo completamente. Não preciso mais ficar me policiando para onde minha mente vai.

Eu, Lily e Allie vamos direto para o vestiário, tomar um banho rápido, trocar de roupa e sair para ter um fim de tarde somente das meninas no melhor restaurante de Millsh.

Assim que estamos todas prontas e encontramos Nora e Eleanor do lado de fora, a ruiva anuncia que já tinha comunicado a mãe da nossa

presença em poucos minutos, e tia Adriana falou que ia preparar vários salgados e doces para a gente.

Como prometido, uma cesta de pães de queijo e uma caixa de brigadeiros de vários sabores nos aguardam em uma das mesas. Além disso, a mãe de Nora também estava preparando mini salgados de queijo e presunto, coxinha e guaraná natural.

— Eu terminei mais alguns capítulos e vou te mandar por e-mail, tudo bem? — Nora me puxa para um cantinho, sussurrando no meu ouvido, assim que chegamos.

— Claro, amiga! Eu li os que você mandou essa semana, aqueles que você reescreveu algumas partes, sabe? Tá perfeito! — elogio, porque ela merece. Minha amiga é uma grande escritora, e esse ainda é só o começo da carreira dela.

— Você acha?

— Eu tenho certeza — garanto, piscando um dos olhos para ela e vamos nos sentar com as meninas.

Com várias comidas gostosas e companhias maravilhosas, temos uma tarde incrível juntas. Bem, tirando o momento que Allie percebeu que Lily ainda não tinha provado nada, estava apenas tomando sua água gelada. Ela ficou super preocupada com a Lily, mesmo ela dizendo que já tinha comido antes do treino e estava ótima. Nossa amiga só parou a discussão quando a

loira, finalmente, comeu duas coxinhas. Foi o suficiente para ela praticamente gemer, de tão delicioso estava o salgadinho, e começar a atacar todos. Todas ficamos orgulhosas da nossa amiga por estar comendo.

Pouco tempo depois de nos ajudar a acabar com toda comida, Lily avisou que precisava ir embora rapidamente, porque sua mãe precisava de sua ajuda em casa. Não pude deixar de reparar que ela parecia a um passo de chorar, mas não comentei nada. Ela já foi confrontada por Allie, eu não iria fazê-la passar pela situação de novo. Ela se despediu de todas nós e ficamos observando-a pelas janelas de vidro, até ela entrar no táxi.

Nós não ficamos muito mais tempo lá depois que ela foi embora, já que quando fazemos esse programa de garotas, gostamos de estar todas juntas. Então, só ficamos mais alguns 15 minutos lá e nos despedimos, cada um indo para seu lado.

Assim que salto do táxi em frente a minha casa, percebo que o carro do meu irmão não está na garagem. Ele provavelmente está em seu trabalho voluntário, treinando as criancinhas do futebol americano, mas os carros dos meus pais estão.

— Oi, minha flor — Papai Marcus me cumprimenta assim que entro na cozinha. Eu ouvi as vozes deles vindo de lá quando entrei em casa, então resolvi aparecer no cômodo.

— Oi, querida. Como você está? — Meu pai Paul pergunta logo que eu me sento em uma das banquetas da ilha, ficando de frente para eles.

— Oi gente! Tudo ótimo. O que vocês estão fazendo aí?

Eles estão do outro lado da ilha da cozinha, preparando algum tipo de... doce? É, acho que é doce. Tem um folheto ao lado e acho que é a receita que eles estão seguindo. Marcus está com um avental de "gostoso na cozinha" e Paul com um de "melhor pai do mundo". Bem, nem preciso dizer que foram presentes meu e de Jason, não é? Foi há alguns anos, e nós decidimos dar aventais de cozinha, já que eles adoram cozinhar juntos. Mas combinamos que cada um escolheria um, e foi isso que aconteceu.

Eu não consigo deixar de sorrir quando vejo alguém usando algum presente que eu dei.

— Lembra a plantação de morangos que visitamos no fim de semana?

— Marcus indaga, ainda concentrado na massa.

— Claro que sim. Os morangos estavam muito, muito bons.

— Estamos tentando preparar uma das receitas do folheto que nos deram na saída — Paul explica, indicando o papel na mesa com a cabeça.

— E o que é isso aí? — pergunto, curiosa.

— Cookies de morango e chocolate — Marcus responde, lançando um sorriso para mim. — Só falta misturarmos as gotas de chocolate e os pedaços de morango para levar ao forno.

— Humm... parece delicioso! — digo, me inclinando na ilha para dar mais uma olhada dentro da batedeira. — Vai ser a sobremesa de hoje?

— Se seu pai não o deixar queimar, com certeza — Paul brinca, misturando os últimos ingredientes e recebendo um olhar feio de Marcus.

— A culpa é sua por ter me distraído da última vez, amor — papai responde e eu faço um gesto de vômito, que é algo que eu e Jay sempre fazemos quando eles começam a falar de momentos íntimos demais entre eles.

— Você está ficando igualzinha ao seu irmão, Alexia — Paul diz, balançando a cabeça. Provavelmente deve estar pensando o que fez para merecer os filhos que tem. Mal sabe ele que somos uma mistura dele e do amor da sua vida, completamente.

Eu ia respondê-lo, mas me distraio com uma notificação chegando no meu celular, anunciando uma nova mensagem. Desbloqueio o aparelho vejo que é uma mensagem de Charlie, respondendo a algo que mandei bem mais cedo para ele, perguntando se podíamos fazer uma chamada de vídeo antes de dormir.

*Charles: hoje não dá, Lexie. Quem sabe amanhã?*

Minha cara fecha no mesmo momento que termino de ler.

Eu estou há dias tentando falar com ele durante a noite, como sempre fizemos antes, e tinha se tornado nossa tradição, mas, recentemente, ele

recusa todas as vezes que eu toco no assunto.

O que diabos está acontecendo com ele?

— Filha? Tudo bem? — Paul pergunta quando percebe minha expressão triste. Marcus, que tinha acabado de fechar o forno com as bolinhas de massa que em breve se tornarão cookies, vem até nós, parecendo preocupado também.

— Mais ou menos — confesso, suspirando. — Charlie está meio estranho comigo há quase uma semana, e eu não sei o que aconteceu.

— Vocês já conversaram? — Papai Marcus indaga, cautelosamente.

— Acho que ele está me evitando — respondo, muito cansada da situação. — Estava tudo ótimo depois do nosso encontro duplo e... e nada. Ele começou a se afastar gradativamente depois disso. E eu não sei o que pode ter acontecido.

— Vocês precisam conversar e resolver essa situação, querida. Só uma conversa sincera vai ajudar — papai Paul diz, sorrindo fraco. — Você acha que pode ser algo com a família dele?

— Eu... não sei. Acho que não, porque ele me prometeu que me diria se algo ruim demais acontecesse. E não se quebra promessas. — Posso parecer uma criança falando isso, mas é o que eu acredito e Charles sabe disso também. Ele não me faria uma promessa se fosse quebrá-la depois.

— Vocês precisam colocar as cartas na mesa, minha flor — Marcus fala. — Essa situação está te afetando, e acredito que a ele também.

— Eu o amo. Demais, sabe? Acho que ele e o amor da minha vida — revelo, sorrindo tristemente para meus pais. — Eu não quero perdê-lo. Não quero que ele termine comigo! Eu não sei se aguentaria.

— Querida... — papai Paul fala, cautelosamente, e eu volto a minha atenção para ele. — Se, e eu estou falando se, ele terminar com você, você vai aguentar. Você não vai morrer. Você é jovem e tem muita coisa para viver.

— Corações partidos fazem parte da vida — papai Marcus complementa, e eles trocam um sorriso.

É pedir demais um amor como o deles?

— Querida, por que você envia uma mensagem dizendo para ele vir amanhã aqui e vocês conversarem? — Paul sugere, e eu assinto, secando uma lágrima solitária que escorre pelo meu rosto.

Pego meu celular e abro na conversa com Charlie.

*Alexia: você pode vir aqui em casa amanhã? Precisamos conversar, Charlie. Urgente.*



Charles Brown está a caminho da minha casa neste momento.

Após eu ter mandado a mensagem ontem à noite, conversamos um pouco e ele disse que passaria aqui pela manhã, já que Cassie irá para o clube da cidade com os pais de James.

Eu estou nervosa, bem nervosa.

Mas por que diabos eu estou assim? É Charlie, meu namorado e meu amigo mais antigo da infância. A pessoa que eu mais confio e também o amor da minha vida. Ele disse que nunca me machucaria, tanto para Eleanor, quanto para Jason, e eu acredito nas palavras dele.

Eu não tenho motivos para estar assim.

Ele chegará, nós conversaremos e resolveremos o que quer que estiver acontecendo na vida dele. A situação familiar pode ter piorado e ele está deixando o orgulho de lado, vindo aqui me explicar e pedir ajuda. Poderemos falar com os meus pais e...

Meu fluxo de pensamentos são interrompidos pelo som da companhia do andar de baixo.

Como ninguém mais está em casa — Jay na casa de Ellie e meus pais saíram para um encontro —, eu desço a escada de dois em dois degraus para chegar na porta rápido.

— Oi, Charlie! — cumprimento-o, sorrindo. Por mais que nossa relação esteja meio estranha no momento, eu nunca deixaria de ficar feliz em vê-lo.

— E aí, Lexie — ele responde, me lançando um sorriso fraco.

Eu me aproximo para beijá-lo, o que não fazemos há alguns dias, mas ele me impede e apenas deixa um beijo na minha testa.

Estranho.

Abro espaço para entrar e ele passa pela porta, parando ao meu lado no hall de entrada.

— Vamos... para o meu quarto? — sugiro, meio incerta. Não sei como lidar com essa versão fria de Charles.

— Pode ser, claro — ele diz, e eu aceno, guiando-o até meu quarto no andar de cima, um caminho que ele conhece bem.

Nós subimos as escadas em silêncio. Entramos no cômodo em silêncio. Eu fecho a porta e me sento na beira da minha cama, ainda em silêncio. Ele faz o mesmo, ficando ao meu lado, e adivinha? Em silêncio!

— Charlie... você está me deixando preocupada. Aconteceu alguma coisa? — pergunto, finalmente, tentando quebrar o clima estranho entre nós. — É... o seu pai?

— Está... está tudo bem — ele fala, engolindo em seco, sem olhar para mim.

— Então, o que está acontecendo? — pressiono, mais uma vez. — Você mal falou comigo esses últimos dias e está me evitando, Charles! Eu estou preocupada com você — confesso, um pouco esgotada da situação dele não se abrir para mim. — Você me prometeu que, se tudo com seu pai piorasse, você me diria e...

— Eu acho melhor a gente dar um tempo — ele solta, me interrompendo.

Eu pisco três vezes para ter certeza do que ouvi.

Ele não disse o que eu escutei... disse?

— Dar um tempo? — eu repito, ainda desorientada com isso.

— Nós estamos.... estamos indo rápido demais, eu acho. Ainda somos jovens e... eu acho que não precisamos ter pressa — ele explica, mas as palavras soam doloridas. Ele parece não querer fazer isso, eu sinto.

— Charlie...

— Só um tempo, Lexie, é tudo que te peço — ele finalmente volta seus olhos castanhos na minha direção, e ele parece estar a dois passos de chorar quando vê os meus olhos cheios d'água. — Eu s-só preciso resolver as coisas e eu volto para você. Eu sempre volto para você, linda.

— Que coisas, Charles? Que coisas você precisa resolver? — insisto, porque tenho quase certeza que ele está quebrando a promessa que me fez.

— Só... só confie em mim, Lexie.

— V-você me prometeu, Charles, que me contaria se as coisas tivessem piorado, para podermos pedir ajuda e resolvermos juntos — eu relembro, e ele engole em seco mais uma vez, fechando os olhos para não deixar as lágrimas caírem. — Então eu vou te perguntar mais uma vez e, dependendo da sua resposta, eu não quero mais você. Nunca mais.

— Lexie, por favor... — ele suplica, colocando suas mãos sob as minhas, que estão descansando nas minhas coxas.

— Nao, Charlie — falo, balançando a cabeça e puxando minhas mãos de volta. — O que, de fato, está acontecendo? Porquê... porque eu sei, eu sei que você me ama, e você não faria isso. Então, por favor, Charlie, me deixa te ajudar.

Ele fica em silêncio durante alguns instantes, apenas com os orbes fixos nos meus. E, quando ele fala, suas palavras me cortam: — Eu não posso, linda. Mas eu te amo! Eu só quero um tem...

— Sai — digo, baixinho, não dando chance para que ele termine de me machucar.

— O que? Lexie, por favor!

— Charlie, eu estou pedindo *por favor*, desta vez. Por favor, saia da minha casa — eu peço de novo, sentindo meu rosto inteiramente molhado pelas lágrimas que não tem mais vergonha de sair.

— Eu vou resolver toda a merda da minha vida, linda, e eu vou voltar para você. Como a pessoa que você merece. Você vai ver — ele garante, mas eu tenho forças para acreditar mais nas palavras de Charles.

— Charlie... não complica mais as coisas. Você já me machucou o suficiente, não preciso de promessas vazias — eu peço, limpando o rosto com o dorso da mão.

— Eu amo você, Lexie — ele diz mais uma vez, deixando um beijo na minha cabeça e saindo do meu quarto.

Assim que ouço a porta lá de baixo bater, eu engatinho pela minha cama, e deito nas almofadas, puxando a coberta para me cobrir. Mais uma vez. Mais um namoro. Mais uma traição, de certa forma, já que Charlie traiu a minha confiança de uma forma diferente de Kyle.

Se me perguntassem há alguns anos qual dessas duas traições eu acharia que doeria mais, eu não hesitaria em dizer a de Kyle, que o peguei na cama com outra.

Porém, agora, não acho mais isso.

A pior traição é a de Charles Brown, porque eu o amo com todo meu coração. Amo tanto, porque a esta altura, percebo que nunca vou deixar de amá-lo.

E derramo todas as lágrimas por ter o coração partido pelo amor da minha vida.



*charles*

Eu sabia que no momento que Alexia Jenkins me procurou para ajudá-la a riscar os itens de sua lista, eu estava fodido. Eu realmente acreditei que poderia passar tanto tempo com ela e que não aconteceria nada? Que meus sentimentos continuariam adormecidos, como em todos esses anos?

Porra, eu sou muito burro.

Eu devia ter dito não, dando alguma desculpa esfarrapada e continuado a seguir meu plano. Não tinha como dar errado: eu iria passar para alguma faculdade, com bolsa de 100%. Alugaria um apartamento perto do campus, com dois quartos, para mim e Cassie. Arrumaria um emprego meio período, que eu conseguisse conciliar com as aulas. Quando eu visse

que tudo estava correndo bem, talvez no 2º semestre mais ou menos, eu iria atrás de Alexia e me declararia para ela. Ela talvez não retribuísse o sentimento, mas, pelo menos, eu teria feito tudo no momento certo. Se ela dissesse que também gostava de mim, eu iria dar um jeito de fazer nossas vidas darem certo juntas.

Eu faria de tudo por ela. Tudo para poder chamá-la de minha.

E, por um breve momento, eu pude fazer isso. Mas, no fundo, eu sabia que as coisas dariam errado. Tudo sempre dá errado na minha vida.

Superstição ou não, eu continuarei culpando a porra do espelho por todas as merdas na minha vida. Para completar, eu tinha quebrado não só a promessa que fiz a Lexie — e eu sabia o quanto ela se importava com isso —, mas também o coração dela. O que eu também acreditei que nunca iria fazer.

Ela chorando por *minha* causa, me destruiu. Fazia anos que eu não chorava, mas vê-la derramando lágrimas, por algo que *eu* fiz foi demais para mim. Durante todo o tempo que fiquei na casa dela, meu coração estava doendo. Eu não queria machucá-la, não queria fazê-la passar por isso.

Mas foi preciso.

Eu prefiro que Alexia nunca me perdoe, e que me odeie para sempre do que sequer pensar na possibilidade do meu pai chegar perto dela. Eu já

passo por um terror em viver na mesma casa que ele, e tenho medo por Cassie todos os dias. Eu não preciso me preocupar com mais uma pessoa se eu puder tirá-la disso.

E é o que eu faço.

Para o bem dela. Para a segurança dela. E porque eu a amo demais para colocá-la dentro dessa bagunça.

Não tinha como ter terminado com ela de uma forma menos dolorosa, sem explicar o motivo real. Se Alexia soubesse o que, de fato, estava acontecendo, ela não hesitaria em contar para seus pais para que ajudassem, mas eu não quero isso. Nunca quis. Por isso, nunca expliquei com todos os detalhes a situação de casa, porque eu quero lidar com tudo sozinho. Pode soar bem egoísta e orgulhoso, mas é o que eu quero. O que eu sinto que é certo.

E isso está me custando o grande amor da minha vida.

Porra, eu estou tão fodido.

— Charlie? Ei...! — Cassie praticamente grita ao meu lado no ônibus, e eu me assusto. Eu estava, mais uma vez, lembrando o que aconteceu no fim de semana e fiquei preso nos acontecimentos. De novo. Isso tem acontecido bastante desde sábado. — Você não está prestando atenção em nada que eu digo!

— Desculpa, mana. Eu viajei. O que foi? — pergunto, voltando toda minha atenção para ela.

— Eu perguntei quando você vai sair com a Alex de novo, para eu poder ficar na casa dela com o tio Paul e tio Marcus!

Ah, merda.

Cassandra está mesmo me fazendo uma pergunta difícil em uma segunda-feira de manhã?

— Eu não sei, Cassie. Eu e Alexia meio que... não estamos mais juntos. Ela não é mais minha namorada.

— O que? Por que? — ela questiona, surpresa, franzindo o cenho para mim. — Você gosta dela. Ela gosta de você. Por que vocês não estão mais juntos?

— É complicado, Cassie.

— Eu já tenho quase 10 anos, Charlie! Eu sou bem velha já para saber porque você não gosta mais dela — minha irmã diz, decidida, cruzando seus bracinhos. — Eu ouvi você dizendo para o papai que não estava mais namorando ela, mas eu achei que você estivesse mentindo para ele. Ele também falou que ia atrás dela para pedir dinheiro. Você tá com medo que o papai machuque a Alex?

Porra. Como minha irmã com apenas 9 anos é tão esperta?

Eu não tenho como inventar qualquer história para ela agora. Não só porque eu não gosto de mentir para Cassie sobre a nossa situação, mas porque ela já sabe demais, mesmo que eu não queira que ela esteja a par de tudo.

— É claro que estou, Cassie. Assim como não gosto que moramos na mesma casa que ele. Você sabe que papai não é uma pessoa boa. — Eu nunca escondi isso dela. Não queria que ela baixasse a guarda perto dele, se ele aparecesse sendo muito gentil com ela. Minha irmã sempre soube da verdadeira face de Aiden Brown. — E eu não posso deixá-lo chegar em mais uma pessoa que eu amo.

— Alex me disse, uma vez, para ligar para ela se as coisas não estivessem muito legais com o papai. Você não acha que devemos fazer isso agora? — minha irmã pergunta, e realmente é a coisa certa a se fazer, mas ela não entende o meu lado orgulhoso que não quer fazer isso.

— Não vamos incomodá-la, Cassie. Em breve, eu vou para a faculdade, e depois vamos morar sozinhos. Só eu e você. Você não está animada para ter um quarto novo? — tento mudar o assunto, porque ainda é algo doloroso para mim.

— Vamos... vamos continuar morando aqui? Eu vou continuar na mesma escola, né?

E essa é a pergunta de milhões.

Eu não faço ideia.

Eu não quero tirar Cassandra da escola, ainda mais agora que ela fez amizade com James, e sei o quanto ela gosta do melhor amigo. Eu não posso tirar mais coisas delas, assim como nossos pais fizeram quando escolheram fazer o que fizeram com a gente.

Mas também não sei se quero deixá-la tão perto do nosso pai. Nunca se sabe a loucura que aquele filho da puta poderá cometer.

— Eu acho que sim, Cassie, mas não sei ainda — respondo com sinceridade. — Se eu conseguir uma boa bolsa de estudos em Schönilla, a universidade aqui perto, acho que podemos ficar.

— James ganhou um violão de aniversário e ele disse que vai me ensinar a tocar, quando ele aprender. Ele está fazendo aulas, sabia? — ela conta, parecendo interessada nesse assunto de música. — Eu disse que se ele me ensinar a tocar, eu posso ensiná-lo alguns golpes que estou aprendendo nas aulas com Ellie.

— Isso é muito legal, Cassie.

— Não podemos ir embora antes de eu aprender a tocar violão — ela fala, em tom de aviso, fechando a cara para mim.

— Vou fazer de tudo para que você fique e aprenda a tocar, mana — garanto, bagunçando um pouco o cabelo dela, porque sei que ela odeia.

Durante todo o percurso até o colégio de Cassie, e depois para ir para o meu, eu me sinto extremamente nervoso. Nem a ver feliz com seu melhor amigo fez essa sensação passar. E olha que um sorriso no rosto da minha irmã, normalmente, cura todas as minhas dores.

Não é ansiedade só para ver Alexia depois do fim de semana, mas todo o meu grupo de amigos. Eu não sei se eles já estão sabendo do que tinha rolado, mas, pelo menos, Jason já deveria saber.

E eu não quero brigar com o meu melhor amigo de novo. Mais uma vez, por algo que é totalmente minha culpa. Com esse pensamento, eu traço o meu plano do dia quando entro na escola: evitá-lo a todo custo. Até ele esquecer dessa história toda.

É claro que meu plano dá completamente errado assim que eu passo pelo portão. Sinto alguém me puxar pela alça da mochila e eu nem preciso me virar para descobrir quem é. Eu sei que é Jason Jenkins, e sei que estou fodido nas mãos dele.

Quando eu finalmente me viro, ele me solta e vira-se de costas para mim, seguindo em direção ao campo de futebol americano. Ele não precisa dizer nada, eu sei que é para eu segui-lo. E se não fizer isso, ele vai atrás de mim de novo. É melhor tirar o curativo de uma vez só do que aos pouquinhos.

Assim que chegamos perto da arquibancada mais próxima, Jason joga sua mochila no gramado e, finalmente, vira-se de frente para mim.

— Você vai me contar por que minha irmã estava se matando de chorar quando eu cheguei em casa ontem? — ele me pergunta, com a feição totalmente fechada e irritada.

Jason é a borboleta social do nosso grupo, juntamente da irmã. Quase nunca o vemos puto, mas é claro que todas as vezes que isso aconteceu recentemente, eu estou envolvido. O prêmio de melhor amigo do ano claramente não vai para mim.

— Eu tive que fazer o que era melhor para ela — respondo, juntando toda a força dentro de mim para não chorar.

— Você acha que o melhor para Alex é ficar na cama o fim de semana inteiro chorando pelo cara que falou para nossos pais que era o amor da vida dela? Porra, Charles! — Jay leva as mãos para nuca e começa a andar de um lado para o outro.

As palavras dele grudam na minha mente.

Ela disse para Paul e para Marcus que eu sou o amor da vida dela? Ela me ama tanto assim?

*Amava*, eu me lembro, porque depois de quebrar não só a promessa que eu fiz, eu também quebrei o coração da minha Alexia. Não sei se ela

me perdoará.

— Você sabe que isso poderia ter sido evitado — Jason fala novamente, quando eu não digo nada sobre sua constatação anterior. — Sabe que estamos aqui para você, porra! Você não precisa se esconder nesse casulo seu e achar que deve salvar o mundo sozinho. Não é assim que a vida funciona, Charles!

— Jason... — chamo, tentando interrompê-lo, porque sei que tudo o que ele está dizendo é verdade. Mas eu não quero ouvir.

— Cala a boca e me escuta! — ele pede, e eu me calo. A versão de Jason Jenkins irritado não é a mais amigável. — Essa é a última chance que eu vou te dar, Charlie. Eu, Jason, seu melhor amigo. Porque eu, Jason, irmão de Alexia, queria estar te metendo a porrada, mas Collins me fez prometer que eu não faria isso. — Apenas a menção a uma promessa me fez lembrar do rosto cheio de lágrimas de Lexie. Porra, eu irei chorar de novo. — O que, caralhos, está acontecendo na sua casa? Por que você não quer sair daquele lugar? Você sabe que eu faria de tudo por você! Você é o meu melhor amigo, Charlie. E eu odeio, odeio, ver a minha irmã sofrendo. E o pior? Eu consigo ver que você também não está gostando disso. Então por que você não aceita que nós possamos entrar na sua vida e te tirar da merda que você está?

Eu não percebo que estava chorando até sentir as lágrimas caindo no meu pescoço descoberto.

Porra, eu sei que Jason está certo. E é por isso que estou chorando. Por ter feito o que eu fiz com a Lexie, pela situação de merda que Cassie está inserida, por ter magoado meu melhor amigo de novo e, principalmente, por ter sido um moleque tão descuidado que correu com um espelho na mão e quebrou-o.

E mesmo sabendo de tudo isso, eu não quero desistir e recorrer a outras pessoas. Eu fiz a merda anos atrás, e eu a consertarei. Não preciso da ajuda de ninguém para isso. Eu sobrevivi todos esses anos sozinho, eu consegui aguentar mais alguns poucos meses.

Em breve, tudo estará em seu devido lugar.

— Eu... eu não posso, Jay — finalmente respondo, e Jason respira fundo quando as palavras saem da minha boca. — T-tudo isso é algo que preciso fazer sozinho.

— Você não precisa, Charlie. Nós estamos aqui por você — ele diz, cautelosamente, parecendo esgotado de tudo isso. Eu entendo, porque estou igual.

— E-eu não posso. Desculpa, cara, mas... — não tenho a chance de terminar de falar, porque ele me interrompe.

— Essa é a última vez que eu tento te ajudar.

É a última coisa que meu melhor amigo fala antes de pegar sua mochila e voltar para as dentro do colégio.

Eu não estou perdendo só a minha namorada e a mulher da minha vida, mas o meu melhor amigo também. E eu sei que agora é só questão de tempo até Lily, Allie e Nora saberem também, e me odiarem. Como todos eles.

Como o meu pai me odeia.

Como a minha mãe me odeia.

E, em breve, talvez Cassie me odeie também.

As consequências dos anos de azar nunca acabam para mim.



Eu estou um caco.

Acabado. Destruído.

Todos os adjetivos ruins que poderiam descrever uma pessoa, eu estou assim.

A semana foi uma merda.

Eu passei por Alexia algumas vezes nos corredores do colégio e ainda tivemos nossa aula semanal juntos, sem nem um olhar dela para mim. Era como se eu não existisse. Exatamente como ela fez com Kyle quando eles terminaram. Eu realmente achei que fosse ser diferente? Porra, eu também tinha a traído, de certa forma. Talvez mais do que ele, pelo nosso histórico de amizade de anos.

Ela não tentou me contatar em nenhum momento, e faria uma semana do fatídico dia já. Eu entendi, claro. Mas... mesmo assim, sou prepotente demais para querer que ela tente vir atrás de mim? Quando fui eu que a afastei?

Putá que pariu, eu sou um merda.

E eu não tenho ninguém.

Eu não sei como as meninas estão lidando com isso, já que não almoço mais com o meu grupo de amigos. Lexie está sempre na mesa deles e eu não quero transformar o almoço em algo desconfortável. Alli e Nora me cumprimentam normalmente, já que nunca fui tão próximo delas. Lily, por outro lado, me fuzila sempre que trocamos olhares no colégio. Eleanor... não sei. Ela parece estar com raiva de mim, e sempre que ela tenta vir até mim para conversar, eu fujo.

Eu fujo como um maldito covarde, porque eu sei o que ela falará para mim, e eu não quero ouvir.

Cassie também está chateada comigo. Ela gosta muito de Alexia, tanto quanto gosta da família Jenkins. Ela estava doida para voltar a casa deles e passar mais manhãs, tardes, noites... o que for, com Paul e Marcus. E tenho a impressão de que ela estava os vendo como os pais que nunca teve. Apesar de eu ter praticamente criado minha irmã, ela sempre me viu como o irmão mais velho, nunca como pai. Talvez pela nossa idade não tão distante. Não sei. No entanto, a questão é que ela via uma figura paterna nos pais Jenkins, e eu estou muito, muito mal por tirar isso dela.

Caralho, será que algum dia eu pararei de errar?

— Quanto tempo você está planejando me evitar? — Tomo um susto quando vejo a figura de Eleanor dentro do banheiro masculino.

Porra. Ela está mesmo me esperando dentro do banheiro?

Se eu fizesse xixi nos mictórios, como todos os outros, não teria essa surpresa. Mas é claro que eu prefiro usar as cabines e passar por situações como essa.

— É melhor você ir, Eleanor. Qualquer um pode entrar — falo, indo até uma das pias ao seu lado.

— Jason está do lado de fora, vigiando a porta para que ninguém entre — ela conta, com um sorriso arrogante no rosto.

Eu estou fodido. Mais uma vez.

— Você se lembra da conversa que tivemos assim que você e Alex começaram a se aproximar? — ela indaga, quando eu não falo nada sobre Jay estar do lado de fora. — Porque eu lembro, Charlie. Lembro especialmente de você me dizendo que não machucaria minha amiga.

— Eleanor, por favor... — peço, suplicando, porque não aguento mais nenhum sermão. Por mais que eu mereça. Eu sei que mereço.

— Só me escute, Charles — ela diz, levantando a palma da mão, indicando para que eu fique onde estou. — Eu te conheço porque somos parecidos, Charlie. Eu não queria Jason na minha vida porque estava... estava tudo uma bagunça, e ele merecia alguém descomplicada. Uma pessoa muito melhor do que eu jamais seria. Pelo menos, era o que eu pensava. Então, eu fiz de tudo para mantê-lo afastado e você viu como isso terminou. Eu acabei magoando a pessoa que menos merecia ter passado por isso nessa história.

O romance de Eleanor Collins e Jason Jenkins seria sempre lembrado.

A garota nova, que esbarrou no capitão do time de futebol americano no primeiro dia de aula, e ele acabou derrubando o café gelado nela. Ela mantinha um ódio — um pouco sem fundamento, na minha opinião — por ele, sendo que Jay esteve sempre aos pés dela, desde o primeiro dia. As provocações, os flertes, o relacionamento escondido... e o ex-namorado abusador e maluco dela. Ele, que fez Ellie ser odiada por todos em sua

cidade, antes de se mudar para cá. Era por causa dele que ela tinha um bloqueio emocional e foi por isso que ela teve uma grande dificuldade em acreditar que Jason era diferente dele. Ainda mais quando o ex-namorado apareceu para falar tudo que ela queria esquecer e ela achou que atacar o garoto que estava apaixonada resolveria as coisas. Ela não o queria em sua vida de merda, e a forma mais fácil de afastá-lo, foi magoá-lo, destilando palavras cruéis para ele. Ela sofreu, ele sofreu, mas o importante era que tudo estava bem agora entre os dois.

Mas é diferente, a história deles não se compara ao que aconteceu entre Alexia e eu .

— Você sabe que é tudo diferente, Eleanor — repito a mesma coisa que disse para ela na primeira vez que tivemos essa conversa.

— Não, não é, Charles! — ela rebate, respirando fundo. Talvez se controlando para não me bater. Eu não julgo, porque também queria me dar umas boas porradas. Eu mereço. — Você é orgulhoso, assim como eu. Você não quer pedir ajuda, mesmo sabendo que precisa. Você não quer confiar totalmente em alguém para resolver seus problemas. Mas essa é a vida real, Charles, e, às vezes, precisamos abaixar nossa cabeça e aceitar que precisamos de outras pessoas. Isso não nos torna covardes, sabia? Isso nos torna conscientes, porra!

Caralho.

Se me dissessem que a Eleanor Collins de meses atrás me daria essa lição de moral, eu não acreditaria. Ainda mais porque tudo que ela diz é verdade. Eu sei que é, mas... não. Eu não consigo colocar isso na minha cabeça. Eu preciso dar um jeito na minha vida, mas vou fazer isso sozinho. Eu não quero que ninguém me ajude e... porra.

Eu estou tão, tão cansado disso.

Tão cansado do meu pai. Da minha mãe ter sido presa e nunca ter feito nenhum esforço para querer que a gente a visitasse. De morar naquela casa de merda. De Cassie ter a vida como a que tem, porque ela merece mais. Muito mais. Tudo que faço é por ela. Sempre é por ela e por uma vida melhor.

— Eu... eu tô tão, tão cansado, Ellie — confesso. Não tem porque guardar isso para mim. — De tentar... tentar e nunca conseguir. Eu preciso ser uma pessoa melhor. Por Cassie. Por Alexia. Por vocês. Mas..., mas é difícil. E eu...

Eu paro no meio da frase quando sinto os braços de Eleanor rodearem a minha cintura. Uma de suas mãos vai para minha nuca e ela abaixa minha cabeça para que eu consiga deitá-la em seu ombro. Eu percebo que estou chorando, mais uma vez, quando vejo a camisa da minha amiga se molhando por minha causa.

— Shh... — ela sussurra no meu ouvido, fazendo um carinho no meu cabelo. — Tá tudo bem, Charlie. Vai ficar tudo bem.

— E-eu deveria estar estudando mais, trabalhando mais, enfrentando mais o meu pai — digo, entre soluços. Porra, é a primeira vez que eu soluço de tanto chorar. — Mas..., mas não dá mais, Ellie. E-eu tô esgotado e... e eu não posso desistir. Ainda t-tenho Cassie e...

A porta do banheiro masculino se abre e eu levanto a cabeça para ver quem é.

Jason fecha a porta atrás de si e sua cara murcha no mesmo momento que percebe meu estado. Que vê que eu estou desmoronando. Ele caminha até nós e também passa os braços ao meu redor.

Estamos em uma espécie de conchinha de abraço, e eu sorrio quando me toco disso.

— Você não está sozinho, Charlie — Jay murmura no meu ouvido, e eu balanço a cabeça para indicar que entendi.

Eu acredito nele.

— Eu... eu vou dar um jeito. Não vou fazer as coisas sozinho mais. E-eu vou tentar — garanto a eles e, pela primeira vez, acho que estou falando sério.

Eu vou atrás de ajuda para me tirar, e tirar a minha irmã dessa vida. Eu não sei como, quando, nem nada, mas eu sei que farei isso.

Eu seria uma pessoa melhor pela minha irmã, por Alexia e por meus amigos. Eu, finalmente, tentarei procurar pessoas para me ajudar.



*alexia*

É normal morrer de amor?

Porque a cada dia que passa, eu sinto que estou mais próxima disso.

Eu peguei meu ex-namorado, Kyle, com outra na cama, e ele ainda admitiu estar me traindo desde o início do nosso relacionamento, e não foi tão dolorido como está sendo agora.

Tudo bem, talvez tenha sido o fato que eu nunca o amei. Não como eu amo o Charles. No presente, sim, porque meus sentimentos não desapareceram, e não acho que eles vão, para ser sincera. Eu o amo desde, praticamente, a primeira vez que nos vimos. Quando ele disse, anos atrás, que nunca me veria de outra forma sem ser uma amiga, eu acho que fiz

esses sentimentos adormecerem dentro de mim. Eu me blindei contra Charlie.

Mas foi só eu voltar a passar mais tempo com ele, sozinhos, que percebi o quanto eu o amo. E sempre amarei.

Meus pais disseram que ainda era nova, essas coisas aconteciam e não, eu não morreria por um coração partido. Faz parte da vida. Eles me disseram que, antes de se conhecerem e se apaixonarem, já possuíam uma extensa lista de pessoas que quebraram seus corações. Eu só tinha 17 anos — em breve faria 18 —, e ainda iria viver muita coisa. Talvez até me reencontrar com Charlie no futuro. Tudo é possível.

Então, por que dói tanto?

Jason foi meu melhor amigo nesses últimos dias. Ele ficou do meu lado desde o momento que chegou em casa, naquele sábado à noite, e foi me chamar para jantar. Ele me viu embolada no cobertor e ainda chorando. Eu tinha parado, mas quando o rosto do meu irmão apareceu no meu campo de visão, eu lembrei que ele era melhor amigo de Charlie e as lágrimas voltaram.

Meu irmão não disse nada nos primeiros momentos. Ele apenas deitou na minha cama e me puxou para um abraço. Eu chorei tudo de novo, com a cabeça apoiada no meu peitoral dele enquanto ele fazia um carinho nos meus cabelos. Poucos minutos depois, meus pais apareceram também,

preocupados, já que devíamos ter descido há uns 15 minutos. Quando eles viram meu estado, se juntaram a nós na cama e eu fiquei dentro de um casulo dos homens Jenkins.

Naqueles minutos, eu me senti segura. Como se nada pudesse me alcançar, logo, eu não podia me machucar.

Todos os dias, meus pais e Jay pareciam me provar que eles eram a melhor família que eu poderia pedir a Deus. Eu não trocava nossa amizade, cumplicidade e lealdade por nada. Eles eram parte do meu coração, e sempre seriam.

Quando eu finalmente consegui me acalmar, eu expliquei o que tinha acontecido. Sobre Charlie ter vindo naquele dia e o que ele tinha me dito. Jason foi o primeiro a se pronunciar, querendo ir até a casa do melhor amigo para acabar com ele. Eu tive que lembrá-lo que, além de não querer isso, Eleanor também não ficaria nada feliz com o seu comportamento. Ele resmungou e não fez nada, felizmente. Meus pais, por outro lado, estavam preocupados com Charles. Nós já tínhamos comentado que algo estava rolando na família do nosso amigo, mas nós não tínhamos certeza do que. Então, quando eu contei que ele tinha admitido ter quebrado a promessa, que algo parecia ter piorado com o pai, eles quiseram intervir. Eu e meu irmão os convencemos que não era a melhor opção, já que Charlie não queria nossa ajuda. Ele já tinha deixado isso bem claro.

Eu estava odiando toda a situação.

A semana seguinte no colégio foi... normal. Jason estava na minha cola o tempo inteiro, para caso de trombarmos com o Charlie. Eu não queria que isso acontecesse, porque não estava pronta para lidar com isso. E meu irmão, sendo o melhor do mundo, não queria me fazer passar por isso. Então, eu ganhei um guarda-costas.

Felizmente, ele não apareceu na nossa mesa de almoço nenhuma vez durante essa primeira semana pós término. Ou como ele disse, *um tempo*. Fala sério, todo mundo sabe que dar um tempo é um término camuflado. Ninguém tinha assistido *Friends* e visto como isso afetou o relacionamento de Ross e Rachel? Pelo amor de Deus!

Enfim.

Como ele não comeu com a gente nenhuma das vezes, eu consegui deixar as meninas a par da situação. Contei um pouco que ele estava passando por uma situação complicada com a família, que ele tinha me prometido que me contaria se piorasse, e tudo mais. Ellie já sabia porque eu tinha mandado uma mensagem logo que ele foi embora da minha casa, então, Lily foi a primeira a se pronunciar quando eu terminei de explicar o ocorrido. Ela disse que estava totalmente do meu lado, que ele era um babaca e eu merecia coisa melhor. Allie rebateu dizendo que semana passada mesmo a nossa amiga tinha dito que Charlie estava bem mais

sociável e legal. Nós rimos de Lily se contradizendo, mas ela falou, me defendendo com unhas e dentes, que quem magoa amiga dela, já entra na lista de inimigos dela. Nora e Allie afirmaram estar do meu lado, sempre, mas que continuariam tratando-o com respeito e educação, e eu respondi que não esperava nada diferente. De nenhum deles. O problema era entre nós, somente, ninguém ali tinha que se intrometer.

E eu sei que eu também devo, no mínimo, respeito a Charlie. Mas... eu ainda não estou pronta. Por isso, evitá-lo, por enquanto, é a melhor escolha para mim.

Eu já estou totalmente acabada. Preciso recuperar minhas forças antes de lidar com ele de novo. Por causa do meu estado deplorável, minhas amigas decidiram que faremos uma noite das garotas na casa de Eleanor, no sábado. Elas alegaram que eu estava precisando repor as energias.

É por isso que hoje, em pleno sábado à noite, eu estou passando máscara facial em todas as minhas amigas. Elas sabem o quanto eu prezo por uma boa *skin care*, e não reclamam quando eu disse que traria todos os meus produtos.

— E a que eu estou usando é para que mesmo? — Nora pergunta de dentro do banheiro, enquanto eu espalho uma máscara no rosto de Ellie.

— Para hidratar, amiga. Sua pele estava muito seca — explico, sem tirar os olhos do da minha amiga à minha frente.

— Falta só 10 minutos para eu tirar essa gosma. Finalmente! — Allie comemora do banheiro, em que ela e a namorada continuam observando os rostos coloridos.

— Gente, *skin care* é vida! Parem de reclamar! Como vocês acham que eu mantenho essa pele linda? Só com água? Claro que não! Preciso passar todos os meus quinhentos produtos antes de dormir — Lily fala, e nós fazemos um *high-five*. Ela mesma trouxe seus próprios produtos e estávamos nos divertindo horrores, fazendo nossas amigas usarem.

Termino de passar a argila branca no rosto de Eleanor e aviso que são 20 minutos e depois ela poderá lavar, assim como fizemos da última vez. Eu a deixo com Lily no sofá, e vou até sua cozinha, para me servir de um pouco de água.

Enquanto estou colocando o líquido em um dos copos de vidro, eu observo todas minhas amigas juntas ali e tenho vontade de chorar. Em breve, cada uma irá para um canto, e nos veremos bem pouco. Nós ainda não recebemos as respostas das universidades, mas tínhamos nos inscrito para umas completamente diferentes. Ou seja, haverá poucas chances de irmos para a mesma.

Meu Deus, também será a primeira vez que eu ficarei longe de Jason, desde quando nós nascemos. Eu sei que estava reclamando do instinto super

protetor dele há pouco tempo, mas... é diferente. Eu ficarei, provavelmente, meses sem vê-lo. Como eu ficarei tanto tempo sem abraçar o meu irmão?

— Ei, Alex, tudo bem? — Só percebo que Eleanor está próxima de mim quando ouço sua voz. Ela se senta em uma das banquetas do balcão e eu pareço, finalmente, voltar a realidade.

— Tudo bem, amiga. Eu só estava pensando que... que vamos nos separar daqui a alguns meses — explico, indo guardar a garrafa de água na geladeira e voltando a ficar de frente para minha amiga.

— Isso vai ser... difícil. Eu mal cheguei e já vou ter que me separar de vocês — Ellie fala, meio triste, e eu tenho vontade de chorar mais ainda.

— Eleanor, pare! Eu não posso chorar hoje! Vocês fizeram isso para me animar! — aviso, apontando meu dedo na direção dela, de brincadeira, e controlando minhas lágrimas.

— Não está mais aqui quem falou — ela responde, levando as mãos em um gesto de inocência.

Eu sorrio para minha amiga, pensando quão sortuda eu sou em ter uma pessoa como ela ao meu lado.

Nós nos conhecemos há menos de 1 ano, mas eu sei que vou poder contar sempre com ela. Eleanor Collins é difícil de se conquistar a confiança, mas assim que ela sente que pode contar com você, ela se torna a melhor pessoa do mundo para se ter por perto.

E, bem, agora que ela e Jason estão mais firmes do que nunca, eu espero que passemos muitos feriados em família. Porque Ellie já é da família.

— Amiga — Eleanor me chama, e eu pisco duas vezes, voltando minha atenção para ela. Eu tinha viajado, de novo.

— Sim, Ellie?

— Eu conversei com Charles ontem — ela começa, cautelosa, e eu respiro fundo, com medo do que está por vir. — E... e ele disse que vai resolver toda essa situação.

— Ellie... não tem mais o que resolver. Ele quebrou uma promessa, mesmo sabendo o quanto eu me importo com essas coisas, e ainda terminou comigo.

— Ele desabafou um pouco comigo, Alex, e eu nem sei se poderia estar te falando tudo isso, porque... não sei. Mas você merece saber. Merece saber que ele está tentando. Tentando ser uma pessoa melhor para você, para Cassie e para a gente.

— Amiga, eu... só não quero me decepcionar de novo — respondo, sincera.

— Você me fez dar uma 2º chance para seu irmão, e olha onde estamos — ela diz, sorrindo para mim. — Só... só tenha a mente aberta se

ele vir falar com você ou alguma coisa do tipo. Você sabe que as coisas não estão fáceis com o pai dele.

Eu sei.

Mas é egoísmo demais querer que ele me escolha pelo menos uma vez do que ceder a sei lá o que o pai está fazendo?

Apesar de tudo, eu ainda o amo. Eu não preciso de Eleanor me dizendo para dar uma chance a ele, porque eu sempre o darei. Como eu não faria isso, se ele é o amor da minha vida? Eu só... só não sei se voltaremos, mas eu sei que, em algum momento, devemos conversar. Ele é amigo dos meus amigos também, e não posso deixá-lo de fora porque eu estou triste assim. Não é justo com ele.

— Se ele vier conversar comigo, Ellie, eu prometo escutá-lo — respondo, por fim, e minha amiga entrelaça sua mão na minha por cima da mesa, apertando-a.

— Você não vai se arrepender.

É, eu espero que não.



Falta apenas algumas segundas-feiras para o ano letivo terminar.

*Só algumas, Alexia*, é o que eu repito para mim toda manhã antes de levantar da cama.

Antes de Kyle, eu nunca tive problemas em acordar cedo e ir para o colégio. Bem, eu não adorava, claro, mas eu aturava da melhor maneira possível. Depois que terminamos, pelo menos nos primeiros dias após as festas de fim de ano, eu odiava ter que passar por toda a rotina da manhã e ainda ter que vê-lo pelos corredores. Isso durou pouco. Nas semanas seguintes, eu já estava vivendo minha vida como se ele não existisse, e tudo melhorou quando Charles e eu nos aproximamos. Eu fiquei com vontade de acordar para vê-lo.

E agora... nada.

Eu só estou existindo, praticamente.

Levanto da cama. Vou ao banheiro. Lá, tomo um banho rápido — nunca mais lavei o cabelo pela manhã, porque não tenho mais paciência de secá-lo —, escovo os dentes e faço xixi. Maquiagem? Passo o corretivo e o pó de emergência que levo na mochila quando já estou no carro. Coloco uma roupa qualquer — eu nem escolho mais na noite anterior, como estava acostumada a fazer — e desço para tomar café da manhã com minha família.

Normalmente, eu comia panquecas, que o papai Marcus fazia, e um suco de laranja. Hoje não é diferente. Conversamos um pouco antes de Jason e eu sairmos para a aula, e eles avisam que farão algo especial para o jantar de hoje. Eu e meu irmão nos entreolhamos. Nós sabemos que, provavelmente, será mais uma receita com morangos. Desde quando visitamos aquela cidade praiana que era famosa pela sua plantação dessa fruta — com razão, porque foi um dos morangos mais docinhos que já comi —, eles tentam preparar as receitas de sobremesas que vieram no folheto que ganhamos na saída do tour que fizemos na plantação. Sorrindo, animados para a noite, nós nos despedimos dos nossos pais e vamos para a escola.

O dia está correndo como todos os outros da semana passada.

Chego na escola, vou até meu armário para pegar o que preciso para a primeira aula do dia e encho a minha garrafinha de água no bebedouro. Aproveito que chegamos um pouco mais cedo que o habitual, e vou até a sala da treinadora de líderes de torcida — que também é uma das professoras de educação física do colégio —, para perguntar sobre os uniformes novos. Nós usaremos roupas exclusivas, desenhadas por Lily, a maior *fashionista* entre nós, no último jogo do ano. Ela diz que estavam com data marcada para essa semana, e até sexta, provavelmente, deverão estar em nossas mãos.

Após minha conversa com ela, vou para minha primeira aula do dia. Quando acaba, dou uma passada rápida no banheiro antes de ir para a próxima. E meu dia é assim, como todos os outros. Aula, aula, banheiro e bebedouro, e mais aula.

Sem sinal de Charles por perto. O que me leva a pensar nas palavras de Eleanor para mim no fim de semana... será que ela estava falando sério? Bem, a minha melhor amiga não mentiria para mim, então a questão era se ele tinha sido sincero com ela. Eu não sabia se podia confiar nele ainda. Ele já tinha mentido para mim. Quem iria garantir que ele não faria de novo?

Eu não descobrirei isso tão cedo, já que não vejo nem sinal de Charlie. Não temos aula de história juntos hoje, o que dificulta tudo. Eu... eu nem sei se quero conversar com ele, mas a fala de Ellie fez uma chama acender no meu coração. De esperança.

*Nossa, eu era tão boba assim por ele? Ele falou para minha amiga que lutaria por mim e eu já estava quase planejando nosso casamento?*

Meu Deus, eu sou patética.

Talvez Kyle estivesse certo, no fim das contas.

Mas... o que? Por que esse babaca estava surgindo na minha mente?

Eu deveria pegar o número do consultório da mãe de Allie e mar...

Me perco nos meus pensamentos quando esbarro em uma pessoa no meio do corredor, indo para a quadra, para um dos últimos ensaios das

líderes de torcida.

— Meu Deus! Me desculpe, eu estava distraída e não te... — quando finalmente olho para a pessoa, engulo em seco. *Isso* eu realmente não estava esperando.

*Deus, você está brincando comigo?*

— A culpa foi totalmente minha, Lexie — Charlie diz, sorrindo fraco para mim.

*Lexie.*

Eu amo quando ele me chama assim.

*“Ele nem te pediu desculpas e você já está caindo de amores de novo por ele?”*, a vizinha da minha cabeça fala e eu tento me recompor. Mas já é tarde demais. Ele deve ter percebido que eu não o superei, e nunca vou.

Como se esquece o amor da sua vida?

— Como você está, li... Lexie? — ele ia me chamar de linda, eu tenho certeza, mas para no meio do caminho. Ainda bem. Meu pobre coração que tentava se manter forte neste momento, não aguentaria.

— Eu... eu tô bem, Charlie. E você? Cassie? Tudo bem?

— Estamos bem. Tudo bem — ele responde, parecendo sem graça perto de mim.

É isso?

É essa conversa que Eleanor disse que ele queria ter comigo?

— Eu vou in...

— Eu queria fa...

Falamos ao mesmo tempo e rimos da nossa conexão de falas.

— Você queria...? — incentivo, curiosa.

— Eu queria conversar com você — ele responde, indicando a sala com a porta aberta ao nosso lado.

Eu concordo e o sigo para dentro. Eu me apoio em uma das mesas de alunos, e ele para na minha frente, sem falar nada, apenas me encarando.

Por que minha vida não é tão fácil como em alguns dos meus livros preferidos, e não podemos resolver tudo isso com um beijo?

— Eu... eu estou tentando, Lexie — ele finalmente diz, quebrando o silêncio entre nós. — Eu vou resolver toda essa merda de situação, e vou voltar para você. Eu sempre volto. — Ele ri, nervoso, e eu sorrio fraco. Ele sempre volta. — E... se você me quiser, eu serei seu. Já sou totalmente seu, Alexis Jenkins.

Meu coração já está batendo mais forte. Poucas palavras de Charles Brown e meu órgão já quer sair do corpo e ir diretamente para as mãos dele. Para ele cuidar.

Como se não estivesse nas mãos dele há muito tempo, eu penso. Meu coração sempre foi dele, e sempre vai ser, não há mais nada a se fazer em

relação a isso.

— Charles... — sopro seu nome e reúno toda coragem dentro de mim. — Eu amo você, demais. Mas... isso não é mais suficiente. Você precisa de outras pessoas para ajudá-lo a sair dessa. Você sabe disso.

— Eu... eu estou tentando, Lexie. Eu vou buscar ajuda em terceiros. Não vou te prometer, mas eu te garanto que estou fazendo tudo ao meu alcance, tudo bem? Em breve, tudo isso vai terminar. Eu já estou buscando... as melhores soluções. Você só precisa confiar em mim, tudo bem? — ele pede, e eu não consigo mais olhá-lo. Viro meu rosto para as grandes janelas de vidro da sala, e tento não chorar. Sinto as pontas dos dedos gelados de Charlie tocarem meu queixo, e virarem minha cabeça, delicadamente, de frente para ele. — Eu te peço só mais uma chance, linda. Uma.

Eu fixo meus olhos nos dele. Eu vejo verdade em Charlie. Eu sempre vi.

Eu quero tanto, tanto acreditar nele. Neste momento, eu nem me importo mais que ele não tenha vindo até mim para pedir ajuda, mesmo ele sabendo que eu faria de tudo por ele e por Cassie. Só dele estar me garantindo que vai procurar alguém, já é suficiente. Não é?

Mas... ele já mentiu antes.

Quem me garante que não é mais uma das mentiras deles?

Eu tenho que me pôr em primeiro lugar, mesmo que seja difícil.

— Charlie... eu não posso — respondo, sinceramente. Levo uma das minhas mãos até o seu rosto, e ele aproveita o contato, debruçando um pouco a cabeça ali. — Eu te amo..., mas eu não sei se posso confiar em você de novo.

— Lexie, por favor... não faz isso — ele pede, e uma lágrima solitária escorre pelo seu rosto.

Por que isso tem que doer tanto?

— Eu vou sempre estar ao seu lado para o que você precisar. Qualquer coisa que acontecer, você pode contar comigo, tudo bem? Não só comigo, com toda minha família. Nós amamos você e a Cassie. Vocês já são parte de nós — digo, sorrindo fraco para ele. Não tenho forças para sorrir daquele jeito que chega até os meus olhos, como antes.

— Eu vou dar um jeito em tudo, Lexie — ele me garante mais uma vez. — Vou fazer de tudo para ser minha melhor versão para você, para Cassie e para mim mesmo, se for para dizer a verdade.

— Eu amo você, Charlie — falo, deixando um beijo em sua bochecha e saindo da sala, fechando a porta atrás de mim.

Sem olhar para trás, para não doer mais ainda.

Mais uma vez, no treino do meu time de líderes de torcida, eu sou a Alexia Jenkins, capitã em suas últimas semanas com esse título.

Não penso em Charlie em nenhum momento. Não posso. Eu preciso me concentrar nas minhas meninas e dar o melhor para o jogo de futebol americano do fim de semana.

O resto do dia continua como todos os outros.

Quando acabamos o ensaio, pego um táxi para casa — os meninos não tiveram treino naquela tarde, então meu irmão e a namorada saíram — e assim que chego, vou direto estudar para as últimas provas escolares da minha vida.

Ufa! Ainda bem que está acabando. Eu estou contando os dias para começar a estudar somente o que gosto. Uma das únicas características boas do colégio é poder ver meus amigos todos os dias, e eles fazem meus dias melhores.

*Não, Alexia, você não pode pensar nisso.*

É o que eu digo para mim mesma sempre que lembro que, em poucos meses, um novo semestre vai se iniciar e não terei mais nenhum deles ao meu lado.

Eu evito que pensamentos ocupem muito meu tempo durante os próximos dias da semana.

Mais uma vez, é a mesma rotina que, pela primeira vez em tantos anos, já estou entediada de repetir.

Acordar. Café da manhã com a família. Escola — não vejo Charlie, mas dessas vezes, nada é proposital, apenas não nos esbarramos —, onde tenho as mesmas aulas e almoço com meus amigos. Treino de líderes de torcida, e se não houver, direto para casa e um pouco de estudo. Jantar com a família. Cama.

Faço isso todos os dias.

E é por isso que, nesta quarta-feira que eu não tenho ensaio depois da aula, estou deitada na minha cama, lendo *O Lado Feio do Amor*, da minha autora preferida, Colleen Hoover. Eu gosto que ela escreve histórias de amor reais e, especialmente essa, eu consigo ver que o amor não é tão bonito como vemos de fora. Só quem está dentro do relacionamento enxerga todas essas facetas.

Como eu e Charles?

Não, não como a gente, porque eu não posso pegar um livro para me distrair e continuar pensando nele. Isso é contrário à distração.

Bufo, frustrada comigo mesma.

Estou prestes a fechar o livro e colocar alguma série para assistir quando meu celular toca. Vejo no visor que é Eleanor e acho estranho. Normalmente, ela me manda mensagem. São raras as vezes que nos falamos ao telefone assim.

— Alô?

— Ah, ainda bem que você atendeu! — Ellie diz do outro lado da linha, aliviada. — Será que você pode me encontrar na minha casa? Aconteceu uma coisa e... e acho melhor eu te contar pessoalmente.

— Claro que posso, amiga. Tá tudo bem? Precisa que eu leve alguma coisa?

— Não, não. Tá tudo bem comigo, Alex. É só... — Ela respira fundo, e fala com alguém que está por perto, mas não consigo entender porque ela afasta o microfone. — Eu estou aqui com a Cassie, porque fui buscá-la na escola para levá-la na academia de luta e... hum... ela precisa te contar uma coisa.

— Cassie está bem? O que aconteceu? — pergunto, já me levantando e pedindo um táxi, enquanto coloco-as no viva-voz. Estou apenas com um conjunto de moletom, mas parece uma emergência. Não vou gastar tempo me arrumando.

— Eu acho melhor você saber tudo pessoalmente, amiga. Só... venha o mais rápido que você conseguir.

— Ellie, você está me deixando nervosa!

— Tá... tá tudo bem com a Cassie. É o Charlie... ele... Cassie quer te contar cara a cara, Alex.

— Eleanor! Eu estou preocupada agora! Já pedi o táxi, mas...

— Ela vai te explicar tudo, tá? Vou desligar agora, amiga. — Eu não tenho chance de responder a Ellie, porque ela desliga antes.

Caramba! Ela não pode fazer isso comigo!

Eu passo o caminho inteiro até a casa de Eleanor praticamente em pânico.

O que aconteceu de tão grave que eu só posso saber pessoalmente?

Charles está em perigo? Cassie está em perigo?

Nao, Cassie está com a Eleanor. Tudo está bem com ela. Mas Charlie... ele não foi à escola hoje. Bem, pelo menos não o vi na aula de história, que tínhamos juntos.

Tudo bem, Alexia, sem pânico, repito para mim mesma até tocar a campainha do apartamento de Ellie.

— Ellie? O que aconteceu? Tá tudo bem? — joga várias perguntas na minha amiga assim que ela abre a porta.

— Ei, Alex. Respira — ela pede, e fazemos um exercício de respiração juntas. — Cassie quer falar com você, mas você precisa manter a calma. Nós somos as adultas aqui, lembra-se?

— Nós somos as adultas — repito, enquanto adentro a casa de Eleanor, e ela acena com a cabeça, sorrindo para mim.

Cassie está sentada no sofá, assistindo a um desenho animado. Lentamente, eu vou até ela e me sento ao seu lado. Ela parece... triste. Bem, ela não é a criança mais sorridente que eu conheço, mas algo está diferente na garotinha hoje.

— Ei, Cass. Como você está? — pergunto, sorrindo fraco para ela.

— Oi, Alex — ela responde, sem sorrir para mim. — Eu... hum... preciso conversar com você.

— Pode falar o que quiser comigo, meu amor — digo, entrelaçando minha mão na dela.

— Eu estava contando para Ellie, mas ela disse que era melhor você saber. E eu acho que, sim, também, já que somos tipo, melhores amigas. O James é mais meu amigo, mas... você entendeu! — ela se embola um pouco, mas eu concordo, incentivando-a a continuar. — Você vai ser a primeira pessoa que vou contar isso, Alex. Nem o James sabe. Eu... eu tô com medo.

— O que aconteceu, Cass? — questiono, ficando ainda mais preocupada. Eleanor se senta no chão, perto da gente, e nós trocamos um olhar. Algo está bem errado por aqui.

— O meu pai... ele não é como o tio Marcus e tio Paul. E-ele não é legal assim. Ele é chato. Ele nunca brinca comigo. Ele fala palavras feias para mim. E ele e Charlie brigam muito, muito Alex. E... meu irmão disse

que a mamãe fez algo que ela não podia e... e ela está agora em um lugar para pessoas como ela. Que fazem coisas proibidas.

A mãe de Charlie e Cassie estava... na prisão? Bem, eu não tinha certeza, mas pela descrição dela, eu tinha quase certeza que sim.

O que esses dois estavam passando? Pelo amor de Deus! Eu não fazia ideia disso!

Olho para minha amiga e ela não está surpresa, então suponho que Cassie já tinha contado essa parte para ela.

— E o que mais, Cass?

— Charlie sempre dizia que quando ele acabasse a escola, nós iríamos embora. Não iríamos mais morar com o papai. Ele disse até que eu poderia fazer o meu quarto do jeito que eu quisesse! — ela diz, parecendo alegre, mas sua expressão murcha em segundos. — Charlie trabalha de noite, na minha lanchonete preferida. Eu o ouvi conversando com o papai várias vezes, e acho que meu irmão manda dinheiro para mamãe. Ele precisa trabalhar para isso. Mas ele também... ele também guarda um pouco do dinheiro para usarmos quando fomos embora. O-ontem o papai... ele achou o dinheiro escondido no quarto de Charlie — ela para de falar, parecendo querer se controlar para não deixar as lágrimas caírem.

Meu Deus, o que eles estavam passando esse tempo todo?

— E o que aconteceu então, meu amor?

— Ele... ele bateu muito no meu irmão quando ele chegou do trabalho. Muito! Quem me levou na escola hoje foi a tia Beth, nossa vizinha super legal, porque ele estava muito mal para sair da cama. Tinha... tinha muito sangue. E Charlie não quis ir ao médico! Eu disse que ele estava machucado e que precisava ir ao médico, mas ele não quis. E... e eu tô com medo, Alex.

Eu não me recupero das palavras que acabam de sair da boca de Cassie quando ela se aproxima mais de mim e se aconchega no meu colo. Eu passo meu braço pelas costas dela e deixo-a a chorar na minha roupa, tentando processar o que está acontecendo.

A mãe deles está presa.

Charlie trabalha à noite, na lanchonete.

O pai deles o espancou, pelo que a pequena contou.

Meu Deus! Isso é muito pior do que imaginava!

— Cassie, seu pai está em casa? — Eleanor é que pergunta quando percebe que estou paralisada. Acho que estou chorando, mas não tenho certeza, porque não consigo me mexer.

— Ele não estava quando eu saí de manhã para a escola — Cassie responde, ainda chorando.

— Eu vou ligar para o Jay, para ele ir até sua casa e ver como seu irmão está. Tudo bem?

— Não! Você não pode fazer isso! — ela exclama, se desvencilhando de mim. — Eu... eu ouvi Charlie e papai falando que ele sabia que meu irmão estava namorando a Alex. E Charlie disse que estava com medo que nosso pai pudesse machucá-la. E... e se meu pai aparecer e machucar o Jay também?

Eu troco um olhar com Eleanor. Vejo preocupação em seus olhos, mas nós sabemos que precisamos tirar Charles daquela casa. Me recupero do transe e aceno com a cabeça para minha amiga. Ela sabe o que precisa fazer.

— O Jason é forte, Cassie, seu pai não vai conseguir machucá-lo, tá? Ele vai agora lá buscar seu irmão — Ellie garante, e a pequena acaba concordando.

Eleanor digita algo no celular e coloca-o no ouvido, indo até a cozinha.

Eu checo o horário, Jason deve estar saindo do treino, então torço para que ele atenda.

Eu acho que vou vomitar.

*Não.*

Não, eu não vou vomitar. Eu preciso ser forte.

Tem uma criança aqui que precisa de mim, e eu não posso deixá-la na mão.

Mas eu preciso fazer alguma coisa. Não posso ficar aqui parada apenas esperando.

Jason vai trazer Charles para cá, talvez o levemos para o hospital. E aí? O que vamos fazer em seguida? Precisamos de ajuda. Não podemos resolver essa situação sozinhos.

Por isso, pego meu celular e disco o número da pessoa certa, que vai poder nos auxiliar.

Ele atende no segundo toque.

— Pai? Preciso da sua ajuda. É o Charles — digo para Paul, e ouço-o suspirar do outro lado da linha. Ele sabe que não é nada bom, só pelo meu tom de voz. Meus pais me conhecem como ninguém.

— O que aconteceu?



*charles*

Tudo que eu consegui pensar, quando aconteceu, era que Cassie já estivesse dormindo, mesmo que fosse impossível. Fazia 5 minutos que tínhamos chegado em casa. Não havia como ela ter adormecido, mas uma parte de mim tinha esperança que sim. Ou que ela tivesse saído pela janela para casa da dona Beth. Qualquer coisa. Só não queria que ela tivesse ouvido tudo aquilo.

Mas a culpa era totalmente minha, mais uma vez.

Eu devia ter escondido melhor o dinheiro. Eu devia ter lembrado de trancar a porta do quarto quando saí de casa naquela tarde. Eu sempre fazia isso, porra! Como eu fui me esquecer?

Ah, eu lembro muito bem como esqueci.

Eu estava, realmente, à procura de ajuda, assim como disse a Alexia. Eu não queria envolver sua família, porque eles já tinham feito muito por mim e Cassie ao longo desses anos, então eu precisava de outra saída. Eu tinha entrado em contato para conseguir assistência jurídica gratuita, e naquele dia, eles finalmente tinham me retornado à ligação. Eu não expliquei nada da situação por telefone, mas me disseram que iriam marcar uma reunião para dali a 2 semanas. Eu até falei que envolvia uma criança, mas aquela era a única vaga livre deles mais próxima. Mas já era alguma coisa! Eu estava, finalmente, me rendendo e deixando meu orgulho de nada. As coisas pareciam que ia dar certo.

No entanto, no êxtase que eu estava, acabei saindo correndo de casa, porque estava atrasado para o turno na lanchonete. Eu deixei não só a porta do meu quarto escancarada, mas a gaveta da mesinha de cabeceira também, onde eu guardei o cartão do advogado, e o dinheiro.

Quando cheguei em casa naquela noite, depois de pegar Cassie na casa da vizinha, eu estava animado para contar a novidade para ela. Mas assim que ela passou direto para seu quarto, e eu estava fazendo o mesmo caminho para o meu, eu reparei que a porta do meu estava aberta. E eu sabia que Aiden estava em casa, porque a televisão da sala estava ligada e seus sapatos estavam na entrada.

Eu só não imaginava a merda que estava por vir em seguida.

Eu mal coloquei os meus pés para dentro do quarto e senti o soco do meu pai na minha mandíbula. Pelo susto, eu acabei me desequilibrando e caindo no chão. Ele veio para cima de mim com tudo, disparando vários socos não só na minha cara, como também na minha barriga e em todas as partes do meu corpo que ele conseguia alcançar.

Eu tentei revidar, porra, eu tentei. Mas eu tinha sido pego desprevenido. Ele fez de propósito. Ele sabia que eu não estaria esperando por aquilo.

Enquanto ele me batia, ele gritava coisas desconexas para mim. Sobre o dinheiro, disse que eu estava roubando o dinheiro da minha mãe e dele. Que eu era um merdinha ingrato, que ele tinha me dado uma casa e comida, mesmo assim eu não conseguia seguir uma ordem dele. Ele gritou que tudo que estava acontecendo era minha culpa e a vida dele só tinha ido por água abaixo depois de mim e Cassie. Depois de Crystal ter sido presa, por eu ter sido uma criança insolente.

Eu não escutei muito após um tempo.

Ele me apagou.

Eu lembro de acordar horas depois, de madrugada, ainda jogado no chão.

A porta do quarto estava trancada novamente, e Cassie dormia na minha cama. Eu percebi uma coberta cobrindo meu corpo, e um travesseiro

ao lado da minha cabeça.

Minha irmã tinha feito aquilo.

Caralho, eu a amava muito.

Eu deixei um beijo na testa dela, enquanto ela dormia, e fui checar a gaveta, já sabendo o que me esperava.

O dinheiro tinha sumido.

Porra, claro que ele tinha pegado.

Devagar e silencioso, tentando não acordar minha irmã, eu saí do quarto.

A casa estava silenciosa. A televisão desligada. A porta do quarto de Aiden aberta, indicando que ele não estava por lá. Seus sapatos também não estavam mais no hall de entrada.

O filho da puta tinha saído.

*Ai, porra.*

Eu senti as consequências do que ele tinha feito comigo naquele momento. A adrenalina tinha diminuído e tudo veio de uma vez.

A dor de cabeça infernal.

Meu nariz parecia ter sido quebrado ou sei lá que porra.

O sangue escorria pela minha cara.

Minha barriga doía.

Mil vezes pior do que qualquer porrada que tinha tomado no futebol americano.

Eu não consegui dormir depois daquilo.

Tomei um banho, limpei todo sangue do meu corpo e tomei alguns dos remédios para tentar aliviar a dor. Talvez os machucados precisassem de uma consulta hospitalar, mas não tínhamos dinheiro para isso. Por isso, me contentei com os poucos comprimidos que havia em casa. Coloquei compressas de gelo onde precisava — que eu precisei checar na internet para ter certeza e não fazer merda —, e esperei.

Esperei.

A dor não diminuiu praticamente nada, por isso decidi que não iria ao colégio naquele dia. Além de ter que responder perguntas sobre meu estado, eu também não estava me sentindo nada bem.

Quando o horário de acordar Cassie chegou, eu fui fazer o que fazia todos os dias com ela. Assim que ela abriu os olhinhos e me viu naquele estado, ela chorou.

Acho que foi uma das primeiras vezes que vi minha irmã chorar.

Eu garanti que estava tudo bem, mas que ela precisava ir para a escola, mesmo que ela quisesse ficar comigo em casa. Eu liguei para dona Beth e pedi para levá-la, pelo menos, até o ponto de ônibus e a nossa vizinha concordou. Ela adorava a minha irmã e acordava cedo, então era o

combo perfeito. Cassie me lembrou que Eleanor a buscaria depois do colégio, para elas irem à academia de lutas mais uma vez. Eu disse que ela poderia ir, e eu mesmo enviaria uma mensagem para Ellie deixar minha irmã na casa de dona Beth depois.

O que eu não esperava, durante todo o dia, quando a campainha tocou — muito mais cedo do que eu esperava —, era Jason Jenkins do outro lado da porta, com a expressão totalmente preocupada.

Ainda mais agora, quando ele vê o meu estado.

— Jason? — pergunto, piscando os olhos, tentando entender o que estava acontecendo.

— Porra, Charlie... nos precisamos ir. Pega suas coisas — ele diz, apontando com a cabeça para seu carro estacionado em frente a minha casa.

— Ir? Ir para onde?

— Cassie... sua irmã, ela contou tudo para Alexia — ele me explica, mas eu ainda fico sem entender. O que ela tinha contado para Lexie? — Sobre seus pais, o dinheiro, você... você ter apanhando. Tudo. Nós precisamos ir. Você, principalmente, precisa de um médico.

— O que? Jason, que porra? O que está acontecendo?

— Caralho, Charles! — ele grita, exasperado. — Você pode, pelo amor de tudo que é mais sagrado, pegar suas coisas e entrar na porra do

carro? Sua irmã está na casa de Eleanor, junto de Alexia, e ela precisa de você. Ela está preocupada com você. Porra, Charles, todos estamos!

Eu engulo em seco. Ver esse lado de Jay ainda é estranho. Ele se estressando... parece ir contra as leis universais.

Mas eu faço o que ele pede. Pego a minha mochila com minhas coisas e o sigo para fora de casa.

Ao contrário do que eu esperava, o desgraçado acaba me levando para o hospital. Mas ele me garante que ligará para Alexia, para ela trazer Cassie para cá.

“Só quando você for atendido”, ele me diz, sério, e eu faço o que ele manda. Vou até um dos atendimentos. Quando eu digo que não tinha dinheiro para pagar a conta médica, Jason fala para eu não me preocupar com isso no momento. O mais importante é saber se eu estou bem.

Fico um pouco nervoso e preocupado, mas, mesmo assim, deixo os médicos me examinarem. Sempre que eles tocam no assunto do que tinha acontecido comigo, eu desconverso. Não quero falar sobre o assunto. Não antes de entrar em contato com o advogado, e ver se isso pode interferir em alguma coisa.

Porra, eu estou fodido. Em todos os sentidos.

Após vários exames, é constatado que eu tenho uma lesão no baço, quebrei duas costelas e fissurei o nariz. E que preciso fazer uma cirurgia de emergência, para a retirada do baço, a fim de não haver mais complicações.

Só que o que me lembro é deles me levando para a sala de cirurgia e depois de acordar, já no quarto. Alguém está comigo quando acordo, mas não lembro muito bem de quem é, já que eu estava grogue. Eu durmo de novo, eu acho. De novo.

Assim que abro os olhos, depois de tudo aquilo ter acontecido, meus olhos focam na visão de Paul Hills-Jenkins sentado na poltrona ao lado da minha cama.

O que o pai de Alexia e Jason está fazendo aqui?

— Como você está se sentindo, Charles? — ele me pergunta, assim que percebe que eu me mexi um pouco na cama do hospital.

— Eu... — Coço a garganta, porque ela está seca demais. Paul repara, e se levanta para me oferecer um copo de água com canudinho. Eu bebo um pouco e tudo fica melhor. Porra, muito melhor. — Eu estou bem.

— Você já está pronto para conversar sobre o que aconteceu? — questiona, na lata. É uma das coisas que eu gosto nele. Ele não faz rodas em um assunto, apenas perguntava o que precisa logo. — Sua irmã me explicou um pouco, mas eu queria ouvir de você.

— Cassie contou... contou tudo?

— Do jeito que uma criança de 9 anos contaria, mas contou — ele responde, sorrindo fraco. — Vocês precisam sair daquela casa, Charles. Não é seguro para nenhum de vocês.

— Eu sei, Paul. Eu sei.

— Enquanto você e Jason estavam aqui, Alex me ligou e me disse tudo que sua irmã tinha contado. E eu... bem, eu comecei a mexer uns pauzinhos para ajudar vocês. Mas eu queria saber se tudo bem eu fazer isso. Meus filhos comentaram que você é um tanto orgulhoso, e não sabíamos se ia aceitar minha ajuda.

Eu devia dizer não. Os Jenkins já tinham feito demais por mim e minha irmã, mas... eu não posso.

Eu preciso de um advogado como Paul Hills-Jenkins ao meu lado. Eu preciso que ele garanta o melhor para Cassie.

— Tudo bem, Paul.

— Vou fazer de tudo por vocês, Charlie. Vocês já são parte da família — ele garante, se levantando e deixando um beijo na minha cabeça. — Depois conversaremos melhor. Tem uma galera aí fora querendo te ver.

Eu assinto e agradeço antes dele sair.

Nem dois minutos que Paul passa pela porta, Cassie entra no meu quarto, seguida de Aleixa Jenkins.

Porra, Lexie parece um anjo neste momento.

Mais linda do que nunca.

— Oi, Charlie! — minha irmã me cumprimenta, e eu volto a minha atenção para ela, que está ao meu lado. — Você tá bem?

— Muito melhor do que antes, mana. Obrigado por... por ter avisado a todo mundo — digo, sorrindo para Cassie.

— Eu fiquei com medo, Charlie.

— Eu também estava com medo — confesso, entrelaçando a mão na da minha irmã, que está apoiada na cama. — Mas eu sempre vou estar aqui por você, Cassie. Entendeu? Sempre. Eu amo você.

— Eu também amo você, Charlie — ela fala, me abraçando. É um abraço um pouco desengonçado, porque ainda estou um pouco dolorido, mas faço tudo por ela. — Tio Paul disse que vamos ficar uns dias na casa deles, que nunca mais vamos voltar para a casa com o papai.

— Ele disse? E você está animada?

— Claro que sim! Eu adoro ver filmes com o tio Paul e o tio Marcus. Eles disseram que podemos ver um hoje, com pipoca, antes de dormir — ela me conta, sorrindo de orelha a orelha. — Ah! Eu vou avisar a todo mundo que você já pode receber visitas. Todos os seus amigos estão esperando!

Cassie nem me deixa responder, ela sai correndo do quarto.

E eu estou a sós com Alexia.

Devagar, ela vem até mim, aproximando a poltrona o máximo da minha cama, e se senta ali.

— Você me deu um baita susto, Charlie — ela diz, com a voz fraca, parecendo ter chorado a pouco tempo. Mais uma vez, por minha causa.

*Boa, Charles.*

— Desculpe por isso, Lexie.

— Você não precisa se desculpar. Não mais — Alexia responde, balançando a cabeça. Sua mão se move até a minha, e ela entrelaça nossos dedos. — Você é muito, muito forte, Charlie. Você... você aguentou tudo isso por anos, sem precisar de ninguém. Eu te admiro demais.

— Lexie...

— Mas também te acho muito orgulhoso, burro e até um pouco imbecil. — Uau. O rumo da conversa mudou drasticamente. — Você devia ter nos contado, Charles! Para Jay, pelo menos. Ele é o seu melhor amigo! V-você não precisava ter esperado as coisas ficarem tão feias assim para recorrer a alguém.

— Eu vejo isso agora, Lexie, e se eu pudesse voltar no tempo e fazer diferente, eu faria. Eu nunca deixaria chegar no nível que a minha irmã, de 9 anos, precisaria tomar uma atitude.

Ela assente, apertando minha mão, mas não diz nada.

— Cassie disse que vai ficar com vocês uns dias, mas eu não preciso. Eu posso ficar na ca...

— Cala a boca, Charles — Alexia me corta, rindo. — É claro que você também vai ficar lá em casa. Como você pode pensar ao contrário?

— Eu... eu só achei que, talvez, você não fosse me querer lá, sabe. Porquê... porque não estamos mais juntos.

— Independentemente de estarmos juntos amorosamente ou não, Charlie, você vai fazer sempre parte dos Jenkins — ela me garante e eu sorrio, triste. Não sei o que vai ser daqui para frente da gente.

— E a gente, Lexie? — faço a pergunta que está na minha cabeça desde que ela passou por aquela porta com a minha irmã.

— Eu te amo, Charlie. Acho que sempre vou amar — ela admite, e eu sorrio um pouco. — E... e agora, entendendo melhor tudo, eu... eu acho que podemos ir com calma. Começar do 0, sabe? Voltar a construir uma amizade e... e ver no que vai dar. Se você quiser, claro.

— Eu quero qualquer coisa que você esteja disposta a me oferecer, linda — respondo, sem hesitar.

Eu conseguirei ser só amigo de Alexia Jenkins depois de ter provado dela?

Com certeza não, mas eu tentarei.

Qualquer pedaço dela, é suficiente. Eu estou faminto por tudo que envolve Lexie.

— Amigos, então? — ela diz, para confirmar, estendendo uma das mãos para mim.

— Amigos podem se abraçar, Lexie.

— Hum... claro, claro.

Quando os braços de Alexia envolvem o meu corpo, com todo cuidado possível, e eu sinto sua respiração em meu pescoço, eu só tenho uma certeza: vou fazer de tudo para que ela seja minha de novo.



Duas semanas.

Há 14 dias eu e Cassie nos apossamos da casa dos Jenkins.

Minha irmã está adorando viver aqui. Ela, Paul e Marcus se tornaram um trio inseparável. Os pais que ela nunca teve, e ela está adorando passar esse tempo com eles. Ela e Alexia já eram melhores amigas antes disso, mas nesses últimos dias, elas fazem de tudo juntas. Cassie passa mais tempo com os integrantes da família Jenkins do que comigo.

Nos primeiros dias, eu ainda estava com bastante... medo. Eu fiquei alguns dias no hospital, e por mais que eu confiasse minha vida nos Jenkins, Cassie ainda era minha irmãzinha e estava mudando toda sua rotina, mesmo que fosse para melhor. Nova casa, novas pessoas e até novo caminho para casa. Eu queria ter estado com ela, ajudando-a a se ajustar. Não só isso, mas Aiden estava por aí. Paul me disse que estavam tentando encontrá-lo e ele era um foragido agora. Mas assim que o achassem, ele iria direto para a cadeia.

Eu só consegui relaxar no dia que saí do hospital, quando Lexie e Jay vieram me buscar, e me contaram que meu pai tinha sido achado e estava preso. Ainda haveria um julgamento em breve, mas violência era o primeiro crime que ele tinha sido acusado. Ele também seria julgado por tudo que nos fez passar nos últimos anos.

No entanto, apesar de tudo isso acontecendo, Cassie foi me visitar todos os dias, e sempre me contava como Alexia parecia uma irmã mais velha para ela. Eu sempre sorria quando ela me dizia isso. Vê-las tão próximas me trazia muita, muita felicidade. Minhas duas pessoas preferidas no mundo inteiro se dando tão bem assim?

Era demais. Meu coração batia mais forte sempre que as via junto.

Agora, eu e Alexia... somos amigos.

*Apenas*, amigos.

É claro, eu não posso perder a oportunidade de flertar com ela de vez em quando. Lexie também retribui os flertes e essa tem se tornado nossa rotina amigável.

Eu voltei à escola logo depois que saí do hospital, e voltei a almoçar com todo o grupo. Todos eles tinham ido me visitar pelo menos uma vez quando eu estava internado. Eu tinha as melhores pessoas ao meu lado.

Há poucos dias aconteceu o aniversário de Eleanor e todos fomos comemorar em um bar em Millsh, apenas nós, já que hoje, meu aniversário, irá ser a festa que Jason e Alexia estavam organizando para nós dois.

Eu não pude descer para área externa da casa desde ontem a noite, já que tudo deveria ser uma surpresa para nós. E como o quarto de hóspedes que eu estava ficando, a janela era de frente para a entrada da casa, tudo estava sob controle.

Agora, estou terminando de me arrumar quando ouço alguém bater na porta e autorizo a entrada da pessoa.

Alexia Jenkins, linda como sempre, entra no meu quarto e fecha a porta atrás de si.

Eu ainda não tinha a visto hoje, já que ela estava na missão de organizar toda a festa lá embaixo, junto do irmão.

— Está frio lá fora? — pergunto quando percebo que ela está vestindo um sobretudo.

É final de maio, quase verão, então acho estranha a escolha da roupa. Ainda não está realmente calor em Millsh, mas acho que um casaco é demais.

— Feliz aniversário, Charlie — ela me deseja, um pouco tímida, ignorando a minha pergunta.

— Obrigado, Lexie — agradeço, com um sorriso. — Não ganho nem um abraço? — brinco, abrindo os braços.

Ela ri e se aproxima, envolvendo meu pescoço com seus braços e eu enrosco-a pela cintura.

Eu adoro o cheiro dela. Hoje, especialmente, ela está muito cheirosa. E muito bonita.

— Você está linda — sussurro em seu ouvido, apertando de leve sua cintura.

Ela ri e se afasta um pouco de mim, ainda me segurando pela nuca, para me encarar com aqueles lindos olhos azuis.

— Eu tenho um presente para você — ela me conta, com um sorriso travesso se formando em seus lábios.

— E o que é?

Ela não responde, só se desvencilha de mim e dá três passos para trás. Não faço ideia do que ela está prestes a fazer e que tal presente ela está falando.

Mas todas as peças se encaixam quando ela leva as mãos até o laço do sobretudo e, lentamente, o desamarra. Eu estou vidrado nela. Em cada movimento. Devagar, Alexia deixa a roupa cair.

Porra.

Essa mulher é linda demais.

Alexia Jenkins está apenas com uma lingerie lilás na minha frente. De renda, porra.

— Eu não sei ser só sua amiga, Charlie — ela confessa, se aproximando novamente de mim. — Nós não servimos para termos só uma amizade. Você... você é tudo para mim. Você não é só o meu melhor amigo, mas o amor da minha vida. E nessas últimas semanas, tanto quando ficamos um tempo separados, quanto estávamos tentando ser só amigos, eu tive mais certeza disso. — Ela sorri para mim, apoiando as mãos no meu ombro. — Então, hoje, no seu aniversário, eu quero... quero ser sua de novo. Sua namorada. Será que esse pode ser o meu presente? Você pode recusar, claro, eu não estou in...

Eu corto a fala de Lexie, colando nossos lábios.

Minhas mãos descem até sua cintura e eu colo nossos corpos. Minha língua pede passagem para dentro da boca dela, e Alexia entreabre os lábios para mim. E, porra, quando nossas línguas se tocam, tudo parece explodir.

Eu aproveito que estou perto da cama e vou andando para trás, até bater com as coxas na cama. Eu me sento, puxando-a para meu colo. Lexie coloca uma perna de cada lado do meu quadril, sentando em cima de mim. Nós nos separamos porque precisamos de ar, e eu colo nossas testas.

— Você sempre vai ser minha, linda — sopro, e ela sorri. O sorriso mais lindo do mundo, porque é para mim. — E eu sou sempre seu. Seu namorado, seu melhor amigo, futuramente seu marido e pais dos seus filhos... tudo.

— Eu te amo, lindo.

— Eu também te amo — respondo, e volto a beijá-la.

Desço minhas mãos até a bunda de Alexia, quase querendo selar nossos corpos em um só. Ela me empurra delicadamente até que eu caia de costas na cama, e se ajeita no meu colo. Enquanto nos beijamos desesperadamente, suas mãos vão até o zíper da minha calça, e eu ajudo-a a tirá-la, juntamente com a minha cueca. Minha camisa vai embora em seguida, e ela começa a descer beijos molhados por todo meu torso.

*Porra, se essa garota colocar a boca no meu pau, eu vou gozar em segundos.*

É com esse pensamento em mente que eu a puxo para cima de novo, levando minhas mãos até a sua calcinha de renda.

— Isso precisa ir embora, linda — digo, já descendo-a pelas suas pernas.

O sutiã combinando vai embora em seguida e estamos os dois nus na cama.

Inverto nossas posições, deixando Alexia por baixo de mim. Desço beijos e mordidas por seu pescoço, até chegar em seus seios. Eles estão duros de tesão, e eu não hesito em levar minha boca até um dos seus mamilos, enquanto estimo o outro com uma das mãos.

— Charlie... — Lexie geme meu nome, e eu aplico um pouco mais de força.

E, porra, ela grita meu nome.

— Quietinha, linda. Não quer que ninguém saiba que estou te fodendo aqui, não é? — murmuro em seu ouvido, deixando um tapa em sua boceta, como sei que ela gosta.

— Charlie... preciso de você dentro de mim — ela pede, tentando fechar as coxas, mas eu não deixo.

— Porra, eu não tenho camisinha aqui, linda — lembro, de repente.

Como eu e Lexie estávamos em uma fase apenas amigos, eu não tinha motivo para tê-las comigo.

— Eu estou tomando pílula anticoncepcional — ela conta, e eu fico um pouco surpreso. Não estava sabendo disso.

— Linda, tem certeza?

— Você... você já fez isso antes? Transar sem camisinha?

— Nunca — respondo, sincero. Jamais confiei em alguém para fazer tal coisa.

— Nós... nós podemos, então. Se você quiser, claro — ela diz e suas bochechas coram. Linda demais.

— Eu quero tudo com você — falo, na lata, porque é a mais pura verdade.

Eu quero tudo com Alexia Jenkins.

— Eu... hum... tenho mais um pedido — ela diz, e seu rosto volta a ficar avermelhado. Algo está vindo aí. — Será que podemos... hum...eu posso ficar de quatro? Eu li que é uma ótima posição para as garotas gozarem mais rápido.

*Caralho, ela não existe.*

— Você nem precisa me pedir isso. Vira essa bunda para mim, linda.

Com um sorriso sapeca no rosto, Lexie se vira, deixando sua bunda na minha cara e se apoiando na cama. Eu me aproximo, de joelhos, por trás dela, e levo minhas mãos até seu quadril, deixando-a no lugar.

Pincelo meu pau em sua entrada, que já está totalmente molhada para mim. Vou deslizando com facilidade para dentro dela.

— Me bate — ela pede, virando um pouco a cabeça para mim.

— Porra, Lexie, você vai acabar comigo.

Eu faço o que minha namorada me pede e dou um tapa forte em uma das suas nádegas. Ela geme para mim e, porra, é muito gostoso. Desfiro mais um tapa em sua outra nádega e quando ela geme em resposta, eu entro com tudo dentro dela, fazendo-a deixar escapar mais um gemido.

Começo a me movimentar dentro dela, aproveitando cada segundo dentro de Alexia.

Ela é extremamente apertada, ainda mais nessa posição.

Puxo-a contra mim, juntando seu cabelo em meu punho, colando suas costas no meu peito.

— Eu te amo — digo em seu ouvido, puxando-a para um beijo enquanto continuo estocando dentro dela.

Só mais algumas estocadas e Alexia diz: — E-eu vou gozar, Charlie. Mais forte, por favor.

Seguindo o pedido da minha Lexie, meto com mais força em sua boceta. Sinto suas paredes se fechando contra mim e os gemidos dela tomam conta do quarto. Eu gozo logo em seguida, dentro dela, como queria fazer há muito tempo.

Porra, isso é bom demais.

Alexia cai na cama e eu vou em seguida, puxando-a para mim. Ela passa um dos braços pela minha barriga e deixa sua cabeça em meu peito. Eu deixo um beijo na sua têmpora, e ela apoia o queixo em mim para poder me olhar.

— Eu estava com saudades disso — ela confessa, sorrindo.

— Você estava com saudades só do sexo, linda? — provoco, e ela revira os olhos para mim.

— Eu estava com saudades da gente, lindo.

*Lindo.*

Eu amo quando ela me chama assim. Neste momento, que tudo está perfeito, eu sinto que o azar que me assombra há anos, por causa daquele maldito espelho, não existe mais.

E eu tenho uma suspeita de quem trouxe um pouco de sorte para minha vida.

— Lexie?

— Sim?

— Há alguns anos, um pouco antes de Crystal ser presa, aconteceu uma coisa — começo a falar, e sinto Alexia tensa nos meus braços. Já tínhamos tido essa conversa, em que eu contei sobre o meu passado, mas ainda era um assunto delicado para ela. Ela odiava o fato de eu e Cassie

termos passado por tudo aquilo e nunca termos dito nada. — Minha mãe pediu para eu levar um espelho para ela no quarto, já que ela estava terminando de se arrumar. Eu estava muito, muito animado para ir no parquinho, então é claro que corri até onde ela estava, e acabei tropeçando. Eu deixei o espelho cair e ele se espatifou no chão. Mamãe disse que quebrar espelhos não era um bom sinal, mas que eu tinha uma família incrível e pessoas que me amavam, logo, nada de ruim aconteceria.

"Não foi o que rolou. Naquele mesmo dia, foi quando tudo aconteceu. Quando ela foi pegar as drogas, eu liguei para a polícia e... você sabe o resto. Desde aquele dia, eu tive certeza que todas as coisas ruins que aconteciam na minha vida eram consequências do espelho quebrado. Eu não sou de acreditar em superstições, Lexie, mas aquilo... aquilo mexeu comigo. Eu só tinha 8 anos, e vi todo meu mundo desmoronar. E, sempre que algo parecia estar dando certo, como quando tia Analu ficou um tempo cuidando da gente, tudo ia por água abaixo de novo. Ela morreu alguns anos depois, e eu também me culpei. Se ela não tivesse vindo ficar conosco, talvez... talvez ela estivesse viva."

— Charlie... nada disso é culpa sua. Nada, lindo — Alexia me interrompe, dizendo suas sábias palavras, e deixa um beijo no meu peito.

— Hoje, eu sei que não, mas durante muito tempo eu... me culpei por tudo. Pela minha mãe estar presa, pela morte da tia Analu, por Cassie estar

na merda daquela casa com aquele homem filho da puta. E como eu achava que eu tinha trazido essa maré de azar para todos ao meu redor, eu me sentia responsável em acabar com tudo. Por isso... por isso eu relutava tanto em pedir ajuda, Lexie. Eu fiz a merda? Eu iria solucionar. Simples assim. Mas na prática... não é bem assim. — Dou uma risada nervosa e ela sorri um pouco triste para mim. Porra, falar sobre isso ainda não é fácil. Mesmo com a terapia semanal que Paul e Marcus nos aconselharam a fazer. — Enfim, você já sabe de tudo isso. O que você não sabe, Alexia Jenkins, é que você trouxe sorte para minha vida.

"Desde quando nos conhecemos, há 10 anos, você se tornou meu amuleto da sorte. Sempre que estávamos juntos, eu esquecia que nada dava certo na minha vida. Eu esquecia e toda merda, entende? Você foi não só minha sorte todos esses anos, mas minha paz. Estar com você, linda, me faz querer viver. Me faz querer ser uma pessoa melhor, lutar ainda mais para dar uma vida digna a minha irmã. Você trouxe sorte para a vida daquele garotinho, de anos atrás, que quebrou o maldito espelho e achava que nunca mais seria feliz de verdade. Você me faz feliz demais, minha linda. Você é tudo para mim. E, porra, além de você ser a mulher da minha vida, você é a irmã mais velha que Cassie nunca teve. Ela te ama tanto, e eu sei o quanto você a ama também e... isso é demais para mim. Sempre que eu pensava

em casamento, eu tinha dois pedidos para essa pessoa. E um deles era que ela se desse bem com minha irmã. Era essencial."

— E qual era o outro pedido? — Lexie pergunta, baixinho. Talvez com medo de que não possa realizá-lo, mas mal sabe ela.

— Meu outro pedido é que ela fosse Alexia Jenkins.

— Charlie... — ela sopra meu nome e percebo as lágrimas se acumulando no cantinho dos seus olhos. — Você não pode d-dizer essas coisas bonitas assim para mim. Não é justo que... que você seja perfeito assim! — Eu não me controlo, e rio da irritação da minha namorada.

— Para mim, sempre foi você, Lexie.

— Eu te amo demais, Charlie.

— Eu também te amo, minha linda.

Eu e Alexia continuamos mais um tempo na cama, fazendo juras de amor e conversando sobre tudo, principalmente, sobre o nosso futuro.

Os resultados das universidades ainda não chegaram, mas independentemente do que acontecer, vamos ter um relacionamento à distância. Não tem como nos separarmos depois de tudo. Assim que soubermos todos os detalhes, vamos organizar melhor a ideia, mas está certo que vamos continuar nosso namoro.

Depois de alguns minutos, ela se despede de mim e diz que vai tomar um banho rápido, já que está quase na hora da festa e os convidados vão

começar a chegar. Eu dou um último beijo nela e vejo Lexie desaparecer do meu quarto.

Com um sorriso gigante no rosto, eu volto a missão de me arrumar — que estava fazendo antes da surpresa de Alexia — e, em pouco tempo, ela bate na minha porta, me chamando para descermos para a festa.

Porra, os irmãos Jenkins arrasam demais.

Estamos na parte de trás da casa, onde fica a piscina, churrasqueira e tudo mais, e está incrível. O tema é festa na piscina. Há várias boias legais e diferentes dentro d'água, enfeites tropicais pendurados e o mais importante: todo o nosso grupo já está presente. Tínhamos combinado uma hora mais cedo dos outros convidados para podermos ficar um tempo a sós. Afinal, será uma das últimas vezes que estaremos em uma festa juntos.

Após todos me desejarem feliz aniversário, nos sentamos em uma das grandes mesas que tinha ali.

— Eu não quero que isso acabe — Alexia é a primeira a se manifestar, assim que todos se ajeitam ao redor da mesa, e entrelaça a mão na minha.

— Alex! Hoje é dia de comemorar a vida do Charlie e da Ellie. Você não pode me fazer chorar — Nora avisa, apontando um dedo na direção da amiga.

— Sosseguem as duas! Eu não passei rímel à prova d'água, não posso chorar — Lily diz, fuzilando as amigas com os olhos.

— Podemos deixar essa parte do chororô para o final? Vamos todos estar com bebida no sangue e merecemos passar por essa sofrência — Allie sugere, com um sorriso divertido estampado no rosto.

— Você sempre vai ser a mais sábia de nós, Allie — Jason diz para a amiga, fazendo um carinho na coxa da namorada, que está sentada em uma de suas pernas.

— Nosso acordo está de pé, certo? Pelo menos uma vez por ano precisamos nos encontrar? — Eleanor lembra do que tínhamos combinado no dia do acampamento.

— Por mim, claro — respondo, e Alexia aperta minha mão. Quando olho para minha namorada, ela está sorrindo para mim.

— Vocês voltaram? — Lily exclama, surpresa, alternando o olhar entre eu, Lexie e nossas mãos.

— Não consigo ficar separado da mulher da minha vida — digo, dando de ombros e deixando um beijo no dorso da mão de Alexia.

— Desde quando ele é fofo assim? — Nora sussurra para Allie, mas todos ouvimos.

— Eles são nojentos de fofos. Tenho vontade de vomitar as vezes — Ellie brinca, piscando para nós. — Mas sobre nosso acordo... ninguém vai

dar no pé, né?

— Nunca perderia a oportunidade de rever os meus melhores amigos

— Allie responde, e Nora balança a cabeça, concordando.

— Enquanto eu não me tornar uma estilista famosa, por que não encontrar meus amigos da escola? Vocês podem dizer que éramos colegas quando alguma celebridade aparecer no tapete vermelho usando uma peça minha — Lily fala, com os olhos brilhando só de pensar na possibilidade.

— Você é única, Lily — Alexia diz, sorrindo para a amiga. — É claro que estou dentro!

— Eu vou aonde minha dona mandar — Jason responde, brincando e recebe um puxão de orelha de Eleanor. — Ai, mulher! Todo mundo já sabe que você é a dona desse relacionamento.

— Me lembre dos motivos que ainda não terminamos, Jenkins!

— Não acho que nossos amigos vão querer saber o que eu faço com meu pa...

— JASON! NÃO! — Alexia grita, tapando os ouvidos e eu rio.

Porra, vou sentir muita falta deles.

— Isso... isso vai ser para sempre — Nora fala, passando seus olhos por cada um de nós.

Alison. Nora. Lily. Jason. Eleanor. E, a mais importante, Alexia.

Eles vão estar sempre no meu coração, lembrados como os meus melhores amigos.

Eu disse a Lexie que ela foi meu amuleto da sorte para conseguir passar por tudo aquilo, mas eu não seria o mesmo se não tivesse todos eles ao meu lado.

Hoje, eu posso dizer que não há mais uma maré de azar na minha vida.

Eu sou o homem mais sortudo do mundo.



*alexia*

## 9 ANOS DEPOIS

— JASON! Não é para você deixar *sua* filha comer biscoitos de chocolate antes da ceia! — Eleanor reclama, de frente para o marido na ilha da cozinha da casa dos nossos pais. Ela cruza os braços e olha irritada para meu irmão.

Ah, a magia do Natal em família.

— *Minha* filha? Eu fiz com o dedo, não é, Collins? — ele rebate, sorrindo falsamente para Ellie, que revira seus olhos castanhos. — Ela só pediu um, gatinha, poxa! Não vai acontecer o fim do mundo por causa disso.

— Você pega muito leve com ela, Jenkins. Faz tudo que ela quer! Ela te controla mais do que você a controla!

Bem, isso eu não posso discordar.

Avery, a filha mais velha de Jason e Eleanor Jenkins, só tem 2 anos e meio, mas já é a dona da família. Meu irmão lambe o chão que ela passa, assim como faz com Ellie desde o momento que se conheceram, anos atrás. Não que ele seja diferente com Tessa, a bebezinha que está no meu colo neste momento, mas ela ainda não tem o poder de persuasão que a mais velha tem com o pai. O que é motivo de muitas brigas dos dois: ela quer dar limites para as crianças, Jay passa por cima de todos esses limites.

Eu os deixo na discussão sobre os biscoitos de chocolate e volto para a sala de estar, onde toda família está.

— Linda — Charlie me chama assim que entro em seu campo de visão. Ele caminha até mim, com seu suéter vermelho de natal, que combina com o que todos estamos usando. Sim, pois é, eu fiz todos nós usarmos roupas combinando nos últimos anos! — Mia pediu um biscoito de chocolate, porque Avery estava comendo e eu... hum... dei? Desculpa, eu sei que não deveria, mas foi só um, prometo! — Ele levanta os braços em sinal de inocência e eu rio.

Eu amo demais esse homem e a família que estamos construindo.

— Tudo bem, lindo. Só um e o jantar ainda vai demorar um pouco — digo, com um sorrisinho e recebo um selinho rápido nos lábios, antes dele voltar a se sentar perto dos meus pais no sofá.

Mia tem apenas 3 anos e é mais velha por alguns meses que uma de suas melhores amigas, Avery. Elas são grudadas assim desde quando a minha sobrinha nasceu, e espero que continuem com essa linda amizade.

Nem preciso dizer que entrei em êxtase quando Eleanor me contou que estava grávida, né? Ainda mais quando nossas duas meninas teriam idades próximas e poderiam ser melhores amigas!

Tessa, que está dormindo serenamente no meu colo, veio logo em seguida e eu me apaixonei mais uma vez. Ela, ao contrário de sua irmã, tem os cabelos castanhos como o da mãe e os olhos azuis do pai. É linda. E só pelo jeito que Ellie me contava que a pequena que decidia seu horário de sono, eu sabia que ela puxaria mais a minha amiga.

Jason estava ferrado com suas meninas.

Minha Mia, no entanto, tinha puxado toda a fisionomia do pai. Cabelos castanhos e olhos castanhos. Mas em relação à sua personalidade, ela era muito mais como eu. Comunicativa, carinhosa e um pouco dramática.

Como morávamos todos em cidades diferentes, não nos encontrávamos tantas vezes como gostaríamos, mas quando estávamos todos juntos em família, era sempre uma festa. Por isso eu amo tanto datas comemorativas: porque consigo reunir toda minha família.

Eu e Charles estamos morando em Chicago há alguns anos, depois que nos casamos. Ele havia se formado em Direito, como tanto queria, e depois de trabalhar bons anos em um ótimo escritório de advocacia, papai Paul fez uma proposta: abrir uma filial da sua firma de advogados na nossa cidade, com o meu marido como chefe. E enquanto Charlie é, agora, sócio de um dos melhores escritórios de advocacia do país, eu estou no meu emprego dos sonhos também.

Logo que saí da faculdade, acabei sendo efetivada na editora de livros que fazia estágio, e estou nela até hoje. Já cresci bastante dentro da empresa e, há algumas semanas, eles me ofereceram uma promoção. Após as festas de fim de ano, eu serei promovida a Editora, finalmente! Nos últimos anos, eu estava como Editora Assistente, e eles perceberam meu trabalho duro. Quando eu recebi a notícia, a primeira coisa que eu fiz foi ligar para Charlie, e ele me levou para almoçar em um dos meus restaurantes preferidos. À noite, comemoramos de outra forma. Com muito menos roupa.

Eu acho que, de maneira geral, o tempo foi bom para todos nós.

Há alguns anos também, Jason recebeu uma proposta de emprego em Denver, e ele e Eleanor se mudaram para lá. Minha amiga conseguiu entrar em uma universidade lá por perto e fez o seu MBA. Aos poucos, Ellie conseguiu abrir sua tão sonhada academia de lutas. Um sonho que

compartilhava junto com seu pai, mas que, infelizmente, tinha falecido antes de conseguir realizá-lo.

Depois de tanto, nós merecemos um pouco de estabilidade.

— Alex, você pode me emprestar seu carregador? Eu não sei onde está o meu — Cassie, irmã de Charlie, me pede, me tirando dos devaneios.

— Claro, Cass. Está na tomada já, na cozinha.

— Obrigada! — ela me agradece e segue seu caminho até o outro cômodo.

Cassandra Brown já está com 18 anos. Dá para acreditar?

Ela irá para a faculdade no próximo ano. Nossa, eu estou realmente ficando velha!

A única coisa que permanece igual a Cassie de 9 anos é o seu melhor amigo, James. Eles vão até para a mesma universidade! Eu sou a maior apoiadora dessa amizade. Eles fazem muito bem um ao outro, e ele sempre esteve ao lado dela, desde pequenos. Charlie diz que acredita que haja algo a mais entre eles, mas eu discordo. Eles são apenas grandes melhores amigos, assim como ele e Jason, e eu e Eleanor.

Falando no meu marido, ele está vindo até mim e estende o braço. Eu entrelaço nossas mãos juntas e me levanto.

Está na hora.

— Gente! Eu e Charlie queríamos dar uma notícia para todos vocês. Será que podiam vir para a sala? — peço, falando um pouco mais alto, porque Cassie ainda está na cozinha.

— Finalmente vão voltar a morar em Millsh? — Papai Marcus pergunta, esperançoso, e eu nego. Ele tenta a todo custo ter seus filhos por perto, mas cada um trilhou seu caminho em lugares diferentes.

Cassie finalmente volta e se senta em uma das poltronas. Meus pais estão no sofá e, ao lado deles, Eleanor, mexendo os lábios e me dizendo para entregar Tessa a ela. Faço o que ela pede e entrego a bebê dormindo para a minha cunhada. Jason está sentado no tapete, perto das crianças. Charlie chama Mia até nós, que estamos no centro do cômodo, em frente a lareira, e a pega no colo. Sem a fiel escudeira, Avery procura alguém pela sala e quando acha seu pai, vai correndo para os braços dele.

Todos estão ansiosos, esperando a notícia.

Me aproximo do meu marido e da minha filha, e Charlie passa um braço pela minha cintura, me puxando ainda mais para perto deles.

Eu nunca estive tão feliz como tenho estado nos últimos anos, com minha família se construindo aos poucos, meu emprego dos sonhos e ainda em contato com meus melhores amigos do colégio. Nosso combinado de nos encontrarmos pelo menos uma vez ao ano ainda está dando certo. Até

tínhamos passado 2 semanas na fazenda de Allie, no verão passado, com as crianças!

Tudo estava perfeito.

E melhorará agora.

Suspiro fundo e, com um sorriso, dou a notificar para minha família: — Nós estamos grávidos de novo — anuncio, trocando um olhar rápido com Charlie. Quando volto meus olhos para as pessoas à minha frente, todos parecem extremamente felizes. É porque ainda não sabem a melhor parte.

Aceno com a cabeça para o meu marido, e ele conta a última novidade: — São gêmeos!

# Agradecimentos

Acho que já comentei nas minhas redes sociais sobre isso, mas se você não viu, tudo bem, vou repetir. A história de Alexia e Charlie (assim como Jason e Eleanor) apareceu para mim há anos. Eu só tinha 13 anos, uma melhor amiga e um caderno da escola. E assim, nós criamos uma história. Por muitos anos, eu deixei todos esses personagens engavetados, mas já estava na hora do mundo conhecê-los.

É muito gratificante, finalmente, ter trazido esses dois livros para todos vocês conhecerem. Eles são mega especiais para mim, e eu sempre terei um carinho gigantesco por essas histórias. Obrigada por ler, leitor, os meus bebês.

O primeiro “obrigada” não podia ser diferente: para Vanessa. Sem você, nada disso seria possível. Obrigada por estar ao meu lado por tantos anos e por me incentivar sempre; isso fez toda a diferença. Você vai ser sempre minha Alexia Jenkins, e eu espero ser sempre sua Eleanor Collins.

Obrigada você, Nat, que entrou na minha vida aleatoriamente, mas foi a melhor surpresa que já tive. Obrigada por ler todas as minhas histórias,

aturar meus surtos quando quero apagar e por ser alguém tão especial. Os livros inspirados nos álbuns da Taylor Swift vêm, eu prometo!

Um agradecimento mega especial a todos meus amigos que estão ao meu lado em qualquer momento e apoiando meus sonhos. Àqueles que não são fãs de leituras, mas dão o seu jeitinho para me apoiar. Eu amo vocês.

Obrigada a minha família, que me ajuda em tudo e fez tudo isso ser possível. Sem vocês, nada disso estaria acontecendo.

Por fim, obrigada a você, leitor, que chegou até aqui e se apaixonou por esses personagens assim como eu. Esse é o fim deles no colégio, mas Lily volta em breve para contar sobre seus primeiros anos na faculdade com seu novo meio-irmão.

Espero que vocês continuem comigo.

Com amor,

Cami.

# Outras obras

[Projeto PIAF: O Início](#)

[Projeto PIAF: Contra-Ataque](#)

[Papel, Abóboras e Amor](#)

[Amor à Primeira Rosa](#)

[Trevo de 4 Folhas](#)